

# Itaytera

Número 39

Ano: 1995

*JOSÉ BEZERRA DE MENEZES - 1895 - 1995 - foi o típico homem padrão do Cariri, famoso pela retidão dos seus atos, pelo espírito conciliador, pelo aprumo moral, pelo exemplo de trabalho, tenacidade de ação, arrojo empresarial e elevados dotes de coração humanitário. Um exemplo que ficou para as novas gerações. Justas as homenagens que lhe foram prestadas no seu centenário de nascimento, em Juazeiro do Norte e no Cariri. José Bezerra de Menezes soube construir, com sua vida, um monumento em que podem mirar-se as novas gerações. Um exemplo que ficou para todos nós.*

**AGRADECEMOS AO BANCO INDUSTRIAL E COMERCIAL S/A - BIC BANCO - nas pessoas dos seus dirigentes, a substancial ajuda financeira que permitiu ao Instituto Cultural do Cariri publicar o presente número da revista ITAYTERA.**

**AGRADECIMENTOS:**

Colaboraram, de maneira efetiva e carinhosa, para a publicação do presente número de ITAYTERA:

- Laboratório de Análises Clínicas Cândido Santos
- Câmara Municipal do Crato
- Dr. Carlos Barreto de Carvalho
- Sra. Mirna Macêdo
- Dr. João Correia Saraiva
- Torrefação Itaytera

Nossos melhores agradecimentos.





## **ITAYTERA**

**Instituto Cultural Do Cariri**  
**Fundação: 18 de Outubro de 1953**

**PRIMEIRO PRESIDENTE**  
**Dr. Irineu Nogueira Pinheiro**

Registrado no Cartório de Títulos e Documentos, de Crato-Ce, no Livro A-1, fls 417 - sob o número 6, em 30 de Setembro de 1954, publicado no Diário Oficial do Estado do Ceará em 20.10.54.

Reconhecido de UTILIDADE PÚBLICA pela Lei Municipal 453, de 22 de Setembro de 1958, publicada, também, no Diário Oficial do Estado. Reconhecido de Utilidade Pública pela Lei Estadual 10.125, de 27.10.77, publicada no Diário Oficial do mesmo dia, Governo Aduato Bezerra.

CGC: 05.357.359/0001/86

Endereço: Praça Juarez Távora, 950  
Crato - Estado do Ceará - CEP: 63.100.000

**PRESIDENTE ATUAL**  
**Dr. Raimundo de Oliveira Borges**  
1994 - 1996

**DIRETORIA DO ICC PARA O BIÊNIO**  
1995/1996

**PRESIDENTE**  
**Dr. Raimundo de Oliveira Borges**  
**VICE-PRESIDENTE**  
**José Emerson Monteiro Lacerda**

**SECRETÁRIO-GERAL**  
**Francisco Willian Bezerra de Brito**

**SECRETÁRIO**  
**Huberto Cabral**

**TESOUREIRO**  
**Manoel Patricio de Aquino**

**COMISSÃO DE LETRAS**  
**CIÊNCIAS E ARTES**  
Prof. Plácido Cidade Nuvens  
Dr. José Flávio Pinheiro Vieira  
Profª Divanni Cabral

**COMISSÃO DE SINDICÂNCIA E FINANÇAS**

**Dr. José Peixoto de Alencar Cortez**  
**Elói Teles de Moraes**  
**Fernando Piancó**

**COMISSÃO DA REVISTA ITAYTERA**  
**João Lindemberg de Aquino**  
**Francisco de Assis Brito**  
**Jurandy Temóteo de Sousa**

**DIRETOR DA REVISTA ITAYTERA**  
**João Lindemberg de Aquino**

## **Cadeiras do Instituto Cultural do Cariri**

### **SECÇÃO DE LETRAS**

- 01 - PATRONO: Pe. Dr. José Antônio Maria Ibiapina  
OCUPANTE: João Lindemberg de Aquino
- 02 - PATRONO: Bruno de Menezes  
OCUPANTE: Dr. Raimundo de Oliveira Borges
- 03 - PATRONO: José Alves de Figueiredo  
OCUPANTE: Pe. Neri Feitosa
- 04 - PATRONO: Alexandre Arraes de Alencar  
OCUPANTE: Maria Edméia Arraes de Alencar
- 05 - PATRONO: Monsenhor Pedro Esmeraldo da Silva  
OCUPANTE: Vaga
- 06 - PATRONO: Dr. Irineu Nogueira Pinheiro  
OCUPANTE: Emerson M. Lacerda
- 07 - PATRONO: Antônio Barbosa de Freitas  
OCUPANTE: Vaga
- 08 - PATRONO: Álvaro Bomilcar da Cunha  
OCUPANTE: Dr. José Newton Alves de Sousa
- 09 - PATRONO: Dom Francisco de Assis Pires  
OCUPANTE: Vaga
- 10 - PATRONO: Pe. Emídio Leite Cabral  
OCUPANTE: Vaga
- 11 - PATRONO: Raimundo Gomes de Matos  
OCUPANTE: Vaga
- 12 - PATRONO: Leandro Bezerra Monteiro  
OCUPANTE: Dr. Antônio Araújo Ribeiro
- 13 - PATRONO: Dr. Otacílio Macêdo  
OCUPANTE: Cláudio Martins
- 14 - PATRONO: Manoel Rodrigues Monteiro  
OCUPANTE: Vaga
- 15 - PATRONO: Dr. Leandro Chaves de Melo Ratisbona  
OCUPANTE: Vaga
- 16 - PATRONO: Pe. Francisco Pita  
OCUPANTE: Aécio Feitosa
- 17 - PATRONO: João Brígido dos Santos  
OCUPANTE: Dr. Emídio Lemos
- 18 - PATRONO: Raimundo Monte Arraes  
OCUPANTE: Vaga
- 19 - PATRONO: José de Figueiredo Filho  
OCUPANTE: Mozart Soriano Aderaldo
- 20 - PATRONO: Senador José Martiniano de Alencar  
OCUPANTE: Vaga
- 21 - PATRONO: Monsenhor Pedro Rocha de Oliveira  
OCUPANTE: Pe. Antônio Vieira.

### **SECÇÃO DE CIÊNCIAS**

- 1 - PATRONO: Dr. Barreto Sampaio  
OCUPANTE: Dr. Napoleão Tavares Neves



## **EDITORIAL**

---

Vem a lume a presente edição da revista ITAYTERA, do Instituto Cultural do Cariri, cumprindo uma programação que atinge, agora, o número 39.

As cousas da cultura e do espírito continuam sem receber todo o incentivo necessário para que funcionem automaticamente.

É preciso muita luta para que os recursos sejam conseguidos. Notadamente na área oficial as dificuldades parecem crescer, tolhendo as melhores iniciativas.

É muita luta para vencê-las.

O INSTITUTO CULTURAL DO CARIRI, todavia, não desiste. Teima e resiste. E para dar cumprimento ao programa traçado, com a publicação, todos os anos, de sua famosa revista, enfrenta todos os obstáculos. Felizmente, neste ano, encontramos a base maior do apoio e do suporte financeiro no BANCO INDUSTRIAL E COMERCIAL S/A - BIC BANCO.

É um estabelecimento nascido no Cariri, hoje espraiando-se por quase todo o território nacional, que prima pela correção e seriedade na sua ação. Essa ajuda nos possibilitou homenagear o centenário, especialmente, do Sr. José Bezerra de Menezes, pai dos coronéis Aduino e Humberto Bezerra, dirigentes máximos desse Banco.

Foi o Sr. José Bezerra vulto primacial do desenvolvimento do Cariri e fundador de família das mais ilustres da região.

Outras figuras também merecem, neste número, as nossas homenagens, pelo muito que representaram, no passado, para nossa região.

ITAYTERA cumpre, assim, seu dever. Documenta. Registra. Mantém viva a memória. Tem sido a sua missão. E esperamos que continue a sê-lo. Pelo futuro afora.

O futuro a Deus pertence.





## "ALEXANDRE ARRAES CIDADÃO EXEMPLAR"

**Raimundo de Oliveira Borges**  
**Presidente do ICC**

Preliminarmente, agradeço penhorado ao ilustre presidente desta Câmara, vereador Carlos Lima Verde, a honrosa missão que me conferiu, convidando-me para proferir esta oração, em nome desta Casa e do povo cratense, ao ensejo do transcurso do centenário de nascimento do grande líder Alexandre Arraes.

Disse-o já, em outra oportunidade e aqui e agora o repito - traçar o perfil de um homem da estatura moral de Alexandre Arraes não é tarefa de fácil execução.

Tantas na verdade são as facetas que a sua invulgar personalidade oferece a quem se proponha estudar-lhe a vida, que não só o fator tempo, como, sobretudo, a competência de quem o faz, são os primeiros e indispensáveis requisitos ao cabal desempenho do ingente cometimento.

Faltam-me, de uma só vez, estas duas condições.

Escritores, jornalistas, intelectuais em geral já registraram em páginas memoráveis, a fisionomia moral, social, política e humana do homenageado, apontando-o às novas gerações como exemplo a seguir no lar, na sociedade e no trato da coisa pública, a que se consagrou aqui no Crato, como padrão de honestidade e de eficiência administrativa frente aos destinos da municipalidade.

Sinto-me desvanecido ao sentir e recordar, neste momento, que é esta a segunda vez que, como filho do Cariri e como cidadão cratense rendo o meu peito de admiração ao homem que, materialmente, desapareceu, mas continua vivo, atuante, na memória do povo reconhecido desta cidade.

Desejo, assim, apenas, como porta-voz desta Egrégia Câmara e do Instituto Cultural do Cariri, que tenho a honra de presidir, cuja Cadeira N° 4 tem Alexandre Arraes como Patrono e é ocupada pela sua filha, ilustrada professora Edméia Arraes, ressaltar a expressividade deste gesto da Câmara e a oportunidade da grande data, que é a de perpetuar através das gerações o nome do grande benfeitor desta terra que elegeu como seu segundo berço.

Esta é uma hora de consagração, de educação cívica e de cidadania.

Civismo é escola de disciplina, de aperfeiçoamento das virtudes do cidadão no culto superior da Pátria.

Não apenas o culto simbólico, exterior, admirativo diante das opulências da terra e da grandiosidade dos seus acidentes geográficos, o ufanismo sentimental, mas o culto das potencialidades disseminadas, das riquezas em crescimento, materiais e humanas, das rendas públicas convertidas em obras, do impulso de todas as energias vitais da nacionalidade para a conquista de um lugar de honra no concerto das demais nações civilizadas.

Este culto Alexandre Arraes professou, como ninguém jamais o fez nestes chãos do Cariri, e, especialmente, no Crato.

Pátria não é só o País na sua grandeza territorial. Pátria é cada trato desse território, que, ligados entre si pela comunhão de sentimentos e de interesses legítimos, se amalgamam para a formação do grande todo.

Quem se dedica a cada parcela serve tanto ou mais quanto os que enfeixam nas mãos o poder na sua totalidade e assistem de cima a marcha ascensional do desenvolvimento no esforço comum da integração nacional.

Alexandre Arraes foi pioneiro dos novos moldes da administração pública do Crato. Antes dele era a rotina. Introduziu novas técnicas nos serviços públicos, e de então para cá, exceção de breves soluções de continuidade, nenhum administrador pode mais recuar aos desacreditados métodos antigos, e a comuna, sob a inspiração do seu exemplo construtor, vai conquistando, a duras penas, sim, mas vai, um lugar de destaque entre as demais unidades administrativas do nosso Estado.

Alexandre Arraes revelou-se homem de ação desde o lar paterno, desfeito em parte a partir do desaparecimento do seu venerando genitor. Ao invés de cruzar os braços, retemperou na adversidade as energias que o teriam levado aos mais altos destinos se a fatalidade não o houvesse colhido quando ainda preparava a inteligência moça para os grandes, para os elevados remígios do triunfo merecido.

Confinados eram os horizontes da sua querida terra natal - Araripe - para os rumos dos grandiosos ideais que eram os seus sonhos. Além do curso primário, na própria terra do seu nascimento, pouco tempo lhe foi dado para freqüentar o Seminário de Fortaleza.

O seu parente, o autodidata como Alexandre, o polígrafo Raimundo de Monte Arraes, foi uma estrela de primeira grandeza que brilhou na constelação da inteligência brasileira. Jornalista, escritor, jurista, político de fama nacional, deve ter servido de estímulo a muitos da família que se projetaram, e ainda se projetam hoje no cenário cultural do País.

Alexandre não se alcandorou tanto nos aurifugentes céus das nossas belas letras, mas, dentro da eterna lei da relatividade das coisas, da sua própria esfera de ação e do meio em que atuou, foi, sem dúvida, um homem de atributos excepcionais.

Oriundo de uma estirpe de valores mentais indiscutíveis, o jovem sertanejo de Araripe, premido pelas contingências da vida, entregou-se aos quefazeres práticos de telegrafista, sem, contudo, esquecer os prazeres do espírito, lendo e escrevendo para os jornais, tornando-se senhor já, ao falecer, de um estilo próprio, sóbrio e agradável e do qual dão mostras as encantadoras páginas que deixou, insertas agora na Poliantéia que tem o seu nome, dada a estampa pela família: "NATAL", "DISCURSO SOBRE A FAMÍLIA", "CARTA A UMA FILHA", e outras de igual sabor, em que, além da estesia, revelam o seu aprimorado espírito de religiosidade, a sua aprimorada formação cristã e a sua fervorosa dedicação à família, que tão bem soube edificar.

Viu no Crato ambiente mais propício à expansão da sua personalidade. Em breve daria prova de sua capacidade de trabalho e de realização.

Incentivou a indústria local, atraiu para ela amigos indecisos, com a confiança que a sua coragem infundia, para a formação da empresa, que tão decisiva atuação exerceu no desenvolvimento econômico deste município e da região.

À frente da Prefeitura, foi um exemplo de inovador para a época, imprimindo-lhe largos surtos administrativos. A saúde da população o preocupava, e o Posto Anti-Rábico foi por ele instalado, com pleno êxito, junto ao incipiente Hospital São Francisco nesta cidade.

O meio ambiente, quando ainda pouco se falava em ecologia, despertou o seu máximo interesse e se devotou de corpo e alma ao reflorestamento da Serra do Araripe, à arborização da cidade, cuidou, desveladamente, do abastecimento d'água à população em ritmo demográfico crescente, remodelou a iluminação pública, e por aí prosseguiu na sua ânsia de construir e de dotar os seus munícipes das condições necessárias a uma vida saudável e próspera.

Quando Alexandre Arraes era Prefeito, exercia eu aqui, ainda jovem, as funções de Promotor de Justiça da Comarca. Fui por ele um dia procurado para me encarregar da cobrança da dívida ativa da Prefeitura. Mas ponderou, com as maneiras nobres de que era dotado, que fizesse tudo para que os débitos tivessem antes uma solução amigável que judicial, dispensando sobretudo, acrescentou ele, atenções especiais aos pobres. Era assim o homem, enérgico no cumprimento dos seus deveres, mas, acima de tudo, humano.

Para se ter uma idéia do que foi a passagem do grande administrador pela Prefeitura do Crato, basta saber que ainda hoje e ela lembrada como sem termo de comparação, ressalvadas as condições do tempo, com as demais administrações que se lhe seguiram.

O seu nome está com justiça perpetuado em instituições e logradouros públicos da cidade, inclusive na Palácio da Prefeitura, e muito mais ainda no julgamento incorruptível da História.

Meus aplausos pela idéia magnífica desta homenagem, meus, dos cratenses, pelo seu órgão representativo, e pelo Instituto Cultural do Cariri, que tem como um dos seus principais objetivos prestar aos reais valores da terra, como Alexandre Arraes de Alencar, as homenagens a que fizeram e fazem jus, pelo seu valor pessoal e pela sua benéfica atuação no seio da coletividade.

**(Discurso pronunciado no dia 13 de Fevereiro de 1995, no Paço da Câmara Municipal do Crato, na sessão solene realizada em comemoração do centenário de nascimento de Alexandre Arraes de Alencar).**

# **JOSÉ BEZERRA DE MENEZES**

**J.Lindemberg de Aquino**

O conhecido agropecuarista e industrial José Bezerra de Menezes pertence aos troncos mais tradicionais de famílias que povoaram o Cariri. Chega a descender, mesmo, de Caramuru e Paraguaçu!

Homem vibrátil, humano, inteligente e trabalhador, marcou a sua vida pelo apego às suas raízes telúricas. Amou a terra, trabalhou a terra, dela colheu frutos, nela teve os filhos, nela criou a família. Identificou-se de tal maneira com o campo que dele se poderia dizer ter sido um homem rural, na verdadeira acepção da palavra.

Plantou algodão e criou gado. Com esses dois pilares, ergueu a opulência econômica da família que os filhos, com inteligência e versatilidade souberam multiplicar.

Seu centenário celebra-se no corrente ano de 95, pois José Bezerra de Menezes veio ao mundo em 13 de Março de 1995. Era cratense. Nasceu no Sítio Pontal, nos arredores do S.José, propriedade, hoje, dos seus parentes.

Foram seus pais o capitão Leandro Bezerra de Menezes e Josefa Saraiva Bezerra de Menezes. Em Fevereiro de 1919, com 24 anos, com larga experiência da vida rural, muita esperança no coração, muito pulso e disposição para o trabalho, casou-se com sua prima Maria Amélia Bezerra de Menezes. Era ela juazeirense, filha de Jeconias Bezerra de Menezes e sua consorte, D.Inez Rodrigues Bezerra de Menezes. O novo par passou a residir no sítio Salgadinho, em Juazeiro. Dali saíam os impulsos e as iniciativas para tornar grande a jovem cidade de Juazeiro, então com 8 anos de criada.

Vieram os filhos, criados com amor, com dedicação ao trabalho, com estudo sério, com vida organizada. Todos, vencedores na vida!

Leandro, o primeiro, falecido aos quatro anos;

Alacoque que depois seria Senadora da República;

Edwilson, falecido muito moço;

Leandro, empresário, pai do hoje deputado José Arnon;

Adauto Bezerra e Humberto Bezerra, coronéis do Exército, gêmeos.



O primeiro, vice governador e governador do Estado, a deputado federal e estadual, todas as funções exercidas com fidalguia, honestidade, integridade e retidão;

O segundo, deputado federal, prefeito do Juazeiro, Presidente do BIC-Banco, figura tutelar do empresariado cearense. Ex-vice- Governador.

Neide, esposa do empresário Aderson Tavares; Orlando, ex-prefeito de Juazeiro e ex-deputado federal e Ivan, modelo-mor dos industriais cearenses.

Todos, com filhos de reconhecida idoneidade, projeção social e política. De uma publicação antiga,transcrevo: (Os filhos) forjou-os com amor, desvelo e autoridade sadia, com visão plena do que era a vida, sempre com verticalidade. Seu lema: Olhem sempre para cima, mas sempre com os pés no chão".

Essa exemplaríssima figura humana veio a falecer numa fria manhã de Maio de 54. Há 31 anos. Deixou muitos irmãos e sobrinhos. Deixou, sobretudo, uma obra imperecível para Juazeiro e sua gente, sobretudo o exemplo de um homem de bem, marcado pelo destino para uma grande missão na terra.

## **ALEXANDRE ARRAES**

O ano de 1995 assinala o centenário de Alexandre Arraes, uma das mais luminosas figuras da história político-administrativa do Crato, verdadeiro líder popular, desaparecido aos 48 anos de idade.

É consenso geral que ele foi o melhor prefeito da história do Crato.

ALEXANDRE ARRAES DE ALENCAR, descendente, em linha direta, de d.Inácia Pereira de Alencar, uma das irmãs da heroína Bárbara de Alencar, nasceu em Araripe, Estado do Ceará, aos 13 de Fevereiro de 1895. Era filho de Miguel Arraes Sobrinho e Maria Silvinha de Alencar Arraes. Estudos primários de sua terra natal, depois transferiu-se para o Crato, onde conseguiu um emprego de Telegrafista, tendo, antes, passado pelo Seminário de Fortaleza, onde estudou apenas um ano.

Órfão muito cedo, de Pai teve de lutar bastante para sustentar a mãe viúva e os demais irmãos. Aos 18 anos já se iniciava nas lides da imprensa, escrevendo no jornal O POVO, de Fortaleza, sob o pseudônimo de Aloisio do Amaral.

Dono de prodigiosa inteligência, cedo aflorou sua exuberante personalidade no meio pequeno do Crato de então.

Casou-se com a exma.Sra.D.Noeme de Alencar e do casamento nasceram Aline, esposa do comerciante Ernani Silva; Maria Edméia, esposa de José Alencar Lima; Miguel Edson, Eldenora, Emanuel, Teresinha, Maria Silvina e José Arraes Sobrinho. Este último foi vice prefeito do Crato, administração Walter Peixoto.

Com um capital, aquela época, de 7 contos de réis, amealhado entre os familiares, fundou em Crato a Empresa Almino Comércio e Indústria S/A, por muitos anos a maior indústria do Ceará.

Alexandre Arraes foi jornalista, orador consumado e político, tendo assumido a Prefeitura do Crato em 27 de Dezembro de 1937, ali ficando até 15 de Agosto de 1943, quando faleceu.

Dotado de incrível formação cívica, no seu período, na Prefeitura, tivemos brilhantes celebrações e comemorações por toda a comunidade. Uma esteira luminosa de realizações assinalou sua passagem pela chefia da edilidade, de tal monta que até hoje não foi suplantada por nenhum dos seus sucessores. Defensor da ecologia e da Serra do Araripe, construiu e arborizou praças e avenidas, ampliou a produção agrícola e colocou o Crato daquela época ao nível das melhores e mais importantes cidades do Nordeste.

# **JOSÉ BEZERRA DE MENEZES NO CENTENÁRIO DE SUA EXISTÊNCIA**

**Elias Rodrigues Sobral**

O desaparecimento de uma pessoa querida é como a destruição de uma preciosa relíquia que brindava a sociedade, onde ela desprendia as áureas da sua bondade, o calor aconchegante da sua caridade pura, e as aurifungências das suas virtudes morais e cristãs.

Todavia ocorre o contrário. A serenidade das belíssimas ações que foram o pedestal dominante, donde se espalhavam as luzes incandescentes da inteligência privilegiada da pessoa humana, rica de grandes pendores e de realizações edificantes, que emolduram a sua grandeza moral e espiritual, servem de conforto para aqueles que choram tamanha perda.

As virtudes do homem de bem, íntegro, pacífico e de inefável bondade, são oásis que emitem calor na intensidade maravilhosa que se expande até o infinito, transpondo a vastidão imensa da faixa telúrica, que divisa totalmente a imensidão do espaço.

São gemas inestimáveis adormecidas sob o silêncio da modéstia de tempo. Perduram como relíquias no tesouro inviolável do tempo.

As criaturas que são brindadas com as prerrogativas excepcionais da beleza moral e espiritual, transmitem a bondade, a caridade, que são os supremos segredos dos corações puros e perfeitos.

Quais os desígnios de Deus para justificar a existência humana? Que estranhos segredos impulsionam o homem a viver uma longa existência? É toda a sua luta incessante de atributos nobres e de fecunda solidariedade e amizade, que forma o dique, o qual combate o individualismo egoísta e perverso que elimina as boas ações.

JOSÉ BEZERRA DE MENEZES conhecia este segredo, dando plena realização a dinâmica destes imperiosos desígnios.

Era um grande timoneiro no comando de sua família e a dos seus semelhantes, orientando e estendendo a sua mão acariciante de pendor caritativo, conjugando o verbo educar, no sentido do viver a verdadeira vida, dentro dos ditames sublimes da moral cristã.



A sua palavra dulcificada, pelas maneiras atenciosas e prudentes, mostrava a trilha reta e segura para onde deviam perلustrar aqueles que, sentiam atraídos pelo seu carisma.

O seu conselho para todos que procuravam sentir o enلêvo da boa conduta, era um bálsamo que dissipava todas as dores e enxugava todos os prantos. Era o melhor unguento para os desiludidos, maltratados e humilhados pelo augúrio das adversidades.

Nascido no exuberante sítio PONTAL, encravado no verde canalial que circula a Princesa do Cariri - o CRATO, no dia 13 de março de 1895, filho do CAPITÃO LEANDRO BEZERRA DE MENEZES e de D. JOSEFA SARAIVA BEZERRA DE MENEZES, aprendeu as primeiras letras, alfabetizando-se com professores particulares na residência do seu genitor, mas, com estes conhecimentos enfrentou todas as atividades comerciais e bancárias, demonstrando habilidade e capacidade de exercer qualquer função pública ou privada dentro do nosso meio social, comercial e outras atividades correlatas, mostrando sempre, o grau elevado de sua inteligência arguta e esclarecida. Iniciou a sua vida nas atividades agrícolas e pastoril.

Fazendo jus à sua vontade de vencer, iniciou-se na agricultura e na criação de gado, fundamentando a sua profissão econômica, fonte promotora do seu progresso na vida social.

Em fevereiro de 1919, contraiu núpcias com a sua prima MARIA AMÉLIA RODRIGUES BEZERRA DE MENEZES, filha do abastado comerciante JECONIAS BEZERRA DE MENEZES e de sua ilustrada consorte INÊS RODRIGUES BEZERRA DE MENEZES, filha de um pernambucano integrante das famílias RODRIGUES do Ceará, Paraíba, Pernambuco e Alagoas.

Para a residência onde iria habitar o novel-casal, foi escolhido o sítio SALGADINHO, próximo a nossa Juazeiro do Norte, num recanto privilegiado, de uma vegetação fértil, circundado de árvores frutíferas e de um coqueiral, que no farfalhar das suas folhas irrequietas, tornava um jardim primoroso de ambiente agradável. Neste recanto bucólico e aprazível, nasceu sua prole, formando uma família simples, porém nobre pela sua exímia educação. Era composta de HUMBERTO, ADAUTO, ORLANDO, IVAN, ALACOQUE E NEIDE, atualmente vivos, já que outros três: EDMILSON, LEANDRO e ALACOQUE, faleceram em tenra idade, sendo que LEANDRO casado com LASSALETE CRUZ BEZERRA, faleceu em 1991, deixando uma ilustrada prole, que vem honrando e

dignificando a FAMÍLIA BEZERRA DE MENEZES, e de maneira especial o nome do seu querido pai de saudosa memória.

A simplicidade, a bondade e as excelentes maneiras de lidar com os seus semelhantes, fizeram de JOSÉ BEZERRA DE MENEZES um grande líder, um diplomata, um pacificador, uma estrela de real fulgor no cenário comercial, social e político em todo o Ceará, particularmente no Cariri.

O exemplo de esposo extremoso, de fino trato e de perfeita união, fez que seus rebentos fossem o que hoje são, com as suas qualidades raras, o seu comportamento social, a sua inteireza de conduta, a sua progressão econômica que desfrutam com expressiva dignidade e com sóbria opulência no meio social e financeiro do Brasil.

Em qualquer chama luminosa que se alteie no coração da nossa grande metrópole, mostrando dinamismo e progresso, se encontram fagulhas da sua atuação e da sua cooperação valiosa e indispensável.

A evolução progressiva e constante que aquece e vitaliza a marcha ascendente de todos os empreendimentos juazeirenses, como BANCO DO JUAZEIRO, atualmente BANCO COMERCIAL E INDUSTRIAL DO CEARÁ, ASSOCIAÇÃO COMERCIAL, ESCOLA TÉCNICA DE COMÉRCIO, ESCOLA NORMAL RURAL (hoje CENTRO EDUCACIONAL PROFESSOR MOREIRA DE SOUZA), CONVENTO DOS FRADES CAPUCHINHOS, COLÉGIO MONS.MACÊDO, ABRIGO DOS VELHOS, UNIÃO BENEFICIENTE JUAZEIRENSE, SOCIEDADE PADRE CÍCERO, CÍRCULO OPERÁRIO SÃO JOSÉ, COLÉGIO SALESIANO SÃO JOÃO BOSCO e tantos outros melhoramentos que receberam direto ou indiretamente ou por intermédio dos seus valorosos filhos, o apoio que impulsionam a evolução vital desta grande Juazeiro do Norte.

JOSÉ BEZERRA DE MENEZES além de todas as virtudes preciosas que adornavam o seu coração imenso afeito a todo bem, sobressaiam-se de maiores fulgores que encantavam e divinizavam a sua alma pura e bondosa.

A sua caridade excepcional, o seu amor ao próximo, aos humildes, aos deserdados da sorte, era o talismã que lhe legou o conceito, a amizade, a consideração e a veneração que todos os juazeirenses devotam a sua eterna memória.

Para diminuir com clareza a CARIDADE ADMIRÁVEL que transluzia com veemente expressão da sua alma grande e bela, exponho com rico sentimento de admiração e respeito, o que passo a narrar:

Contou-me o Sr.MANUEL BALBINO, feitor do SR.JOSÉ BEZERRA DE MENEZES e pai dos DRS.ADAUTO, HUMBERTO E ANTONIO BALBINO, que certa vez, levou ao conhecimento do SR.JOSÉ BEZERRA, o caso de uma velhinha, a qual estava apanhando algodão na sua roça imensa, que se espraiava em todo sopé da serra do HORTO, e diariamente retirava do algodão que colhia uma parte, e escondia o restante. Perguntou: o que faria com a velhinha? Era sexta-feira, o último dia de trabalho.

Calmo, calado e sem arrogância de poder, disse-lhe, que quando a velha apanhasse o algodão escondido a conduzisse a sua presença, que ele resolveria como fazer.

MANOEL BALBINO traz a sua presença a velhinha trêmula querendo chorar. O Sr.JOSÉ BEZERRA, calmo, solícito e prudente, perguntou-lhe: O que a senhora iria fazer com este algodão que escondeu? A velha olha para ele com um olhar de confiança e diz: Seu José Bezerra ia vendê-lo para comprar uma rede e um lençol, pois estou dormindo no chão, porque a minha rede rasgou-se.Com a mansidão de um cordeiro, alegre e prestativo, emocionado disse-lhe: Quanto precisava para comprar a rede e o lençol? Ela chorando disse-lhe dez mil réis.

Com a simplicidade natural que lhe era tão peculiar, o SR.JOSÉ BEZERRA, ofereceu-lhe a quantia pedida, acrescentando que, quando precisasse de alguma coisa, venha me pedir mas não tire nada de ninguém.

Os seus rasgos de generosidade não ficam apenas nesta belíssima lição, que traduz a plena consciência elevada e digna de JOSÉ BEZERRA DE MENEZES.

Será analisada pela posteridade, para que sirva de exemplo pelas páginas vividas de feitos brilhantes, que encerram a gloriosa existência do lídimo juazeirense a quem tributamos o nosso reconhecimento.

JOSÉ BEZERRA DE MENEZES não morreu. Vive no sacrário da minha recordação e de todos que tiveram a grande honra de conhecê-lo. Era um homem justo, e por isto, não desaparecerá na memória dos que sentiram o halo da sua bondade e da sua tenra amizade.

A todos JOSÉ BEZERRA DE MENEZES hipnotizara com o carisma e carinho, transmitindo as lições do bom proceder, da honestidade, de honradez e sobretudo do respeito aos seus semelhantes, tratando-os como pessoas humanas que merecem atenção, afeição, trato fino e de peculiar diferença.

Nesta data tão significativa para todos os juazeirenses, não choremos a sua perda. Regozijamo-nos pela felicidade de tê-lo amado e querido ao longo dos 100 anos que hoje festejamos.

Apesar do profundo sentimento de pesar que amortalha o nosso coração, pela saudade eterna que faz minar lágrimas copiosas, pela dor da separação e brota intensamente numa eloqüente demonstração de amizade e veneração que dedicamos a memória de José Bezerra de Menezes.

A glória e o triunfo dos grandes homens repousam na sua humildade e caridade. José Bezerra de Menezes goza este século de sua preciosa existência todas as nuances de uma vida dedicada a grandeza sublime de praticar a caridade para com o próximo, legando-lhe atualmente, uma glória perene nos páramos celestes.

## **DURMA EM PAZ, MEU PAI**

**Cel. Humberto Bezerra**

### **Discurso do coronel Humberto Bezerra entregando ao povo de Juazeiro a Associação Assistencial José Bezerra de Menezes.**

Confesso aos senhores que, ao longo da vida, nunca me senti tomado de tamanha emoção. E creio, sinceramente, que ela se estende a todos de minha família, particularmente meus irmãos, em nome dos quais e pelos quais me dirijo a tantos amigos desta nunca esquecida cidade de Juazeiro do Norte.

As emoções são naturais do ser humano. Quando se remonta ao passado, porém, elas nos tocam de modo mais amplo e profundo, levando às vezes a situações que fogem do nosso controle, tão marcante e sensível se apresenta diante de nós.

É nesse estado de espírito que me encontro neste momento, quando, inspirado nos sentimentos de meu pai, José Bezerra de Menezes, ofereço aos idosos de minha terra aquilo com o qual ele tanto sonhou, levado pelos princípios mais nobres do sentimento de solidariedade humana: uma casa de amparo aos mais velhos, àqueles que, depois de tanta luta, de tanto esforço e de tanto trabalho, chegam ao fim da vida sem a assistência moral, material e espiritual que lhes é devida.

Tem-se observado a preocupação dos governos com os menores e adolescentes, que há pouco mereceram nova

legislação de proteção e salvaguarda. Juventude. O mesmo tratamento, porém, não têm aqueles que já cumpriram sua missão e seu dever para com a família e a sociedade.

Meu pai costumava dizer que a criança abandonada merece ajuda, amparo, assistência. Mas ela tem um grande aliado, que é o tempo, esse químico invisível que tudo transforma e modifica. Para ela, a esperança surgirá como floração na primavera, fazendo-a renascer com beleza esplêndida para a bela caminhada da vida.

E a velhice?

O que a espera?

Desolação e tristeza, que nascem na grande saudade de tudo o que passou: recursos, honraria, a própria família, que é o que mais dói, pois a pior solidão é a do coração.

Fios de lágrimas correm, pela face magra, abatida, conduzidos pela realidade, sem condições até de fitar as estrelas do Céu, pois até elas lhe trazem recordações doloridas de tudo o que passou e que não voltará jamais. É a imagem do velho desamparado.

Esse quadro doloroso fez germinar dentro de mim a intenção de, um dia, contribuir para o fim de semelhante estado de coisas.

Todos os anos, chegando de férias à minha cidade, via o constrangimento de meu pai e de seus amigos diante de determinadas situações que se criavam, com origem naquele tipo de fazer política.

Era necessário dar assistência aos velhos, minimizar o sofrimento, a miséria das famílias e que, teria de ser banido da vida política do Juazeiro, esse aspecto negativo.

Voltava para o Quartel inconformado com o que via e assistia.

Quando senti que, como filho de Juazeiro, poderia contribuir para fazer surgir uma nova fase na política de minha terra, aceitei a indicação de meu nome como candidato a Prefeito. A vitória que obtive foi a prova mais contundente de que o povo entendeu e aprovou a mensagem de seu jovem candidato.

Tenho certeza de que estava guiado por José Bezerra, sonhando com a possibilidade de alcançar os objetivos que mais perseguia em vida e que tanto o preocupavam.

Sem falsa modéstia, posso dizer que, ao transferir o cargo ao meu sucessor, a situação era bem outra, onde se respirava liberdade e compreensão. Aquele ambiente de tensões, intrigas e perseguições cedeu lugar a uma política de amplo entendimento entre as correntes.



Inaugurava-se, assim, uma nova e promissora fase na política de Juazeiro do Norte.

Desapareceram os sentimentos de vingança, passando o Prefeito a governar para servir a todos, sem ressentimentos ou preconceitos. Nascia, então, a paz e a concórdia, que perduram até hoje, como ponto altamente positivo na renovação dos costumes políticos de nossa terra.

Diz-me a consciência que, como Prefeito, nos idos de 63, consegui superar ódios e apagar vinganças e retaliação do passado.

Os que me sucederam seguiram a mesma trilha, de modo que Juazeiro, hoje, é uma cidade de paz e trabalho, sem que seus filhos se entredovorem em disputas estéreis que a nada conduzem, mas, ao contrário, comprometem o nível de educação política que as pessoas civilizadas devem guardar e defender com obstinação e coragem.

É com alegria que, sob esse aspecto, o sonho de meu pai, por mim concretizado, continua uma bela e plena realidade.

A precariedade de recursos não me permitiu pôr em prática o que desejava, como Prefeito. Dentro de minhas limitações, porém, fiz o que estava ao meu alcance para dar à minha terra dias melhores de bem estar e desenvolvimento.

A Associação Assistencial José Bezerra de Menezes, que hoje entrego a Juazeiro, é o símbolo de minha gratidão à generosidade de seu povo, pelas reiteradas manifestações de amizade e confiança que me ofereceu, quando no exercício da vida pública.

Era o outro sonho de meu pai que consegui concretizar. Sua ausência é apenas física. Onde se encontra, chamado por Deus, tenho certeza de que está alegre e contente, pois era na ajuda ao próximo, principalmente aos mais necessitados, que manifestava o vigor de seu sentimento e de sua solidariedade.

A Associação não vai se preocupar apenas com o alimento físico, material. Ela quer mais, além da energia do corpo.

Quem vier a abrigá-la terá também o alimento espiritual; aquele que satisfaz a mente, aproxima as pessoas, dá alento ao desamparado. José Bezerra de Menezes é um nome permanentemente presente na vida de todos nós, seus filhos, pelo exemplo que nos deu de dedicação ao trabalho honrado, pelas lições para formação do caráter de cada um e pelo legado da vocação de servir ao próximo.

A saudade é imensa, mas uma coisa nos conforta: a certeza de que está com Deus e de que seus filhos deram o melhor de si para honrar seu nome, sua memória, seu exemplo.

Durma em paz, meu pai.

# HONRANDO O LEGISLATIVO

**Alacoque Bezerra**

**Discurso da ex-senadora Maria Alacoque Bezerra  
agradecendo a homenagem da Câmara Municipal de  
Juazeiro do Norte à memória de seu pai José  
Bezerra de Menezes.**

Não venho louvar a luz do sol que me deslumbra, nem cantar o vôo dos pássaros que tanto me seduz, mas, sim, saudar e agradecer à Egrégia Câmara de Vereadores, tão bem e distintamente representada por esses 21 edis, de altivez incontestada, esta homenagem à memória de meu pai.

Eles estratificam o sumo da honestidade, do caráter, do zelo que detém para o bem comum, por tudo que rodeia e circunda Juazeiro do Norte, que fez justiça em escolhê-los seus legítimos defensores.

O Poder Legislativo, atendendo a requerimento dos vereadores José de Amélia Pereira Duarte, Raimundo Sá e Souza e Raimundo Cabral Sales, com o apoio unânime da Casa, dedica sessão extraordinária, solene, à passagem do aniversário do meu pai, José Bezerra de Menezes, no centenário do seu nascimento.

"Há emoções que abrem talhos incicatrizáveis na alma da gente".

Esta frase, absorvida do "Confiteor" de Paulo Setubal, envolve-me há muito, e, hoje, mais do que nunca, pois me desligo totalmente do material, e, num vôo sideral, chego ao infinito para abraçar meu pai, parabenizando-o pelo seu natalício.

Desde cedo que as recordações se aceleram, pululam dentro de mim, se espriam como o perfume do jasmineiro em flor para, nesse transporte emocional, dolorido às vezes, reviver tudo de bom que passou e que ficou.

Absorvemos com muita fé e confiança tudo de bom que ele, meu pai, nos presenteou, para que a vida fosse bem vivida, com humildade, persistência e amor.

As melhores ferramentas recebem a sua têmpera no fogo, e o seu gume com o atrito.

Os caracteres mais nobres se desenvolvem de maneira semelhante.

Quanto mais duro é o diamante, maior é o seu brilho, e maior é o atrito necessário para fazê-lo sobressair.

Só o seu próprio pó tem dureza bastante para fazer a mais preciosa das pedras revelar sua beleza.

As dificuldades suscitam grandes qualidades e tornam a grandeza possível.

O homem que triunfou sobre as dificuldades leva no rosto os sinais da vitória.

Os grandes homens, que elevaram o nível do mundo, não se desenvolveram em circunstâncias fáceis, mas, ao contrário, foram embalados em dificuldades e cercados de provações.

Nenhum homem pode elevar-se a alguma coisa verdadeiramente grande quando se deixa ser colhido ou desviado.

As suas realizações são proporcionais à sua capacidade de transformar em degraus as obstruções nas quais os outros tropeçam.

Meu pai transformou as obstruções em degraus e em nada tropeçou.

Nascido no sítio Pontal, município do Crato, a 13 de março de 1895, filho do capitão Leandro Bezerra de Menezes e Josefa Saraiva Bezerra de Menezes, era de ascendência nobre e heróica. Bisneto do brigadeiro Leandro Bezerra Monteiro, proprietário da Fazenda Tabuleiro Grande, hoje a grande Juazeiro do Norte, sempre falava com carinho e desvelo dos seus ancestrais, que vêm do século XVI, e fazia-nos ver como as coisas grandes e pequenas passam e desaparecem.

Só perdura o bem que possamos fazer, e nunca deixar de fazê-lo, mesmo sem saber a quem.

Ensinava-nos que, para pesar os nossos atos ou ações, bastaria um mergulho interior, bem profundo, dentro de nós mesmos e aí poderíamos sentir o que fizemos de certo ou errado.

Realmente, é difícil descobrir o caminho que vai no interior de nós mesmos, mas, uma vez iniciado, encontraremos o país calmo que se estende para lá das origens das coisas e do som das palavras.

Então, se desvanece a pouco e pouco a obscuridade, e a luz correrá no meio do silêncio.

É feliz quando se dispõe a sentir aos demais e esquece um pouco de si mesmo, para pensar no seu semelhante, quando se dispõe a levantar alguém que tombou, ajudar a carregar fardos que se tornaram por demais pesados e a se interessar por aqueles que se perderam e ainda não se encontraram.



Casou-se com sua prima Maria Amélia Bezerra, dotada das mais belas qualidades intelectuais e morais.

Dedicara-lhe estremecido amor e os dois fizeram do lar um santuário, onde Deus, sempre presente, os orientava e os ajudava muito.

O amor que os unia era o laço e a argamassa da família, espírito e mola da nossa formação.

O amor é um sentimento que se pode dizer: não está na alma, mas alma é que está nele. É como o sol da vida, mais belo pela manhã e à tarde, porém mais quente e mais firme ao meio dia.

Proprietário da Fazenda Salgadinho, foi onde concentrou todo seu amor e carinho.

Lá, sempre à espera, a esposa doce e amada que tinha muito amor para ajudá-lo a enfrentar com coragem as dificuldades que surgissem.

Vieram os filhos: nove, mas somente sete sobreviveram.

Cada filho que chegava era um dilatar de coração, para que o abrigasse com o mesmo carinho, com o mesmo afeto, com o mesmo pedido a Deus para que o abençoasse e o fizesse feliz. E tudo isso aconteceu.

Ideais realizados, mas, sim do mesmo tamanho, ele, transformando-o em grande estrela luminosa para irradiar luz e clarear o caminho dos sete filhos que amava intensamente.

Houve fatos inéditos e memoráveis no pequeno clã da Fazenda Salgadinho.

Em 1937, ele, meu pai, fora presidente da Câmara. Houve um Golpe de Estado, e a ditadura, proclamada como Estado Novo, dominou o país, sob o comando de Getúlio Vargas.

Elegeu vereadores seu genro José Maria de Figueirêdo e o filho Leandro. Logo após sua morte, o 6º filho, Orlando, conseguiu esmagadora vitória para o Legislativo Municipal.

Humberto foi prefeito, deputado federal, Secretário de Estado e Vice-Governador.

**Adauto:** deputado estadual, deputado federal, Vice-Governador e Governador.

**Orlando:** vereador, prefeito, deputado estadual e deputado federal.

E o ápice, o Senado da República: a filha Alacoque Bezerra.

É realmente um ineditismo, pois nenhuma família juazeirense, cearense, conseguiu ocupar todos os postos eletivos, como aconteceu com os filhos de José Bezerra de Menezes e Maria Amélia Bezerra.

Se crescemos, é porque fomos pequenos. Olhamos sempre para se conseguir o milagre.

E este existia transbordantemente na Fazenda Salgadinho, onde uma família simples era magnetizada pela figura do pai que se perpetuou para ela como o maior educador, o maior sociólogo, o maior psicólogo, o maior economista, o maior político e o mais amado de todos, meu pai: **José Bezerra de Menezes.**

A homenagem do Poder Legislativo a José Bezerra de Menezes cala fundo no coração de sua família, aqui presente através de várias gerações. Foi na Câmara Municipal que ele e três de seus filhos iniciaram vitoriosa carreira política, sempre alicerçada por generoso apoio popular.

Já se disse que o Legislativo é o pulmão por onde respiram os oprimidos. É aqui nesta Casa que o povo de Juazeiro tem atendidas suas reivindicações e seus anseios mais sentidos, porque os senhores são o próprio povo.

A homenagem ao meu pai é das mais justas, porque a um antigo membro que tudo fez para honrá-la e dignificá-la.

Ao autor da iniciativa da homenagem, vereador José de Amélia Pereira Duarte, peço que receba o agradecimento comovido de minha família, certo de que seu gesto ficará indelével na memória e no coração de cada um de nós.

Muito obrigada.

## **TEMOS SAUDADE**

**Discurso do ex-governador Adauto Bezerra na Sessão Solene no Memorial Padre Cícero, em homenagem ao centenário de seu pai José Bezerra de Menezes.**

### **UM SÉCULO.**

Exatamente 100 anos são passados, quando a família, parentes e amigos se reúnem para comemorar o aniversário de nascimento de José Bezerra de Menezes.

As festas de aniversário são caracterizadas pelo sentimento de alegria, pelo desejo de felicidades, pelo abraço contagiante de paz, saúde e prosperidade.

Cem anos são passados.

O aniversariante já não está entre nós.

Estamos alegres, porque nascimento é alegria, e temos saudade.

E a saudade sempre traz boas recordações.

Aqueles que com ele conviveram há poucos instantes prestaram seu depoimento:

Geraldo Barbosa, Lucas Rodrigues, Cícero Preto, Aderson Borges, Ananias Araújo, Conserva Feitosa, Sinhôsinho, Gumercindo Ferreira, Nenem Bezerra, Assunção Gonçalves, Zeca Marques, Celestino, Valdy Sabiá, Dorgival.

Os adversários políticos se aproximavam pelo respeito mútuo, pela educação e pelo exemplo.

Os correligionários tinham nele um orientador, um pacificador, um amigo; e assim depuseram, quase à unanimidade.

Era um homem bom, paciente, sério, trabalhador, honesto.

Era um pacificador.

O Argemiro Mota acrescenta que ele muito estimava e tinha orgulho de seus filhos.

Soube criá-los, soube educá-los.

A todos que com ele conviveram e cujos depoimentos nos trazem um passado que nos enche de alegria e muito nos conforta, somos reconhecidos e agradecidos.

A árvore vale muito pela qualidade de seus frutos.

Àquela época, Juazeiro era cidade pequena, sem ginásio, sem hospitais, sem energia elétrica, sem comunicações, muito pobre.

Agricultor e criador sem outros recursos, investiu todo o seu trabalho, sua competência, seu talento na educação de seus filhos.

Éramos sete, todos estudando, os mais novos nas nossas escolas primárias, enquanto os outros ficavam internos no Ginásio do Crato, Colégio de Cajazeiras, Colégio Cearense e Colégio das Dorotéias.

Prazer, alegria ao abraçar os filhos no final de cada ano letivo, com a aprovação de todos nos estudos.

Essa alegria, que contagiava a todos nós, foi interrompida no dia 5 de maio de 1954.

A dor foi insuportável.

Sentimos um vazio profundo.

A perda era irreparável.

Sua companheira, daquele momento em diante, acumulou as funções de mãe e pai.

Foi com essa dupla missão, ela presente e ele o inspirador, que continuamos, os seus frutos, a palmilhar, com sua direção espiritual, os caminhos da vida.

O aprendizado com nossos pais ainda hoje é o lema que norteia as nossas ações na vida.

Era preciso diversificar.

As famílias crescem e necessitam de oportunidades.

A luta pela sobrevivência, os conflitos e concorrências cada vez mais se amiúdam, impondo a busca de alternativas.

Sabíamos que tudo isso ia acontecer.

Ivan, Aderson, Orlando e Zé Figueiredo entregaram-se às indústrias Têxtil e de Óleos Vegetais, e estiveram presentes em Juazeiro, Crato, Brejo Santo, Picos, no Piauí, Goiás e, finalmente, Fortaleza, expandindo as empresas, gerando empregos e fortalecendo a economia.

Leandro, no trato do rebanho e cuidando do setor agrícola, era o continuador das ocupações do pai.

Humberto e Adauto foram os continuadores do Banco de Juazeiro, que ele fundou, transformado hoje em BICBANCO, com 42 agências espalhadas em todo o território nacional, de Manaus a Porto Alegre, de Cuiabá a Vitória do Espírito Santo, um banco hoje em posição de realce no sistema financeiro nacional.

Fomos também atraídos pela política, onde José Bezerra plantou a semente, elegendo-se Vereador e Presidente da Câmara nos idos de 1936.

Leandro, José Figueiredo e Orlando foram eleitos vereadores à Câmara Municipal de Juazeiro.

Humberto e Orlando prefeitos de Juazeiro, com administrações reconhecidas e elogiadas por todos que moram na terra de Padre Cícero, onde os marcos do progresso foram plantados como exemplo a ser seguido por novos administradores.

Humberto, Adauto e Orlando deputados federais.

Humberto e Adauto vice-governadores.

Adauto, Governador, quando um surto de progresso e melhoramentos chegou à terra natal.

Alacoque, Senadora da República, a primeira mulher do Ceará que teve assento no Senado Federal.

O seu aniversário, meu querido pai, transcende aos limites da família, do nosso Juazeiro, e chega ao Cariri e ao Ceará.

A missa concelebrada pelos eminentes dom Newton Holanda Gurgel, padre Antônio Onofre Alencar, frei Geremias Saraiva Teles, frei Virgílio Sales Correia e por este grande líder espiritual e pastor de almas, padre Murilo de Sá Barreto, é a evocação que fazemos a Deus para que continue a nos guiar.

A inauguração do Abrigo dos Idosos é outro ato importante da festa de seu centenário.

Sei que você está feliz, porque a obra acalenta um sentimento de amplo alcance social, dando-lhe também a certeza de que seus filhos receberam seus ensinamentos e seguiram seu exemplo de amor ao próximo. E continuam a percorrer a mesma estrada da vida que você palmilhou com tanto ardor e devoção.

A homenagem que o povo de Juazeiro lhe prestou, através de seus representantes na Câmara de Vereadores, naquela Casa onde você também exerceu o seu mandato, nos tocou profundamente.

Somos gratos ao Poder Legislativo e, de modo especial, ao vereador José de Amélia, que interpretou os sentimentos daquele Poder, enaltecendo as suas qualidades de homem sério, probo, honesto e trabalhador.

Esta casa que nos abriga foi construída em homenagem ao seu amigo Padre Cícero Romão Batista, e a presença de autoridades, de representantes dos poderes Legislativo, Executivo e Judiciário, de Juazeiro, do Cariri e do Ceará, vem muito nos confortar e alicerçar mais ainda o conceito e a convicção de que a sua passagem pela terra não foi em vão, mas altamente proveitosa, honrada, fecunda e feliz.

Você foi bom, foi amigo, nos deu a vida e nos ensinou a viver.

A imprensa, de um modo geral, muito tem falado sobre a criança que sempre foi a preocupação do Poder Público.

Criança subnutrida, criança sem teto, sem pais, sem moradia, criança abandonada, criança carente, criança de rua, criança marginalizada, pivate, sempre crianças.

Se o Poder Público não dá a devida assistência àqueles hoje abandonados, amanhã estará construindo uma sociedade de desempregados, de marginais, de delinqüentes.

Que poderíamos dizer em relação ao idoso, ao velho no final da vida, rejeitado pela sociedade, pela própria família, sem saúde, sem energia, sem moradia, sem prover os meios de sobrevivência?

Foi dentro dessa alternativa que Humberto, entre a criança que começa a vida e o velho desamparado, que termina a vida, resolveu presentear a nossa cidade com o Abrigo para idosos, onde 192 velhos venham a ter moradia, alimentação, saúde, lazer, assistência espiritual e, com mais tranqüilidade, exalar o último suspiro, morrendo para viver a vida eterna.

Queremos agradecer às autoridades, presidente do Tribunal de Contas, deputados federais, deputados estaduais, prefeitos, vice-prefeitos, presidentes de Câmaras de Vereadores, vereadores, e, de um modo especial, ao querido primo-amigo Humberto Barreto, ao amigo General Sena, que vieram do Rio de Janeiro, aos queridos parentes, Nelson Silva e Carlos Alberto Silva, vindos do Rio Grande do Sul, aos nossos amigos do Cariri e de Juazeiro que, com sua presença, emprestaram brilhantismo às comemorações.

Agradecemos a todos os que se juntaram a nós neste dia em que comemoramos o centenário de José Bezerra de Menezes.

**É bom repetir:** a árvore vale muito pela qualidade de seus frutos.

O presente que lhe oferecemos, no dia do seu aniversário, é a concelebração da Santa Missa, a inauguração do Abrigo para idosos, a homenagem da Câmara de Vereadores, o reconhecimento de todos os seus amigos, a certeza de que você estará sempre nos corações de seus filhos, e que sua memória será sempre cultuada por nós.

Palavras finais:

**JOSÉ BEZERRA DE MENEZES,**

**Nosso líder,  
Nosso amigo,  
Nosso herói,  
Nosso pai.**



# **JOSÉ BEZERRA DE MENEZES**

**Gorete Pereira,  
Deputada e Professora Universitária.**

Quem faz por ser lembrado constrói para a perenidade. Há os que riscam o nome na água; e os que, por atitudes de dignidade, o escrevem para sempre na memória de sua gente e no bronze da História. "Gosto de ver um homem orgulhar-se de sua terra, assim como gosto de ver um homem de quem sua terra costuma orgulhar-se", escreveu sabiamente Abraham Lincoln. José Bezerra de Menezes condiz perfeitamente com o desenho ideal traçado pelo estadista norte-americano: um homem que amou sua terra e que orgulha a sua terra. Que perplexidades teria vivido, no início do século, o jovem José Bezerra? Era um tempo de duras definições. O Cariri se construiu pelo árduo esforço dos pioneiros. Juazeiro, no coração da planície do chão avermelhado, foi povoação fundada no tempo remoto pelo Pe. Pedro Ribeiro da Silva, neto do brigadeiro Leandro Bezerra Monteiro. Neste lugar a História do Ceará se faz maior, mais ativa e mais heróica. E o marco fundamental dessa distinção é a figura extraordinária de seu patriarca, Pe. Cícero Romão Batista, índice do povo, criador de um universo místico que, desde o século passado aglutina, transforma, revivencia, apazigua, eleva e ilumina gentes e afetos, aflições, anseios, desesperos e esperanças. José Bezerra de Menezes é árvore exemplar deste chão. Homem de boa aparência, moreno trigueiro, paletó cor de cinza e chapéu, morava no seu sítio Salgadinho de onde testemunhou, com ativa participação, a história de Juazeiro na primeira metade deste século. Pai, extremamente responsável, ao lado de dona Maria Amélia, vivia preocupado com o futuro da família. Costumava dizer que a maior herança que poderia deixar seria uma educação condigna para os filhos. Ajudou o nosso homenageado, uma personalidade especial que lhe fornecia o dom de promover entendimentos e celebrar a paz num tempo de duros ajustes, José Bezerra tinha a natureza dos simples e a paciência beneditina para ouvir os outros. O juízo dos serenos e a mão solidária dos benevolentes. Transitou com completa desenvoltura entre seus contemporâneos, crescendo sem pisar ninguém; sem tomar, nem desafiar, sem humilhar nem adular, respeitando e se fazendo respeitar.

A crônica e a memória de Juazeiro teceram para as novas gerações o seu perfil, que agora sua filha, a professora Alacoque Bezerra, registra definitivamente em livro para exemplo futuro e, também, para acalantar saudades dos amigos e parentes, dos filhos, dos descendentes e do coração sincero do povo, José Bezerra de Menezes, descendente também do histórico brigadeiro Leandro Bezerra Monteiro, o tronco fundamental das famílias cariarienses, dos Teles, dos Carvalhos, dos Esmeraldos, dos Monteiros, dos Bezerra e de muitas outras, foi igualmente árvore frondosa, produtora de frutos que, por diversos caminhos e com destacada capacidade, serviram e servem ao Ceará: na política, na indústria, no comércio, na medicina e no magistério, confirmando a assertiva bíblica que diz que "a árvore boa dá bons frutos". Criadores, produtores rurais e industriais, quer no trato da terra, quer nos engenhos de cana e depois nas usinas de cotonicultura e casas bancárias, os Bezerra de Menezes efetivaram a herança paterna. Do pai receberam o mandamento categórico de que o trabalho e só o árduo e obstinado trabalho, funciona como único e grandioso vestíbulo da realização humana. O trabalho, que segundo Adam Smith, é a mercadoria essencial da riqueza das nações, semeia e frutifica, verticaliza e enobrece. O centenário de José Bezerra de Menezes e o livro da professora Alacoque justificam plenamente este conagraçamento. Juazeiro foi palco dessas lutas. Juazeiro merece. Meus parabéns à família, à cidade e ao povo.



## **CENTENÁRIO DO DR. OTACÍLIO MACEDO**

**Decorre em 14 de Maio de 1995 o centenário de um dos mais eminentes filhos do Crato, o médico Otacílio Macêdo. Em homenagem a tão ilustre vulto, transcrevemos trecho do discurso de posse do saudoso Joarivar Macêdo, quando de sua posse na Cadeira 13, do Instituto Cultural do Cariri, cujo patrono é o Dr. Otacílio. Publicado em ITAYTERA e em separata da mesma revista, ambas impressas na Tipografia do Cariri, Crato.**

### **DADOS BIOGRÁFICOS**

Nasceu Otacílio Sampaio de Macêdo, em Crato, aos 14 de maio de 1895. Teve como genitores José Joaquim de Macêdo (Cazuza) e D. Francisca Nogueira Sampaio (Chiquinha). Vincula-se, por vias paternas e maternas, a famílias históricas do Vale Caririense, a poderosos clãs do passado, influentes em sua colonização.

A influência viveu-a no Sítio Fernando e foi idêntica à de qualquer menino de engenho. Na cidade natal assimilou os rudimentos escolares, seguindo depois para o extinto Colégio S. José, na Serra do Estêvão, em Quixadá. Em Salvador, porém, concluiu os preparatórios. Lá reponta sua extraordinária vocação para o jornalismo e começa a trabalhar de repórter. Ingressa na tradicional Faculdade de Medicina da Bahia, indo, todavia, perfazer o curso, em outra não menos gloriosa Faculdade de Medicina, a do Rio de Janeiro, onde defendeu tese, em 1917.

Doutorado, voltou ao Crato, onde convolou a núpcias com Maria Pessoa da Rocha, filha do Bacharel Joaquim Olímpio da Rocha e de D. Maria Pessoa da Rocha. Viúvo, desposa a Adelide Pessoa da Rocha, irmã de pai e mãe, da primeira mulher. Rebentos houve, somente do primeiro matrimônio. Dez ao todo, dos quais sobreviveram cinco: Terezinha, Regina Helena, Bolívar Eugênio, Francisquinha e José.

Em clinicando, causou sucesso em sua especialidade - oftalmologia. Mas muito cedo abandonou a clínica. Não acreditava na eficiência dos medicamentos. Formara-se em medicina, aliás, em ordem a satisfazer à vontade da mãe, influenciada pelo fato de haver vários clínicos em sua família - os Sampaio de Barbalha. Ele desenhara seguir engenharia.

Relegando a medicina, com incalculável prejuízo para a clientela, dedicou-se à agricultura canavieira, no sítio Fernando, quase dentro da cidade do Crato e nos brejos do Batateira. Por esse mister sentia verdadeiro fascínio. Tanto assim que transformou o seu sítio na mais bem organizada propriedade rural do Município.

Salvo a agricultura, só o jornalismo o prendeu por algum tempo. Professor em Colégio do Estado que teve o nome de "Curso Secundário do Crato", inaugurado no Governo João Tomé, pouco se demorou no ofício.

Serviu como secretário da Prefeitura Municipal na gestão de José Horácio Pequeno.

Ressalte-se ainda, que assistiu os flagelados da chamada Concentração do Buriti, quando o Ceará foi sacudido por uma das maiores calamidades de sua história, a seca de 1932. No distrito de Muriti, então Buriti, concentraram-se populações famintas. Proporcionava-lhes Otacílio os socorros médicos. E, diga-se de passagem, como capelão, deu assistência espiritual àquela desgraçada gente, outro homem notável, um dos mais insignes filhos do Cariri, o Padre Antônio Gomes de Araújo.

Velho e fatigado enfim, das lides agrícolas, vendeu o sítio ao irmão, Brigadeiro José Sampaio de Macêdo, passando a residir em pleno centro da Princesa do Cariri.

Em 1966, aos 5 de janeiro, na Casa de Saúde São Raimundo, na Capital do Estado, faleceu na mesa de operação. A gravidade do estado de saúde não permitiu sequer a intervenção cirúrgica. E teve sepultura na terra que lhe servira de berço.

Conforme testemunho do professor e historiador Denizard Macêdo, seu sobrinho, quando se lhe aprontava o corpo para o ataúde, não lhe fôra encontrada a gravata. Outro sobrinho, irmão do precedente, o escritor Nertan Macêdo, cedeu a sua. Honra para ambos. Releva notar que Otacílio é um dos três que já baixaram ao túmulo com gravata de Nertan. Glória de uns poucos.

## TRAÇOS DA PERSONALIDADE

Auscultando pessoas da família, e amigos seus, atendendo quanto sobre ele escreveram, principalmente J.de Figueiredo Filho e Quixadá Felício, tento traçar, à ligeira, a personalidade do homenageado. Esclareço que os conceitos emitidos pelos dois referidos jornalistas, aqui se reiteram quase à letra.

Otacílio, como acadêmico, já revelava uma inteligência privilegiada, formando na linha de frente mais primorosa de sua turma, onde se destacava como orador e perfeito manejador da pena. Portador de memória fabulosa, ouvia um discurso e o repetia com a mesma ênfase do orador.

Talhado para vencer em qualquer setor da existência, tinha, no entanto, pendor marcante para a boêmia. Não só não acreditava na eficácia dos remédios, mas também na própria vida. De um ceticismo tal que olhava a vida com desprezo soberano, jamais lhe concedendo qualquer valor. Seu comportamento era de absoluta indiferença a fatos de relevo ou a simples sucedidos de rotina. Para ele, tudo ou nada. Não lhe importava que se agitassem reis ou mendigos. Sabia que todos passam num instante fugaz.

Era um boêmio do melhor estilo, um filósofo, esse ilustre homem desleixado. Parecia mesmo, no trajar, um matuto pobretão. Seus olhos contudo, eram penetrantes. Iam ligeiro à alma dos outros. Viam dentro.

Segurança pasmosa quando conceituava sobre filosofia, medicina, matemática, problemas da atualidade social ou econômica. E fazia-o com uma displicência que assombrava. Um letrado de raça, com um talento fabuloso, uma existência que teve luminosidades esquisitas. Orador de invulgares recursos, esquivava-se aos fulgores da Tribuna. Professor competente e de difíceis disciplinas, furtava-se a colaborar no setor intelectual. Conversador exímio, com conceitos próprios, mas muitas vezes pessimistas. De espírito sempre vivo e de um raciocínio que tinha profundas raízes numa cultura que ilustrava o Ceará, sendo-lhe um dos filhos mais brilhantes.

Ao lado de tudo isto, ardia-lhe nas veias o sangue abrasado da boêmia.

Se houvesse vivido em centro dos mais adiantados, teria sido conhecido e admirado, em âmbito nacional. Mas em qualquer parte em que vivesse, seria o mesmo e inconfundível Otacílio.

Assim viveu sempre. Viveu sem acreditar. Aceitava, contudo, a vida com desprezo lindo. Por isso mesmo viveu à

vontade, sem pedir licença à vida. Viveu, de fato, como quis. Sempre um original.

Não se curvava a quem quer que fosse. Sincero e coerente consigo mesmo, até o extremo, abraçado uma causa, certa ou errada, agia com entusiasmo.

Esteio principal da administração, em Crato, de José Horácio, contra quem surgiram certos rumores, propalou-se a vozes, pronto a defendê-lo de qualquer ataque, partisse de onde partisse. Era assim Otacílio. Não escondia os seus sentimentos, a despeito de fazer inimizades com essa atitude. Rancoroso por vezes, confundia em sua ojeriza, idéias com pessoas.

Inimigo do Integralismo de Plínio Salgado e do Comunismo, combatia-os, envolvendo desafetos em seu ódio.

Altamente liberal e democrata poderia ter sido, mas não o foi. Tornava-se intransigente como um totalitário. Altivo com os inimigos, não se submetendo a opinião de ninguém, jamais teve atitudes de covarde.

Combateu a religião e o clero em polêmicas célebres, não se preocupando com o meio hostil. A Deus chamava sempre "O Padre Eterno". Com este era duro e intolerante. A um amigo que deplorava a seca em sua presença, respondeu: "Não há culpado de seca, a culpa é do Padre Eterno".

Mudou de idéias, mas depois de convencido, através do tempo e da dura experiência da vida. É que a velhice o foi humanizando. O gênio amenizou-se. Procurou destruir velhas incompatibilidades individuais. Quebrou a onda de desafetos. Tornou-se afetivo com todos.

Quando voltou ao seio da Igreja, o fez espontaneamente e propagou alto e bom som, sua conversão.

## **RECEBENDO EMERSON MONTEIRO NO ICC**

**Discurso do Dr. Raimundo de Oliveira Borges na posse  
de José Emerson Monteiro Lacerda na Cadeira nº 6.  
Do Instituto Cultural do Cariri.**

**O INSTITUTO CULTURAL DO CARIRI** é uma velha agremiação de homens de letras, sempre nova.

Permiti o arrojo da definição, que parece, à primeira vista, absurda, mas na relação não é.

Velha porque fundada em 18 de Outubro de 1953, há, portanto, 41 anos; nova, porque se revitaliza constantemente com o sangue e o espírito das gerações que vão substituindo os que já partiram desta para melhor, ou dos que, por circunstâncias imperiosas, a deixaram, mantendo-se, não obstante, com essa renovação, os elos de uma corrente de pensamentos de ideais que surgiu, no cenário mental do Cariri, com o ânimo da perpetuidade.

Irineu Pinheiro, Figueiredo Filho, Padre Antônio Gomes, Duarte Júnior, Quixadá Felício, Otacílio Anselmo, Antônio de Alencar Araripe, Jefferson de Albuquerque Sousa são figuras, de saudosa memória, que escreveram para o sodalício páginas de brilho inofuscável e traçaram-lhe rumos de fecunda criatividade.

Mas, graças a Deus, o fogo sagrado não se extinguiu com eles. E seguiram e seguem-lhes os passos vitoriosos outras personalidades de não menos projeção intelectual como João Lindemberg de Aquino, Jósio de Alencar Araripe, Nirson Monteiro, Plácido Cidade Nuvens, que têm empunhado, com a mesma disposição de luta, o bastão de comando, e, com a luz da inteligência, projetado o nome e o prestígio da entidade que já transpôs fronteiras e tende a alargá-las cada vez mais.

O INSTITUTO, à semelhança de associações congêneres, disseminadas pelos centros cultos do País, criou, nos termos do artigo 20 dos seus ESTATUTOS, 40 cadeiras "a serem preenchidas, com defesa de trabalhos sobre os seus Patronos, em solenidades públicas da entidade", escolhendo, inclusive, para Patronos "vultos notáveis", ligados, por qualquer título, à nossa Região, nos setores das Letras, Ciências e Artes".

Para dar uma idéia quanto à seleção dos Patronos, não mencionarei todos, por desnecessário, mas para comprovar o



acerto do critério adotado, citarei entre eles os vultos eminentes do Padre Ibiapina, Álvaro Bomílcar, Manuel Rodrigues Monteiro, Raimundo Gomes de Matos, Dom Francisco de Assis Pires, Leandro Ratisbona, Raimundo de Monte Arraes, Monsenhor Pedro Rocha de Oliveira, Barreto Sampaio, João Brígido e Padre Francisco Pita.

As Cadeiras, por seu turno, têm sido ocupadas por sócios de não menos valor, entre os quais José Newton Alves de Sousa, João Lindemberg de Aquino, Rubens Gondim Lóssio, Padre Neri Feitosa, Padre Antônio Vieira, Cláudio Martins, Mozart Soriano Aderaldo, Napoleão Tavares Neves, F.S.Nascimento, Tomé Cabral, General Teles Pinheiro, Antônio Araújo Ribeiro, e, recentemente, Emídio Macedo Lemos.

Sem vaidade, cito por último o meu nome, com o intuito apenas de uma ligeira digressão histórica sobre a Imprensa do Crato, na qual atuou com marcante destaque o meu Patrono, ou o Patrono da minha Cadeira, a de Nº 2, BRUNO DE MENEZES, Cadeira que assumi em 1967, há, portanto, 27 anos.

Bruno de Menezes fundou a Gazetinha em 24 de Dezembro de 1915, transformada um ano depois, por ele mesmo, em Gazeta do Cariri.

Ele foi um cratense dos mais autênticos.

Mudou-se para o Rio, nunca esqueceu a terra do seu berço. Aqui esteve nas festas do bicentenário da cidade. Escreveu em síntese as biografias, dentre outros, de Dom Quintino, Irineu Pinheiro e José Alves de Figueiredo. Pela Gazeta do Cariri, que ele fundou, passaram depois, como diretores, Loiola de Alencar, José Tavares Campos e Otacílio Macedo.

Tracei-lhe o perfil, com mais largueza no discurso de posse, estampado na Revista Itaytera, ainda na gestão do saudoso Figueiredo Filho.

Há vagas, com a morte de Tomé Cabral, Lourdinha Esmeraldo e outros, estando em mira para preenchê-las a professora Sarah Cabral, Dr.Nirson Monteiro, Jurandy Temóteo e Huberto Cabral, sem, contudo, esgotá-las.

Contamos na região com intelectuais de nomeada, que bem poderiam candidatar-se, opulentando cada vez mais a nossa benemérita instituição.

O homem de letras é sempre bem aceito onde quer que se apresente. Conto apenas um episódio, para ilustrar a assertativa.

OLEGÁRIO MARIANO, o maravilhoso Poeta das Cigarras, tinha necessidade urgente de entrevistar-se com um Ministro

dos de mais prestígio da Velha República. Chegou na ante-sala do gabinete e esta regorgitava de pretendentes como ele a falar com a potestade. O porteiro barrou-lhe a entrada dizendo que aguardasse a sua vez. Era a antipática fila de hoje. Ele respondeu: Diga ao Ministro que é Olegário Mariano. E a porta, imediatamente se abriu larga, para o cantor do "Meu Brasil", e o abraço do Ministro não foi menos largo. E Olegário era pobre, só tinha rica a cabeça.

Quem dissemina idéias se eterniza.

O Padre Valdivino Nogueira, o mais eloquente orador de quantos o Ceará tem sido tão pródigo, foi escolhido pelo governador cearense para representar o nosso Estado nas comemorações do centenário da Revolução de 1817, em Recife.

Registra a crônica histórica da época que foi a oração mais comovente e brilhante de quantas foram proferidas na bela Capital pernambucana. E destacou esta sentença, que ficou célebre, do orador exímio ao referir-se aos decapitados idealistas daquela Revolução: "DECAPITAM-SE CABEÇAS, MAS NÃO SE DECAPITA O PENSAMENTO".

Figueiredo Filho, num pronunciamento já próximo à sua morte, disse esta verdade, que deve servir de guia e estímulo aos jovens que estão iniciando na senda que foi aberta por ele e outros há quase meio século:

"De 1953 para cá tem sido bem fecundo seu (do Instituto) acervo de serviço prestado à Região. Marcou o despertar do Crato e do Vale Caririense para intensa e profunda luta no campo intelectual. Em duas fases distintas poderemos dividir o mundo das letras desta cidade: uma antes do Instituto Cultural, e outra depois. E se estende sobre a criação do Museu do Crato, do Clube dos Amigos do Folclore, de bibliotecas, do intercâmbio cultural com a Faculdade de Filosofia, patrocinando publicações em cooperação".

É por isto, é pelo prestígio, pelo renome, pela projeção que o ICC tem dado ao Crato, que temos nós, os que atualmente o dirigimos, enfatizado a necessidade, de caráter urgente, do preenchimento dos seus quadros, por circunstâncias várias desfalcadas, apesar de tantos intelectuais de que dispõe a cidade, e o Cariri como um todo, sementeira incontestada de autênticos valores mentais.

É ainda por isto mesmo que, em horas luminosas como esta, em que ele abre as suas portas de par em par para receber esses valores, não só o ambiente festivo se engalana, também as almas, plenas de satisfação. Plenas de satisfação pela antecipada certeza

de que o sodalício, apesar da época de interesses imediatos em que vivemos, ainda desperta no meio o entusiasmo pela sua continuidade e pela necessidade cada vez mais sentida da sua consolidação, como um dos elementos indispensáveis à consecução do elevado destino histórico da nossa terra na sociedade, na política, na administração e nas letras.

As vagas porventura verificadas nas Academias Atuantes nos centros adiantados do País, são arduamente disputadas pelo que a elas se consideram merecedores. Por que, também na nossa Academia, não se constata essa nobre aspiração? Fica a interrogação para que, sobre ela, meditem os nossos valores mentais, os jovens e os homens ainda válidos, e procurem fazer do ICC a casa em que terão, integralmente, aprimorado o espírito para os embates das idéias e da conquista do status social.

JOSÉ EMERSON MONTEIRO LACERDA é o novo titular da Cadeira de N<sup>o</sup> 6 que tem como Patrono o vulto inconfundível do grande historiador IRINEU NOGUEIRA PINHEIRO, e vem substituir, precisamente, outro valor de primeira grandeza no mundo da nossa historiografia, o inesquecível Padre Antônio Gomes de Araújo.

Oriundo da estirpe ilustre dos Augustos de Lavras da Mangabeira, nasceu naquele município, no sítio Tatu, onde pontificou como chefe do clã a célebre Dona Fideralina Augusto Lima, cuja vida a sua bisneta, da Ala Feminina da Casa de Juvenal Galeno, de Fortaleza, Rejane Monteiro Augusto Gonçalves descreve tão bem em "A VOCAÇÃO POLÍTICA DE FIDERALINA AUGUSTO LIMA", e Joaryvar Macedo estuda, detalhada e criteriosamente, em seu livro "OS AUGUSTOS", de índole genealógica, ciência em que foi ele mestre consumado.

Data de nascimento: 26 de Março de 1949.

Filho de Luiz de Lacerda Leite e Maria de Lourdes Monteiro Leite.

Chegou em Crato com os pais, em 1954, onde fez os primeiros estudos.

Aqui iniciou-se no jornalismo, através de crônicas transmitidas pelas Rádios Araripe e Educadora, bem como no jornal "A Ação".

Residiu em Brejo Santo, como funcionário do Banco do Brasil. Em 1971 mudou-se para Salvador, fazendo ali estudos especializados de Comunicação, interessando-se, inclusive, por outras áreas de conhecimento, como Psicologia e Arte.

Em 1977 regressou ao Crato, passando a publicar artigos e reportagens na imprensa de Fortaleza.



Um homem, como se vê, de rara capacidade de trabalho, alia o lado prático da vida às altas cogitações do espírito.

Devotado aos estudos de Psicologia e de Religiões Comparadas, chega a admitir, como ele próprio diz, "mudança real na História, partindo de nova consciência individual com a transformação do gênero humano para a felicidade definitiva".

É um homem estudioso, de convicções firmes e sincero, que desejaria, pelo aperfeiçoamento espiritual, ver transformada a face da terra, tão perturbada hoje pelas paixões e pelas desmedidas ambições dos homens.

Chegou até a divulgar, nessa linha de pensamento, um opúsculo, "SOMBRA E LUZ", visando a demonstrar como fruto de sua experiência as bases de sua avançada proposta, algo difícil, é certo, mas que julga perfeitamente exequível.

Foi Vereador em Crato de 1989 a 1992, ocupando postos já como Secretário da Mesa Diretora, já como Presidente da Comissão de Justiça e Redação. Bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais pela Faculdade de Direito do Crato, integrou a turma de 1992.

Tive-o como aluno na minha Cadeira de Direito de Família, considerando-o como dos melhores estudantes da disciplina do imortal CLÓVIS BEVILÁQUA.

Inscrito na OAB - Secção do Ceará - sob Nº 9459

Desde jovem, a sua presença na sociedade é participativa. Compreendeu, e compreendeu bem, que nas agremiações de classe de finalidades éticas definidas é que o homem se realiza.

Ex-Diretor da Associação Atlética Banco do Brasil, do Serrano Atlético Cratense, do Interact Club, membro da Sociedade Lírica do Belmonte e da União dos Centros Espíritas do Cariri.

O Instituto Cultural do Cariri, reconhecendo-lhe os incontestáveis méritos, elegeu-o pela segunda vez seu Vice-Presidente, ora em pleno exercício, e agora, de braços abertos, recebe-o como um dos ocupando de suas Cadeiras.

Tem três filhos: Ceci de Souza Lacerda (1978); Ciro de Souza Lacerda (1983) e Igor de Souza Lacerda (1987). Casado em segundas núpcias com Danielle Gomes Lacerda.

É esta a sua bagagem literária;

- Os Engenhos de Rapadura na Região do Cariri - Itaytera - 1973.

- O Caráter Místico do Padre Cícero - Itaytera - 1977.

- As Feiras do Sertão do Nordeste Brasileiro - Hyhyté, nº 4 1977.

- O Controle do Comportamento Social - Hyhyté, nº 06 1978

- A Busca de uma Alternativa - Itaytera - 1979.

- Os Anicetos - Itaytera - 1990.

- Sombra e Luz (opúsculo) - 1991.
- Flagrantes da Memória Cratense - Itaytera - 1991.
- Transformações - Itaytera - 1992.
- As Instituições - A Província, nº 4 - JUN/1993.
- Aparas da Memória e Outras Crônicas - A Província, nº 5 - DEZ/1993.
- Que Viva a URCA! - Itaytera - 1993.
- Tempo de Renovação - A Província, nº 6 - JUN/1994.
- Tipos Populares - Itaytera - 1994.
- Noites de Lua Cheia (Crônicas) - ora em fase de publicação na Gráfica Universitária, em Crato.

Que esta bagagem literária, com a nova condição acadêmica do homenageado, se robusteça cada vez mais, para gáudio dos seus confrades e para a grandeza maior dos nossos foros de cultura.

### **DEVO ENCERRAR.**

Nada direi sobre o Patrono e o falecido Padre Gomes.  
É tarefa do recipiendário.

Daqui a pouco iréis ouvir a sua palavra, num trabalho de fino labor estilístico, em que não sei o que mais admirar, se o conteúdo, se a forma. Tomaria até a liberdade de sugerir ao autor que o enfeixe em livro, para que passe a figurar, com a mesma elevada categoria e aceitação, entre os que publicaram os historiadores já citados e os demais pesquisadores da rica historiografia caririense.

Seja bem-vindo ao ICC, Dr. José Emerson Monteiro Lacerda.

*(Discurso pronunciado na noite de 26 de Março de 1994, no recinto da Câmara Municipal do Crato).*

**RAIMUNDO OLIVEIRA BORGES**  
**Presidente do Instituto Cultural do Cariri.**

# O PE. ANTÔNIO GOMES

Cadeira Nº 6

**Patrono:** Dr.Irineu Pinheiro

**Ocupante Anterior:** Pe.Antonio Gomes de Araújo

**Tese:** O Pe.Antônio Gomes e a Historiografia do Cariri

**Autor:** José Emerson Monteiro Lacerda

## MITO DA SUBMERSÃO

Os europeus acreditavam na fantástica beldade marinha, misto de peixe e mulher - a sereia de que lemanjá dos africanos é a réplica. Nossos índios tinham a sua lara, jovem dos cabelos verdes, senhora dos rios e das fontes, e que, às vezes se dava ao luxo de atrair os remeiros às corredeiras. O mito achou guarida no espírito do povo rude.

Na Missão do Miranda, os índios localizavam a morada da lara Mãe d'Água, para o vulgo - num lago subterrâneo correspondente ao altar de N.S. da Penha. Acompanhavam a lenda com outras: um dia a lara subverteria a povoação submergindo-a no lago. Os brancos simplórios herdaram a lenda-mito.

**Pe. Antônio Gomes de Araújo**

## MITOS E REALIDADES

TÓPICOS

Revista Itaytera nº 4.

INTRODUÇÃO

HISTÓRIA: FAZER OU ESCREVER

A ESCOLA DO CARIRI

SUA VIDA

A BIBLIOGRAFIA

O PROFESSOR

NO INSTITUTO CULTURAL DO CARIRI

O PESQUISADOR

ALENCARISMO

A QUESTÃO DE JUAZEIRO

A PALAVRA DO PE.GOMES

OUTRAS NOTÍCIAS

CONCLUSÃO

## **O PE. ANTONIO GOMES E A HISTORIOGRAFIA DO CARIRI**

"Aqueles que escrevem a história e aqueles que a estudam devem procurar ver de que modo um acontecimento conduziu a outro, e como o passado, em sua totalidade, é um prólogo do presente, mas devem também apreciar o passado em seus próprios termos, examinando-o, tanto quanto possível, com os olhos e o espírito daqueles que o viveram, "Edward Mcnall Burnes e outros (HISTÓRIA DA CIVILIZAÇÃO OCIDENTAL).

Os registros históricos estruturam as conclusões e atitudes posteriores, quais estágios de foguetes no trabalho de conduzirem naves espaciais a céus mais avançados. Gerações a conduzirem gerações, enquanto que se aperfeiçoam os homens na faina de novas descobertas científicas, refinamento tecnológico, em prática pelo engenho soberano da Política, por vezes carecendo de progressos compatíveis noutras áreas; hoje sobretudo na área da Ética.

Muito se tem que aprender dos tempos passados. A grande mestra da História, segundo Heródoto, fornece seus ensinamentos nas páginas carcomidas dos intérpretes, por vezes esquecidos. Na era da velocidade eletrônica, tempo de facilidade e superfície, os registros se multiplicam por milhões, o que não corresponde às chances de se acompanhar tal profusão de recursos, vistos aspectos importantes da elitização do conhecimento nas mãos de uma parte mínima da Humanidade.

Tanto esforço arcaico a resultar em pouco ou quase nada, qual se andássemos para trás, numa regressão perversa de valores, do "homem lobo de si mesmo", praticando o aprendizado das horas em sentido contrário. Quem quer pode olhar de frente e ver o quanto se destrói nas oportunidades do futuro. Armas como que perfeitas, para matar. Destruição continuada das reservas naturais. Especialização dos métodos de reter o capital, por parte de minorias privilegiadas. Técnicas de manipulação das multidões sem nexos. Industrialização dirigida ao consumo apenas imediato de seres vegetais. Empacotamento de um mundo esfumaçado de cidades enormes, viveiros gigantes, apáticos, semelhantes a granjas sanitárias, aleijões exóticos, apenas equívocos. E se dispor de tanto material crítico acumulado para compor o quadro cinzento em que se transformou a História.

## HISTÓRIA: FAZER OU ESCREVER

Independente de tudo isso, dos ruídos da engrenagem pensa, a cena deve continuar, pois aqui nos achamos, equações ainda imperfeitas no imenso labirinto da perfeição.

Enquanto líderes assumem a profissão da miséria de explorar o chão social em favor de si, em detrimento da sociedade, outros conseguem vencer a fraqueza das facilidades e rompem a bolsa de um novo tempo.

No entanto permanece a grande alternativa de cada um: fazer ou escrever a história. A dicotomia universal de se ser teórico ou prático no que concerne aos papéis existenciais.

Os sonhos de muito raro vêm a se concretizar, vistas limitações regulamentares, fraquezas de conjuntura. A família põe e Moloc dispõe, parodiando o conceito popular de destino. A macroestrutura encurrala os componentes, faíscas dispersas, aguardando-se genialidade daqueles que possam vir a comandar os botões. As alegativas, sobretudo nos países subdesenvolvidos, gravitam em torno de amarrações antecedentes, conchavos, em torno de compromissos corporacionais que os impedem de agir a posteriori, prazo esse preenchido pela produção intelectual das universidades, de uma juventude inerte, comprimida, discriminada.

Cremos haver anteposto nosso conceito das fragilidades dessa Ciência, conduzida de modo magistral pelos poderosos a favor de seus próprios desígnios, largando-nos cascas e nós, vencidos que seríamos, não fosse a certeza das determinações superiores de proveniência nem um pouco duvidosa, numa interpretação cósmica milenária, acima das empresas religiosas e dos sicários de plantão, nos gabinetes.

## A ESCOLA DO CARIRI

Esta região interiorana do Ceará, denominada Cariri, estabelecida em conseqüência de microclima peculiar, no lado verde da Chapada do Araripe, teve em Crato, por mais de um século, seu pólo de atração. Nesta cidade floresceu ambiente cultural paralelo a época produtiva intensa, à sombra do cultivo da cana-de-açúcar, do algodão, da mandioca, fruteiras dos brejos, se não quisermos considerar também a pecuária intensiva à volta das bagaceiras dos engenhos e um comércio promissor, dada a afluência circunstante de outros municípios, tanto do estado, quanto dos fronteiriços de Pernambuco, Paraíba e Piauí.

O Seminário São José viveu período áureo, seguido pelos colégios Diocesano e Santa Teresa, todos localizados em Crato, futuras sementes das primeiras faculdades e posterior Universidade Regional do Cariri, a se efetivar na segunda metade da década de 80.

Como resultante, nesta parte frutificaram estudiosos, professores, magistrados, jornalistas, militares, médicos, advogados, autodidatas, numa produção de época que por si só fez história. Reuniram-se, publicaram, fundaram grêmio de debates, o Instituto Cultural do Cariri (18 de outubro de 1953) e podem ser vistos, desde esta quadra de tempo, como a Escola Histórica do Cariri, da qual participaram como principais elementos: Dr.Irineu Pinheiro, Prof.José Alves de Figueiredo Filho, Pe.Antônio Gomes de Araújo, Gal.Raimundo Pinheiro Teles, Cel.Otacílio Anselmo, Dr.Raimundo de Oliveira Borges, Prof.Joaryvar Macedo (Joaquim Lobo de Macedo), João Lindemberg de Aquino, Prof.José Newton Alves de Sousa, F.S.Nascimento e Nertan Macedo.

Muitas publicações marcaram a atuação do grupo, resultando em substrato para a nítida compreensão da vida nesta parte do mundo, dentro de ótica efetiva da melhor qualidade.

Uma revista consubstanciou o traço que uniu tantas e raras presenças, a Itaytera, ora (1993) em seu número 37, lançada que foi em 1955, tendo no jornalista João Lindemberg de Aquino o seu continuador, por décadas inteiras.



## SUA VIDA

Antônio Gomes de Araújo nasceu em Brejo Santo, à época vila, a 06 de janeiro de 1900, filho de José Nicodemos da Silva e Maria Gomes de Araújo Lima, de quem herdou os dois sobrenomes. No mesmo município iniciou seus estudos e permaneceu até 1918. Do ano seguinte a 1921 cursou o Seminário Menor do Seminário Arquiepiscopal do Ceará (Fortaleza), vindo fazer, em 1922, o Curso Superior do Seminário Maior no Seminário Episcopal do Crato, presbiterando-se em 17 de abril de 1927.

De 1927 a 1932 lecionou História Eclesiástica e Filosofia nos Cursos Secundário e Superior do Seminário do Crato. De 1929 a 1930, História, na Escola da Associação dos Empregados no Comércio, e de 1930 a 1960, História, Latim e Português, no Ginásio do Crato, depois Colégio Diocesano, quando adquiriu aposentadoria por tempo de serviço.

Exerceu as funções de capelão da Concentração dos Flagelados de Buriti (Crato), e de prefeito do internato e externato do Ginásio do Crato, sendo nomeado em 1935 inspetor do Ensino Normal do Estado junto à Escola Normal Santa Teresa de Jesus, colégio do mesmo nome, cargo que exerceu por mais de três décadas. De 1941 a 1962 foi também capelão do Cemitério, em Crato.

Consideramos ainda que desempenhou os papéis de sócio-correspondente do Instituto Histórico do Ceará, sócio correspondente da Academia Cearense de Letras, vice-presidente do Instituto Cultural do Cariri por quase vinte anos, desde a sua primeira diretoria, onde assumiu a presidência interina de 21 de maio a 11 de dezembro de 1954, e sócio-correspondente do Instituto Histórico e Geográfico Paraibano, além de haver ministrado História Antiga e Medieval na Faculdade de Filosofia do Crato, agregada à Universidade Federal do Ceará.

Estas foram as principais referências cronológicas que balizaram a vida do Pe. Gomes, conforme estudo realizado pelo Prof. Figueiredo Filho, em artigo da revista Itaytera nº 20, ano de 1976.

## A BIBLIOGRAFIA

Do mesmo artigo do Prof. Figueirêdo, transcrevemos abaixo relação completa das obras escritas pelo Pe. Antônio Gomes de Araújo:

- DISCURSO DE PARANINHO, 1964;
- FUNDADOR-MOR DA METRÓPOLE MISSÃOVELHENSE, 1949/1950;
- PRIMEIRO VIGÁRIO DO CRATO, 1950;
- CONCURSO DA BAHIA NA FORMAÇÃO DA GENS CARIRIENSE, 1950;
- NATURALIDADE DE BÁRBARA DE ALENCAR (A HEROÍNA DO CRATO), 1951;
- OS ARNAUD NO CARIRI, 1953;
- O CARIRI: SESMEIROS E POVOADORES, 1953;
- DO CURRAL AO CICLO AGRÍCOLA, 1951;
- A CIDADE DE FREI CARLOS; 1950;
- UM CIVILIZADOR DO CARIRI, 1955;
- CERTIDÕES DE BATISMO DE BÁRBARA DE ALENCAR, 1953;
- A BAHIA NAS RAÍZES DO CARIRI, 1955;
- APOSTOLADO DO EMBUSTE, 1956;
- RAÍZES SERGIPANAS...(SÉCULO XVIII), 1957;
- PADRE PEDRO RIBEIRO DA SILVA, O FUNDADOR E PRIMEIRO CAPELÃO DE JUAZEIRO DO NORTE, 1958;
- O MAGNÍFICO REITOR DA UNIVERSIDADE DO CEARÁ, ASCENDENTES E COLATERAIS, 1959;
- MITOS E REALIDADES. O MITO DE FREI FIDELIS..., 1961;
- EM DEFESA DA MEMÓRIA DE BÁRBARA DE ALENCAR, 1961;
- À MARGEM DE "A MARGEM DA HISTÓRIA DO CEARÁ", DE GUSTAVO BARROSO, 1962;
- 1817 NO CARIRI, 1962;
- A HEROÍNA BÁRBARA DE ALENCAR, 1963/1964;
- A COMUNIDADE ORIGINÁRIA. O FUNDADOR HISTÓRICO (REFERÊNCIA À MISSÃO DO MIRANDA), 1964;
- A REVOLUÇÃO DOS ALENCAR (1817), 1964 (inédito);
- ALENCAR NOS IDOS DE 17 E 24 E OUTRAS NOTAS, 1965/1966;
- O AUTOR DE IRACEMA; CARIRIENSE DE ORIGEM, 1965;
- ALDEAMENTO DA MISSÃO DO MIRANDA E REVELAÇÃO DE SUA ARQUEOLOGIA, 1965;

CONSELHO DE ORDENAÇÕES CONTRA ACESSO DO  
PADRE CÍCERO AS SAGRADAS ORDENS E SUA  
PERMANÊNCIA NO SEMINÁRIO, 1965 (inédito);  
CIDADE DE FREI CARLOS, 1973; e  
POVOAMENTO DO CARIRI, 1974.

## O PROFESSOR

Ainda no Seminário, o Pe. Gomes externalizou sua tendência para ensinar História. Desempenhou o magistério quase com dedicação exclusiva, marcando sua época com personalidade forte de quem viveu as contradições doutrinárias do integralismo de Plínio Salgado, simpatizante que foi de suas idéias, ao lado de vários outros membros do clero cratense da década de 40.

Seus ex-alunos, uma geração inteira que estudou no Colégio Diocesano e as primeiras turmas da Faculdade de Filosofia, podem, sem maiores esforços, recordar de sua aparência física, tipo espigado, magro, meio calvo, rosto longo, queixo apontado, sempre de batina, verbo fluente, satírico, autoritário, acessível, bem-humorado, por vezes surpreendente em suas atitudes para com a turma.

Numa ocasião, no Colégio Diocesano, ao se deparar com apenas três alunos em sala, enquanto os demais faziam greve, ele deu presença aos que estavam fora, excluindo os que compareciam, para punir a falta de solidariedade.

Dentre seus livros, dos quais uma parte ainda se conserva, numa sala especial (Núcleo de Estudos Históricos Pe. Antônio Gomes de Araújo) que lhe foi dedicada no Instituto Ecológico e Cultural Martins Filho, da Universidade Regional do Cariri, em Crato, fomos encontrar 31 tomos de apontamentos, os mais variados, escritos pelo próprio punho conforme áreas de estudo, desde a Revolução Francesa, idéias libertárias na América, Nassau e sua administração no Brasil, até marçõnaria, comunismo, a doutrina de Rousseau, domínio holandês no Nordeste brasileiro.

Esse rico material fica à disposição para pesquisa, levando-se em conta que o instituto dispõe de um índice organizado por tomo, do qual ainda anotamos mais alguns títulos, em meio a muitos outros, que aqui repassamos para efeito de conhecimento das áreas que lhe interessavam. São eles: a civilização na Idade Média, o atraso do Brasil frente aos Estados

Unidos, herança dos povos históricos do Oriente, principais causas das civilizações, evolução da história das primeiras raças, cultos dos mortos, imperialismo, a Índia e os vedas, inflação, ameríndios no Brasil, influências indígenas, os judeus e o tráfico negro, Independência do Brasil, expulsão dos jesuítas, o jesuíta e o território nacional, Confederação do Equador (republicana e separatista), colonização, mineração, o açúcar, o gado, impérios, guerras, Caxias, Abolição e República.

## **NO INSTITUTO CULTURAL DO CARIRI**

Com a institucionalização da pesquisa histórica através deste órgão independente do sistema oficial, muito se preservou dos registros caririenses.

Setores da nossa história receberam tratamento exclusivo do Pe. Antônio Gomes, que estabeleceu sua produção sobretudo em quatro principais ângulos: as origens caririenses, a participação dos Alencares nas revoluções de 1817 e 1824, as lutas da Independência e personalidades, inclusive eclesiásticas, da história regional, cabendo ao Pe. Cícero e aos acontecimentos juazeirenses um capítulo isolado.

Sobre as origens caririenses, deteve-se na verificação de documentos cartorários remotos das comarcas de Crato, Brejo Santo, Missão Velha, Milagres, Barbalha e Jardim, visando estabelecer os troncos genealógicos dos antigos colonos, compendiando as primeiras levas da imigração. Cuidou de pinçar a influência da Casa da Torre da Garcia D'Ávila em plagas cearenses; mapeou a fixação das raízes baianas, sergipanas e alagoanas. A conquista das terras. Os índios e as missões catequistas. O povoamento, suas freguesias e fundações. Os primeiros aldeamentos, capelas, sítios, sesmarias, fazendas, bacias. Os prenúncios da cidade de Crato. O Ceará no século XVII. Devassamento do Nordeste, fundamentos econômicos, quadro social, paisagem religiosa, os capuchinhos, criação e organização administrativa de uma vila no Brasil, dentre outros aspectos também por ele considerados em sua obra.

As revoluções de 1817 e 1824 mereceram-lhe muitas páginas, evidenciando a participação intensa dos Alencares. As personalidades e atuação de Bárbara e seus filhos

ganharem trato próprio do historiógrafo, a ponto de provocar reações de outros estudiosos, como do Gal. Carlos Studart Filho, em seu livro O PADRE GOMES DE ARAÚJO E "A REVOLUÇÃO DE 1817 NO CEARÁ", onde observou: "Expondo os fatos de 1817, tal críamos houvessem realmente sucedido, escrevendo sem ódios, nem simpatias e também sem qualquer propósito de aluir reputações ou criar ídolos, havíamos, sem o perceber, nem desejar, irritado um dos donos da história do Cariri, o respeitável Padre Gomes, essa águia do saber histórico que se aninha entre as venerandas arcadas do Instituto Cultural do Cariri. "E mais adiante: "Quanto a pretender, como faz o ilustre Padre Gomes (Pág 15 - obra em consideração), que o "Progresso sigiloso" - ou seja, aquilo que ele supõe haver, por motivos secretos, deixado de figurar nos autos da devassa - deva prevalecer contra o documento - no caso, o termo de prisão de D. Bárbara - é derruir os próprios fundamentos da historiografia; é dar a impressão que tresvaria.

"Na realidade, porém, o Padre Gomes não delira; está em perfeita saúde mental; apenas vê os sucessos de 1817, através das lentes deformadoras de um regionalismo estreito".

Alguns escritos seus acompanharam o desempenho das tropas brasileiras contra os redutos portugueses do Norte, enaltecendo o papel de José Pereira Filgueiras, que considera o maior soldado da Independência.

E na quarta vertente de interesses: perfis eclesiásticos ou patriarcas, a par de outras elaborações; reunindo elementos a respeito do Pe. Cícero Romão Batista e os milagres de Juazeiro, publicou na Itaytera nº 2 o artigo APOSTOLADO DO EMBUSTE, onde buscou desfazer a possibilidade dos fatos propalados, desencadeando acirrada polêmica com o Pe. Azarias Sobreira, através da imprensa de Fortaleza, cuja repercussão gerou interferência proibitiva do bispo D. Francisco de Assis Pires, em 15 de julho de 1956.



## O PESQUISADOR

A dedicação de Pe.Gomes às letras se fez especializar no trato histórico dos materiais que reuniu, sempre visando detalhar os fatos descritos numa linguagem de acessível comunicação. Primou pelas referências documentais, persistente no manuseio de tomos em cartórios e paróquias, colhendo depoimentos de coetâneos, avaliando e comparando textos, além de estabelecer suas próprias hipóteses.

Ninguém melhor do que o Prof. José Newton Alves de Sousa para analisar sua personalidade literária, reafirmando em **CONTRIBUIÇÃO DO CARIRI CEARENSE A HISTORIOGRAFIA DO NORDESTE** (Itaytera nº 16) palavras que dissera no I Simpósio de História do Nordeste Brasileiro (PADRE GOMES DE ARAÚJO E A PESQUISA HISTÓRICA NO CARIRI): "Espírito inquieto e polêmico, porém, nos princípios, tem, algumas vezes, saído a campo, pela imprensa, em defesa de suas convicções.

"Não descansa, enquanto não prova o que diz, ou encontra um fato que retifique o que pensa, ou prepondere outro motivo superior.

"Por ser um homem sem meias palavras, vai direto à verdade, doa em quem doer".

No mesmo artigo, o Prof. José Newton também testifica: "Jamais adulterou ou desfigurou documento. Jamais leu ou interpretou o que quer que fosse com duplicidade de intenção. Sempre foi aberto aos outros para os informar do que precisam, embora nem todas as vezes os outros lhe tenham sabido ser suficientemente leais.

"Defendendo um ponto de vista, pode exceder-se em ardores polêmicos, mas sem falsear, sem mentir.

"Como pesquisador, é invariável o seu proceder de homem objetivo, pertinaz, buscando, corrigindo, cotejando, confirmando".

No prefácio de **UM CIVILIZADOR DO CARIRI E OUTROS ESTUDOS**, localizamos, do Prof. Joaryvar Macedo, as seguintes avaliações: "Espírito criterioso, investigador brilhante e impenitente, animado do mais vivo interesse pelas indagações sobre a descoberta, conquista e povoamento da Região, exercendo, obstinada e pacientemente, a pesquisa, dela partiu, com segurança e equilíbrio, para o magistério da exegese e da crítica, descobrindo verdades, em meio ao vasto material disperso.



"Mergulhado, com toda a dedicação e com toda a diligência, em fontes primárias que, havia dois séculos, dormiam nos cartórios e arquivos regionais, à espera de um garimpeiro, amiúde examinou livros e registros, outros etc, muitos dos quais fragmentados e quase ilegíveis. Destarte, conseguiu imprimir um rumo diferente aos estudos sobre a formação étnica e social do Vale. Procedeu a inúmeras retificações, pondo luz onde havia obscuridade. A Antônio Bezerra, João Brígido, Gustavo Barroso e a outros historiadores de renome, que escreveram também a respeito do Cariri, pediu a mão à palmatória.

"Em que pese a implicabilidade do tempo - prossegue o Prof. Joaryvar Macedo, que lhe não ensejou a elaboração de todos os resultados colhidos, ao longo de suas andanças pelos caminhos poentos dos alfarrábios, publicou sínteses verticais e resenhas medulares, ora em revistas e jornais, ora sob a forma de plaquetas, propiciando, assim, aos historiadores regionais do presente e do futuro os frutos opimos de suas surpreendentes escavações".

## ALENCARISMO

O zelo do historiógrafo pelos vultos e coisas genuínas levou-o ao culto intenso dos heróis regionais, desde o seminarista José Martiniano Pereira de Alencar, a sua mãe, D.Bárbara de Alencar, e seus irmãos, Tristão Gonçalves Pereira de Alencar e Pe.Carlos José Gonçalves dos Santos, tendo em vista haverem sido os esteios da Revolução de 1817, no Ceará.

Nas palavras do Prof.Geraldo Nobre, do Departamento de História da Universidade Estadual do Ceará, no livro HISTÓRIA DO CEARÁ, "recém-chegado de Pernambuco, o seminarista (Martiniano de Alencar) contagiara de entusiasmo à sua família, mas conseguira apenas a passividade do poderoso Capitão-Mor José Pereira Filgueiras, não obstante o que, na missa dominical de 3 de maio, lera as proclamações do Governo Revolucionário e proclamara a República, à qual, em seguida, fez aderir a Câmara daquela Vila, bem como a do Jardim, onde exercia a maior influência Leonel Pereira de Alencar, irmão de Dona Bárbara. Estas ações contariam com apoio parcial, devido às muitas rivalidades no Cariri, contando os Alencares com as dos Bezerra de Menezes, à frente o Tenente-Coronel miliciano Leandro Bezerra Monteiro, que não ficou de braços cruzados, promovendo, em poucos dias, a restauração, com o apoio do Capitão-Mor Filgueiras, a quem fez ver a temerosidade do compromisso com os rebeldes".

Mais adiante, noutro texto da mesma coletânea, desta vez de autoria da Profa.Maria do Carmo R.Araújo, do Curso de História da Universidade Federal do Ceará, grifamos, quanto à Revolução de 1824: "A análise da participação do Ceará na Confederação do Equador deve, em princípio, levar em conta dois aspectos: o primeiro refere-se à permanência da capitania sob a jurisdição de Pernambuco por quase um século e meio (de 1656 a 1799). Essa subordinação político-administrativa referendava a subordinação econômica, então existente. De forma que a Carta Régia de 1799 estabelecendo a separação ficou letra morta. O Ceará, sobretudo a região do Cariri, fronteira com as terras pernambucanas, continuou a sua prática comercial com Pernambuco.

"Pelo alvará de 27 de abril de 1803, a capitania cearense passou a receber incentivos para o comércio com o exterior. No entanto, não deixou de haver continuidade nas relações com a capitania vizinha. Recife polarizava as relações

comerciais do Ceará como as demais capitanias ao redor, que precisavam do seu porto para o escoamento da sua produção.

"O segundo aspecto - de acordo com a pesquisadora, está ligado ao domínio político exercido pela família Alencar na região do Cariri. Desde 1817 os Alencar perseguiram o estabelecimento de uma nova ordem na província. Os acontecimentos advindos com a independência projetaram favoravelmente para a cena política, a nível provincial, elementos influentes da zona caririense, cujos interesses econômicos ligavam-se particularmente a Pernambuco. Foram esses elementos que fizeram a Confederação do Equador no Ceará".

Demoramo-nos em citações no objetivo de fundamentar os motivos que levaram o Pe. Antônio Gomes ao incansável trabalho de preservar ilustres vultos regionais da ação de outros intérpretes, qual o exemplo referido, da parte do Gal. Studart Filho, sem com isto negarmos-lhes o valor, tanto que dele ainda queremos citar o que se segue: "Vencido, não quis, porém, o Padre Gomes render-se à evidência dos fatos expostos. Preferiu conceber apressadamente e dar curso a uma versão interpretativa inteiramente original para os acontecimentos que antecederam e provocaram o levante caririense de 3 de maio de 1817.

"Visava tal explicação a reivindicar para José Martiniano o mérito indevido de precursor e fator principal da rebelião republicana de 17 no Ceará, proposição que consideramos das mais audaciosas ultimamente surgidas no campo da nossa historiografia regional. Ela implica, com efeito, em atribuir ao filho de D. Bárbara alheios predicados e, desse modo, fazê-lo aparecer, na crônica brasileira, com uma personalidade ainda maior e mais complexa do que aquela que até agora lhe conhecíamos.

"Nos fastos da revolução de 17, ele deixaria de ser apenas o seminarista inspirado, vencedor galhardo dos óbices próprios ao ínvio caminho que o conduziu ao adro da matriz do Crato e o levou à glória, para se tornar bem maior do que o Ouvidor Carvalho, em astúcia e prática de manobras solapadoras das instituições monárquicas".

A título de ilustração, dizemos que uma obra do Pe. Gomes manter-se-á inédita, caso permaneça desaparecida. Trata-se de A REVOLUÇÃO DOS ALENCAR, com mais de duzentas páginas, cujos originais foram entregues, em junho de 1964, ao então Presidente Humberto de Alencar Castelo Branco, quando de sua visita ao Crato, e de que não mais se teve notícia.

## A QUESTÃO DE JUAZEIRO

Este tema merecerá particularização, dada sua importância histórica. Muito efeito provocou à época, inícios da década de 50, agitando a imprensa cearense, sem contudo motivar outra reação além da polêmica sensacionalista, uma vez que os elementos materiais da prova já haviam sido eliminados.

Ouçamos, por oportuno, algumas opiniões a propósito:

Nertan Macedo, em O PADRE E A BEATA: "O milagre aconteceu numa certa manhã, durante a missa, quando o Padre Cícero dava a comunhão aos fiéis. Uma curiboca entanguida - para usarmos a expressão dos que se ocuparam do caso -, pálida, nervosa e franzina, aproximou-se da mesa eucarística. O Padre Cícero tirou do cálice uma pequena hóstia branca, depositando-a na língua dessa devota. Chamava-se Maria de Araújo, nome vulgar.

"Ao fechar a boca e as pálpebras, sob o manto, ela sentiu escorrer pelas commissuras dos lábios um líquido viscoso, da cor de sangue, segundo testemunharam os presentes. As partículas derreteram-se na língua da beata e tomaram, por vezes, a forma de um coração.

"Tal fato repetiu-se daí por diante e foi relatado por quantos o tinham assistido e verificado.

"Corria o ano de 1891 e a substância hematóide, recolhida em panos, que todos queriam ver e tocar, seria entregue à custódia de sacerdotes e médicos, para que a examinassem e atestassem se era ou não o sangue de Nosso Senhor Crucificado. Os padres guardaram esses panos, a sete chaves, numa urna, no sacrário da capela do Santíssimo Sacramento da Matriz do Crato".

Ralph Della Cava, em MILAGRE EM JOASEIRO: "No Vale do Cariri, o povo não se apercebia da sutileza que permitia ao Padre Cícero e a outros sacerdotes falarem em público sobre os "fatos extraordinários", contanto que não os qualificassem de miraculosos. Ninguém em Joaseiro duvidava da ocorrência de um milagre cuja finalidade tinha sido, pretensamente, revelada a Maria de Araújo, em agosto de 1889: Deus escolhera Joaseiro para ser o centro de onde converteria os pecadores e salvaria a humanidade. A prova da missão divina do arraial estava nasavas infundáveis de romeiros que chegavam a Joaseiro. Aí, maçons brasileiros e protestantes buscavam a absolvição e retornavam à Igreja. Saravam-se os enfermos e os fiéis refortaleciam a sua fé. Ao

partirem de volta, os romeiros levavam consigo um talismã, uma fita ou um pedaço de fazenda que tinham sido esfregados no vidro da redoma onde se guardavam os panos e as toalhas do altar manchados de vermelho pelo que se acreditava ser o Precioso Sangue de Cristo".

E mais adiante o mesmo autor acrescenta: "A falta de iniciativa de Dom Joaquim (Dom Joaquim José Vieira, Bispo de Fortaleza), entre junho de 1890 e maio de 1891, permitiu enormemente que o milagre criasse raízes entre o clero e os fiéis, tanto no Vale, como no sertão dos estados vizinhos. Além disso, o seu pedido de que o Pe.Cícero apresentasse testemunhas "que possam depor sob juramento" quando à veracidade do milagre tornou-se uma razão para levar os fiéis a angariar testemunhas em defesa de sua causa. No final de 1890 e princípio de 1891, poucos eram os fiéis que hesitavam em proclamar, de público, a verdade do milagre".

Luitgarde Oliveira Cavalcanti Barros, das Universidades Federal e Estadual do Rio de Janeiro, na coletânea HISTÓRIA DO CEARÁ: "A Questão Religiosa de Juazeiro, embora aparentemente se tenha apresentado como um problema de existência ou não de Sangue de Cristo nas hóstias em transformação, na realidade foi uma luta dentro da Igreja. Essa instituição, que já se batera e continuava na peleja com o Estado brasileiro, se voltava, por força mesmo da política de romanização, para uma ação interna pela preservação da hierarquia, submissão dos grupos dominados de seguidores, pelo monopólio de interpretação (à luz da Teologia) de todo fenômeno religioso pela autoridade eclesiástica. Essa luta vai expor a contradição maior dentro da Igreja, qual seja, o universo simbólico das baixas camadas de crentes - o catolicismo popular, frente ao monopólio de interpretação do religioso pela Teologia, vale dizer, a rutura entre o catolicismo da hierarquia e o dos seguidores pobres".

E para completar estes depoimentos, ouçamos José Comblim, em PADRE CÍCERO DE JUAZEIRO: "Então dom Joaquim assustou-se: diante dele estava o fantasma das heresias. Já em 1891 dom Joaquim tinha enviado uma comissão de inquérito formada pelos dois padres letrados da diocese, o padre Clycério da Costa Lobo e o padre Francisco Ferreira Antero, doutor em teologia. O inquérito durou um mês e os comissários interrogaram 10 beatas, 8 padres e 5 civis eminentes. Assistiram várias vezes ao milagre da



transformação da hóstia em sangue. Concluíram que se tratava realmente de fatos sobrenaturais de origem divina.

"Como explicar que esses dois teólogos tenham tão facilmente garantido a origem divina dos milagres? Alguns dizem que nesses primeiros tempos da República a espera do fim do mundo era tão forte que todos estavam dispostos a escolher sinais da proximidade desse fim do mundo. Em todo caso, os dois padres deram ao bispo o contrário do relatório que este esperava. O bispo sentiu-se traído pelos teólogos.

"Em abril de 1892 aconteceu algo que convenceu o bispo de que havia um embusteiro. Foi roubada a urna que continha as hóstias e os panos manchados de sangue e que o bispo tinha mandado transferir para Crato. O acusado foi José Joaquim Marrocos, mestre-escola em Crato. Esse Marrocos tinha sido seminarista, mas foi expulso do seminário pelos lazaristas franceses. Apaixonava-se por tudo o que era religião e desde o início tomou a liderança dos movimentos de apoio ao padre Cícero. Não havia provas, mas de fato, 18 anos mais tarde, depois da morte de Marrocos, a urna foi descoberta entre os objetos que lhe pertenciam".



## A PALAVRA DO PE. GOMES

Das produções do Pe.Gomes uma se evidenciou desde seu lançamento, vistos os transtornos que veria de provocar, APOSTOLADO DO EMBUSTE, dedicada pelo autor "à memória de Dom Joaquim Vieira, herói tranqüilo, que desmascarou o embuste, preveniu o cisma e manteve a dignidade do clero. A memória de Monsenhor Joviniano Barreto, vigário-mártir, "Revista Itayera nº 2, ano de 1956.

Neste ponto, achamo-nos na contingência de citar trechos da obra, no intuito de fornecer dados para uma interpretação dos acontecidos em Juazeiro, distantes que nos vemos, passado mais de um século de seus primeiros registros, dada a importância soberana da pesquisa histórica para orientação das gerações porvindouras.

A tese de que José Marrocos utilizou-se de efeitos químicos na feitura do sangue das hóstias veio de ser sustentada pelo sacerdote no decorrer de todo o seu trabalho, do qual passamos a citar único e longo fragmento: "É historicamente certo que, ainda antes da eclosão do embuste, teria sido revelado ao Padre Cícero (segundo posterior declaração sua em depoimento) o advento de uma NOVA Redenção, de que ele seria o precursor e Juazeiro, o cenário, no qual Jesus Cristo verteria seu precioso sangue, que correria visivelmente de seu coração humano e visível, através das Sagradas Espécies.

"Essa doutrina saiu da cabeça do "teólogo" José Marrocos, tendo-se em consideração que foi ele o cérebro do Padre Cícero na questão do embuste, com Floro Bartolomeu, no campo político. Foi no momento do delírio religioso do sacerdote que José Marrocos entrou em cena, solertemente associado a Maria de Araújo, dando ao levita a impressão de que a doutrina se objetivara, da qual os MILAGRES eram o testemunho.

"José Marrocos teria tido em vista a projeção social do Padre Cícero e Juazeiro e, dentro dessa paisagem, o seu próprio destaque. Outros acham que ele agira inspirado no jansenismo de que teria sido inquinado. Ou ainda pelo ressentimento que lhe ficara, da saída forçada do Seminário. Achava oportunidade para desferrar-se da Autoridade Eclesiástica. Julgo que o inspiraram os três motivos, com a prevalença do primeiro".

Ouvimos assim o Pe.Gomes sobre a matéria. Não se utilizou de meios tons; adotou verbo forte e contundente;

cabendo-nos elucidar em nossas consciências as derivações necessárias à formação de juízo isento.

Sabe-se da carência humana de referências divinas e esses complementos reclama de fé, sobretudo da fé simples. No encalço de suplementação antropológica sobre tais assuntos, requiro a licença de citar mais um autor, Edmund Leach, quando nos afirma: "A religião está voltada, em toda parte, para a preocupação com o primordial, a antinomia entre a vida e a morte, procurando negar o vínculo binário entre as duas palavras. Isso é feito por meio da criação da idéia mística de "outro mundo", um mundo dos mortos onde a vida é perpétua. Os atributos desse outro mundo são necessariamente aqueles que não são deste mundo; a imperfeição daqui é compensada com a perfeição de lá. Mas essa ordenação lógica das idéias traz uma conseqüência desconcertante: Deus passa a pertencer ao outro mundo. O "problema" central da religião consiste, portanto, em restaurar alguma espécie de ponte entre o Homem e Deus.

"Esse padrão está incorporado à estrutura de qualquer sistema místico. O mito primeiro discrimina entre os deuses e os homens para depois ocupar-se com as relações e os intermediários que ligam os homens aos deuses,(...).".

## OUTRAS NOTÍCIAS

Agora que ficou na saudade nosso plano de escrever menos e de citar menos ainda, mesmo assim somos obrigados a prosseguir por mais um turno, pedido paciência aos que nos acompanharam. Queiram, pois, confiar que principiamos soldar as derradeiras peças deste quebra-cabeças, a rejuntar os claros e querer nos despedir. E agradecermos pela honrosa companhia.

Se não dissemos antes, eis o momento de fazê-lo:

O Pe.Gomes amou o Crato como a um verdadeiro filho. Vimos que aqui viveu longos anos da existência, escreveu sua história e até, queremos acrescentar, participou da criação das armas do Município, sendo autor da legenda LABORE que nelas se insere, desde julho de 1953.

Ao Crato dedicou um dos seus livros, A CIDADE DE FREI CARLOS, onde encerra, com riqueza de detalhes, as notas a propósito de sua fundação, seus primeiros habitantes e colonizadores brancos. "A notícia mais antiga, até agora revelada, referente à Missão do Miranda, sua Igreja e frei Carlos, traz a data de 30 de julho de 1741. É o registro dum batizado num livro de registro de Batizado e Casamento, o qual se estende de 1741 a 1783 e pertence ao arquivo da paróquia do Icó, a cuja jurisdição esteve subordinado o Cariri até 1748", ali afirma.

Variados e importantes enfoques resultaram do cuidado desse sacerdote na recomposição da história cratense, antecipando-se ao desgaste das eras e fornecendo-nos estrutura ao conhecimento do passado. Nessa empreitada, teve a coadjuvado os demais historiógrafos reunidos sob a bandeira do Instituto Cultural do Cariri.

De caráter altivo, brilhante, sempre pode exercer ascendência sobre aqueles que o tiveram como mestre. Sua posição quanto aos milagres de Juazeiro granjearam-lhe simpatias entre os cratenses e reações adversas da parte dos juazeirenses, vista a rivalidade que por vezes ainda se manifesta, originária dos tempos de antes, das lutas de 1914, por exemplo.

Em 1964, a chamada Revolução de Março nele provocou sentimentos contrários aos militares, o que entretanto não veio a expressar de modo aberto por meio da imprensa, e só confirmáveis pelos que desfrutaram de sua proximidade. Nunca negava antipatia à influência estrangeira na política brasileira, propugnando pela formação de uma alma nacional. A época, essa onda de desnaturação da nossa cultura iniciava o seu ataque avassalador, vindo depois a dominar por inteiro

os meios de comunicação de massa, como ora se constata, restando-nos quase nenhuma alternativa de vitória. Definição sua, referindo-se à Coca-Cola, símbolo do capitalismo americano espalhado pelo mundo, pode bem corroborar o que dissemos:

- Esta bebida é jurema adoçada, bem conhecida dos antigos.

## CONCLUSÃO

Reconhecemos um certo exagero de transcrições, sem que isto demonstre arrependimento tardio, por que esse foi o método mais oportuno para abordarmos o tema, dando-lhe sabor peculiar e preservando valiosos trunfos. Por vezes sentimo-nos quais caminantes solitários, neste mundo de tantos livros e tão poucos leitores. Quisemos desta maneira noticiar o máximo do que escondem as bibliotecas e suas vastidões abandonadas.

Enfim, vale ainda dizer que o Pe. Antônio Gomes de Araújo mereceu do Prof. Figueirêdo Filho os mais variados adjetivos: "professor que atuou, com segurança, no meio de seus alunos. Suas aulas foram sempre vivas, cheias, deixaram impressão imorredoura a todos. Em cada discípulo, constituiu um amigo que nunca o esquece, mesmo que resida em terras longínquas ou ocupe posição de relevo. Sua cadeira predileta foi História e é dos mais competentes pesquisadores de nosso passado, em terras nordestinas. Seu nome atravessou fronteiras".

"Homem de trato social esmerado, sempre que um lar é atingido pela dor, é o primeiro a levar-lhe o bálsamo de uma palavra amiga.

"Sobressai-se no trato pessoal, pela conversa franca e fluente, com a máxima tolerância em assuntos de natureza política ou religiosa, de sua íntegra formação eclesiástica".

"Pe. Gomes é dos maiores pesquisadores de arquivos, para elucidar os fatos históricos do Cariri. Ajudou o emérito historiador Irineu Pinheiro em "Efemérides" e é divulgador da história regional.

"É dos cratenses adotivos mais amantes de nossa terra. Crato deve-lhe bastante, em todos os campos da inteligência, na história, no jornalismo e no magistério. É ele cratense por direito natural de conquista, merecendo a gratidão unânime das gerações presentes e futuras".

Estas palavras se efetivaram na prática, por intermédio da Resolução nº 2/68, de 30 de abril de 1968, da Câmara Municipal, quando foi agraciado com o título de cidadania da terra que tanto venerou.

Em 29 de abril de 1975, atravessando problemas de saúde, voltou a Brejo Santo, seu natural, onde recebeu, em 01 de maio de 1977, antigos companheiros do ICC, para missa e sessão solene comemorativa de seus cinquenta anos de ordenação.

E no seio dos familiares, a 26 de janeiro de 1989, da mesma cidade onde nascera, o Pe.Gomes retorna aos páramos eternos.

Em 11 de junho do ano seguinte, teve seu nome escolhido para uma das avenidas do Crato, com início no final da rua Monsenhor Rocha e término no início da avenida Raimundo Pires Maia, ligando o Sossego ao Parque Floresta, conforme Projeto-de-Lei Municipal nº 1.409/90.

**14.08.93.**

## BIBLIOGRAFIA

- ARAÚJO, Antônio Gomes de - A CIDADE DE FREI CARLOS, Faculdade de Filosofia do Crato, Coleção Estudos e Pesquisas, Crato, 1971.

- ARAÚJO, Antônio Gomes de - APOSTOLADO DO EMBUSTE, Revista Itaytera nº 2, Instituto Cultural do Cariri, Crato, 1956.

- ARAÚJO, Antônio Gomes de - MITOS E REALIDADES, Revista Itaytera nº 4, Instituto Cultural do Cariri, Crato, 1958.

- ARAÚJO, Maria do Carmo R. - A PARTICIPAÇÃO DO CEARÁ NA CONFEDERAÇÃO DO EQUADOR, em HISTÓRIA DO CEARÁ, coordenação de Simone de Souza, Universidade Federal do Ceará/Fundação Demócrito Rocha/Stylus Comunicações, Fortaleza, 1989.

- BARROS, Luitgarde Oliveira Cavalcanti - O MOVIMENTO RELIGIOSO DE JUAZEIRO DO NORTE/PADRE CÍCERO E O FENÔMENO DO CALDEIRÃO, em HISTÓRIA DO CEARÁ, acima referida.

- BURNES, Edward Mcnall, Robert E. Lerner e Standish Meacham - HISTÓRIA DA CIVILIZAÇÃO OCIDENTAL: DO HOMEM DAS CAVERNAS AS NAVES ESPACIAIS, 30ª Edição, Editora Globo, Rio de Janeiro, 1988.

CAVA, Ralph Della - MILAGRE EM JOASEIRO, Editora Paz e Terra, Rio de Janeiro, 1977.

COMBLIM, José - PADRE CÍCERO DE JUAZEIRO, Coleção HOMENS E MULHERES DO NORDESTE, Série OS RELIGIOSOS, Edições Paulinas, S. Paulo, 1991.

- FIGUEIREDO FILHO, José Alves de - PADRE ANTÔNIO GOMES DE ARAÚJO, Revista Itaytera nº 20, Instituto Cultural do Cariri, Crato, 1976.

- LEACH, Edmund - ANTROPOLOGIA, Editora Ática, S. Paulo, 1983.

- MACEDO, Joaryvar - Prefácio de UM CIVILIZADOR DO CARIRI E OUTROS ESTUDOS, Faculdade de Filosofia do Crato, Coleção Estudos e Pesquisas, Crato, 1980.

- MACEDO, Nertan - O PADRE E A BEATA, 2ª. Edição, Editora Renes/Instituto Nacional do Livro, MEC, Rio de Janeiro/Brasília, 1981.

- NOBRE, Geraldo - A REVOLUÇÃO DE 1817 NO CEARÁ, em HISTÓRIA DO CEARÁ, acima referida.



- SOUSA, José Newton Alves de - CONTRIBUIÇÃO DO CARIRI CEARENSE À HISTORIOGRAFIA DO NORDESTE, Revista Itaytera nº 15, Instituto Cultural do Cariri, Crato, 1971.

- STUDART FILHO, Carlos - O PADRE GOMES DE ARAÚJO E "A REVOLUÇÃO DE 1817 NO CEARÁ", Tipografia Minerva, Fortaleza, 1962.

**ATA DA SESSÃO SOLENE DE POSSE DO DR. JOSÉ EMERSON MONTEIRO LACERDA NA CADEIRA DE Nº 6 DO INSTITUTO CULTURAL DO CARIRI, que tem como Patrono o Dr. Irineu Pinheiro e como último ocupante o Padre Antônio Gomes de Araújo.**

Aos 26 dias do mês de março do ano de 1994, no Plenário Paulo Bezerra da Câmara Municipal do Crato, presentes parcelas significativas do Instituto Cultural do Cariri e da elite intelectual do Cariri, a partir das 20:00hs, deu-se Sessão Solene do ICC para dar posse ao advogado e bancário José Emerson Monteiro Lacerda na Cadeira de Nº 6 da Instituição, que tem como Patrono o Dr. Irineu Pinheiro e como último ocupante o Padre Antônio Gomes de Araújo. O mestre de cerimônia Huberto Cabral convidou para compor a mesa e presidir os trabalhos o Presidente do ICC, Dr. Raimundo de Oliveira Borges, seguido do Secretário de Cultura do Crato, Fernando Piancó, do Presidente da Câmara Municipal do Crato, Vereador Francisco Tavares, do ex-Prefeito Municipal do Crato, Capitão Ariovaldo Carvalho, do Juiz de Direito Dr. Antônio Nirson Monteiro, do Advogado do Banco do Brasil Dr. Paulo Santos Neto e do recipiendário José Emerson Monteiro Lacerda.

Abrindo os trabalhos o Presidente do ICC destacou os 40 anos deste soldadício e sua contribuição para as letras, a cultura e o desenvolvimento regional. Aproveitando o ensejo, nomeou os vultos ilustres que fundaram e mantiveram vivo o ICC, enaltecendo e firmando o nome do Crato e do Cariri no Brasil e no exterior. Dr. Borges lembrou as cadeiras vagas no ICC e refletiu sobre a significância das letras na vida de um homem.

Saudando o novo imortal do ICC, Dr. Borges traçou biografia com todos os pormenores, destacando os estudos de Comunicação em Salvador, o trabalho no Banco do Brasil, os estudos de religiões comparadas e a passagem pelo curso de Direito da Universidade Regional do Cariri. O professor louvou o ex-aluno, referindo que este dignificou os ensinamentos de Clóvis Beviláqua.

Sobre o conjunto da obra de Emerson Monteiro, o Presidente do ICC salientou as contribuições a Itaytera, o opúsculo "Sombra e Luz" e o novo trabalho ainda no prelo.

Encerrando seu pronunciamento, Dr.Borges fez referência à vida familiar do recipiendiário e sua participação na política cratense, destacando também o trabalho do ex-Vereador, em favor da Sociedade Lírica do Belmonte e da União dos Centros Espíritas do Cariri.

Dr.Borges deu as boas-vindas a Emerson Monteiro e concluiu que o grande problema do ICC é a falta de uma sede própria compatível com o seu papel. Lembrou que o principal passo fora dado pelo ex-Prefeito Ariovaldo Carvalho, quando doou o terreno para tal fim, faltando até o momento os meios necessários.

O referendo do Plenário foi um caloroso aplauso ao orador, que cedeu a palavra ao recipiendiário.

Saudando os "familiares amigos" e os "amigos familiares", Emerson Monteiro valeu-se de Heródoto para conceituar História, como introdução a figura polêmica do Pe.Gomes.

Após nomear os fatos significativos da vida do valoroso religioso, do nascimento à ordenação, destacou o desenvolvimento dos trabalhos do Padre, do Professor, e do Historiógrafo.

Homenageado o último ocupante da Cadeira de Irineu Pinheiro, Emerson Monteiro elogiou a metodologia de trabalho do Pe.Gomes e seu zelo pela verdade, buscando incessantemente provas documentais para os fatos históricos sobre os quais este se debruçou.

Mereceu destaque do orador o esforço do Pe.Gomes em estudar e elevar o nome dos heróis do Cariri, resgatando para a posteridade a largueza de visão, o tirocinio, a coragem de brasileiros da estirpe de Pereira Filgueiras, Bárbara de Alencar e seus filhos José Martiniano e Tristão de Alencar.

Dr.Emerson chamou atenção para a necessidade de se trazer para o povo a obra do Pe.Gomes, como contributo indispensável para a formação de uma cidadania consciente no Cariri.

Resgatando o conjunto dessa obra, o orador esclareceu que esta tratou de muitos outros temas além da questão religiosa de Juazeiro, a qual foi tratada com verbo forte no "Apostolado do Embuste".

Emerson lembrou que o Pe.Gomes além de ajudar a escrever a história do Crato, através de "A Cidade de Frei Carlos", foi o responsável pela inserção do vocábulo "LABORE" nas armas do Município, dentre outros feitos.

Encerrando seu pronunciamento o orador foi calorosamente aplaudido pelos presentes.

Nada mas havendo a ser dito, o Presidente do ICC empossou o Dr.Emerson Monteiro e passou a palavra ao secretário da Sessão, Francisco Willian Brito Bezerra, para a leitura da Presente Ata, que lida e aprovada receberá a assinatura de quem for de direito.

**Crato, 26 de Março de 1994.**

# **JOSÉ DO VALE ARRAES FEITOSA CIDADÃO CRATENSE.**

**(Discurso pronunciado no Colégio Pequeno Príncipe)**

**Antônio Luis Barbosa Filho**

**SELETA ASSISTÊNCIA!**

**"Verba volant; acripta manent!"**

Congratulo-me, neste momento solene, com as nossas egrégias Câmaras legislativas - a anterior e a atual, aquela por ter concedido o título de cidadania cratense ao emérito Professor José do Vale Arraes Feitosa e esta pela incumbência de entregá-lo, agora, ao homenageado presente, tornando-se ele, assim, o mais novo rebento deste torrão amado, que já tem acolhido como filho seu, tantos vultos ilustres, a exemplo da nossa heroína maior, Da.Bárbara Pereira de Alencar, nascida no então município de Cabrobó, no Estado de Pernambuco.

O agraciado de que trato, muito embora proceda dos pagos dos Inhamuns, em nossa terra teve a felicidade de realizar os seus primeiros estudos no venerando educandário de saudosa memória - O Seminário de São José - de lá saindo para dedicar-se, por completo, ao magistério em nossa cidade, por várias décadas e, por isso, bem merecida a gratidão do nobre Povo do Crato, através de seus lídimos representantes, promotores diretos de tão augusta manifestação de apreço.

Professor competentíssimo de Português e de Latim, além de outras disciplinas, o nosso mui querido Mestre jamais se valeu da cátedra para obter STATUS ou mordomias falazes da vida profana! No exercer ele, o magistério, sempre se houve com altivez de espírito, prudente e reservado, como se fora um autêntico sacerdócio, tendo por acólito fiel o saber e desempenhando-se, a inteiro contento, da árdua e espinhosa missão de plasmador de gerações de jovens ainda incultos, todos eles sequiosos de conhecimentos e tornando-os capacitados para os vários leques de profissões dígnas existentes na longa estrada dos conhecimentos humanos!

Disciplinador sem laivos de autoritarismo, a todo momento se conduziu como Mestre que procurava corrigir falhas, reabilitando os pusilânimes sem ferir-lhes o amor próprio e

despertando no discente as qualidades inatas ou adormecidas, que os transformassem, no futuro, em homem, no sentido mais vero desse vocábulo.

Acaba de resgatar, dessarte, a nossa urbe querida - berço das grandes e heróicas causas cívicas, onde a pira da liberdade nunca se arrefeceu, esta dívida de reconhecimento justo para com um varão puro, de vida ilibada, de caráter integérrimo a toda prova, cujo mister na terra não foi outro senão também, de certa forma, de cumprir a douta sentença latina, adotada por nosso insígne pastor, Dom Francisco de Assis Pires, de respeitável memória: "non ministrari, sed ministrare", traduzida, em nosso vernáculo - Eu vim ao mundo não para ser servido, mas para servir!

O seu nome, oh! preclaro homenageado, em que figura a palavra VALE, tornar-se-á doravante e para todo o sempre, mais verde, não só porque será, ininterruptamente regado pelas nascentes de nossos pés de serra, mas reforçadas com águas cristalinas da fonte denominada GRATIDÃO, nascida nos corações de todo cratense digno.

Ter o privilégio de ser filho do Crato é o mesmo que "nascer, crescer, viver, sonhar, amar e foi em Crato que o nosso homenageado convolou núpcias, adivindo dessa união conjugal uma prole que somente orgulho sadio lhe tem proporcionado e constitui, hoje, uma espécie de adorno para as ligeiras cãs que ornamentam a sua personalidade marcante. Ser filho do Crato é também conviver com as belezas de nossos virentes canaviais, saboreando a garapa, o mel quente ou a rapadura de nossos engenhos seculares, compartilhando com sua comunidade e com a sua gente hospitaleira e laboriosa, batalhando sempre em busca de maiores luzeiros da inteligência criadora do Povo alencarino.

Finalizando estas minhas palavras simples como o orvalho matinal de nossas campinas na quadra hibernosa, porém revestida da mais sincera e insofismável admiração por tão augusta figura humana, pelas mãos de quem muitos adolescentes passamos, aprendendo do insígne Mestre grandes e inesquecíveis lições de sabedoria, data vênia, peço ao nobre presidente dos trabalhos desta magna solenidade, numa deferência especial ao benjamim da cidade de Frei Carlos Maria de Ferrara - o cidadão José do VALE Arraes Feitosa, mande a nossa filarmônica executar o Hino do Crato, para que todos nós, aqui presentes, o cantemos em tão oportuno e magno evento.

## HINO DO CRATO

Flor da terra do sol  
Oh! berço esplêndido!  
Dos guerreiros da Tribo Cariri  
Sou teu filho e ao teu calor  
Cresci, amei, sonhei, vivi,  
Ao sopé da Serra entre canaviais  
Que já te viu, oh! não te esquece mais!

Para te exaltar, oh! flor do Brasil!  
Hei de te cantar, meu Crato gentil,  
Oh! coração do Ceará,  
Comigo a Nação te cantará!

No teu céu inda brilha estrela fúlgida  
Que há cem anos norteia o teu porvir,  
Crato amado, idolatrado,  
Teu destino há de seguir:  
- Grande e forte como nosso verde mar!  
Bendita sejas, oh! terra de Alencar!

**Crato,Ce, 17-04-1994.**

# A HONRA AO MÉRITO

**Hermógenes Teixeira da Holanda**

A homenagem prestada ao Professor José do Vale ontem manhã, no auditório da Escolinha do Pequeno Príncipe, primou pela oportunidade e brilhantismo sob todos os aspectos. A solenidade cumpriu dois objetivos: a comemoração dos 75 anos de idade do homenageado, completados a onze do corrente; e a outorga a ele do título de "Cidadão Cratense", em obediência a resolução da Câmara Municipal datada de maio de 1986.

Fizeram-se presentes as mais expressivas autoridades municipais. Os lugares, apesar de muitos, acabaram não dando para todos os que foram então vê-lo: parentes, amigos e ex-alunos seus. Os cânticos da missa, que na ocasião se celebrou, acompanhados ao violão, impressionaram pela novidade dos temas, precisão rítmica e afinação vocal dos executantes.

A melhor das impressões, porém, produziu-a o tempo todo o próprio homenageado. José do Vale é daquelas raras pessoas contra as quais o tempo nada pode. Nem o tempo, nem as enfermidades. Ainda agora contradiz em tudo a condição de convalescente: no andar ágil e firme, na fala espirituosa o fluente; no riso fácil e jovial. À voz com que se fez ouvir no discurso de agradecimento soou límpida e vibrante como a de um adolescente entusiasmado. Está o de sempre para a alegria de todos nós.

Toda a vitalidade, no entanto, que ele, a despeito dos anos, deixa transparecer seria insuficiente para justificar a homenagem que ora lhe é feita. Para tanto, foi levada em conta principalmente a sua vida dedicada ao magistério: 42 anos ininterruptos de atividade docente. Gerações seguidas passaram por suas mãos, habilitando-se ao exercício digno das mais variadas e nobres profissões.

Escasseiam em nossos dias as pessoas realmente vocacionadas para o que fazem. Em muitos casos prevalece o lado financeiro na opção profissional. Não assim, com o homenageado de que estamos falando. À carreira de professor que ele conscientemente abraçou foi sempre, como se sabe, muito mal remunerada, apesar da inegável nobreza de seus fins. De formação acentuadamente humanística, lançou-se ele, mesmo assim, de corpo e alma - de cabeça, como se diz no



momento - ao ofício de ensinar e educar. Afinal de contas, o que se faz por vocação - vale dizer por gosto, por amor - não tem preço que pague. Por sinal, aliás, ao agradecer as homenagens recebidas, teve ele a seguinte tirada, típica da sua posição ideológica sobre o assunto: "Confesso sinceramente, nem lisonja: meu ordenado do professor foi sempre compensado pelo sucesso de meus alunos".

Não sei quem mais está de parabéns! se o próprio homenageado, se a cidade do Crato pela feliz idéia da homenagem concedida. Trata-se, com efeito, de um de seus filhos mais ilustres por muitas e variadas razões, dentre as quais sobressaem: as virtudes intelectuais e morais de que é possuidor, os largos e relevantes serviços prestados no terreno da educação, e a figura de pai da família exemplar, de que dão vivo testemunho os filhos, todos eles muito bem encaminhados na vida.

No momento em que o nosso país padece os efeitos da corrupção moral e da degradação dos costumes, nada vem mais a propósito do que a homenagem em apreço. Chama-se pelo menos, com ela, a atenção das pessoas em geral, e dos jovens em particular, para a importância do serviço desinteressado em favor do semelhante, para o fato de que, ontem como hoje, só a prática das virtudes cívicas e morais pode levar o ser humano a viver bem consigo mesmo e com a sociedade a que pertence.

Ao querido professor José do Vale volto a fazer o mesmo cumprimento que lhe dirigi ontem, em forma de trova para dele não me esquecer jamais:

"Professor José do Vale  
- como se diz em geral -  
merece dele se fale  
sempre bem, bem nunca mal".

**Crato(Ce), 18 de abril de 1994.**

## 1911 - PADRE CÍCERO E ANTÔNIO LUÍS

J. de Figueiredo Filho

Pela lei 1028, de 22 de julho de 1911, a vizinha Juazeiro do Norte passou a ser município autônomo. Estava no tempo de isso acontecer, pois, aquele distrito do Crato prosperara bastante, à sombra do prestígio do Padre Cícero Romão Batista. O mesmo acontecera, em 1822, em sentido mais amplo, quando o Brasil quebrou a tutela lusitana, como filho que se separa dos pais, na idade de encarar a vida, pelo próprio trabalho.

Antes da chegada daquele dia auspicioso para os juazeirenses, houve lutas tenazes, de lado a lado, não pelas armas mortíferas, mas pela violência da pena.

Antônio Luís Alves Pequeno, o terceiro, pois seu pai e avô possuíam idêntico nome e sobrenome, pertencia à geração de homens de fibra, valorosos. O segundo, vindo de Icó com o genitor, já alquebrado pelos anos, fez muito bem a Crato, cooperando para a construção do Seminário e da Casa de Caridade. Foi muito amigo do seminarista Cícero Romão Batista, ajudando para seu estudo, no Seminário de Fortaleza. Havendo certa dificuldade para a sua ordenação, viajou até à capital, com o fim de remover os empecilhos, junto ao primeiro Bispo do Ceará, o santo varão D. Luís Antônio dos Santos. Tudo ficou sanado com a intervenção valiosa do seu protetor.

A amizade entre o Padre Cícero e Antônio Luís (3) deveria ter alicerces bem profundos. A política os afastou para depois reuni-los, com laços bem sólidos, de 1913 para 1914.

Os jornais que se engalinharam, antes da separação de Juazeiro, de Crato, eram "O Debate", juazeirense, tendo como diretores Dr. Floro Bartolomeu, espécie de lugar-tenente do Padre Cícero e o desafortado Padre Alencar Peixoto. Excediam-se pela virulência de linguagem. O contendor cratense, "Correio do Cariri", sob a responsabilidade de Antônio Luís Alves Pequeno, possuía dois redatores, que seguiam a mesma cartilha em veemência e desaforos. Um era meu pai - José Alves de Figueiredo-parente do Padre Cícero e o outro, Dr. Raul de Sousa Carvalho, da magistratura cearense e irmão de futuros magnatas do comércio do Rio e São Paulo.

Convém chamar a atenção para o fato de que a imprensa brasileira nasceu sob o signo da virulência dos artigos. Acirrando os ânimos, provocou o fechamento da Assembléia Constituinte, a 12 de novembro de 1823, pelo Imperador D. Pedro I. Primava o estadista que deu Constituição a dois países, pelos arraigados resquícios do absolutismo que sorvera na juventude.

Incentivando ânimos, com embates terríveis, graças a Deus não se chegou a choques armados.

A inauguração do Município de Juazeiro, vitória natural do bom senso, ocorreu a 4 de outubro de 1911, debaixo de festas retumbantes.

De pouco a pouco, os ânimos, entre as duas cidades, serenaram. Antônio Luís e meu pai - José Alves de Figueiredo-aciolinos de quatro costados, voltaram à velha amizade com o Padre Cícero. Colocaram-se, com os correligionários cratenses, ao lado da revolta de Juazeiro contra o governo do Ten. Cel. Franco Rabelo, riscado então das boas graças do poderoso chefe do Partido Republicano Conservador, manejador do governo do Marechal Hermes da Fonseca, Senador Pinheiro Machado.

Antônio Luís, homem de atitudes firmes, tendo, em 1904, chefiado o movimento contra o prepotente intendente do Crato, José Belém de Figueiredo, até apeá-lo do poder, ficou francamente ao lado do Padre Cícero e do Dr. Floro, sintonizando com os chefes da política do Acioli, seu contra parente. Mudou-se para a cidade revoltada e, na qualidade de deputado estadual, foi dos secretários da Assembléia Revolucionária. Fabricou balas de rifles, em pequeno aparelho e, na tomada de Crato, pelos romeiros, forneceu-lhes quarenta rifles e munições, que guardara ocultamente entre duas paredes. Convém frisar que a polícia, aquartelada em Barbalha, não tomou parte na defesa de Crato.

Não foi luta de minha cidade, onde o Padre Cícero nascera, como igualmente o então deputado Antônio Luís e sim do primeiro, com o Dr. Floro, contra o Ten. Cel. Marcos Franco Rabelo. Este não teve a diplomacia de ajeitar o sacerdote que desfrutava intenso prestígio no sertão. Provocou-o acintosamente, acirrado por áulicos desconhecedores do que se passava no Cariri. Todos os aciolinos, perseguidos pelos rebelistas, deram integral apoio à rebelião, direta ou indiretamente. Meu pai Zuza de Figueiredo, teve que ausentar-se de Crato, para a fazenda Alecrim, em Granito,

Pernambuco, propriedade do comerciante cratense, Henrique Fernandes Lopes, ele que fora ardoroso jornalista a combater Juazeiro, nos prelúdios de sua emancipação municipal. A família ficou no sítio Lameiro, sob os cuidados do Cel.Nelson da Franca Alencar que, apesar de aciolino, era poupado pelo seu imenso prestígio pessoal.

Após a queda de Crato, derrota dos partidários de Franco Rabelo, romeiros fizeram visita amistosa ao Cel.Nelson. Assisti-lhes o desfile, ainda criança. Marchavam em ordem, sem cadência militar, todos de lenço encarnado ao pescoço, chapéu quebrado à frente, alpercatas de rabicho, calça e camisa, cartucheira e rifles 44. Não tocaram em ninguém, mesmo em rabelistas que viviam sob a proteção daquele prestigioso proprietário agrícola, de fibra inquebrantável. Sua personalidade impunha-se a gregos e troianos.

Tudo passou. Os romeiros ocuparam Fortaleza. Veio a intervenção federal. Homens de armas, desmobilizados, recolhidos ao Cariri, como sucede em qualquer convulsão, reuniram-se em bandos, brigando na própria cidade, ou investindo contra a criação da Chapada do Araripe. A polícia e só conselhos do Padre Cícero, paulatinamente, conseguiram pacificá-los. Voltaram ao trabalho. Juazeiro passou a progredir. Agora faz parte desse triângulo de cidades que avançam, marchando para um todo sólido e indivisível: Crato, Juazeiro do Norte e Barbalha. Até Missão Velha, em breve mudará a figura geométrica, a transformá-la em quadrilátero, para maior grandeza do Cariri cearense.

**Crato, 15.06.73.**

# **SOBREVIVENTE DA INSURREIÇÃO ACREANA, EM CRATO**

**Escreveu: J.de Figueirêdo Filho**

**(Da Academia Cearense de Letras e do Instituto Cultural  
do Cariri) - "A Ação", Crato, 13.02.69.**

Em Setembro último, estando eu no Sul, tive a oportunidade de ler no "Estado de S.Paulo" telegrama de Fortaleza, noticiando a morte do derradeiro sobrevivente da insurreição acreana. Residia na cidade de Maranguape.

Conheço outro que ainda vive e está totalmente lúcido. Tomou parte ativa na luta para a libertação do Acre da invasão boliviana, integrando-o definitivamente ao território nacional. É funcionário aposentado e chegou ao posto de alferes naquela campanha, quase que promovida por cearenses. Não é a primeira vez que é focalizado na imprensa fortalezense. O escritor Capitão Otacílio Anselmo e Silva, já publicou entrevista com ele, há vários anos, em torno de sua heróica atuação na luta de libertação acreana, iniciada em 1902, mas com antecedentes ainda ao encargo de outro patriota filho de Crato, o tabelião e folclorista José Carvalho. Trata-se de José Norões Maia, de tradicional família caririense, originária do português, integrante da revolução de 1817 e natural de Guimarães Francisco Pereira Maia.

Em 1902, na pujança de sua mocidade, como bom cearense estava nos seringais acreanos. Em dois de Março daquele ano, foi encarregado pelo patrão a receber mercadoria no seringal Vitória de propriedade de José Galdino de Assis Marinho que acabara de organizar batalhão patriótico e engrossar as fileiras dos lutadores brasileiros, totalmente desamparados do governo. José Norões embarcou em sua MONTARIA e tocou a desempenhar a sua missão comercial e corriqueira. Baixou, ou por outra desceu o rio até Porto Franca. No outro dia atingiu a zona confragada do Xapuri. Ali sentiu o cheiro da guerra. Foi imediatamente intimado por um sargento e 10 praças a comparecer à sede do batalhão patriótico. Aquele sub-oficial provisório não passava de outro filho de Crato - Antônio Barros Cavalcanti. O emprego de José Norões foi bastante humilhante. Mas guerra e guerra. Ficou encarregado de fazer a faxina do quartel improvisado.



Em certo dia, desembarcou naquele porto o comandante geral da insurreição - Plácido de Castro, em canoa e acompanhado de quatro soldados. Viu-o naquele mister tão ínfimo, ele que poderia perfeitamente empunhar uma arma e lutar. Foi logo dizendo em tom autoritário.

- Não quero homem para faxina e sim para brigar.

Incontinente, foi convidado a dar o seu nome para o batalhão. Quando acabaram de preencher aquela formalidade. O sargento que o recrutou exclamou sorridente abraçando-o:

- Minha gente é o Zezinho de Dulcina! (Sua genitora) Teve também a ventura de encontrar-se com seu primo - primeiro-sargento do batalhão patriótico - Joaquim de Almeida. Finalmente, toda aquela soldadesca arrancada dos seringais pela fé patriótica, procedia do querido Ceará do Sul, do norte, ou do centro.

Tornou-se amigo do médico, filho de Maranguape - Dr. Magalhães, que o recomendou diretamente ao ajudante de ordem de Plácido de Castro.

A vida de um praça provisório era dura, naqueles ermos sem a ajuda do próprio governo e a lutar contra exército regular de nação vizinha. José Norões na primeira diligência que compareceu por ato de bravura, passou a cabo e na segunda a sargento.

Em Outubro, José Galdino, sob pressão inimiga, em Volta da Empresa, pediu reforço ao quartel onde acantonava José Norões. Este foi o primeiro a oferecer-se como voluntário a atender tão urgente chamado. Foi por isso elevado ao posto de alferes que corresponde ao de segundo tenente de hoje. Os voluntários seguem logo para o seringal - CARAPATÁ, de onde Zezinho conduziu 10 homens para Telheiros. Na madrugada foram, atacados por forças superiores bolivianas, sendo estas fragorosamente derrotadas. A 28 do mesmo mês, na Volta da Empresa o inimigo foi totalmente rechassado pelos provisórios nacionais. O trabalho pior ali foi o sepultamento dos cadáveres, de ambos os lados, em adiantada fase de decomposição. O alimento já escasseava e a ração passou a ser CHIBÊ, farinha, água e rapadura, com pedaço de jabá, fedorento a defunto. Muito só faltaram botar as tripas pela boca.

Naqueles duros embates, conheceu de perto, em muitas ocasiões, a bravura e a dedicação do cearense - Cel. Alexandrino que gastou tudo o que possuía naquela campanha, sem qualquer indenização. Rolava ao chão, e, à faca de ponta, tomava trincheira adversária. Acabou sendo



assassinado. Foi autêntico herói digno de ser reverenciado pela Ceará. Diz José Norões que foi muito mais valente e decidido do que Plácido de Castro. Este recebeu todos os louros da vitória, além da indenização que a República mandou pagar.

O Alferes José Norões retornou ao barracão Caparatá, quando lhes chegou pedido imediato de socorro para o Xapuri, outra vez em delicada situação. Acompanha então o Tenente Júlio Tupi, com 40 praças. Naquele recanto encontrou inimigo mais temível de que o soldado boliviano - o impaludismo. O Dr. Magalhães e o Cel. Alexandrino providenciaram com urgência, o seu tratamento. Foi recolhido ao seringal do conterrâneo - Ezequiel Crato. Naquele recanto, chegou-lhe a notícia da ordem de deposição de armas, emanada do General brasileiro Olímpio da Silveira, enviado do Governo Federal. Começaram logo as injustiças com os fiéis lutadores.

Aquele ilustre militar nomeou para Juiz de Direito o leigo Vitorino. Iniciou sua gestão judiciária, obrigando os combatentes a pagar o atrasado aos patrões, durante os dois anos de campanha. José Norões teve de descontar 66 mil réis, quantia elevada para a época. Resolveu voltar para Crato, ao seio de sua família, casou-se depois. O tempo correu. Seu cunhado Dr. Raimundo de Norões Milfont, figura de importância, há anos atrás encaminhou os seus papéis, documentados a fim de receber subvenções que as leis lhe facultavam pela cooperação na liberação do Acre, agora estado da federação. O procurador a quem foi destinada tal documentação sepultou-a definitivamente. José Norões nada recebeu, nem em mil réis, nem em cruzeiros. Só teve a satisfação de, com seu esforço de jovem, ter cooperado em doar ao Brasil um vasto e fértil território, mais tarde transformado em próspero e promissor Estado.

# A FLORA E A FAUNA À SOMBRA DA BARAÚNA

José Peixoto Júnior

O cheiro de mato na poesia de Antônio Marchet Callou, poeta de Barbalha, no Cariri cearense, procede das caatingas marginais do riacho da Brígida, no sertão pernambucano, onde a infância e juventude do poeta desabrocharam e o seu viver adulto não as esqueceu.

A Sombra da Baraúna é a imagem da fazenda Abôbaras, guardião do que sobrou do cordão umbilical desse inspirado cultor da poesia. O nome da Fazenda está implícito em tudo, que o digam a imburana de cambão "Nascida há cinqüenta anos no terreiro, /e o juazeiro e o angico".

Mais de dez por cento dos títulos dos poemas do livro nomeiam animais e vegetais daquela ribeira, e no contexto a menção é vasta. Embevecido ante a fidelidade do autor aos seus pagos, saí em busca de pés-de-pau e bichos brutos inseridos nos versos ternos e eloqüentes desse eleito das musas.

Sem aquela premonição de Augusto dos Anjos "Debaixo do Tamarindo", Marchet à sombra do baraúna construiu "currais/de varinhas de ramo" para o seu gado de osso; foi pedido em casamento por "Uma jovem de faces cor de rosa", e por amor àquela de "porte e beleza feminina", volta para mostrar-lhe os cabelos brancos e as rugas faciais, vestígios ornamentadores deixados numa vida plena de vitórias.

A palmeira (do Caldas), único vegetal não sertanejo (salvo, e ainda em razão de uma folha morta, a castanhola; também incluído na exceção um cemiterial cipreste) sem ressaibo panteísta entronizara-se em "tosco altar de pedra", sozinha e saudosa, envolvida pela grinalda verdoenga dos ramos de trepadeiras. A outra palmeira paixão do pau-da-bandeira, do qual não se sabe o nome do pau, como se só existisse em função da palmeira ou, a despeito do seu enorme vulto vegetal, por indiferença do Poeta ao arvoredado do pé da Serra.

Do terraço o Poeta enxerga longe "um ipê, cuja sombra é símbolo de paz", de lá porém não viu as "canas nas moendas".

Na paisagem seca enfileirou representantes da flora local: baraúna, marmeleiro, quebra-faca, umbuzeiro, xique-xique,

icó, cipó, jericó; quando espalhou toda a ternura da sua alma: "meus jericós!"

O jericó é a mais expressiva figura vegetal na representação da resistência nordestina às secas, pois essa planta seca completamente sem morrer. As folhas enrolam-se sobre si mesmas até voltarem as chuvas. O carinho do Poeta por essa erva é não propositado manifesto da sua incomensurável bondade para com os desprotegidos.

A respeito de pássaros o Poeta foi igualmente fiel à caatinga. Não lhe impressionou o "alarido louco de estrangeiro" (Napoleão da Luz) do pardal, avezinha chegada aqui no começo do século, de origem afro-asiática. Registrou a "paisagem tristonha em que o sol queima o bico/do pardejo e louro, xexéu, bem-te-vi, /do canário, da rola e do tico-tico/ e da asa branca". Fez comparações: "Ela era alegre, uma guriatã" ou "Olhar que voa, mais do que um colibri!". Quase frustra-se ao pretender ouvir "as casacas-de- couro (que) não acordavam".

A penalta do vizinho, em estado de viuvez e capenga por atropelamento, enchia o espaço ao derredor com "a sua voz de metal", desde o quebrar da barra ao "entrar da noite", em marteladas na bigorna como se fora "araponga" ou "ferreiro".

O Poeta não quis reconhecer ao galo a capacidade de medir o tempo à noite, motivo da indagação "por que é que os galos cantam/ quase toda madrugada", com a tolerância da "galinha" ao canto, porém indiferente/que "goste ou não/ o capão e a passarada".

Fornido, afeito ao perigo, o Poeta jovem montava "em burros brabos". Os tabuleiros formigavam de jumentos. Não os viu. Ouviu- os relinchar a horas certas, daí sentenciar: "Jumento - és o relógio dos sertões".

Quanto aos animais alados, bichos pequenos, insetos, um é personagem na anedota de português; a outro aconselha: "Não queiras voar". E preocupado: tuas asas são "tão fragezinhas", vê o meu exemplo, "Eu fui na conversa (de que) cobra que não anda não pega caçote". Noutra passagem define: "As borboletas são desenhos multicores/são leves, tão suaves/como coisa nenhuma". Atento, percebe à luz do dia que "U'a cigarra canta", enquanto "coaxam à noite as orquestras de rãs".

Nas margens do Brígida, onde "tudo é livre no seio selvagem: o tigre, o novilho, o tatu, a seriema".

No retrato psicológico do "orgulho da propriedade", o qual "crê que é dono do dono", somente quem viveu aquelas

oportunidades e é poeta pode desejar "ser ao menos a metade/do que (aquele) touro empavonado pensa".

Aí estão todos os seres vivos arrebanhados pelo Poeta e por ele encantoados À Sombra da Baraúna.

*(Publicado na Revista do Escritor Brasileiro, Literatura, Brasília, Junho, 1994)*

**José Peixoto Júnior é autor de  
Bom-Deveras e seus Irmãos.**

## MEMÓRIA

### XAVIER DE OLIVEIRA

Repercutiu dolorosamente, em todo o país, a notícia da morte, no Rio de Janeiro, a 6 de Fevereiro do corrente ano, do ilustre cearense Dr. Antônio Xavier de Oliveira, que tanto soube honrar as nossas tradições culturais.

Médico, escritor, sociólogo e político, foi relevante a sua ação nas várias modalidades de seu labor intelectual, numa constante demonstração dos seus inconcussos merecimentos.

Nascido a 8 de Outubro de 1892, na cidade cearense de Joazeiro, desde cedo se deu ao estudo dos problemas brasileiros, penetrando, particularmente, o sentido do banditismo do nordeste cujas causas fixou, num dos seus primeiros livros - *Beatos e Cangaceiros* - como sendo o analfabetismo, a ausência de justiça, falta de trabalho, exiguidade de salário e politicagem. Fez de sua vida um apostolado da mais nobre campanha cívica, focalizada superiormente em *Redivisão Política e Territorial do Brasil* - considerada uma das mais notáveis publicadas sobre o assunto. Quiz ele, no seu sonho de patriota e nacionalista, que o Brasil marchasse, em sua maravilhosa unidade física e espiritual, para um grandioso futuro e, neste sentido, dedicou toda a sua força mental e cultural. No parlamento, a sua voz se ergueu com estranha eloquência contra a imigração japonesa, pelo receio da formação de perigosos quistos raciais de consequências imprevisíveis para o futuro da pátria. Era assim invencível na defesa das suas idéias. Bateu-se com vigor

pela localização de corpos de tropa no interior do país, para evitar o deslocamento dos sertanejos sujeitos ao serviço militar como também tendo em vista a ação civilizadora do exército. Deve-lhe o Ceará as medidas iniciais relativas à federalização da nossa Faculdade de Direito e a inserção nos orçamentos da União de inúmeras dotações financeiras para os serviços públicos e instituições beneficentes.

Muito embora vivesse na metrópole, passou a vida com o pensamento voltado para o seu rincão natal unido pelo coração aos sofrimentos dos seus irmãos nordestinos, tudo fazendo para dar-lhes o que estivesse ao seu alcance. Em cada gesto mostrava o encanto de sua personalidade inquieta, animosa e magnânima, de homem de ação que sabia transmitir aos outros o dinamismo dos seus movimentos. Morreu subitamente, em plena maturidade, quando ainda muito podia dar à nossa terra, no sentido científico, cultural e político.

Deixou publicado: - Album dos Doutorados, Rio 1918; Beatos e Cangaceiros, estudo de psicologia social, ilustrado, Rio, 1920; O Magnicida Manso de Paiva, tese de docência livre. Rio, 1928; Intercâmbio Intelectual Americano, edição do Ministério das Relações Exteriores, 1930; Espiritismo e Loucura, Rio, 1931; O Exército e o Sertão, Rio, 1932; Na Assembléia Constituinte, Rio, 1934; O Problema Imigratório na América Latina, Rio 1934; Cardeal Paccelli no Brasil, Rio 1942; Do Direito de Testar dos Insanos, Rio, 1946; Trabalhos de Psiquiatria Clínica (estudos - contribuições pessoais - pesquisas originais), Rio, 1946; e Redivisão Política e Territorial do Brasil, 1946. Deixou inéditos - À Margem da Universidade (Problemas do Ensino Perfis Médicos); e Projetos e Discursos Parlamentares.

Com a sua morte desaparece uma das mais belas manifestações da mentalidade cearense.

*(Revista da Academia Cearense de Letras, nº 25, ano 57, de 1953. Quando o Dr. Xavier de Oliveira nasceu, as terras de Juazeiro do Norte ainda integravam o Município do Crato)*



# **200 ANOS DO SENADOR ALENCAR**

**(Discurso na Câmara Municipal do Crato)**

**José Ribamar Sampaio Pinto**

**Senhor Presidente**

**Senhores Vereadores:**

O calendário histórico do Ceará viu decorrer no último domingo, dia 16, a efeméride dos 200 anos do SENADOR JOSÉ MARTINIANO DE ALENCAR, dos vultos principais da história do Ceará e do Brasil.

Entendo que a Câmara Municipal do Crato não poderia deixar passar em branco tão marcante acontecimento, mesmo porque o nosso Poder Legislativo esteve ligado aos fatos da existência cívico-política do eminente cearense, e mesmo porque é nosso dever render um culto á história regional.

Por isso, requeiro que este meu pequeno pronunciamento fique nos Anais desta Casa, e seja devidamente registrado, para mostrar, no futuro, que não ficamos omissos com data tão significativa.

O Senador José Martiniano de Alencar nasceu ás margens do Salamanca, no antigo povoado de Barbalha, então pertencente ao Município do Crato, em fazenda que ali possuíam os seus pais, o comerciante português estabelecido em Crato, José Gonçalves dos Santos e a heroína Bárbara de Alencar.

Esse fato se deu a 16 de Outubro de 1.794.

Alencar, ainda seminarista, estudando no Seminário de Olinda, foi encarregado de vir pregar e fazer rebentar a Revolução Pernambucana de 1817 em terras cratenses. Fez isso com o maior destemor cívico, e amargou duros revéses em sua vida e com os seus familiares, passou anos nas prisões de Fortaleza, do Recife e Salvador, de onde somente saíram em 1820. No cumprimento dos ideais revolucionários, proclamados em 3 de Maio de 1817, esteve no recinto desta Câmara, onde destituiu símbolos e autoridades portuguesas, antes da contra-revolução.

Em 1821 ei-lo eleito á constituinte portuguesa, como representante do Brasil. E em 1824, novamente no Ceará, ajudou o irmão Tristão Gonçalves na Confederação do



Equador, como havia ajudado na formação da expedição cearense, do qual o mesmo foi chefe, para libertar o Piauí e o Maranhão, que ficaram fiéis a Portugal depois do 7 de Setembro. Em ambas as causas, contou com o integral apoio da Câmara do Crato.

Nosso conterrâneo foi Presidente, como se chamava antigamente, do Ceará, por duas vezes: de 1834 a 1837 e de 1840 a 1841, quando criou a Polícia Militar, combateu o banditismo e iniciou obras contra as sêcas, estradas, o porto de Mucuripe, etc.

Foi Senador do Império e Ministro da Justiça.

Um nome aureolado de glórias que é justo motivo de orgulho da brava gente cearense, sendo o pai do romancista José de Alencar.

A Câmara do Crato não poderia se omitir ante uma efeméride tão marcante. É a nossa opinião, e, acredito, a opinião dos nossos pares com assento nesta Casa.

**José Ribamar Sampaio Pinto - Vereador**  
**24 de Outubro de 1994**

# ESTUDOS REGIONAIS

Dr. Napoleão Tavares Neves

## "BEBIDAS" DE GADO DO CARIRI

Outrora, quando o platô da Chapada do Araripe era um largo só, sem cercas e sem divisões, tudo terra devoluta do Governo coberta de mata nativa, fazia-se ali a maior solta de gado talvez do Nordeste! Ali era o enorme e verde paraíso dos vaqueiros! O Edem devia se ali! Quando a seca apertava, de julho para dezembro, e nos sertões pernambucanos não havia mais uma só folha sequer "para tapar um chocalho", nem um talo de capim, nem um espelho d'água de um açude, o sertanejo enchocalhava o gado e o tocava para a Chapada do Araripe que chamava intimamente de apenas "Serra" e ali soltava suas reses livres", de canga, cambão e corda", como se diz vulgarmente, na tentativa heróica, última esperança, de salvar o seu rebanho até às chuvas do próximo inverno no sertão. "Asa Branca", nasceu desta espera! Luiz Gonzaga apenas a estilizou. Soltava todo o gado no largo da Serra, dizendo num desabafo melancólico: "Quando chover no sertão que faça água e babugem, venho buscar meu gado e o que escapar é lucro! Melhor do que morte certa de fome!" Nestas ocasiões sobrava sempre um tom de melancolia na fisionomia de cada um, proprietário e vaqueiro, irmanados naquele determinismo climático! Assim, o platô da Chapada do Araripe recebia 10 ou 12 mil reses identificadas pelo ferro da fazenda que o vaqueiro conhecia de longe por conhecer "pelo cabelo" todo o gado da sua "entrega". E cada vaqueiro ficava semanalmente vigiando o seu gado, "campeando" às vezes diariamente, curando uma bicheira, enchocalhando uma vaca amojada, serrando os chifres de um barbatão, curando uma picada de cobra com rezas e garrafadas. E o gado solto na planura sem fim da Serra que parecia ser do tamanho do mundo, sem limites e na mais absoluta liberdade, ia para onde queria, matando a sua sede nos únicos lugares onde havia água, nas chamadas "bebidas" de gado, nas caudalosas fontes do sopé da grande Chapada.

O gado descia para as fontes de águas límpidas por ladeiras nas escarpas da Serra, algumas delas quase naturais, feitas pelo próprio pisoteio constante das reses subindo e descendo, sobretudo nas noites, quando os vaqueiros estavam ausentes e o sol cedia lugar à lua, sem o calor escaldante dos dias.

O vaqueiro zeloso que quizesse ver seu gado ficava "arranchado" á sombra das árvores nas "bebidas", cavalo descansando e comendo ração de milho do "surrão" de couro cortido, em "mochilas" de pano "de mandapolão" ou "riscado" ou mesmo sola. E o fogo aceso em trempes de pedra, assando carne de alforge para as refeições com farinha, rapadura e queijo, na "mesa" da própria tampa do alforge. O manjar da Bíblia não podia ser mais gostoso! Alí o ambiente era de alegria, descontração, conversas animadas, cada um contando as suas bravatas e seus "causos".

Tomei parte em tudo isto, quando menino, acompanhando os vaqueiros do meu pai, todos eles íntimos como se fora parentes.

E eu achava tudo aquilo uma delícia e jamais conseguirei esquecer o gosto salgado da carne de alforge, com o sal entranhado na carne pelo choto ou trote dos cavalos. Em cada "bebida" de gado havia sempre um curral para prender alguma rês que precisasse ser laçada para um benefício qualquer.

E o foguinho ficava aceso o dia todo, sempre alimentado por varas de murici. Ao meio dia sobrava sempre tempo para uma soneca à sombra das seculares árvores que toda "bebida" de gado tem. Algum vaqueiro mais comodista ainda estendia a sua rede conduzida na "maca" feita de couro peludo de carneiro.

Para mim as "bebidas" de gado do Cariri representam uma forte nota de sentida saudade da meninice e juventude, sempre com muita poesia e romantismo que o tempo não foi capaz de afastar da minha lembrança. Aquilo, sim, era vida!

As principais "bebidas" de gado da minha lembrança são, hoje algumas desativadas, outras ainda resistindo ao tempo:

"Caldas", em Barbalha, que na grande seca de 77 salvou da sede todo o rebanho bovino dos sertões pernambucanos. Hoje, desativada, fica dentro do próprio balneário da famosa estância de repouso. Até Lampião matou a sede do seu bando na "bebida" do Caldas, quando em junho de 1926 veio a Juazeiro integrar-se aos "Batalhões Patrióticos" do Dr. Floro Bartolomeu, para combater a "Coluna Prestes" na sua possível passagem pelo Cariri. "São Joaquim", em Barbalha, pouco caudalosa, mas estrategicamente situada.

"Mondéis", também em Barbalha, muito escondida pelas dobras da "Serra", preferida pelo gado mais arisco. "Cocos", em Barbalha, talvez a mais frequentada pelo gado e, conseqüentemente, pelos vaqueiros, por ser isolada, tranquila, de difícil acesso e ficar em frente à mata nativa que o IBAMA ainda consegue conservar, a duras penas, no platô da Chapada. Uma beleza de fonte, com uma cachoeira natural de

três metros de queda, ensombrada por árvores seculares no meio do palmeiral do pé de serra. Uma beleza de fonte que vê o Cariri sem ser vista e por isto era a preferida pelos cangaceiros Marcelinos no fim da década de 20. Ainda hoje rústica como outrora, felizmente! "Vate retro", progresso! "Pendência" caudalosa e romântica, em Missão Velha, ao lado da vilazinha de Gameleira de São Sebastião onde uma palmeira nasceu por dentro do robusto caule de uma "barriguda" e cresceram harmoniosamente, mostrando um belo exemplo de solidariedade vegetal, provando que apoio não divide, nem subtrai, mas soma! Mas o homem não aprende a lição! "Cafundó", também em Missão Velha, domínios do coronel Antônio Furtado, compadre do meu avô, Né Rosendo.

"Nascente Grande do Saco", em Porteiras, servida por íngreme ladeira que faz o gado subir por estágios. Alí passei belas manhãs esperando gado só por esperar, sem compromisso de nada que não o de desfrutar a vida natural nos amplos domínios do meu avô, o pacato coronel Né Rosendo, dono das terras e da fonte! "Boca da Mata", em Jardim, fria e romântica. "Gravatá" em Jardim.

"Olho d'Água dos Martins", em Jardim. "São José", entre Jardim e Porteiras.

No platô da Chapada apenas três "bebidas" de gado temporâneas que secavam em junho, por serem "barreiros" feitos na enxada ou lagoas naturais: "Malhada Grande", em Porteiras, terras do meu avô, Né Rosendo; "Malhada Funda", em Missão Velha, hoje aterrada pelos tratores do progresso; "Cacimbas", em Jardim, hoje um povoado, onde Lampião deixou a sua marca de bandoleiro no dia 1º de fevereiro de 1927, na prisão e fuzilamento do fazendeiro Pedro Vieira Cavalcanti que alí esperava o seu gado. Crime inominável, primeiro sequestro do Cariri com cobrança de cinco contos de resgate! Tenho, ainda hoje, um carinho muito grande pelas "bebidas" de gado do Cariri onde vivi momentos de puro devaneio na minha meninice, em contacto íntimo com a vida natural, desfrutando as coisas naturais que a Chapada do Araripe oferece ao caririense e dele só espera aquilo que não vem recebendo: respeito por sua natureza!

A Chapada do Araripe tudo nos dá e de nós pouco exige, sobrando deste desigual relacionamento aquela frase dos cartões postais:

"O sândalo perfuma o machado que o corta"!

**Barbalha, 13.10.94.**

## **A CHAPADA DO ARARIPE E O CARIRI!**

Segundo Herôdoto, o Egito é uma dádiva do Nilo!

O mesmo se poderá dizer do Cariri que é, por tudo em tudo, uma dádiva da Chapada do Araripe!

Sabemos que o platô da grande chapada é uma verdadeira concha de arenito aberta para os céus que recebe as águas das chuvas e as armazena em um grande lago subterrâneo muito mais volumoso do que a Baía de Guanabara, cujo fundo é forrado por um lençol de calcáreo inclinado para o lado do Ceará, fazendo com que suas águas, por gravidade, corram mais para o Cariri cearense, deixando os sertões de Pernambuco apenas com minadouros e olhos d'água nos seus pés de serra.

Assim, todas as grandes fontes de água do sopé da Chapada do Araripe jorram abundantemente para o lado cearense da grande Chapada que separa o Ceará de Pernambuco numa extensão aproximada de 180 kms com uma média de 60 Kms de largura. Capricho da Natureza! 748 mil hectares! Mas a Natureza é sempre justa e compensou Pernambuco com a maior reserva de gipsita do Brasil, em Araripina, que chega a abastecer 90% do giz consumido em todo o Brasil, sem falar nas numerosas indústrias de gesso que contribuem com 70% do I.C.M. daquele florescente município pernambucano dos chamados sertões do Araripe. Há uma infinidade de subprodutos da gipsita saídos da industrialização.

Não é uma compensação de belezas naturais, mas é uma notável compensação econômica.

Aproximadamente, são 210 fontes de águas límpidas e potáveis que se localizam sobretudo nos municípios de Crato, Barbalha, Missão Velha, Abaiara, Brejo Santo, Porteiras, Jardim, Nova Olinda e Santana do Cariri, formando um verdadeiro rosário de fontes de águas cantantes que, saindo da raiz da Chapada, descem de cascata em cascata para irrigarem as terras sopedâneas, não raro chegando até aos baixios de aluvião que desde 1718 cultivam cana-de-açúcar para rapadura, vocação agrícola do Cariri que a partir de 1976 voltou-se também para a produção de açúcar e álcool.

Tais fontes também abastecem de água boa e pura as cidades do Cariri e dessedentam o rebanho bovino que periodicamente pasta no platô da grande Chapada, atingindo



a elevada cifra de 7 a 8 mil reses, sobretudo vindas dos sertões pernambucanos quando lá faltam verde e água.

As chamadas "bebidas de gado" do sopé da Chapada são ligadas ao platô da mesma através de ladeiras que funcionam como verdadeiros corredores naturais por onde desce e sobe o gado livremente. Tais bebidas de gado são o paraíso dos vaqueiros que nelas se aboletam o dia todo a espera do gado que vem matar a sede. Ali os vaqueiros comem carne assada de alforge, rapadura com farinha e queijo, ao tempo em que podem rever todo o gado durante o período de seca, de junho a dezembro. É o lado ameno da dura labuta com o gado no Cariri!

### **AS PRINCIPAIS FONTES DE ÁGUA DO CARIRI SÃO:**

#### **Em Barbalha: 40 fontes:**

Caldas, 5 fontes, inclusive uma bebida de gado, Riacho do Meio, 2 fontes, Flores, 3 fontes, Silvério, 2 fontes, Santa Cruz, 2 fontes, Saco, 2 fontes, Macaúba, 2 fontes, Farias, 3 fontes, Melo, 4 fontes, Santa Rita, 3 fontes, afora São Joaquim, Brejinho-Cocos, Mondéis, Podres, Caldas dos Rocha, Guaribas, Sozinho, Podres do Arlindo, Loanda, Tamanduá, Saco dos Gregórios, Saco dos Callou, todos com uma fonte, cada.

Só no Caldas são 42 metros cúbicos de águas por hora!

A chamada Fonte do João Coelho, do Caldas, chegou a mover simultaneamente e sucessivamente, por gravidade, as rodas d'Água de três engenhos de rapadura: Riacho do Meio, Chapada e Brito!

Todas elas são verdadeiros mananciais de águas puras, cristalinas e de extraordinária potabilidade, filtradas pelo filtro natural de arenito de 300 metros de velas da colossal Chapada do Araripe, mãe dadivosa do Cariri e nem por isto tratada com o carinho que merecia!

Entre estas bucólicas fontes há quatro famosas bebidas de gado: Caldas, Mondéis, São Joaquim e Cocos, esta última a preferida pelos cangaceiros Marcelinos que inquietaram as noites do Cariri nos anos de 27 e 28 sobretudo. Nesta fonte, ainda hoje de difícil acesso, há uma cachoeira de mais de três



metros de altura em plena mata nativa! Uma beleza! Só vendo para se acreditar que é Nordeste!

### **Em Crato: são 69 fontes.**

Romualdo, 3 fontes, Chico Gomes, 5 fontes, Romeiros, 2 fontes, Coqueiro, 2 fontes, Grangeiro, 3 fontes, Loanda 3 fontes, Preguiça, 3 fontes, Coruja, 3 fontes, São João, 2 fontes, Bebida Nova, 3 fontes, Valverde ou Lopes, 4 fontes, Guaribas, 2 fontes, Almécegas, 2 fontes, Cabreiro, 2 fontes, Santa Rosa, 3 fontes, Engenho Velho, 2 fontes, Santa Cruz, 3 fontes, Fábrica, 2 fontes, afora Caiana, Belmonte, Cinzeiro, Bocaina, Boa Vista, Céu, Olho D'Água, Carrapato, Rosário, Trindade, Coité, Genipapeiro, Riacho Vermelho, Engenho da Serra, Brejinho, Riacho Fundo. Constantino, Baixa, Limoeiro, Batateira, todos com 1 fonte cada.

Vale a pena dizer que a famosa Fonte da Batateira é tão caudalosa que já produziu até energia elétrica hidráulica para iluminar o Crato até a década de 60! No ginásio ainda estudei à luz elétrica oriunda da Fonte da Batateira! Por outro lado, quem no Cariri ignora a famosa Lenda da Pedra da Batateira? Aquela enorme pedra ali fora colocada pelos índios Cariris, obstruindo a saída da fonte em represália ao homem branco predador do seu paradisíaco patrimônio natural a partir do princípio de 1.700, aproximadamente. Se um dia a Pedra da Batateira rolasse, seria um dilúvio no Cariri, diziam os antigos, propagadores da lenda que atravessou os tempos! Pelo visto, Crato não é somente a Princesa do Cariri, mas também a Rainha das suas águas, com o maior número de fontes!

### **Em Jardim: são 28 fontes:**

Boca da Mata, 3 fontes, Brejinho, Belo Horizonte, Laranjeira, Olho d'Água, Cumbe, Marinheiro, Gravatá, Boa Vista, Açude, Bom Jesus, Água Branca, Lameirão, Jardim, Santos Dumont, Santana, Canto, Catolé, Sacada, Guedes, Areias, Lopes, Sozinho, Morotó, Mata, Riachão, todos com uma fonte cada.

De todas elas, a mais caudalosa é Boca da Mata de onde vai água canalizada para a cidade de Jardim.

Entre elas há duas frequentadas bebidas de gado: Boca da Mata e Gravatá. Os dois banhos de bica mais deliciosos são Marinheiro e Belo Horizonte, sítio onde nasci e em cujas águas tomei o primeiro banho. Sou afetivamente ligado a chamada

"Bica de Zé Neves", do sítio Belo Horizonte. Uma delícia de banho!

Em Santana do Cariri-Nova Olinda: são 23 fontes: Queimada, Olho d'Água, Azedos, Palmeira, Pontal, Saco Grande, Buxixé, Gitó, Nelo, Ventura, Sítio, Ribeiro, Palmeira do Brejo, Bois, São Gonçalo, Nicácio, Genipapeiro, Bonito, Pedra Branca, Buriti, Conceição, Canção, todos com uma fonte, via de regra, pouco caudalosa, porque a Chapada do Araripe já vai dobrando para Pernambuco.

### **Em Brejo Santo:**

são 4 fontes, afora outras menores aqui não computadas por falta de informação: São Felipe, 2 fontes, Salvaterra, 2 fontes.

Isto do Pontal do São Felipe, entre Brejo Santo e Abaiara e o Pontal do Simão, entre Brejo Santo e Porteiras.

### **Em Missão Velha:**

são oito fontes maiores, afora outras menores aqui não computadas por falta de informação: Pendência, caudalosa fonte, famosa bebida de gado, refúgiu cearense de Lampião, Silvério, Serra do Mato, Cafundó, Aleixo, Jamacarú, várias fontes, inclusive Pinheira que abastece a cidade de Jamacarú.

Destas fontes há duas famosas bebidas de gado: Pendência e Cafundó.

### **Em Porteiras: são 24 fontes.**

Saquinho, 3 fontes, Laranjeira, 2 fontes, Santo Antônio, 2 fontes, Massapê, 3 fontes, Santo Antônio de Baixo, 2 fontes, afora Marroque, Saco, Gitó, Correntinho, Santa Cruz, Mata, Prata, Sobradinho, São José, Boa Vista, Guaribas, Simão, todos com uma fonte cada. É bom que se diga que, em Porteiras é onde a Chapada do Araripe tem a sua maior altitude e há praticamente uma fonte em cada depressão do solo! É realmente impressionante o número de minadouro, olhos d'águas e brejais! Incontáveis até! A fonte mais caudalosa é a chamada Nascente Grande do Saco de onde vai um quinto da sua capacidade canalizada para a cidade de Porteiras, numa

extensão de 7 kms. Alí a temperatura em junho desce a 10C° nas madrugadas!

Destas fontes duas são bebidas de gado: Saco e São José.

Por tudo isto, e por muito mais ainda, temos de nos conscientizarmos de que o Cariri é uma dádiva da Chapada do Araripe que deve e precisa ser preservada e melhor tratada pelo homem caririense e pelos governos de todos os níveis.

O homem do Cariri que da Chapada do Araripe tudo recebe, inclusive o seu apazível micro-clima no verdadeiro fogaréu sertanejo do Nordeste, tem sido, infelizmente, um grande predador da sua natureza.

**SALVEMOS A CHAPADA DO ARARIPE PARA SALVARMOS  
O CARIRI QUE DELA DEPENDE EM TUDO!**

**Barbalha, 31.08.94. Napoleão Tavares Neves.**

## **ERA JARDINENSE A VISCONDESSA DE JAGUARIBE!**

As guerras, as revoluções, são sempre intolerante em todas as partes do mundo. Bom mesmo é a PAZ! Daí o ínclito marechal Juarez Távora, depois de haver tomado parte em tantas revoluções, haver dito, melancolicamente: "É preferível um mau governo do que uma boa revolução"!

Pois bem, nos movimentos revolucionários de 1817 e 1824 houve em Jardim radicalismos inconsequentes, sangue humano derramado a troco de nada, fuzilamentos, esquartejamentos, castrações! Incrível violência ensopou de sangue humano o dadivoso solo jardinense em nome da República ou da Monarquia, com a vida humana nada valendo! Matava-se por matar! Não se sabia de que lado estava a lei, mas, pelo que houve em Jardim, a lei não estava alí do lado de ninguém!

Arrancaram Frei Porciúncula do altar da Matriz de Santo Antônio e o esquartejaram em plena via pública, no patamar do próprio templo. Incrível! Talvez nem ele mesmo soubesse porque estava sendo sacrificado, nem os que o matavam soubessem porque o estavam matando! Parece que a sede de sangue humano queria uma vítima qualquer e as futricas políticas indicavam quem deveria morrer.

Era o império do ódio e do desmando em nome da política que, por definição, deve ser a arte de bem governar.

Pois bem, um dos crimes inomináveis daquele movimento de 1824 foi, certamente, o cerco e o incêndio da casa-grande do Sítio Engenho Velho, arredores da cidade da qual é separado apenas pelas águas mansas do Rio Jardim. O seu proprietário, Leonel Pereira de Alencar, irmão de Dona Bárbara Pereira de Alencar, para não ser tragado pelo fogo, saltou para fora da sua casa com seu filho, Raimundo Pereira de Alencar, sendo ambos sumariamente fuzilados. Leonel Pereira de Alencar, havia tomado parte no Grande Conselho da Confederação do Equador, em Fortaleza, logo que Dom Pedro I dissolveu, arbitrariamente, a Constituinte de 1823. Seria este o seu crime? Parece que misturaram política nacional, política local e questões de água no cadinho da intolerância, e o resultado foi um crime bárbaro por todos os títulos.

Durante o cerco, sua esposa, Maria Xavier de Carvalho Alencar, grávida, consegue fugir do fogo cruzado dos contendores, ferida na mão, subindo à Chapada do Araripe e lá, dentro de uma moita, deu à luz a uma criança que receberia o nome de Clodes Alencar, sobrinha que era de Dona Bárbara. Logo que os ânimos serenaram, a inditosa senhora voltou ao seu sítio e encontrou a casa destruída pelo fogo e mortos seu esposo, um filho, um cunhado e outros. Sua família estava praticamente destruída, pois.

Em face disto, seu sobrinho, cônego José Martiniano de Alencar, resolveu levá-los para Fortaleza. A pequena Clodes Alencar, nascida no mato, no topo do chapadão araripano, sem parteira e talvez até sem ter quem lhe cortasse o cordão umbilical, cresceu como todas as crianças, certamente indiferente àquela inominável tragédia. Como o destino, muitas vezes, traça com mãos mágicas, o futuro das pessoas, Clodes Alencar teria um futuro de sucesso para si e para seus descendentes! Moça prendada, casou-se com o Dr. Domingos José Nogueira Jaguaribe, Barão de Jaguaribe, magistrado, Deputado Geral e Ministro do Império.

Assim, aquela menina nascida no mato como índio, que parecia sem mínimas perspectivas de vida, passou a ser a Viscondessa de Jaguaribe, deixando uma prole plenamente vitoriosa na vida.

Basta que se diga que é seu bisneto o famoso cientista político, Dr. Hélio Jaguaribe, que tantas vezes já vimos pela televisão! Até parece conto de fadas!

Tudo isto atesta a bravura nunca desmentida do Alencar que, se baixa a cabeça, é para levantar logo depois com bravura, altivez e ousadia!

**Napoleão Tavares Neves.**  
**Barbalha, 27.06.94.**

## **SETECENTOS ANOS!**

**Frei Agatângelo do Crato**

Loreto é uma pequena cidade da Itália, com dez mil habitantes, distante de Roma quase trezentos quilômetros, nas costas do mar Adriático, na região das Marcas de Ancona.

Não possui valores artísticos e culturais como tantas outras cidades italianas. Não goza de fama como Assis ou Pádua. Não tem a beleza natural de Nápoles ou de Veneza. Não é célebre como Bolonha ou Florença. Não compete em riqueza com Milão ou Turim. No entanto se gloria de guardar a maior relíquia cristã fora da Terra Santa. De fato, aqui se encontra a Casa Santa em que nasceu Nossa Senhora, onde concebeu o Filho de Deus e onde morou com Jesus e São José ao voltarem do Egito (Mt. 2,23).

Sem nenhuma dúvida, a Casa Santa de Loreto é o mais importante santuário mariano no mundo inteiro. Não é conhecido como o de Fátima, ou renomado como o de Lourdes. Certamente, porém, é muito superior a ambos. Aqueles dois lembram aparições da Virgem; este é a Casa onde Nossa Senhora morou e a santificou com suas virtudes.

A esta altura vem natural a pergunta: "E como a Casa Santa foi esbarrar nesse lugar?"

Quando os mulçumanos, inimigos figadais dos cristãos, se apoderaram da Terra Santa, a Casa de Nossa Senhora, conforme antiga tradição, foi transportada miraculosamente pelos Anjos para a Ilíria, hoje território da ex-Iugoslávia. Isto em março de 1291. Três anos depois, de novo, pelas mãos dos Anjos, veio para uma colina desabitada, a duas léguas da cidade de Recanati. A tradição afirma que o fato se deu na noite de nove para dez de dezembro de 1294. Há sete séculos, portanto.



Baseado nesta tradição o Papa Bento XV, em 1920, declarou Nossa Senhora de Loreto a celeste Padroeira universal da aviação.

Hoje, porém, há uma outra hipótese, mais plausível sobre a vinda da Casa Santa para Loreto. Segundo um documento de setembro de 1294, encontrado num arquivo de Nápoles em 1985 pelo capuchinho, Fr. José Santarelli, Diretor da Congregazione Universale della Santa Casa, a "estória" da transladação miraculosa por meio dos Anjos nasceu de um equívoco referente à expressão latina "De Angelis" que foi interpretada como tendo sido os Anjos a transportarem a Casa Santa até Loreto. Do documento citado resulta que "de Angelis" era o sobrenome de uma família bizantina que havia salvado da destruição as pedras da Casa de Nazaré, levando-se para a Ilíria. "De Angelis" neste caso seria traduzido "trazidas por pessoas da família dos Anjos", sobrenome aliás, bem comum entre nós.

Da Ilíria, tempos depois, tais pedras, relíquia preciosa da Casa Santa de Maria, foram trazidas para a Itália, de navio, se entende, como um presente oferecido ao Papa Celestino V.

Recanati, naqueles idos, era uma cidade do Estado Pontifício e um dos portos de maior importância da região. Daí o motivo de terem vindo as pedras para cá.

Naquela quadra o responsável dos negócios pontifícios em Roma, era o Sr. Bispo de Recanati. Vendo chegar o presente oferecido ao Papa, julgou oportuno encontrar um local adequado a fim de construir, com as ditas pedras, uma capela dedicada à Nossa Senhora. Para tanto escolheu a mais bela colina de sua diocese. O povo, devido o fato de haver nas imediações um bosque de loureiro, começou a denominar a capela com o nome de Nossa Senhora do Loreto.

Tenha a Casa Santa sido trazida pelos Anjos ou pelos homens, pouco importa; o interessante é que o que Loreto guarda, com muito orgulho, são as mesmas pedras que um dia formaram as paredes da Casa da Virgem Santíssima em Nazaré.

As paredes da capelinha, que mede apenas 4.05m. por 9.05, foram levantadas sem alicerce, nas mesmas dimensões que tinha a casa que existia naquela cidade da Palestina.

Como a Casa de Maria era constituída somente de três paredes, pois a quarta era uma gruta, ainda hoje venerada na Basílica da Anunciação em Nazaré, a capelinha tem três paredes fabricadas com as pedras vindas da Terra Santa. A do fundo, onde se acha a imagem de Nossa Senhora, é feita com material daqui mesmo. Não se vê por estar coberta de mármore.



Para proteção da capelinha, o povo construiu ao redor um muro de tijolos. Com o passar do tempo, o muro começou a se deteriorar. Foi então que o Papa Júlio II ordenou, em 1507, que se fizesse o revestimento da Casa Santa em mármore. Confiou a tarefa a artistas de fama naquela época. E eles fizeram a jóia de arte que temos agora.

Este tesouro de arte, admirado por todos ao longo da história, e que serve para guardar a Casa Santa, se acha no interior da Basílica, em estilo gótico, cuja construção foi iniciada em 1468.

Neste ano centenário - dezembro 1994 - dezembro 1995 - não somente Loreto estará em festa pelos sete séculos da chegada da Casa Santa, mas toda a Igreja Italiana. De fato, está prevista a presença de Sua Santidade, João Paulo II, com os Senhores Bispos da Conferência Episcopal da Itália, para abrilhantarem a ocorrência no próximo dia 10 de dezembro.

Mesmo faltando documentos escritos que relatem a história desde o início, podemos estar moralmente certos de que Loreto tem tudo para ser uma autêntica relíquia de sumo valor. Efetivamente, além de tantos indícios que revelam a sua origem palestinese, como se explicaria que umas simples pedras conseguiram levar pessoas cultas como Papas, Cardeais e Bispos a fazer o que fizeram a fim de conservá-las, com tanto cuidado e carinho, através de todos estes séculos? Devemos ver neste fato algo de muito maravilhoso e até inexplicável, se tais pedras não fossem reconhecidas como autênticas.

Entre os milhões e milhões de romeiros vindos a Loreto no curso destes setecentos anos para venerarem a relíquia da Casa Santa, temos além de cem santos que aqui estiveram até várias vezes. Podemos lembrar, como exemplo, St<sup>o</sup>.Inácio de Loiola, S.Luis de Gonzaga, St<sup>a</sup>.Teresinha do Menino Jesus, São João Bosco e tantos outros. Isto indica haver algo de extraordinário naquela Casinha que, se é tão bela no seu revestimento marmóreo, é completamente pobre e desadorna no interior.

Infelizmente na brevidade de um artigo como este é impossível fazer uma síntese completa sobre o argumento. Basta dizer que desde a primeira narração sobre a Casa Santa, escrita em latim pr Giacomo Ricci em 1468, até o presente, um sem número de escritores se tem interessado pelo assunto. Muitos são a favor da autenticidade, admitindo, inclusive, a

vinda miraculosa da Casa Santa pelas mãos dos Anjos. Ao contrário, não poucos procuram negar tudo.

Embora seja volumosa a bibliografia sobre a Casa Santa de Loreto, deixo de citar as obras consultadas, lembrando somente o nome, já citado, do fr.Santarelli, hoje em dia, sem dúvida, a pessoa mais gabaritada na matéria. De 1980 até agora já escreveu dez livros sobre o argumento, focalizando os aspectos históricos e artísticos da Casa Santa de Maria.

Se aqui não houvesse algo de maravilhoso, certamente seria bem outra a sorte de Loreto que se acha fora de mão do itinerário turístico da Itália. Se continuamente vem gente a este santuário é porque se sente atraída não pela arte, mas pela fé e pelo desejo de venerar a maior relíquia de Nossa Senhora nesta terra.

Termino esta nota sobre a Casa Santa com as palavras iniciais do Santo Padre, João Paulo II, na sua carta dirigida, em agosto de 1993, à S.Excia.D.Pascoal Macchi, Delegado Pontifício do Santuário de Loreto, em preparação para este Sétimo Centenário. "A Casa Santa de Loreto, - diz o Santo Padre - primeiro Santuário de alcance mundial dedicado à Virgem e, durante diversos séculos, verdadeiro coração mariano da cristandade, gozou sempre de especial atenção por parte dos Romanos Pontífices, que o fizeram meta frequente de sua peregrinação e objeto dos seus cuidados apostólicos. Eu mesmo, em duas ocasiões tive a alegria de poder recolher-me em oração entre suas paredes benditas". Este testemunho do Papa diz tudo.

**Loreto, Itália, 08 - setembro - 1994.**

# ORIGEM DA LINGUAGEM

**PADRE Antônio Vieira**

A Linguagem nasceu com o homem. E o homem nasceu com língua. Existe assim uma reciprocidade entre o Homem e a Linguagem, ou como dizem os entendidos "uma causação circular". Importante ressaltar esta circunstância, porque os demais animais têm língua e não possuem linguagem, embora se comuniquem entre si com mais perfeição e sem tricas e micas como nós.

O Evangelho diz que a linguagem estava no começo de TUDO: "No princípio era o VERBO" (João). E o Gênesis confirma que a palavra comandava toda Criação. Deus disse: "FIAT LUX...

A linguagem é o que há de mais pessoal e característico em cada povo. Através dela, manifesta, define, cria e transmite a sua cultura, as suas experiências, os seus conhecimentos, o seu modo de sentir e pensar, e immortaliza no tempo sua personalidade e genialidade. Todos os povos, bárbaros ou cultos, têm ou tiveram a sua linguagem. Juntamente com o alimentar-se, o procriar, o trabalhar, o defender-se, o repousar, é o FALAR um dos imperativos mais gritantes e autantes do ser humano.

A infância da Humanidade assemelha-se à infância da pessoa humana. A linguagem nasceu como nós nascemos: aos BERROS!...O grito foi o embrião primitivo da palavra. O grito ou berro passou a constituir a maior afirmação de personalidade do homem. Este homem peludo e pelado sentia-se promovido, exultante, ufano e eufórico, quando ouvia a sua voz repetida várias vezes nas faldas e contrafortes das montanhas. Aquilo lhe parecia uma homenagem da Natureza ao seu poder vocal. Era o diálogo ecológico, natural entre duas Majestades: O Homem e o Universo. Devia ser interessante e deslumbrante contemplar o homem nu, hercúleo, de músculos retesados, cabeça erguida, gritando a plenos pulmões e sua voz, quebrando-se, repetindo-se, despertando a quietude dos espaços.

Como exímio observador, passou ele a criar uma conexão de causalidade entre os fatos naturais que aconteciam habitualmente. O dia acordava do seu longo letargo noturno, sob a batuta do maestro GALO, orquestrando a sinfonia de todos os galináceos e de toda passarada canora das matas. As

próprias mães deixavam-se anestesiar pelos encantos maviosos desta filarmônica matutina para solfejá-los nos seus lábios os acalantos dos seus filhos no berço.

Toda a Natureza era um festival de sonoridades: os trovões que ribombavam os seus canhões entre nuvens escuras e chuvas copiosas; e as águas desciam das vertentes nos saltos mirabolantes no escachôo dos ribeiros e riachos. O vento sibilava constantemente por entre as folhagens das árvores copadas.

Muitos povos guardaram até hoje com toda sua autenticidade nativa o atavismo dessa cultura primitiva do GRITO, como definição e afirmação da sua nacionalidade e personalidade histórica.

Poder-se-ia afirmar que o Brasil é o país do GRITO!...

## **GRITOS HISTÓRICOS E GRITOS HISTÉRICOS**

Tivemos o Grito dos navegantes lusitanos que acordaram o Brasil da sua milenar hibernação:

**TERRA, TERRA, TERRA!...à vista!**

Este foi o grito de Pedro Álvares Cabral, que foi o primeiro mas não o único PEDRO a gritar nas terras brasileiras.

**INDEPENDÊNCIA OU MORTE!...**

Grito tão vibrante, tão entusiasta, que ainda hoje reboia pelas margens ribeirinhas do YPIRANGA, e continua ressoando de quebrada em quebrada, até mesmo nos longes do sertão, para acordar o País do seu eterno êxtase de Narciso, mergulhado nas águas marulhantes dos nosso rios caudalosos ou adormecido nas entranhas das nossas grupiaras, em berço adornado de ouro, esmeraldas, turmalinas, brilhantes e diamantes.

O Grito do FICO. Este sim cristalizou-se na sensibilidade, na consciência, nas pulsações cardíacas de todos os políticos, governantes, administradores, áulicos, toda grande família dos sanguessugas atrelados às Tetas do ERÁRIO PÚBLICO.

Os gritos de "VIVA A REPÚBLICA! VIVA A DEMOCRACIA! VIVA O POVO! VIVA O FLAMENGO! VIVA O NOSSO CANDIDATO! E tantos outros berros, expansão alucinada do nacionalismo crioulo dos comícios eleitoreiros..."de um povo heróico o brado retumbante" (sic).

A estes Gritos Históricos que dariam para formar um rico e variado florilégio da retórica mais pitoresca, cômica, burlesca e folclórica.

A diferença entre Gritos Históricos e Gritos Histéricos é apenas de grau, intensidade ou motivação.

HISTÉRICOS foram os gemidos dos negros escravos no pelourinho das Senzalas, berrando a sua dor e indignação pelos açoites brutais ou pelo ferro em brasa, rasgando ou queimando os seus corpos de azeviche. HISTÉRICOS foram os gritos dos presos políticos durante os dias negros da Ditadura Getuliana. HISTÉRICOS foram os gemidos abafados por mordças dos apelidados subversivos ou comunistas, torturados, emasculados, enforcados, carnes retalhadas nos porões do DOI-CODI da GLORIOSA REVOLUÇÃO.

HISTÉRICOS são os gritos dos famintos, dos flagelados nordestinos, das mãos tuberculosas nas favelas, escarrando

sangue, ou das crianças desnutridas, mostrando todo esqueleto coberto com as pelancas grudadas nos ossos. Históricos são os gritos das torcidas de futebol, derivando as suas revoltas e recalques com a anestesia contagiante das multidões delirantes. Históricos são os saracoteios libidinosos das mulatas agarradas com rijos caboclos, ao som de músicas estonteantes e frenéticas, que valem como sedativo da fome dos estômagos. Histórica é a nossa música popular: QUEREMOS MOCOTÓ! Ou os "slogans" e faixas dos operários em greve contra a discriminação salarial.

Gilberto Freire escreveu no mármore do seu estilo másculo, nacionalista, de autêntica nordestinidade que os Negros de Senzala, nus, famintos, pele queimada, rasgada e sangrando pelos açoites, passavam o dia no eito do rojão, sempre cantando, sem parar, em toadas dolentes e tristes, as saudades da sua terra natal, como uma espécie de terapia sentimental e mística para amenizar, diluir, anestesiar o sofrimento que os torturava ou a indignação que fervilhava nas suas entranhas.

Com o passar dos séculos ou de milênios, esse homem do Paleolítico ou do Neolítico foi aprimorando a sua capacidade de assimilação, de observação, de imitação, educando a sua voz, a sua fala ao embalo da sonoridade dos pássaros canoros, o ciciar da brisa ou ao doce rumorejar das águas, coleando entre pedras, até conseguir novas modulações e nuances na sua voz, com certa modalidade musical.

Inicialmente, essa linguagem foi monossilábica. Depois passou a ser balbetada, tal como o falar das crianças no início do seu aprendizado. Tudo isto vem confirmar o que ensina o grande cientista Pierre Teilhard de Chardin: "a biogênese reproduz a palingênese", ou seja a evolução cultural da criança de hoje renova todos os estágios que foram vividos pelos nossos ancestrais antropóides.

Monossilábica foi a linguagem primitiva. Eram os monossílabos interjetivos da dor, da alegria, da surpresa, do medo, da intimidação, do entusiasmo, da revolta. Monossilábica ainda hoje é a fala da criança. Monossilábica é a linguagem de Deus:

"Que o teu SIM seja SIM, e o teu NÃO seja NÃO!"

No monossílabo está o germe, a semente, o embrião de todas as palavras mais ricas de significação, mais saborosa, mais profundas de sentimentalidade, mas polivalente semanticamente são monossilábicas:



Deus, pai, mãe, sol, luz, sim, não, bem, mal, dar, ver, vir, ser, ter, lar, mar, céu, eu, tu, nós, vós, ir, bom.

Os polissílabos são os mastodontes e megatérios da Língua, verdadeiros monstros pré-históricos, que por um processo de seleção natural, e no caso, cultural, ao impulso e sugestão da lei de menor esforço, vão sendo substituídas por palavras mais simples, mais fáceis de elocução e portanto mais ricas de vibração e emotividade. Nesse particular somos bons alunos da criança, essa miniatura de Deus.

### **Vejamos e comparemos:**

COMPANHIA DE TRANSPORTE METROPOLITANO: METRÔ  
REPÚBLICA DOS ESTADOS UNIDOS DO BRASIL: BRASIL  
HALF TON FOURBY-COMMANDRECONNAISANCE CAR JEAP:  
JIPE  
CINEMATROGRAFO - CINEMA - CINE  
IMEDIATAMENTE - JÁ  
CAMUNDONGO - RATO  
POLIOMIELITE - PÓLIO  
PINDAMONANGABA - PINDA  
GUARATINGUETÁ - GUARÁ  
BELO HORIZONTE - BELO

**(DA GRAMÁTICA DO ABSURDO, em projeto de 2ª edição).**

## **BILHETE DE LONDRES**

**Londres, 10 de Agosto de 1994**

Ilmo. Sr. João Lindemberg de Aquino  
Diretor da Revista Itaytera

Prezado Lindemberg de Aquino,

Devo primeiramente parabenizá-lo pelo dedicado e contínuo trabalho que você tem feito para o desenvolvimento cultural da nossa região. Desejo, em especial, felicitá-lo pela publicação do número 37 da revista **Itaytera**, a qual tive o prazer de obter uma cópia e que me trouxe saudosa lembranças do Crato.

Tomarei também esta oportunidade para agradecê-lo formalmente pela calorosa atenção que você que tem dedicado à divulgação na nossa região do meu progresso aqui no exterior.

**Atenciosamente,**

**Dr. George R.R. Justo**

School of Comp. Science and Inf. Sys. Engineering  
Centre For Parallel Computing

## **EXALTAÇÃO A MILAGRES**

**(TRABALHO DO ACADÊMICO AUDÁLIO GOMES ALVES  
PARA ACADEMIA CEARENSE DE CIÊNCIAS, LETRAS  
E ARTES DO RIO DE JANEIRO)**

Ao iniciar minha exaltação à terra que me viu nascer peço licença ao meu irmão mais velho, o desembargador e homem de letras Waldemar Alves Pereira, para iniciar o meu trabalho com o soneto que ele escreveu em 1929, de exaltação à nossa terra natal.

## MILAGRES

No meio dos sertões, entre coqueiros mil,  
demora a minha terra, altiva e hospitaleira,  
bela nesga de céu em terra brasileira,  
Milagres - berço meu, jardim primaveril.

De seu formoso altar, a noivinha gentil,  
a - filha do sertão - vaidosa e sobranceira,  
aos quatro ventos solta a verde cabeleira,  
domina a vastidão dos campos do Brasil.

Seu leito virginal - um chão de frescas rosas  
colhidas aos rosais em cada alvorecer  
e esparsas por ali por meigas mãos formosas...

Dos infinitos céus ao meu torrão natal,  
ó divina Maria, ó mãe, fazei verter  
fontes de bençãos mil em tímido caudal.

Foi entre coqueiros, mangueiras, cajueiros e rodeada de denso canavial, que eu vi Milagres da minha infância. Talvez por esconder-se entre um cenário tão verdejante, a "bela de céu em terra brasileira" tenha sido esquecida do resto do país. Até hoje a minha cidade é pouco, ou mesmo nunca, citada em rádios e televisão, e nem mesmo nos versos de certos poetas do Cariri. Eles esquecem que, bem perto deles, recolhida ao seu cantinho, encontra-se um verdadeiro paraíso chamado Milagres. Asseguro, Senhores, que não é por vaidade e nem bairrismo que presto hoje esta homenagem àquela pequenina urbe do Vale do Cariri. O faço apenas por amor ao meu torrão natal, e para dar-lhe o valor que ela merece. Afinal de contas "todos cantam a sua terra, também vou cantar a minha". É preciso que alguém tire de uma vez Milagres do ostracismo em que sempre se encontrou, como uma bela adormecida às margens da BR 116. Por ocasião da construção desta estrada, quiseram as autoridades do Estado, que a dita rodovia passasse bem longe da minha terra; renegando a cidade de Nossa Senhora dos Milagres ao abandono; marginalizando-a. Mas Milagres reagiu, cresceu e foi ao seu encontro. Hoje a estrada é a principal via de comunicação com as demais cidades do Cariri e do Brasil.

Escreveu Maria Euda Albuquerque na revista REALIZAÇÃO, de 1982: "Milagres é uma porta aberta para a Região do Cariri, que tenta crescer, ensaiando uma saída do anonimato, procurando dizer que é pedaço de um Brasil autêntico, de sorriso franco, como franco é o sorriso do homem simples, enchendo as ruas nos dias de feira.

Milagres não é somente o Alto da Areia com cheiro de eucalipto; não é somente a várzea cortada por um riacho antigo, com memórias indígenas. Milagres é a CHESF - mensagem luminosa de um São Francisco distante. É o anseio de educação contido nos ideais do Patronato e Escola Normal Dona Zefinha Gomes. Milagres é lenda romântica...índios nascendo com a manhã. Corrida de homem branco na caatinga. Amores nos sertões emudecidos...Milagres - uma terra, um povo, uma cidade, uma construção".

Vejamos, então, o começo de tudo; isto é, como nasceu Milagres. Para isso recorro agora ao livro MILAGRES DO CARIRI - editado em 1989, pelo jovem escritor milagrense José Flávio Bezerra Moraes, baseado em vasta e idônea bibliografia.

Diz a lenda que havendo aparecido um senhor Souza Presa com outros companheiros, foram apanhados pelos tapuias e logo devorados, sendo Souza Presa, em vista de sua magreza, reservado para outra ocasião. Partindo os mesmos tapuias para uma caçada, deixaram Souza Presa bem amarrado aos cuidados de uma índia, a quem fizeram as mais enérgicas recomendações. Sós, por sinais se entenderam, e a índia, moça e formosa, comovendo-se da sorte do seu prisioneiro jovem e elegante também, deu-lhe a liberdade e fugiram do lugar. Presa, em hora de extrema agonia havia feito uma promessa de, se escapasse, erigir uma igreja a N.S. dos Milagres. Assim, e em desaparecidos os tapuias daquelas paragens, volta ao lugar e 1760 fundou a igreja que tem hoje a invocação daquela Senhora.

Esta versão é contestada pelo historiador Antônio Bezerra, que afirma - baseado em documentos que havia extraído dos registros da Sé Olinda, relativos à igrejas e capelas - diz, que "a referida igreja fora erigida em 1735 pelo Capitão Bento Correia Lima, e por escritura de 16 de agosto de 1746 seus filhos Sebastião Correia de Lima e José Correia de Lima doaram à mesma dez braças de terras para cada parte da dita igreja e, junto, lugar para casa do capelão que a houvesse de assistir (Algumas Origem do Ceará - pág.110)".

Quanto ao nome do Município tem origem no da padroeira. Do cognome Vila de Nossa Senhora dos Milagres, resultou Vila

de Milagres (1846) finalmente, cidade de Milagres, no dia 25 de julho de 1890, pelo Decreto nº 131.

Voltando à sua história, o povoado de Milagres, formou-se à margem direita do Rio dos Porcos. Vieram habitantes de outras terras, atraídos pelo sonho do vale rico e fértil. Ao redor da capela, começaram a erguer barracos de pau-a-pique; nas redondezas formaram-se enormes fazendas pecuárias, base da economia do povoado, com léguas e léguas de comprimento todas propriedades de grandes coronéis. Milagres fazia parte, então, do Município do Crato.

Por volta de 1800, Milagres já possuía um número relativo de casa que formavam a chamada Rua Grande, quase todas de propriedade dos fazendeiros que possuíam fazendas nos arredores da rua. Os escravos habitavam as senzalas das fazendas que, já de costume, eram construídas perto dos currais ou engenhos para fins de vigília. E, foram esses currais, essas fazendas, esses escravos, esses engenhos e esses coronéis que fizeram história de Milagres na rica época imperial.

## FATOS NO PERÍODO COLONIAL

(Milagres do Cariri - Capítulo VI). Podemos avaliar a importância do intenso progresso caririense, onde Milagres era considerada "uma comuna rica e desenvolvida". É tanto que, José de Alencar, o mais ilustre escritor cearense daquela época, pregava, com forte sentimento nativista, que o Cariri poderia tornar-se uma província independente, pois era grande o potencial econômico da região. Por causa dessa pretensão ocorreram muitas lutas. Os aristocratas de Fortaleza tentaram, então, de diversas maneiras, sabotar as chances de progresso no vale caririense. Até o final do século, corria mais dinheiro nesta região do que na capital.

Diz ainda: "Segundo Mons.Raimundo Augusto, o pai do escritor, que tinha o nome do filho, era naquela época, o Presidente do Ceará, e havia chegado a elaborar o projeto para fundação do Estado do Cariri, com capital em Crato, pegando o território deste Estado, parte dos da Paraíba, Pernambuco e Piauí. Não foi porém aprovado".

Milagres limita-se ao Oeste com Missão Velha e Abaiara; ao Norte com Aurora; a Leste com Barro; ainda a leste e ao sul, o



Município de Milagres divisa-se com o de Mauriti. Divisa-se também ao sul com o Município de Brejo Santo.

A altitude do Município atinge cerca de 334,13m acima do nível do mar.

O clima de Milagres é quente na região sertaneja e fresco nas regiões elevadas. A temperatura varia entre 21 e 32 graus centígrados, sendo mais freqüente a de 28 graus. O período chuvoso inicia-se em janeiro e termina geralmente em junho. A precipitação pluviométrica anual é de cerca de 750mm.

A área total do Município é de 768km<sup>2</sup>.

Milagres tem postos de saúde na sede e nos distritos, a Casa de Saúde Nossa Senhora dos Milagres, e clínicas médico-odontológica, além de laboratórios para exames clínicos.

Na área de educação Milagres tem bons estabelecimentos de ensino tais como: o já citado Patronato e Escola Normal Dona Zefinha Gomes, fundado pelo Pe.Dr.Misael Gomes e dirigido pela Congregação das Filhas de Santana. Possui também escolas de 1º e 2º graus.

A principal festa popular é a festa de Nossa Senhora dos Milagres, Padroeira do Município, celebrada no dia 15 de agosto.

Quanto ao folclore, como reizado, congos, côco, maneiro-pau, penitentes, lapinhas e pastoris, lamentavelmente encontram-se em extinção.

Em 1989 sua população era estimada num total de 31.435 habitantes, sendo que 20.193 na zona rural, e apenas 11.242 na zona urbana.

A atividade econômica de maior importância em Milagres é a agricultura, devido à grande fertilidade do solo do vale.

As principais culturas permanentes são: o côco, a castanha de cajú, laranja, manga, banana, algodão.

As cultura temporárias são: arroz, cana-de-açúcar, feijão, milho, mandioca, mamona e algodão herbáceo.

Suas riquezas naturais são a carnauba, oiticica, carvão, madeira e lenha.

O comércio de Milagres transaciona com as praças de Juazeiro do Norte, Crato, Brejo Santo, Campina Grande, Fortaleza e Recife.

Importa tecidos e miudezas em geral, combustíveis, óleos lubrificantes, máquinas e implementos agrícolas. Exporta mamona, couro, rapadura, tijolos, telhas e demais produtos agrícolas.

Os principais ramos industriais são: fabricação de rapaduras, farinha de mandioca, tijolos, telhas, vasos de barro, redes, beneficiamento de arroz, etc.

No setor da assistência social sobressaem-se o Lions Clube; a ACOM, Associação Comunitária de Milagres; a Ordem Terceira Franciscana e a Conferência Vicentina.

Milagres teve como governantes, desde o início de sua história, ilustres personalidades. Tenho orgulho de registrar aqui a contribuição que deram à Milagres, exercendo o cargo de prefeito do Município, contribuindo assim para o seu engrandecimento, o meu pai Raimundo Alves Pereira, meu irmão Celso Gomes Alves, ambos falecidos, como também o meu cunhado Dr. Aloísio Franklin do Nascimento.

Esta é Milagres, que já faz parte do meu passado, doce infância onde vivi em rica rede embalado. Quando ia anoitecendo e o dia tinha findo, o luar ia envolvendo aquele cenário lindo. E ao romper a alvorada o sol com ele trazia, orquestras de passarada num turbilhão de alegria.

À noite, as almas dos coronéis vagavam pela cidadezinha, discutindo entre elas, a quem escolheriam para presentear suas ricas botijas. Enquanto isto, os milagrenses dormiam seu sono tranqüilo, protegidos pelo manto de Nossa Senhora dos Milagres.

## **BIBLIOGRAFIA**

Milagres do Cariri (José Flavio Bezerra Morais - 1989);  
Revista REALIZAÇÃO (Março de 1982).

**Audálio Gomes Alves**

## **PREITO MILAGRES**

**Audálio Gomes Alves**

Milagres, a ti o meu preito sincero,  
Cidade bendita que me viu nascer.  
Tu és para mim o que mais venero;  
Sentido de tudo, razão de viver.

Outrora apenas paisagens bucólicas  
No leque formado pelos coqueirais.  
Hoje, céus de antenas parabólicas,  
Reluzente selva de finos metais.

Alegro-me em ver-te em pleno progresso.  
Cabelos grisalhos, semblante dorido,  
Se hoje ao teu solo, contente, regresso  
É para ganhar todo o tempo perdido.

Vagando a esmo na vida sofrida,  
Levava guardado em minha bagagem,  
Um rol de lembranças, saudade incontida  
Do doce aconchego da tua paisagem.

Reparto contigo a minha emoção,  
Abraço-te sorrindo e emocionado.  
Descerrou a porta do meu coração,  
Liberto momentos do tempo passado.

É meu sentimento tão belo e profundo,  
Que nestes meus versos quero te dizer:  
Eu não te troco por nada no mundo...  
Milagres querida, prazer em te ver!

**Milagres, 09 de agosto de 1993.**

# MINHA CASA

Audálio Gomes Alves

A casa onde eu nasci  
Já faz parte do passado.  
Doce infância onde vivi  
Em rica rede embalado.

Os benjamins sombreavam  
Seus imponentes quintais.  
Ventos constantes sopravam  
As palhas dos coqueirais.

Quando ia anoitecendo  
E o dia tinha findo,  
O luar ia envolvendo  
Aquele cenário lindo.

Ao romper a alvorada  
O sol com ele trazia,  
Orquestras de passarada  
Num turbilhão de alegria.

Resta a lembrança na tela  
Exposta na minha sala,  
Numa pintura to bela  
De quem soube retratá-la.

É meu quadro preferido,  
Da pintora um dom divino;  
O recanto mais querido  
Do meu tempo de menino.

Rio, 17 de setembro de 1992

# **ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA DO ESTADO PERNAMBUCO: Pesar**

**Recife, 10 de maio de 1994**

Ofício DC nº 2041/94

Excelência Reverendíssima

Levamos ao conhecimento de Vossa Reverendíssima, que esta Assembléia Legislativa, aprovando o Requerimento de nº 3099, de autoria do Deputado ANÍBAL CARIBÉ, fez constar na Ata da Reunião do dia 20/04/94, um voto de profundo pesar pelo falecimento do Reverendíssimo Bispo DOM FRANCISCO XAVIER NIERHOFF, ocorrido recentemente.

Respeitosamente

**Dep. PAULO AFONSO CINTRA**  
**2º Secretário**

À  
Sua Excelência Reverendíssima  
Bispo da Diocese do Crato  
CRATO-CE

## **REQUERIMENTO**

Requeremos à Mesa, ouvido o Plenário e cumpridas as formalidades regimentais, seja formulado Voto de Pesar pelo falecimento do Reverendíssimo Bispo D. Francisco Xavier Nierhoff, em 05 de março de 1994. Vigário da Paróquia do Barro até 1943, o novo padre, já àquela época, cativava a grande massa de fiéis não só em razão de sua simpatia e candura, mas sobretudo em virtude do seu profícuo trabalho, sempre voltado para os mais necessitados. Entre 1943 e 1964, exerceu o sacerdócio em Crato, no Estado do Ceará, onde foi Vigário professor, prefeito disciplinar e reitor no Seminário dos Missionários da Sagrada Família. Naquele último ano, foi sagrado Bispo da Diocese de Floresta, cuja posse ocorreu a 05 de janeiro de 1965.



Foi naquela Diocese, cujo bispado se estende por outras paróquias sertanejas, que o saudoso e vocacionado bispo realizou sua grande e imorredoura obra social e religiosa.

Em Floresta, para exemplificar, construiu a Catedral, edificou a Residência Episcopal, o Colégio Diocesano e o Centro de Convenções. Estas duas últimas grandes obras se caracterizam como obras sociais de relevante alcance para os florestanos, que tiveram em D.Francisco o seu grande bem-feitor.

No município de Belém do São Francisco, que teve a honra de sediar sua última residência, D.Francisco construiu o prédio anexo à Igreja Matriz, que serve à sociedade nos seus destacados eventos; edificou uma dezena de casas de alvenaria para a população que residia em casas de taípa e construiu um açude de grande porte na região mais carente de água no interior do município.

Em Cabrobó, além de ampla reforma na Igreja Matriz, nosso homenageado deu mostras de sua alta sensibilidade política e social ao construir uma Vila Popular, contemplando a população carente com moradias dignas, tarefa que estava reservada ao Poder Público.

Outras obras de menor vulto, mas de significado social inquestionável podem ser citadas no invejável currículo deste representante de Cristo, que deixa no momento uma lacuna impreenchível e é pranteado pelos sertanejos do São Francisco, que acabam de perder não só o seu fervoroso guia espiritual, mas o seu grande bem-feitor.

Mais do que justa, esta homenagem representa a profunda gratidão do nosso povo ao inesquecível apóstolo Francisco Xavier.

Da decisão desta Casa, dê-se conhecimento ao Vaticano, na pessoa de Sua Santidade, à Srta.Hilda Nierhoff, residente na cidade de Belém do São Francisco, irmã do homenageado, às Dioceses de Belém do São Francisco, Floresta, Cabrobó, Olinda e Crato-CE.

## **JUSTIFICATIVA**

O Emérito Bispo D.Francisco Xavier Nierhoff foi mais um dos abnegados e predestinados apóstolos de Cristo a deixar o seu torrão natal na Europa para dedicar sua vida à benemérita e nobre evangelização no Brasil.

Natural da cidade alemã de Frondenberg, onde as baixas temperaturas prevalecem o ano inteiro, D.Francisco chegou ao Brasil em 1937, para enfrentar os rigores do tórrido clima nordestino e se dedicar de corpo e alma a uma nova vida de estudo, trabalho e doação ao lado da Igreja, no seu elevado desiderato de evangelizar e de socorrer o seu imenso rebanho.

Recife foi a cidade que primeiro acolheu aquele peregrino, oferecendo-lhe guarida no seu tradicional seminário, onde Francisco concluiu como destacado aluno o Curso de Teologia, ordenando-se Sacerdote em 1940.

**Sala das Reuniões, 14 de abril de 1994,  
DEP.ANÍBAL CARIBÉ**

## **CRATO JÁ TEM RUA COM O NOME DE DOM XAVIER**

Sintonizando com as homenagens ao falecido Bispo Dom Francisco Xavier, em todo o Nordeste, a cidade do Crato deu o seu nome a uma de suas ruas, no elegante bairro do Grangeiro. Aqui ele viveu e atuou muitos anos, como Vigário de São Vicente, professor na Escola de Comércio e da Faculdade de Filosofia e Diretor do Seminário Sagrada Família. A Lei resultou de projeto do vereador José Ribamar Sampaio Pinto. Foi sancionada pelo Prefeito Antonio Primo de Brito. A placa já foi colocada na rua, pelo amigo de Dom Xavier, o jornalista J. Lindemberg de Aquino, Diretor desta Revista. Justa homenagem.

# PREFACIANDO NOVO LIVRO DE DANDINHA VILAR

J.Lindemberg de Aquino

Quando foi lançado o primeiro livro de versos de Dandinha Vilar, edição do Instituto Cultural do Cariri, a repercussão foi retumbante. Os elogios partiram de todas as camadas. Até dos leitores mais humildes.

Revelava-se para a cidade, para a região e até para o país, uma poetisa de raros dons de beleza espiritual, de sensibilidade, de maestria no manejar da língua pátria, enfim, poetisa de peso e medida que mostrou saber dominar o assunto e manejar a inspiração produzindo poemas de fino labor artístico.

Dandinha Vilar não parou aí.

Não dormiu sobre os louros da primeira e retumbante vitória.

Continuou poetando, pondo nas folhas dos cadernos a inspiração que lhe fluía admiravelmente, incansavelmente.

Se pudéssemos usar a analogia de comparar Dandinha com um rio, diríamos que dela, a poesia jorra perene e bela. Nunca forma ondas revoltas. Adoçura-se nas margens de uma placidez encantadora, é convidativa, meiga, aconchegante. Não tem rompantes geniais - sua poesia é a poesia dos simples, como as águas do rio são para os simples. Não busca subir as alturas descomunais, como a águia. Contenta-se em ser passarinho a ciciar na fofura dos ninhos, ao contacto com a natureza em derredor.

Não que isso não signifique qualidade.

Qualidade, a poesia de Dandinha Vilar possui. De sobra. Pra dar e vender. Tem métrica perfeita, tem consciência do verso, tem domínio do soneto, tem inspiração que transborda e jorra fácil, ao sabor do que lhe vão ditando a alma, o espírito e o coração. Tem sentimento. Tem ternura.

Comparece Dandinha, agora, depois de vencer percalços mil, dificuldades sem conta, e, sobretudo, depois de despir-se da imensa timidez, com o seu segundo livro. Diria que com sentimento poético mais amadurecido, mais refletido. Mas com a mesma marca de transcendente beleza, de fidelíssima inspiração, de transbordante espiritualidade.

É o seu rumo. É o seu culto. É o seu itinerário.

Mostra uma linha de produção poética não muito distanciada da rota que traçou. Sobretudo explora o tema

Saudade - que já afirmaram ser a mais bela palavra da língua portuguesa, porventura intraduzível em outros idiomas.

Saudade faz parte, intrinsecamente, da pessoa de Dandinha. Da poesia de Dandinha. Elas...Dandinha e a saudade - se completam admiravelmente.

Porque Dandinha teve uma vida pautada de desenganos, sofrimentos e amarguras, e isso influenciou incrivelmente no seu eu. Ela poreja saudades e sentimentos.

Ela mesma o revela:

**"Foi no momento exato em que nasci  
Que a primeira saudade me atingiu  
Pois minha mãe, a mãe que nunca vi  
Me pôs no mundo e para Deus partiu".**

Criada por madrasta e tios, Dandinha, todavia, nunca perdeu o senso do amor e da beleza. Criou-se harmoniosamente dosando todos os bons sentimentos. Sentimentos que se revelam em pequeninos gestos, colhidos, por exemplo, num soneto em que diz:

**"Bom dia, minhas flores que murcharam  
Meus pássaros, que, tristes, se calaram"**

Dandinha é a poetisa da saudade. Sempre. Translúcida de beleza interior. Imutável, granítica nos seus sentimentos.

Dandinha é a personificação do bem querer, do aconchego amoroso com os filhos e os amigos. Poetisa da saudade, com todos os direitos e galardões, manejando a língua, soltando a inspiração, versa jando a cada flor a cada som, a cada vento, a cada paisagem. Tradutora fiel das belezas da natureza. Do sofrimento humano, das divinas verdades.

Poesia, sempre, e para sempre.

Eis seu novo livro.

Não precisa dizer mais nada.

Com cerca de 30 sonetos de saudades, a fazer a abertura magistral. E com seqüência de versos que só irradiam beleza, sentimento e amor.

Pegue o livro, leitor.

Essa riqueza, agora, é toda sua. Dandinha divide isso com a humanidade.

É do seu feitio.

*(J. Lindemberg de Aquino é escritor e jornalista, ex-Presidente do Instituto Cultural do Cariri, em Crato-CE)*

## **A SINFONIA DE 1994**

**Raymundo Farias de Oliveira**

O ano de 1994 vai chegando ao seu crepúsculo. Foi um ano extraordinariamente diferente na vida nacional. Grandes emoções empurraram multidões para as ruas. Lágrimas desfilaram, copiosas, em rostos juvenis com a mesma impetuosidade com que inundaram as rugas dos idosos.

Ayrton Senna morreu em Ímola. Foi "imolado", como lembrou um jornalista português. E a Itália chorou o choro dos brasileiros. A Europa inteira chorou, o mundo todo, do país do sol-nascente ao sol poente, todos choraram a dor e mágoa dos brasileiros. São Paulo, parou, densa de emoção, para receber e sepultar o corpo do menino Ayrton Senna. Um menino que enfeitava os domingos nacionais com o ronco de sua máquina, o sorriso de suas vitórias, e o tremular de nossa bela bandeira em suas mãos, como se fosse (e era) o seu querido brinquedo cívico; um brinquedo com o que procurava restituir aos brasileiros a auto-estima tão despedaçada nas últimas décadas. O menino Senna era um "guerreiro" e os guerreiros não têm tempo para morrer na cama. Saiu de cena em plena pista. Diante do mundo e dos homens estupefatos.

Abriu ele o "primeiro movimento" da grande sinfonia de 1994. Uma sinfonia que mostrou e está mostrando ao mundo os acordes de um Brasil que renascia e renasce em suas glórias e esperanças. A humanidade olhou, chorosa, as imagens de Ímola, e, de repente, olhou, espantada e incrédula, para os Estados Unidos onde nossa seleção arrancava, na alegre policromia dos estádios ensolarados, o sonhado tetracampeonato, desatando o nó que vinha incomodando nossas gargantas há muitos anos. É então o povo voltou às ruas. Agora, para cantar, dançar e tomar cerveja em latinhas.

O outro "movimento" seria também surpreendente: Itamar Franco convocou Fernando Henrique Cardoso para comandar a economia do País. O "Real", as eleições, a estrondosa vitória de Fernando Henrique no 1º turno. E pela primeira vez o Brasil tem um intelectual no leme das grandes decisões nacionais. Um homem que fala a língua das grandes lideranças mundiais. Amadureceu no seu pensamento político contemplando e assimilando as mutações históricas do cenário mundial de nosso tempo. Espera-se que o futuro presidente seja um "guerreiro" capaz de conduzir a



transformação do Brasil, colocando-se no rumo de uma nação justa e fraterna.

Toda sinfonia tem o seu "enredo", o seu "tema". E o "movimento" final é surpreendente muitas vezes no que tem de apoteótico ou de tristeza. Mas é o fim. A sinfonia de 1994 se encerra, paradoxalmente, com a saída de Tom Jobim da ribalta, descansando sua batuta e deixando os músicos e poetas perplexos diante de uma platéia que enxuga os olhos, murmurando, em uníssono, "se todos fossem iguais a você" enquanto, lá fora, o mundo, uma vez mais, arregala os olhos para o Brasil e para a Garota de Ipanema.

**Dezembro - 94**

## **ENCONTRO COM XIDICH: NARRATIVAS POPULARES E RELIGIOSIDADE.**

**Francisco Assis de Sousa Lima**

Quando defini meu projeto de pesquisa sobre transmissão de valores e visão de mundo em contos tradicionais, sob o ângulo da comunidade narrativa, encontrei nas Narrativas pías populares um conteúdo surpreendente e revelador. Em sua candente simplicidade, como um pequeno cofre guardando os seus tesouros, o livro me serviu de baliza para a incipiente tarefa que eu então projetava.

Trabalhei um corpus de 182 narrativas colhidas junto a 21 contadores reconhecidos e 9 contadores ocasionais, na região do Cariri cearense, nos anos 1980-1983, investigando a atualidade da prática do contar, o estado em que se encontrava a memória do conto, além dos valores dominantes e da visão de mundo implicada no conjunto de textos dados como representativos de uma produção popular regional.

Inicialmente, procurei identificar as direções de estudo já estabelecidas sobre o conto, algumas delas clássicas. No Brasil, em que pese a presença de nomes expressivos como os de Sílvio Romero, Luís da Câmara Cascudo, Théó Brandão e do pesquisador arrojado que é Braúlio do Nascimento, foi em Oswaldo Elias Xidich que pude encontrar um exemplo importante de um estudo sistematizado de textos orais em



*articulação com o universo sócio-cultural em que se integram e são produzidos.*

O trabalho do Prof. Xidich tem o mérito de refletir sobre a dinâmica a que as narrativas se sujeitam e o modo como participam das mudanças e exigências processadas no campo social. Segundo suas palavras, "apreende-se que há um momento para a narração. Não nos referimos ao momento(...) mágico em que as estórias podem ser impunemente contadas(...). Referimo-nos ao momento social em que elas se justificam e funcionam". E assim ele analisa detidamente os valores sociais expressos nas histórias e o modo como se acomodam às vicissitudes da vida sócio-cultural que transcende o âmbito estritamente rural, caboclo e rústico.

Não se restringe a sua visão a um grupo restrito de narrativas. Além de examinar sob vários ângulos o seu corpus de 76 histórias de cunho religioso secularizado, filiando-as às elaborações religiosas de fontes eruditas, o autor destaca a organicidade presente na produção popular oral, caracterizando-a como uma unidade. De acordo com suas palavras, "o folclore não é um conjunto disparatado e descontínuo de valores e elementos de todos os tipos e nem separados cada um deles em compartimentos estanques".

Sob essa noção de "universo integrado" pode trabalhar, observando a diversidade e fragmentação com que se cristaliza e com que se tece a matéria viva da produção popular. Pode reconhecer, por exemplo, a figura por assim dizer "antropológica" do contador de histórias, o qual se apresenta como intérprete fiel a uma tradição e aos seus valores e, por isso, responsável perante um público de cujo universo compartilha, público que por sua vez opera numa espécie de vigilância tácita. Neste sentido a figura individual do contador se relativiza. Não se dilui de todo, evidentemente: mais do que por mera vigilância, o público assiste o narrador e o respeita pela sua qualidade de portador agente de uma transmissão.

A noção genérica de um eixo a permear toda uma oralidade onde o conto popular se coloca como ponto articulado de uma cadeia, permite enquadrar, mais especificamente, a idéia de que toda narrativa tradicional, além de atender a certas constantes formais, se desenvolve sobre uma mesma ética, dentro de um movimento adaptativo sobre-determinado.

Assim, tanto as narrativas pias, as de caráter exemplar, as facécias, como as narrativas classificadas em Aarne-Thompson como contos propriamente ditos, isto é,

contos de magia ou contos maravilhosos, destacam, cada uma a seu modo, valores de tradição sempre positivos. Pelo que compreendo, o trabalho sobre as narrativas pias realizado pelo Prof. Xidich estabelece esta noção e estimula o desenvolvimento desse estudo em perspectiva mais ampla.

O caráter exemplar de todos os gêneros do conto tradicional é afirmado explicitamente por Xidich: "Qualquer elaboração oral por mais que pareça simples divertimento encerra sempre algo de utilidade, de preceito e de etiqueta". No que se refere ao conto maravilhoso, a existência de uma situação inicial caracterizada por carência ou dano a ser reparado ao longo do desenvolvimento da narrativa, já dispõe um campo projetivo positivo, principalmente quando se sabe que as personagens dramáticas são "mais típicas que únicas". Segundo Bruno Bettelheim, o dualismo presente em narrativas do gênero, onde o mal é tão onipresente quanto a virtude, coloca o problema moral e requisita a luta para resolvê-lo. Conforme diz, a promoção da moralidade não residiria no fato de a virtude prevalecer, mas no dado de ser o herói mais atraente e possibilitar identificações mobilizadas pelo anseio de vitória.

O Prof. Xidich compreende que as narrações populares constituem um conjunto complexo e de difícil manipulação: "É que essas elaborações da literatura popular flutuam entre o real e o imaginário; projetam-se, indiferentemente, em torno de personagens humanos, animais, vegetais e do mundo inanimado; aninham-se às cronologias históricas e aos fatos prováveis, transbordando, no entanto, para a intemporalidade e para o anacronismo". Além disto, assinala que as narrações, e mesmo os mitos, podem não ter tido origem num momento pretérito da vida social ou do homem, estando a se elaborar constantemente e contemporaneamente.

No entanto, o autor não perde de vista o cunho formador e universalizante da produção oral. Ao analisar o aspecto da hospitalidade presente em narrativas pias, enquadrando-o no espírito de solidariedade, tão próprio da comunidade rústica, reconhece tais valores como não exclusivos dessa mesma comunidade, uma vez que "moldados profundamente, para não dizer essencialmente, por um mundo que precede a formação de qualquer sociedade rústica no Brasil"...De qualquer modo, é bem clara, inconfundível e rígida a moral e o senso de justiça popular (em cuja base estaria a pena de talião), elaborados, segundo Xidich, em conexão com o sagrado e o sobrenatural.

Da minha parte, contando com um material originário de uma região que por diversas características pode ser considerada sintética do Nordeste brasileiro, cheguei praticamente às mesmas constatações. Acredito que este dado possa servir ao Prof.Xidich no sentido de uma hipótese sua quanto à unicidade dos valores e do universo simbólico presente no interior brasileiro.

\* Comunicação apresentada na UNESP - Marília-SP, por ocasião do "Encontro com Mestre Xidich",1990; publicada na Revista do Instituto de Estudos Brasileiros, USP, 1993.

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BETTELHEIM, Bruno. A psicanálise dos contos de fadas. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1979.

LIMA, Francisco A.de Sousa. Conto popular e comunidade narrativa. Rio de Janeiro, Funarte/INF, 1985.

**XIDICH, Oswaldo Elias Narrativas populares.  
São Paulo, 1967.**

# LEIS HISTÓRICAS DO CRATO

LEI Nº 1.540/94, de 05 de Maio de 1994

Emente: Cria os distritos de BAIXIO DAS PALMEIRAS, BELMONTE, CAMPO ALEGRE, MONTE ALVERNE e SANTA ROSA, extingue os distritos de LAMEIRO e MURITI, modifica o nome do distrito de PADRE CÍCERO para BELA VISTA e redefine as divisas interdistritais e zona urbana do Município do Crato, e adota outras providências.

**À CÂMARA MUNICIPAL DO CRATO, APROVOU:  
E EU SANCIONO A SEGUINTE LEI,**

**Art.1º** - Ficam criados os distritos de BAIXIO DAS PALMEIRAS, BELMONTE, CAMPO ALEGRE, MONTE ALVERNE E SANTA ROSA, no Município do Crato, Estado do Ceará.

Único - As sedes dos novos distritos são os povoados de BAIXIO DAS PALMEIRAS, BELMONTE, CAMPO ALEGRE, MONTE ALVERNE e SANTA ROSA, que ficam elevados à categoria de vila.

**Art.2º** - Ficam extintos os distritos de LAMEIRO e MURITI, no Município do Crato, no Estado do Ceará.

**Art.3º** - O distrito de PADRE CÍCERO e sua sede, passam a ser denominados de BELA VISTA.

**Art.4º** - A zona urbana da cidade do Crato passa a ser toda a área do distrito sede.

**Art.5º** - A linha divisória interna do Município do Crato passa a ser a seguinte:

## **A) ENTRE OS DISTRITOS DE CRATO E BELA VISTA**

Começa na nascente do riacho da Serrinha na serra Bôa Vista, por uma reta vai até a nascente do riacho da Lagoa Encantada, desce por este riacho até o seu cruzamento com a estrada Crato- Padre Cícero, segue por esta estrada até o entroncamento da estrada Lagoa Encantada-Juazeiro do Norte e segue por esta estrada até a divisa intermunicipal com Juazeiro do Norte.

## **B) ENTRE OS DISTRITOS DE CRATO e SANTA ROSA**

Começa na divisa municipal com Juazeiro do Norte, na rede de alta tensão. segue por esta rede de alta tensão até o seu

cruzamento com a estrada Muriti-Chapada e segue por esta estrada até o entroncamento da estrada Crato-Chapada.

### **C) ENTRE OS DISTRITOS DE CRATO e BAIXIO DAS PALMEIRAS**

Começa no entroncamento da estrada Muriti-Chapada com a estrada Crato-Chapada, segue pela estrada Crato-Chapada até o seu cruzamento com o riacho Lobo, sobe pelo riacho Lobo até a confluência dos riachos Constantino e dos Currais, sobe pelo riacho Constantino até o meio da encosta da serra do Araripe e segue pelo meio desta encosta até o cruzamento com a estrada CE-492.

### **D) ENTRE OS DISTRITOS DE CRATO e BELMONTE**

Começa no meio da encosta da serra do Araripe no seu cruzamento com a estrada CE-492. por uma reta vai até o entroncamento da estrada Lameiro-Sítio Preguiça e segue por esta última estrada até o seu final no Sítio Preguiça.

### **E) ENTRE OS DISTRITOS DE CRATO e CAMPO ALEGRE**

Começa no final da estrada Lameiro-Sítio Preguiça, segue pela estrada Sítio Preguiça-Batateira até o seu entroncamento com a estrada Campo Alegre-Batateira e daí por uma reta vai até a estrada BR-122/CE-292 no entroncamento da estrada para Santa Fé.

### **F) ENTRE OS DISTRITOS DE CRATO e SANTA FÉ**

Começa no entroncamento da estrada para Santa Fé na estrada BR-122/CE-292 e por uma reta vai até a nascente do riacho da Serrinha na serra Boa Vista.

### **G) ENTRE OS DISTRITO DE BELA VISTA e PONTA DA SERRA**

Começa na nascente do riacho da Serrinha na serra Boa Vista, desce por este riacho até a sua confluência com o riacho do Sovaco, desce pelo riacho do Alegre até a sua foz no riacho dos Carás e desce por este até a divisa intermunicipal com Juazeiro do Norte.

### **H) ENTRE OS DISTRITOS DE SANTA ROSA e BAIXIO DAS PALMEIRAS**

Começa na divisa intermunicipal com Barbalha e Juazeiro do Norte, no alto do Leitão e daí por uma reta vai até o entroncamento da estrada Muriti-Chapada com a estrada Crato-Chapada.

### **I) ENTRE OS DISTRITOS DE BAIXIO DAS PALMEIRAS E BELMONTE**



Começa no limite interestadual com Pernambuco na estrada CE- 492 e segue por esta estrada até o seu cruzamento com o meio da encosta da serra do Araripe.

**J) ENTRE OS DISTRITOS DE BELMONTE e CAMPO ALEGRE**

Começa no limite interestadual com Pernambuco na estrada BR- 122/CE-494, segue por esta estrada até o entroncamento da estrada CE-292 e daí por uma reta vai até o Sítio Preguiça no final da estrada Lameiro-Sítio Preguiça.

**L) ENTRE OS DISTRITOS DE CAMPO ALEGRE e SANTA FÉ.**

Começa na divisa intermunicipal com Santana do Cariri na estrada CE-292, segue por esta estrada até o seu cruzamento com a estrada Guaribas-Dom Vital, segue pela estrada Guaribas-Dom Vital até o entroncamento da estrada para a localidade Cancelão e daí por uma reta vai até o entroncamento da estrada para Santa Fé com a estrada BR-122/CE-292.

**M) ENTRE OS DISTRITOS DE PONTA DA SERRA e SANTA FÉ**

Começa na nascente do riacho da Serrinha na serra Boa Vista e daí por uma reta vai até a nascente do riacho Taboca.

**N) ENTRE OS DISTRITOS DE PONTA DA SERRA e MONTE ALVERNE**

Começa na nascente do riacho Taboca e daí segue pelo divisor de águas entre os riachos dos Carás e Catingueira até o seu cruzamento com a CE-386 e segue por esta estrada até o entroncamento da estrada para a localidade Caldeirão.

**O) ENTRE OS DISTRITOS DE PONTA DA SERRA e DOM QUINTINO**

Começa na estrada CE-386 no entroncamento da estrada para o Caldeirão e daí por uma reta vai até o ápice do cabeço mais ocidental da serra da Fortuna na divisa intermunicipal com Caririáçu.

**P) ENTRE OS DISTRITOS DE SANTA FÉ e DOM QUINTINO**

Começa na foz do riacho Canoa no rio Cariús na divisa municipal com Nova Olinda, sobe pelo riacho Canoa até a foz do riacho do Caldeirão e sobe pelo riacho do Caldeirão até o seu cruzamento com a estrada Caldeirão-Entroncamento CE-386.

**Q) ENTRE OS DISTRITOS DE SANTA FÉ e MONTE ALVERNE**



Começa no cruzamento do riacho do Caldeirão com a estrada Caldeirão Entroncamento CE-386, segue por esta estrada até o entroncamento da estrada Correntino-Sítio Varzinha, segue pela estrada Correntino-Sítio Varzinha até o seu cruzamento com o riacho Correntino, desce por este riacho até a sua foz no riacho Vermelho, desce pelo riacho Vermelho até a sua foz no riacho dos Carás, sobe pelo riacho dos Carás até a foz do riacho Santa Rosa e daí por uma reta vai até a nascente do riacho Taboca.

### **R) ENTRE OS DISTRITOS DE MONTE ALVERNE e DOM QUINTINO**

Começa no cruzamento do riacho do Caldeirão com a estrada Caldeirão-Entroncamento CE-386 e segue por esta estrada até o seu entroncamento na estrada CE-386.

**Art.6º** - Esta lei entra em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

*PAÇO DA PREFEITURA MUNICIPAL DO CRATO, AOS 05 DIAS  
DO MÊS DE MAIO DO ANO DE MIL NOVECENTOS E NOVENTA E  
QUATRO (1994)*

**Antonio Primo De Brito**  
**Prefeito Municipal Crato**

## FATOS HISTÓRICOS DO CRATO

Lameiro - criado em 4 de fevereiro de 1858

Burity em 20 de dezembro de 1938

1º administrador municipal Francisco Gomes

1º prefeito republicano José Gonçalves da Silva, empossado em 1890

Primeira Câmara, eleita em 1894

Presidente: Antonio Ferreira Lobo

Membros: Antonio Esmeraldo da Silva

Antonio Ferreira de Melo

José Pinheiro B.de Menezes

Clarindo Rodrigues Costa

### **LEI Nº 1.540-94 DE 5 DE MAIO DE 1994 GOVERNO ANTONIO PRIMO**

Extinguiu os distritos do Lameiro e Murity

Criou os distritos de Baixio das Palmeiras,

Campo Alegre, Monte Alverne, S.Rosa.

Modificou o nome do distrito Pe.Cícero para Bela Vista.

Redefiniu as áreas urbanas e distritais do Município. Lameiro e Murity passaram a ser bairros da cidade.

## **ICC FAZ CONVÊNIO PARA DESENVOLVER ARTES CULTURAIS**

O Instituto Cultural do Cariri vem de firmar importante convênio de cooperação técnica, cultural e educativa, com a Academia Sertaneja ou seja, uma instituição teuto-brasileira de desenvolvimento sócio-cultural.

A Academia quer contribuir para um maior desenvolvimento sócio-cultural na Alemanha e nos sertões do Nordeste, integrando a população alemã e população do sertão - num trabalho que visa orientar a todos na necessidade da pesquisa e da informação cultural.

Esse trabalho proporcionará novas perspectivas de desenvolvimento cultural, e convivência social na forma de criação de uma consciência global para os problemas político-sociais a favor de uma colaboração conjunta de novos modelos de convivência de desenvolvimento.

Nesse sentido, ela vai se preocupar muito na elaboração de novos métodos e formas de trabalho e ensino que favoreçam um tal desenvolvimento sócio-cultural.

Tem, por isso, a finalidade superior de fazer um intercâmbio sócio-cultural baseado em trabalho informativo, lingüístico, cultural e científico. Integrar as populações da Alemanha e do sertão, tenta a Academia num trabalho para reagir contra a ignorância do que é o sertão, na Alemanha, e do que é a Alemanha nos sertões.

Além disso, se deseja oferecer a pessoas e grupos interessados diversos serviços, como mediar correspondências pessoais, aconselhamento de viagens, serviços de traduções e informações turísticas.

Não se despreza a possibilidade de cursos de alemão.

Firmaram o convênio Raimundo Borges, Presidente do ICC; Aristela Guedes, procuradora e Fundadora da Academia, assessores, vice-presidente e testemunhas.

A Academia utilizará a sede do ICC para suas atividades. Mandará limpar o prédio, fazer restaurações, instalar caixa para correspondência, pagará água e luz e dará assistência total ao ICC.

## SEPARATISMO:

Iara Mourão

Era só o que estava faltando acontecer neste país de povo ordeiro, lutador, rico em extensão de terras, riquezas naturais, porém tão carente de decisões políticas, que o conduza à retomada do crescimento e saia do marasmo em que se encontra.

A ausência desta política, vem dando margem a muitas distorções e dentre estas, a de meia dúzia de maus brasileiros oriundos do Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul, que sem nenhum escrúpulo, divulgam para a imprensa, proposta egoísta, discriminatória e elitista, de separar o Nordeste do Sul, criando-se assim, como alguém já falou "dois brasis". Isto, mais parece uma piada...

Concretamente, os autores da referida proposta, bitolados na própria cultura, desconhecem a cultura versátil do Nordeste, formada de nomes ilustres, que não precisamos nem forçar a memória para lembrar, pois fluem facilmente, visto fazerem parte da história antiga e contemporânea de nossa pátria.

Desconhecem a garra do Nordestino que ajudou a construir São Paulo, e Brasília, a conduta disciplinada no enfrentamento com a seca.

Migrações ocorrem pela falta de uma reforma agrária, de emprego que os prenda a terra, ou tal qual os europeus que procuraram as plagas do sul para realizar um sonho fazer fortuna, mudar de vida!

Seria importante saber o posicionamento dos responsáveis pela idéia de separatismo, idéia esta completamente despida de amor à Pátria, espírito cívico e que deveria ter morrido antes de nascer, se a mesma ainda está de pé, mesmo diante da situação pela qual passa o Brasil, que necessita acima de tudo da união do seu povo para vencer o impasse em que se encontra.

**Iara de Araújo Mourão - Assistente Social**  
**Rua Prof. Lino Encarnação - 1026 - Parquelândia**  
**FORTALEZA-CE.**

# REALCE DE UM RENASCER

**Valdelice Alves Leite**

Tenho em mãos um sucesso da ALA FEMININA, a revista "JANGADA", que no dizer da atual presidente Neide Freire, "volta a navegar, com outros jangadeiros, outras restingas e outros mares...e o mesmo sonho!" Temos realmente o direito de sonhar com dias melhores para as novas gerações, dias conduzidos pela prevalência da VERDADE, provinda da Luz Divina que nos guia constantemente.

De sonhos de vez em quando  
bem refletem ambição,  
perquirindo, pesquisando  
desejos do coração.

Na correnteza da vida há sempre um barquinho carregado de sonhos e estes nunca devem ser desprezados e sim encarados com ternura que é a substância da bondade, sem afetação em alardear méritos. Por isso mesmo, dignas componentes da Ala Feminina escrevem com sutileza de expressões, neste primeiro número da nova Jangada, mostrando que "jangada" é símbolo de coragem, audácia, ousadia, persistência e bravura, sobretudo. Elas, de olhos bem abertos sentem crescer o rumor manso de um mar quiçá ainda desconhecido.

Precisamos, amigas, crescer novamente, tomar novo impulso, reviver, renascer para a melhoria da atual sociedade tão carente de boa orientação. O renascer da revista Jangada nos exige interesse e entrega totais para que o seu realce se renove a cada dia e assim a vida se perpetue sem nunca ser igual, pois melhorar, progredir é preciso.

A jangada é construída de madeiras ligadas entre si, formando sobre a água, uma espécie de plataforma que serve de embarcação. Nela, figurada em nossa revista que renasce, desatemos as mãos, resgatemos nossas energias, recuperemos a esperança, e lutemos pela vida que deve ser bem vivida. Aquele que considera sua vida e a dos outros sem qualquer sentido, é fundamentalmente infeliz, pois não tem motivo algum para viver bem. Quem ignora que o homem foi criado para ser feliz, amar e respeitar o seu semelhante? Precisamos entretanto, de

devotamento, tolerância, espírito de equipe, senso de cooperação, que contribuem de modo singular para o sucesso.

De velas içadas ao sabor dos ventos, perscrutando os horizontes, prossigamos, devotadas companheiras da Ala Feminina, escrevendo, transmitindo idéias substanciais às novas gerações, pois escrevendo ajudamos os que tentam resgatar um tempo, uma memória, e a certeza de que viver bem vale em verdade, qualquer risco. Afastemos as tristezas, por vezes os sorrisos das companheiras desatam os nossos e nos tornamos alegres e felizes...Permaneçamos assim, unidas e verdadeiras amigas, nós da Ala Feminina da Casa Juvenal Galeno, baluarte da cultura cearense, que tem como diretor, o Dr.Alberto Santiago Galeno, que nos apoia e incentiva. Que a nova Jangada, revista singela porém tão verdadeira, singre os mares revoltos, bravios ou serenos da vida, implantando a VERDADE, a JUSTIÇA e a PAZ em nossos dias e sempre.



## **DR. ANTÔNIO LYRIO CALLOU, LEGENDA MÉDICA DO CARIRI!**

Com a avançada idade de 92 anos, faleceu em Barbalha o Dr. Antônio Lyrio Callou, médico humanitário que deu toda a sua vida ao serviço da terra barbalhense que o viu nascer e viver.

Nascido em 18 de julho de 1902, Dr. Lyrio Callou veio fixar-me em Barbalha desde que se formou em Medicina pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, em 1930.

Clínico geral e obstetra, Dr. Lyrio Callou era uma das lendas médicas do Cariri, com notável folha de serviço à Barbalha e ao Cariri em geral.

Médico humanitário e sempre disponível, Dr. Lyrio Callou praticava a verdadeira caridade vicentina, fazendo sempre o BEM sem olhar a quem.

Cidadão de escol, era a probidade personificada!

Médico verdadeiramente vocacionado, sob sua liderança Barbalha conquistou grandes benefícios, filhos do seu trabalho e do seu idealismo.

Entre outras coisas Barbalha deve ao Dr. Lyrio Callou obras como o Centro Educacional Lyrio Callou, Rádio Salamanca, Cooperativa de Crédito que presidiu durante meio século, sem falar no Hospital- Maternidade São Vicente de Paulo cuja construção levou, à duras penas, do alicerce à placa do teto.

Por mais de 30 anos o Dr. Lyrio Callou chefiou o Posto de Tracoma de Barbalha que era, como que, o Pronto Socorro da cidade quando ainda não havia Hospitais na "Terra dos Canaviais", salvando vidas pela alegria do BEM feito pelo BEM!

Muitas vezes vi D. Lyrio Callou engessando braços e pernas no Posto de Tracoma onde fez centenas de pequenas cirurgias oftalmológicas, tais como Pterígios, Corpos Estranhos Oculares, ferimentos oculares acidentais, cirurgias de triquíases e muitas outras que ele fazia gratuitamente!

Dr. Lyrio Callou não cobrava nada de ninguém, nem mesmo de quem podia pagar! Certa vez me disse que sentia vergonha de cobrar serviços médicos, achando que o médico devia ganhar do governo para trabalhar de graça para o povo.

Homens como Antônio Lyrio Callou são hoje espécie em extinção!

Prefeito de Barbalha por dez anos, foi também Vereador por muitas legislaturas, exercendo a atividade política à moda

antiga, com probidade e ética. Com sua morte Barbalha perdeu um grande filho e o Ceará um grande homem!

## CURIOSIDADES SOBRE DR.LYRIO CALLOU

Barbalha ainda não se refez de todo do impacto da morte do seu grande filho, Dr.Antonio Lyrio Callou, tão habitual figura humana das suas ruas, sempre de terno completo e gravata, na quase totalidade das vezes andando a pés.

Dr.Lyrio parecia fazer parte intrínseca das ruas de Barbalha pelo longo tempo que nelas transitou no seu dia a dia de barbalhense que nunca se afastou da sua cidade.

Pelo menos, por meio século ele atuou ativamente em Barbalha e como médico parteiro fez milhares de partos cujo número ele próprio não sabia dizer, tantos foram os partos que fez!

Tendo também milhares de compadres, comadres e afilhados, Dr.Lyrio, obviamente, não poderia saber o número, mesmo aproximado, dos afilhados que tinha, todavia, para se ter pelo menos uma idéia deste total, basta que se lembre esta curiosidade da sua vida: era ele, certamente, o único brasileiro a ter dois afilhados no Senado Federal: os barbalhenses, senadores Reginaldo Duarte e Mansueto de Lavor, que ajudou a virem ao mundo como parteiro.

Por esta amostragem dá para se sentir a enorme extensão do seu compadrio, certamente um dos mais numerosos e ricos de todo o Cariri.

Duvidamos que qualquer outro brasileiro tenha, no momento, dois afilhados no Senado Federal, mas Dr.Lyrio tinha, certamente sendo esta uma das muitas curiosidades da sua vida tão rica de curiosidade.

**Barbalha, 1º.06.94. Napoleão Tavares Neves.  
Nota: Dr.Lyrio Callou faleceu a 27.05.94**

# **ASSIM COMEÇA UMA GUERRA**

(Pesquisa)

**(Antecedentes às "Notas Cronológicas" de Luiz Ayres de Alencar inseridas em "Colégio 21 de Abril, de Jardim, Autêntica Forja de Lideranças" do Dr. Napoleão Tavares Neves)**

O sítio Riacho, hoje Santos Dumont, propriedade de Cícero Matias casado com Santana, tinha encravado na sua área um esquadro de terras pertencentes aos Vieira - Rodrião, Raimundo, Manoel, Né e o caçula Francisco tratado por Chiquinho - cultivado com fumo.

Assinalava a divisa desse esquadro com o sítio uma carreira de pés de pinho, planta de semente purgativa e utilizada no fabrico do sabo caseiro.

Uma feita Santana mandou recolher parte da safra espalhada no chão.

Os Vieira no gostaram e Chiquinho foi-se ter com ela. No bate-boca ele alegou que ela só poderia apanhar os pinhes se pedisse. A resposta veio acompanhada da ameaça de "mandar cortar os pés de pinho".

A partir daí os pinhozeiros receberam a proteção da mira das armas dos Vieira, metidos a valentes.

Procurado pelo casal o coronel Sazinho, adjunto de promotor em Jardim, leu e explicou os artigos 556 e 557 do Código Civil Brasileiro, de 1916:

"Art.556 - A árvore cujo tronco estiver na linha divisória do terreno, presume-se pertencer em comum aos donos dos prédios confinantes.

Art.557 - Os frutos caídos de árvore do terreno vizinho pertencem ao dono do solo onde caíram, se este for de propriedade particular".

João Roberto tomou o partido dos Vieira. Vicente, seu irmão, delegado de polícia, era compadre de Rodrião, apadrinhara uma filha deste.

Acomodaram-se os contendores, embora ficassem se olhando de banda.

Falece Cícero Matias. A viúva casa com o ex-cunhado João Matias, "um banana, a mulher é quem mandava".

Um dia cabras de Santana pegam um molecote cria dos Vieira e o forçam a cortar alguns daqueles pés de pinho.

Para evitar maiores encrencas os Vieira decidem mudar para o Bonsucesso, abaixo do Riacho no corrente das águas.

Santana havia peitado, com um conto de réis, a Zé Gago ou Zé de Anja para matar Chiquinho Vieira. Chiquinho insistia namorar uma irmão de José que lhe dava o fora.

Por arte do diabo, no dia da mudança Chiquinho inventou de pernoitar em casa da tia Anja.

Conversavam à beira do fogo, no terreiro, menos José, ausente, quando as mulheres entraram "para fazer um café".

José, de tocaia entre os pés de café que rodeavam a casa, atirou e matou Chiquinho. Incontinentemente foi comunicar o "sucesso" aos familiares do morto e no dia seguinte pegou no pau da rede do defunto a caminho do cemitério de Jardim a estrada toda.

Após o sepultamento os irmãos e José foram à casa de Raimundo dos Santos, no pé da Serra, casado com uma prima do morto.

Depois de alimentados Zé de Anja dirigiu-se a um quarto onde havia rede armada, e Antônio dos Santos, nos seus doze anos, o escutou dizer: "vou dormir que já fiz o que queria".

Diz Antônio ter relatado aos demais a estranha revelação ouvida.

Na volta, sob pontas de punhais, José foi rigorosamente interrogado. Negava tudo com os dedos em cruz, jurava inocência.

Já em casa, desconfiado de não haver convencido os seus inquiridores, veio amanhecer o dia no terreiro do coronel Sazinho, a quem confessou o crime e pediu garantias de vida.

Armados até os dentes os irmãos mais o primo Vicente Pitiá passaram a emboscar Zé Gago até crivarem-no de balas na vazante de capim do seu protetor.

Veio presa com os dois filhos incriminados, Rodrião e Manoel, a tia avó do meu informante, a qual só não ficou por trás das grades graças ao coronel Dudé.

Daqui para diante leiam-se as "Notas Cronológicas" (A seguir)

Brasília, março de 94. José Peixoto Júnior

## **"NOTAS CRONOLGICAS"**

**Como Luiz Ayres de Alencar registrou no seu diário "Notas Cronológicas" os acontecimentos que Antecederam e culminaram com o fechamento definitivo do Colégio 24 de Abril.**

Ano de 1923.

### **Dia 10 de maio.(Quinta-feira)**

É atacada, por volta de 9 horas da noite, a cadeia da cidade de Jardim, por um grupo de cerca de 16 homens (cálculo), resultando o assassinato de um dos três soldados que a guarneciam, de nome Adjuneto Simes e a fuga de dois criminosos, que ali aguardavam julgamento, Manoel e Rodrio Vieira, irmos.

As autoridades policiais nenhum auxílio prestaram ao tenente comandante da força pública, Manoel Firmino de Araújo e, como eram abertamente protetores desses criminosos, a opinião pública indigitou-os como autores mandantes da escalada da cadeia.

### **Dia 19 de maio. (Sábado)**

Um sargento da polícia, sargento Barroso, atira no Presidente da Câmara Municipal, João Roberto Pereira, em seu próprio estabelecimento comercial, à Praça do Comércio, isto após a explosão de uma bomba, parece que adrede preparada, solta além do renque de lojas vis-à-vis com a casa daquele comerciante.

Troços de soldados rompem fogo contra a loja de João Roberto, matando um popular residente no Saco, de nome Joaquim Balbino e ferindo outros. João Roberto, homem valente, bravo, responde aos tiros, ele e seu empregado de nome Alcebíades Gondim, com tiros de revólver e se imergem ambos no turbilhão da feira, indo até à casa de residência. Sairam incólumes. A polícia do Estado visava a João Roberto e seu irmão Vicente Roberto, 1º suplente de delegado de polícia, em exercício, como os autores mandantes da escalada da cadeia e morte consequente do soldado Adjunto Simes (ou Adjunto).

### **Dia 23 de maio (Quarta-Feira)**

As forças de polícia, comandadas por três oficiais: 1º tenente Manoel Firmino de Araújo, 2º tenente Manoel Firmino de Araújo, 2º tenente Raimundo Cearense e 2º tenente Artur Inácio, cercaram a casa de residência de João Roberto e por volta de 4 horas da manhã, rompem em fogo contra a mesma, prolongando-se o tiroteio até cerca de 7 horas da manhã, quando João Roberto, seu irmão Vicente Roberto, empregados da loja e capangas, todos, patrões e subalternos, em número de 14, se entregam, sendo os primeiros recolhidos à casa do Juiz de Direito, Dr. Francisco de Lima Botelho e os últimos, os capangas, à cadeia pública.

Dois dias depois, são aqueles transferidos da casa do Juiz para a casa de Luiz Pereira de Souza, comerciante, armazenista de gêneros, e com mais dias para o andar superior da cadeia pública, de onde foram soltos por concessão de habeas-corpus dado pelo Superior Tribunal de Justiça do Estado.

Foram soltos em 14 de maio e a 15 retiraram-se os Robertos furtivamente, indo homiziam-se na fazenda Apertada-Hora. Dalí foram alojar-se com os familiares em Salgueiro, de onde projetam seguirem para paragens distantes.

### **Dia 5 de Julho. (Quinta-Feira)**

Retira-se com a família o comerciante Manoel Roberto Pereira, irmão de João Roberto Pereira, no sei com que destino, deixando com a sua mudança precipitada a cidade em alvoroço com a probabilidade de um ataque dos inimigos por parte daquele seu irmão.



## **Dia 24 de julho (Segunda-feira)**

João Roberto entra inesperadamente na vila de Porteiras, à tarde, já no fim da feira, prende o Juiz Municipal, Dr. Sabino da Silva Thé, impõe ao comerciante Arlindo Lopes uma contribuição de guerra de cem contos de réis, a qual é paga incontinenti, contribuição imposta sob o pretexto de ser ele amigo extremado do Promotor, Otoni de Sá Roriz e o conduz preso na direção do Jardim, aquele juiz.

Em companhia deste e com o intuito de protegê-lo, vieram com ele de Porteiras o tabelião José Pereira Sobrinho, Antônio Cândido de Casaes e Elias Novais e mais uma pessoa cujo nome me escapou.

## **Dia 25 de julho (Terça-Feira)**

Amanhece na Serra do Araripe e próximo à Ladeira do Cruzeiro, João Roberto acompanhado de um grupo de homens bem armados, trazendo aquela presa, o Dr. Sabino Silva Thé.

Desce à cidade uma comissão constituída por aqueles três cavalheiros de Porteiras e vem em nome de João Roberto, parlamentar com o Doutor Juiz de Direito da Comarca, Francisco de Lima Botelho e com o Promotor, Otoni de Sá Roriz, exigindo a retirada de ambos para fora de Jardim e uma contribuição de cinco contos de réis (5.000\$000).

O Juiz Botelho já havia se ocultado e foi debalde que aquela comissão procurou vê-lo (Estava oculto, diz-se, em casa do telegrafista Burlamarqui). Após o entendimento com o Promotor, volve a comissão à serra acompanhada de muitos homens da cidade de Jardim e dos sítios mais próximos, entre estes somente o humilde escrevinhador destas linhas e João Pereira Vales e após alguma relutância de João Roberto, este cede em retirar-se recebendo do Promotor um conto de réis (1.000\$000), incluindo mais em suas cláusulas de retirada a saída (com alguma demora) do mesmo Promotor. O Juiz de Direito, este já tinha, por si, e em atenção às circunstâncias, resolvido a retirada.

No mesmo dia 24, o Juiz de Direito sai furtivamente da casa de escrivão interino, Horácio Tavares, em companhia deste e por entre os canaviais, vai ter à casa de Mansinho da Cruz, onde obtém animais, com um sobrinho deste, Israel da Cruz, e dali segue até o sítio Belo-Horizonte, onde se encontrava desde o

dia anterior a sua família (dele) e dali, em companhia do velho Luciano Bacamarte segue para o Juazeiro do Padre Cícero, indo João Vales deixá-lo em Cacimbas.

Na tarde do mesmo dia 24, um grupo de 20 homens, do Grupo de João Roberto, dirigido por Raimundo Vieira, toma a casa de Cícero Pereira Martins, na Capoeira ou Santana e leva doze burros, e dois cavalos saqueando mais a casa do proprietário e as de muitos agregados deste.

Cícero Martins havia se retirado com a família prevendo agressão.

O Grupo de João Roberto era de cerca de 20 homens e a força da polícia que guardava a cidade, afora os civís fornecidos pelo Promotor, era de 27 praças. O Juiz de Direito, Dr. Botelho, de sua viagem em fuga para Juazeiro, volve ao Jardim onde já demora grosso contingente da polícia e prepara-se para retirar-se com a família para a capital do Estado.

### **Dia 29 de agosto**

Recebi um convite de João Roberto Pereira, transmitindo em um telegrama enviado ao coronel Dudé, para prestar-lhe os meus serviços de advogado.

Vem ele preso pela polícia deste Estado.

## Dia 1º de setembro (Sábado)

Entra na cidade de Jardim, preso e cercado de numerosas forças, o comerciante João Roberto Pereira, ex-presidente da Câmara Municipal da mesma cidade, e ainda vereador da mesma Câmara.

A fortuna é inconstante como o vento: ontem era ele o primeiro comerciante de Jardim e o homem mais acatado, mais estimado e mais temido deste município; hoje o preso encerrado no xadrez, térreo, de uma humilde cadeia.

O Governo do Ceará mandou-lhe no encalço, após a prisão do Juiz, Dr. Sabino da Silva Thé, numerosa força sob o comando do tenente Artur Inácio, voltando este com João Roberto preso, e deixando morto pelas balas da polícia Vicente Roberto, ex- delegado de Jardim.

Ainda no sei onde se deu a prisão de um e a morte do outro.

Constou-me que João Roberto, na entrada da cadeia, hoje, dissera: "Perdi minha fortuna, perdi minha fortuna, perdi meu irmão, perdi um olho e hoje sou um preso". (Chegou com um olho vasado).

**Retificando:** Ele não vasou o olho; está, sim, talvez perdido pelo efeito de uma pancada de um ramo em uma vereda.

## COMENTÁRIO:

Todo jardinense sabe que na segunda e terceira décadas deste século Jardim foi, inquestionavelmente, por excelência a cidade estudantil do Cariri, graças ao famoso "Colégio 24 De Abril", do Juiz de Direito e notável educador, Dr. Francisco de Lima Botelho.

Sabe também que o prematuro fechamento do "Colégio 24 de Abril" aconteceu em consequência do desentendimento havido entre o Adjunto de Promotor Público, rábula Otoni de Sá Roriz, "coronel Sazinho", e o comerciante e político emergente, João Roberto Pereira, Presidente da Câmara Municipal de Jardim, com lamentável desdobramento entre este último e o Juiz, Dr. Francisco de Lima Botelho, fundador, professor e proprietário do "Colégio 24 de Abril" que foi forçado a deixar a cidade em 24 horas por seu desafeto! Tudo isto é sobejamento conhecido por todos em Jardim. Pois bem, todo o lamentável episódio que culminou com o fechamento do "Colégio 24 de Abril" teve a sua origem neste grotesco fato acima narrado com pleno conhecimento de causa pelo escritor e pesquisador, Dr. José Peixoto Júnior, que foi menino e adolescente em Jardim.

É pena que uma questiúncula tão grotesca haja evoluído para desfecho tão desastroso para Jardim, por culpa exclusiva da intolerância dos homens. Faltou espírito público - humildade na mesma proporção em que sobrou vaidade - prepotência, com prejuízos para o povo!

Se o rábula, Otoni de Sá Roriz, homem culto e inteligente, no tivesse acolhido o criminoso confesso, "Zé Gago", logo ele que não deveria fazê-lo por ser autoridade judicial, com certeza não teria havido a chamada "Guerra de João Roberto" cuja consequência mais desastrosa foi, inegavelmente, o fechamento do "Colégio 24 de Abril".

Homem rico, vaidoso e violento, João Roberto Pereira, sendo Presidente da Câmara Municipal de Jardim e havendo indicado o seu irmão, Vicente Roberto Pereira, para Delegado de Polícia da cidade, na sua limitada visão de político à moda antiga, achou que, se "Zé Gago" matou barbaramente e estava solto, sem processo, os seus protegidos, irmãos Rodrião e Raimundo Vieira que, por vingança, mataram "Zé Gago", deveriam ficar também soltos, no vasculando em atacar a Cadeia Pública de Jardim para libertar os seus protegidos. No queria ele dois pesos e duas medidas para criminosos

similares, no que estava com a razão. Aí entrou no jogo a auto-afirmação pessoal e a demonstração de poderio muito comuns naquela recuada época, quando o direito da força sempre suplantava a força do Direito, sobretudo no interior.

Em consequência deste impensado gesto, houve a morte de um soldado que guarnecia a Cadeia Pública, fato que o Governo Justiniano de Serpa - Idelfonso Albano recebeu como um desafio de João Roberto Pereira, surgindo os lutuosos acontecimentos subseqüentes com várias mortes, muita bala, lesões corporais, ultimato a um Juiz, sequestro do Juiz, Dr. Sabino Silva Thé, fechamento do "Colégio 24 de Abril", sem falar em prejuízos materiais de grande monta. O fechamento do "Colégio 24 de Abril" ceifou, no nascedouro, a vocação para as letras de centenas de jovens caririenses e de regies limítrofes. Um verdadeiro golpe de morte na instrução de Jardim!

Os fatos esto acima narrados com muita transparência e absoluta isenção de ânimo por José Peixoto Júnior, advogado, intelectual e escritor. Portanto, as pedras estão na mesa para o jogo da verdade histórica. Que o leitor estude os fatos e faça o seu julgamento.

**Barbalha, 24 de maio de 1994. Napoleão Tavares Neves.**

## **EMINENTES FILHOS DE JUAZEIRO DO NORTE**

**Elias Rodrigues Sobral**

"A virtude é o guia da vida". Há homens predestinados pelas suas virtudes raras, que como sois refletem a sua luz intensa, o calor humano, a imponência da integridade de sua conduta elevada e digna. Através das grandes e belíssimas virtudes que adornam a sua personalidade de escola, o valor da sua bondade e das benemerências do seu coração grandioso e agusto, marcam as atividades da sua projeção social, no meio onde atuam com refulgente esplendor. Oferecem, ainda, o dinamismo do seu arrojo e de sua atuante ação benfazeja em prol do progresso futuro de sua pátria.

São estrelas cadentes que divisam pelo grande espaço da sua órbita, fachos luminosos, os quais ponteiam com expressiva claridade, o rastro brilhante de sua passagem pelo espaço da sua vivência existencial, que lhes é dado a atravessar na sociedade em que vivem.

O Cel.Francisco Humberto Bezerra reúne nas suas qualidades raras, toda esta beleza que encanta todos os seus coestaduanos, os juazeirenses em particular, que o tem como uma jóia preciosa do seu patrimônio social.

Fazendo justiça a sua nobreza e dignidade ímpar, é sem nenhum favor uma das figuras mais destacáveis no cenário sócio- político-econômico, não só da nossa Juazeiro do Norte, mais de todo Ceará e quiçá de todo Brasil. Como político e cidadão íntegro tem contribuído com a sua cultura aliada a sua inteligência elevada para o dinamismo do seu trabalho operoso.

O Cel.Francisco Humberto Bezerra nasceu em Juazeiro do Norte, no dia 3 de junho de 1926, na vivenda dos seus progenitores no bairro Salgadinho, a margem do mesmo rio. Filho do Sr.José Bezerra de Menezes e D.Maria Amélia Rodrigues Bezerra, ambos falecidos.

Fez o curso primário no Grupo Escolar Pe.Cícero nesta cidade, o curso ginásial no Colégio Diocesano de Crato, transferido para a Escola Preparatória de Cadetes em Fortaleza e depois para a Academia Militar de Agulhas Negras, de onde saiu oficial do Exército brasileiro.

Como tenente, capitão e coronel, ocupou vários postos de destaque durante sua vida militar.



Entrando no movimento político, foi eleito Prefeito Municipal da nossa Juazeiro do Norte, cuja administração foi excelente. A sua vontade era legar aos seus considerados que o elegeram com uma votação surpreendente, um trabalho profícuo que tirou a nossa Cidade de inércia em que foi atirada por prefeitos anteriores.

Foi o gestor municipal, que procurou dotar a cidade de melhoramentos, onde sobressaiu-se o ENSINO MUNICIPAL o qual no início do seu governo estava estagnado pela falta de organização municipal no pagamento do professorado, que não recebendo também não prestava serviço adequado.

Revolucionou o ensino e a sociedade que aplaudiu e cooperou pelo êxito da sua administração excepcional. Construiu a sede da Prefeitura que ainda hoje apresenta um prédio de estrutura moderna de comodidades para toda administração municipal. Na parte urbana, calçou trechos da cidade que até então pareciam crateras impedindo a passagem de carros e pedestres. Reformou praças, pavimentou ruas, melhorou o acesso do centro para a periferia da cidade, que anteriormente veículos não transitavam pelo excesso de buracos e de areia que impediam o deslocamento de pessoas e carros. Deixou a cidade, bela, limpa, saudável e progressista.

Ao deixar a Prefeitura de Juazeiro do Norte, candidatou-se a deputado federal sendo eleito. Eleito vice-governador, Secretário de Estado, abandonando a política para assumir a Presidência do Banco Industrial e Comercial do Ceará, onde hoje, faz o seu campo de trabalho, tendo êxito em todas as suas conquistas comerciais.

Analisando o passado não distante do Cel.Humberto Bezerra, sentimos a grandeza da sua ação benfazeja através das suas realizações que se transformaram em esteio básico para o progresso contagiante que se vem realizando nesta cidade comospólita. Este progresso constante, idealizado e realizado pelo inesquecível Cel.Francisco Humberto Bezerra em sua gestão promissora abriu a senda para que esta máquina continue na trilha progressista iniciada por este juazeirense, um dos filhos mais ilustres que esta terra teve a felicidade de ver nascer no seio querido.

Os juazeirenses reconhecidos e gratos guardam no relicário da recordação o muito que o Cel.Humberto Bezerra fez pela sua querida Juazeiro, notadamente pela grandeza e prosperidade de todos nós que atualmente desfrutamos sensibilizados e agradecidos.

**Juazeiro do Norte-CE.**  
**TC 16.04.94**

# O ARMANDO FALCÃO QUE EU CONHEÇO

**José Vasconcelos - Murici**

No início da década de vinte, o bandoleiro Virgulino (Lampião), chefiando um grupo de cangaceiros, deflagrou uma luta de envergadura, extensiva à grande área sertaneja do Nordeste. Durante cerca de vinte anos, enfrentou corajosamente as polícias militares. As suas façanhas eram caracterizadas por emboscadas, saques e mortes, às vezes sob a proteção do coronelismo.

Paralelamente, uma onda de violência alastrava-se entre políticos, promovendo desordens, insuflando sertanejos humildes, ignorantes, habituados a obedecer integralmente seus coronéis.

Nesse clima de insegurança que fez a história política do Nordeste, nasceu Armando Falcão, em Quixeramobim-Ceará. Veio ao mundo possuindo determinantes genéticos provindos do seu avô materno, Cel. João da Mata Severo que, nas caatingas, cavalgando potros velozes, sabia mostrar sua fibra de vaqueiro e do seu avô paterno, Cel. da Guarda Nacional, Manoel do Rego Falcão, comerciante, agricultor e pecuarista, assassinado numa luta desigual, enfrentando adversários que combateram a oligarquia aciolina.

Eis porque, referindo-se à sua vocação política, diz no seu livro. Tudo a declarar: "venho de uma herança que não passou por inventário".

A educação doméstica e escolar, deram-lhe qualidades que determinaram sua equilibrada conduta moral, social e política.

Ao atingir a quadra em que é de uso começar o estudo ginasial, seus pais o levaram à escola do 2º grau em Fortaleza-Ceará.

"Com o micróbio da tendência nômade no sangue", como afirmou no referido livro, emigrou para o Rio de Janeiro em 1.938.

Como todo bom cearense, perseguiu a felicidade. Encontrou-a na convivência com sua esposa, jovem paulista, filha de pais cearenses.

No ano de 1.941 Armando e eu, ingressamos no Instituto Nacional de Sal. Ele no serviço interno e eu como Fiscal.

Em pouco tempo, galgou o cargo de Chefe de Departamento.

Assumiu a presidência do Instituto Nacional do Sal, após a morte do seu primo Sr. Fernando Falcão, que ocupava essa função.

No ano de 1.948, certo salineiro de Fortaleza, revoltado com a minha ação fiscal de apreensão de sua mercadoria irregular, denunciou-me como desonesto e arbitrário. Armando, na época, Chefe de Departamento, veio a Fortaleza apurar a veracidade, da denúncia.

Cumpriu sua missão com o maior rigor possível. Posteriormente, numa carta particular a mim dirigida, assim se expressou:

"Não dê importância ao incidente havido. A sede considera o assunto encerrado, e nas complicações havidas, o seu nome, como cidadão e como funcionário, em nada ficou afetado. Naturalmente que a honra ofendida exige um revide, pois só os covardes ficam inertes diante da injúria. Nenhuma anotação foi feita na sua ficha, que continua e, certamente, continuará isenta de qualquer registro desabonador".

Os atos do Sr. Armando Falcão como Ministro da Justiça de Juscelino e Geisel; como Presidente dos Institutos do Sal e dos Marítimos, e como Deputado Federal, obviamente prejudicaram interesses ilegítimos de maus brasileiros.

Os homens públicos são muito questionados. O sr. Armando Falcão não poderia fugir à regra.

A Lei Falcão, por exemplo, que tratava a todos sem favoritismos, e que tinha a finalidade precípua de preservar os bons costumes, o respeito ao povo e às organizações políticas, foi muito combatida.

Os baderneiros não se conformavam com a intromissão da justiça proibindo programas aéuticos radiofônicos e televisionados, gratuitos ou não, que ferissem suscetibilidade de políticos e autoridades.

Numa prosa exibindo intelectualismos do seu livro depoimento TUDO A DECLARAR, o sr. Armando Falcão apresentou um painel descrevendo a política brasileira e episódios revolucionários, a partir dos anos cinqüenta. Esse livro deve ser lido, especialmente pelos que pertencem à nova geração, que pouco ou nada sabem sobre a vida político-administrativa do sr. Armando Falcão, antes e durante a revolução de 64.

Os brasileiros que amam este Brasil e procuram servi-lo, desejam que seja cumprida a sua promessa inserida no referido livro de que poderá voltar às lides políticas, "quando for o Brasil novamente governado por lideranças competentes, que exerçam o poder com firmeza, espírito de justiça e visão de longo alcance".

Neste comentário procuro, numa narração sinóptica, traçar o perfil político e administrativo do Armando Falcão que eu conheço.

*(Funcionário público aposentado e escritor).*

**"O Povo" de 05.09.93**

### COMUNICADO:

**Brasília, 1 de março de 1994.**

Caro confrade

João Lindemberg de Aquino,

Com muito agrado, passamos às suas mãos o diploma que o nosso Instituto Histórico e Geográfico do Distrito Federal lhe confere como nosso Sócio Correspondente.

Ao fazermos este comunicado, queremos transmitir, também, nosso contentamento em tê-lo em nosso quadro social pelo que apreciamos nos seus méritos de pessoa e de intelectual, bem assim pela admirável contribuição que o seu nome e as luzes de sua inteligência darão aos objetivos culturais e educacionais do nosso sodalício.

Colocando-nos ao seu inteiro dispor, aproveitamos o ensejo para dizer do nosso apreço e formular os melhores votos de êxitos e felicidades em tudo o que faça, extensivamente a todos os familiares.

Cordialmente,

**José Adirson de Vasconcelos**  
**Presidente**

# VISCONDE DE SABÓIA

Dagmar Aderaldo Chaves

(Sesquicentenário de Nascimento - 1835-1985)

1. VICENTE CÂNDIDO FIGUEIRA DE SABÓIA, nasceu no Ceará, na cidade de Sobral, no dia 13 de Abril de 1835 e faleceu em Petrópolis a 18 de Março de 1909. Era filho legítimo de JOSÉ SABÓIA e de JOAQUINA FIGUEIRA DE MELLO.

Estudou na sua Terra e em Recife, doutorando-se em medicina, no Rio de Janeiro em 1858. Foi médico, cirurgião, cientista, professor Universitário, Educador Administrador, Espiritualista, Filósofo, Diretor da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, (1880- 1889), Presidente da Academia Nacional de Medicina (1891-1892). Escritor, Médico da Côrte de Pedro II, Político, Conselheiro, Barão (6 de Fevereiro de 1886), Visconde (11 de Agosto de 1888), agraciado por Dom Pedro II. Serviu intensamente á medicina como arte e como sacerdócio, e bem assim, ás letras, que muito lhe devem. É Patrono da Cadeira nº 63 da Academia Nacional de Medicina e da Cadeira nº 39 da Academia Cearense de Ciências, Letras e Artes, do Rio de Janeiro. Escreveu em seu testamento para que fossem gravadas na lápide do seu túmulo, as seguintes palavras que valem "como a sùmula de sua vida e a síntese do seu pensamento: "AMOU A DEUS, A CIÊNCIA E A VERDADE".

2. Catedrático de Clínica Cirúrgica em 1871, procurou aperfeiçoar e ampliar seus conhecimentos, na Europa, onde estudou e se especializou em obstetrícia e cirurgia, figurando, também, como precursor da ortopedia entre nós.

Da sua vasta produção científica, no campo da medicina, são mais avultadas suas contribuições nas áreas relativas á cirurgia, cabendo lembrar aqui, entre outras, "Lições de Clínica Cirúrgica", Rio - 1866 e 1870 e as "1655 páginas da Clínica Cirúrgica do Hospital da Misericórdia - Rio - 1880.

Suas atividades nas qualidades de Mestre e Escritor nos domínios da obstetrícia são dignas de admiração e especial registro, destacando-se neste ramo da medicina, sua obra "Traité theorique et pratique de la sciência et de l'art des accouchements", editada em Paris, em 1873 e usada como livro didático na própria Faculdade de Medicina de Montpellier, onde se formaram muitos brasileiros. Valeu-se, como se vê, não só da língua portuguesa, mas também, do francês, ao



escrever os seus trabalhos que foram em grande número, publicando-os, quer sob a forma de artigos, quer como opúsculos, quer ainda como compêndios. Merece uma referência muito especial, seu livro intitulado "A vida psíquica do Homem", verdadeiro ensaio filosófico sobre o materialismo e o espiritualismo, publicado em 1903, escrito por quem era estudioso da filosofia e combatia as teorias materialistas. Trata-se, em verdade, da obra filosófica brasileira, da autoria de um espiritualista extremado e convicto, contendo reflexões de fundo doutrinário, filosófico. Considera-se de grande valia o estudo relativo á moral de que cuida o capítulo VI da obra, reconhecendo-se ser original o conteúdo quanto a hábitos e instintos.

3. O Visconde de Saboia, de inteligência perspicaz, homem de visão, progressista, grande inovador, dotado de invulgar capacidade administrativa, sabendo querer e determinado a atingir os seus louváveis objetivos foi indiscutivelmente, não só um grande reformador, o notável renovador do ensino médico no Brasil, mas também, na verdade, seu principal executor. Cabe-lhe a maior responsabilidade quanto á Autoria do projeto do qual se originou o decreto nº 7.247 de 19 de Abril de 1879 que dispôs sobre a reforma da Instrução Pública e que tomou o nome da "Reforma Leoncio de Carvalho".

A presença do Visconde de Saboia na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro como seu Diretor, cargo para o qual fôra nomeado em 1880, garantiu á Entidade, no dizer de Aloysio de Castro, um "período Aureo" porque ao profundo saber profissional do Visconde, juntou-se o grande tino administrativo com que fora privilegiado o ilustre cearense de Sobral.

Organizou, em 1881, os museus de Ciências Naturais e da Anatomia Patológica, pondo, também, em funcionamento os laboratórios destinados ao ensino prático das matérias, instalando, ainda, enfermarias na Santa Casa de Misericórdia. Introduziu em 1884, o ensino da Odontologia, instituindo, oficialmente os respectivos cursos nas Faculdades de Medicina do Rio e da Bahia.

Comemorou-se em 1980, o 1º Centenário da nomeação do Visconde de Saboia para Diretor da Instituição a que prestou inestimáveis serviços durante nove anos, valendo-se da sua extraordinária capacidade para tal cargo.

4. Estão aí, em resumo, alguns dados que se prendem á vida e á obra de um grande brasileiro, considerado o vulto mais destacado, mais representativo da medicina brasileira na



segunda metade do século passado, realmente de invejável renome, para quem, a vastidão de conhecimento não perturbou o equilíbrio, a sensatez do homem. **Ciência, Reflexão**, como elemento preponderante na atividade do médico e **critério**, foram palavras de grande significação para o Visconde de Saboia, ao considerar a profissão médica.

O mais renomado cirurgião do País, famoso como tal, em todo o Brasil da sua época, foi Membro de Academias e Sociedades Científicas da Europa, mantendo neste Continente, as melhores relações culturais. Mestre, Educador, por excelência, de indiscutível valor, gozando do mais elevado conceito entre seus Pares e na coletividade, foi monarquista, amigo pessoal de D. Pedro II, cirurgião da Côrte, afastando-se da política com a proclamação da República. Ao Patrono da Cadeira nº 39 da ACADEMIA CEARENSE DE CIÊNCIAS, LETRAS E ARTES DO RIO DE JANEIRO, VISCONDE DE SABOIA, o maior respeito e todas as Homenagens pela maneira brilhante, construtiva e sobremodo honrosa por que serviu ao BRASIL, elevando o nome do CEARÁ. Sinto-me deveras confortado e confiante por tê-lo como exemplo e constante inspiração.

*Palavras de Dagmar Chaves proferidas na Academia Cearense de Ciências, Letras e Artes, do Rio de Janeiro, em Dezembro de 1985. (1835-1985).*

Professor Dagmar Aderaldo Chaves  
Fundador e 1º Presidente da Academia Cearense de Ciências,  
Letras e Artes, do Rio de Janeiro, ocupante da Cadeira nº 39.

# POEMAS

Zenith Feitosa

## SUGESTÕES

Um pedaço de gaze erra no céu.  
Branco, leve, diáfano, bonito!  
- Cirro-estrato, acompanhando a lua,  
pelo caminho etéreo do Infinito.  
Parece até fiapo de véu  
que em leveza de sonho se desata  
e em acenos de amor ora flutua...  
Uma estrelinha tímida acompanha  
a lua, em jorros cascadeando prata;  
a lua, que de alvura a noite banha...  
Vejo-a sempre. Mantém mesma distância,  
lembrando o Amor nessa fiel constância.  
E sugerindo tanto! Que sei eu?!  
Você - a lua...Essa estrelinha, o meu  
carinho...E a nos seguir pelo infinito  
do Coração - o Amor, cirro bendito!

## EMOÇÃO PLENA

Venha quem vier. Total imunidade  
a outro amor adquiri...Sei que pareço:  
- uma alma estranha, em plena insanidade;  
- coração insensível, pelo avesso...

Tua emoção, sendo Felicidade,  
foi de minha alma esplêndido adereço...  
Assim, insofismável é a verdade:  
- foste Único...Por isso não te esqueço!

Venha quem vier, Inútil. Não adianta!  
Vieste, qual emoção alvissareira...  
Definitiva. E que outra não suplanta...

Mesmo ninguém, por mais que sonhe e queira...  
- Deste-me tudo que a alma enleva e encanta...  
- Deste-me sonhos para a vida inteira!

**Zênith Feitosa**

?

Vem-me a mensagem. De onde, não me atrevo  
a imaginar. E choro mais ainda.  
Depois sorrio. Que loucura! Devo  
chorar-sorrindo...Que mensagem linda!

Certa vez, me chamaste (e puro enlevo  
era-te a voz...também,carícia infinda...)  
- de uma flor cujo nome não escrevo,  
pois é só minha, em dádiva bem-vinda!

Sabias, o que de êxtase me inunda,  
seu simbolismo: introspecção profunda,  
glorioso olor, que exige busca, e diz  
mais que o possível...- Flor que, ao ocultar-se,  
simplesmente procura decifrar-se...  
Choro-sorrindo! Como fui feliz!

**Zênith Feitosa**

## **ORGULHO HUMILDE**

Nasci para ser tua, unicamente.  
A vida não deixou. Com o seu desdém  
te arrebatou não sei para onde...E vem  
justificar-se, às vezes, sorridente.

Recebo-lhe o sorriso. É seu presente  
inesperado. No íntimo, porém,  
juro que não serei de mais ninguém.  
Tudo é nada se o coração não sente!

E apenas coração e sentimento  
percebo-me no mundo. E não lamento...  
Aceito-me. E que orgulho! E que humildade!

Paradoxal talvez até pareça.  
Mas, não! A frustrações ergo a cabeça!  
E, quem fui, tento ser: Felicidade!

**Zênith Feitosa**

## **TARDE SUGESTIVA**

A tarde, leve e fúlgida, descansa  
como que sobre pétalas e arminhos...  
Tão límpida, recorda alma de criança!  
Do azul parecem fluir etéreos vinhos...

Embam-na, qual onda viva e mansa,  
em fluxo de canções, os passarinhos,  
cujo sonoro encantamento alcança,  
através do ar, os campos e os caminhos...

À amena sugestão da tarde suave,  
minha alma inteira, com leveza de ave  
de estranha espécie, banha-se, feliz,

de limpidez e de serenidade...

- Bailando aos sons de ímpar sonoridade!
- Vestindo-se dos Sonhos com o matiz!

**Zênith Feitosa**

## ROSAS BRANCAS

Por mais incrível que pareça, vejo...  
Sim, vejo-te agora à minha frente  
e, olhos com o mais idílico festejo,  
- buquê de rosas trazas-me, contente...

São lindas rosas brancas, lindo ensejo,  
como ontem, hoje e sempre, eternamente,  
para um carinho meu...Assim, te beijo...  
E tu me beijas, fervorosamente!

Nas mãos palpitam, trêmula, as rosas  
níveas, fragrantes, ainda mais viçosas...  
- Dir-se-iam vivo aplauso ao nosso beijo.

Sorris...e em minhas mãos as depositas.  
- São pérolas em pétalas bonitas?!  
Incrível, sim! Ao relembrar, te vejo!

**Zênith Feitosa**

## SUSPIRO

Ouçõ a canção que um dia ouvimos...juntos...  
Ei-lá que me traz, súbito, em instantes,  
fundidos em Sonho único, em conjuntos  
de anseios - nossos corações vibrantes...

Risos. Conversa. Ah! quantos assuntos  
em torno de nós dois: corpos distantes,  
porém, olhos nos olhos e, assim, juntos,  
transmutados em almas palpitantes...

Sempre me olhando, tu levas à boca  
teu cigarro...Meu Deus! coisa mais louca:  
- a canção fala de um proibido amor...

Sempre me olhando, é forte e tão profundo  
teu suspiro...Penetra-me e dói fundo...  
- Olhos nos olhos, nós somos a Dor!...

**Zênith Feitosa**

## **CREPÚSCULO EM MEU JARDIM**

Magnificência mística, superna,  
orna o jardim, ao declinar a tarde,  
quando, no céu, a fúlgida lanterna  
do sol, imensa e loura, não mais arde...

E, enquanto a Natureza imerge em terna  
quietude e, as sombras vesperais, se encarde,  
parecem voar de flor em flor, com eterna  
doçura - arcanjos lindos, sem alarde...

E, brancas, róseas, leves, perfumadas,  
as rosas, ora lembram delicadas  
asas de neve e luz de um querubim;

ora evocam feições doces, divinas...  
Assim, há sempre, as horas vespertinas,  
- angelicais visões em meu jardim!...

**Zênith Feitosa**

## **AS ESTRELAS**

Quando em minha alma experimento agruras  
ou ansiedade, no afã de destruí-las,  
ergo as faiscantes e eterais alturas  
minhas magoadas, trêmulas pupilas...

E, fitando as estrelas que, em brancuras  
luzentes, ardem, suaves e tranqüilas,  
- sinto-me sob as claridades puras  
da Paz...também minha alma a esparzí-las!

Dão-me as estrelas, através do absorto  
olhar que as fita, - esplêndio conforto,  
como se fossem milagrosas águas

que, em torrentes benéficas, serenas,  
lavassem o meu íntimo de penas  
e anseios, de desilusões e mágoas...

**Zênith Feitosa**



## ANALOGIA

Zênith Feitosa

Viagem...

Fim de inverno! Fim de tarde!

O sol, assim, não arde  
em arroubos de cor...Suave é a beleza!

Mística é a paisagem!...

A luz escorre, lânguida e macia,  
sobre a quieta folhagem,  
e se desfaz em pérola no açude...

Dir-se-ia

que, imersa em beatitude,  
sonha a Natureza...

Súbito, sinto opresso o coração,  
lembrando-me de ti,  
pela analogia da Beleza...

É que em lindas tardes do passado, assim,  
foste a coisa mais bela e mais querida,  
foste idílica emoção  
a embelezar-me a vida...

Foste, enfim,  
a paz imensa do meu coração!

## **POEMA À LUA CHEIA EM AGOSTO**

Apenas se entremostra através da amendoeira...  
É que antes de mostrar-se,  
loira, bela, inteira,  
a negacear-se,  
todo um ritual feminino então prepara:  
- forte rubor na pele suave e clara;  
véus de organza branca  
se esgarçando em leves tons de rosa  
e que aos pouquinhos arranca,  
sob o aplauso discretíssimo da aragem  
sacudindo a folhagem,  
que por ela se debrua de ouro e prata...  
Surge lentamente...ganha altura.  
Agora um galho da amendoeira a emoldura.  
É um retrato antigo...  
E é novíssimo, recente,  
paradoxalmente...  
Enfim, abre o postigo  
da noite. E se desnuda, alva e formosa,  
e as sensibilidades arreбата!...

**Zênith Feitosa**

## PARCERIA

Ó Deus, que é do parceiro do meu sonho?  
Tanto me fez doação de emoções lindas,  
que ante sua alma ainda hoje a alma deponho,  
em oferenda, a entoar-lhe boas-vindas!

Do próprio coração já não disponho.  
A lembranças pertence. Acho-as bem-vindas,  
porque é melhor assim do que tristonho,  
entregue a desesperações infindas.

Tanta lembrança o coração me invade...  
Meu parceiro de sonho ora é saudade.  
Vem de mansinho e se aconchega a mim.

Saudade que enlouquece, mas tão doce...  
Pior seria, ó Deus, se de outra fosse...  
Longínquo embora, é apenas meu...Enfim!

**Zênith Feitosa**

## FOI LINDO!

Fui sonhar com você...  
Mas, para quê?  
Só para a saudade vir de novo?!  
Era uma festa de Ano-Novo...  
Você estava tão bonito...  
E eu quis tanto ser bonita para você,  
que me surpreendeu em meio ao povo...  
Também o surpreendi. Foi lindo! Havia  
em seu olhar o brilho intenso e bom  
do inesperado que deleita,  
da surpresa feliz que delicia,  
enquanto o rosto enfeita,  
dando-lhe êxtase de poesia...  
Minha alma então de sonhos toda feita,  
dançou dentro de mim, ao harmonioso som  
das pulsações do coração.  
- Era a Emoção...  
Tudo tão belo! E, mesmo com a saudade,  
ainda sorrio de felicidade!

**Zênith Feitosa**

## - LEMBRANDO O TETRA -

Simeão Luna Machado

A festa, havia tempos, começara;  
Muita alegria o povo já tivera.  
A bola, no gramado, já rolara;  
O Brasil, todo inteiro, já gritara,  
Juntamente com a turma da galera!

Uma a uma, as equipes demolidas  
Sob o peso dum rolo compressor,  
Ao longo da jornada, já vencidas,  
Fora da Copa, viram-se perdidas,  
Sentindo no Brasil o vencedor!

Inda faltava a luta derradeira  
Que abalaria nossos corações;  
Itália, com a fama de "guerreira",  
Só queria a derrota brasileira  
Nessa luta de dois tricampeões!

O Brasil se uniu numa corrente,  
A galera vibrou com emoção.  
O Brasil caminhava para a frente  
E todos anteviam certamente,  
O Brasil como tetracampeão!

Quando a bola rolou pelo gramado,  
Pelos pés de Romário e de Bebeto,  
De Mauro Silva, Dunga e Leonardo,  
De Mazinho, de Branco e dos Ricardo,  
De Zinho, de Raí, sempre correto,

De Viola, que mostrou sua pujança,  
Aldair, Márcio Santos, Taffarel,  
É Jorginho esquentando aquela dança:  
"É chegado o momento da vingança.  
Vamos todos cumprir nosso papel".

Nosso time, completo, se empolgou  
Frente à vária torcida que aplaudia.  
Se o titular jogou como jogou,

Aos da reserva a bola não chegou,  
Pois lhes fora negada essa alegria.

E foi assim que a coisa aconteceu,  
Não importa se na hora derradeira:  
Nos "penais", o Brasil foi quem venceu,  
A Itália lutou mas pereceu  
Frente ao grande esquadrão do "Seu" Parreira.

**Fortaleza, julho de 1994.  
Simeão Luna Machado.**

## **A CHUVA NO CEARÁ**

**José Carvalho**

Cai a chuva na terra; e um tremor  
De seiva estua em toda parte. E a gente  
Estremece também, vendo em redor,  
O milagre do broto e da semente.

A chuva é um hino; na rufões de tambor,  
Há pizicatos e há um tom dolente  
No gotejar que cai pelo pendor  
Da romada alframorosa e viridente.

A terra toda, quando chove, canta  
Cantam rios, ravinas e boqueirões  
Espremidos das serras na garganta

Mas nas cidades as notas prazenteiras  
Dão as calhas cantando em gorgolhões  
E o teclado tremente das goteiras.

# OS AÇUDES

## AO PRESIDENTE EPITÁCIO PESSOA

Agora sim! as chuvas do Nordeste  
Não correrão inúteis para o mar:  
Ficarão nos Açudes que nos deste  
Para as terras da Seca fecundar

Por toda a parte do levante ao oeste,  
Do Norte ao Sul a terra há de criar  
Searas, rebanho será este  
O bem maior que nos poderia dar.

E por isto creio no futuro  
Quando o Bom lavrador tiver seguro  
O seu roçado e não sofrer mais fome

Há de ensinar a prole estremeçada,  
Já criada na Terra estremeçada  
A bem dizer e a abençoar teu nome.

A chuva é o pão do cearense, é a vida  
E o não deixar a terra em que nasceu  
O seu rebanho e a casa estremeçada  
A Fazenda, a Campina a Serra e o Céu.  
É toda natureza ressurgida  
Dessa vida aparente em que viveu  
O Jaguaribe...a várzea re florida  
Que o juazeiro de perfume encheu.

É ver chegar a noite e repousar  
Ouvindo na viola o trovador,  
Improvisar a quadra perigrina.  
E dormindo tranqüilo despertar  
Ao toque do clarim madrugador  
Da graúna e do Galo de Campina.

De autoria do poeta José Carvalho, nascido na propriedade "PAU- SECO", município de Crato, aos 11.3.1878, que pertencia ao seu pai, Manoel da Cruz Rosa de Carvalho, que era casado com D. Maria da Glória Carvalho Brito, José Carvalho, fez parte da Padaria Espiritual, poeta e jornalista, escreveu vários livros,



era tabelião em Belém do Pará, faleceu no Rio de Janeiro em 15-12-1932.

## **MARCOS DE MACÊDO**

Marcos Antonio de Macedo - Filho de Antonio de Macedo Pimentel, nasceu na vila de Jaicós, comarca de Oeiras e província do Piauí, no meio de uma tribo de índios semi-selvagens a 18 de junho de 1808 e faleceu a 15 de dezembro de 1872 em Stuttgart, capital de Wurtemberg. Bacharel em ciências sociais e jurídicas pela academia de Olinda, foi à França com o fim de engajar uma companhia de operários mecânicos e ali aplicou-se ao estudo das ciências naturais da química principalmente, sob a direção de Dumas e Pouillet.

MARCOS ANTÔNIO DE MACÊDO nasceu em Jaicós, Piauí, a 18 de Junho de 1808, e faleceu em Stuttgart, na Alemanha, a 15 de Dezembro de 1872.

Embora piauiense de nascimento, era filho de legítima família do Cariri.

Fugira essa família da seca que estava fazendo no Ceará e se refugiou no vizinho estado, onde, na fazenda do pai de Marcos, nasceu ele - e reza a História que o seu pai convivera ali com uma tribo selvagem.

Foram seus pais Antônio de Macêdo Pimentel e Maria de Macêdo Pimentel. Esta era filha de Leonel de Alencar, irmão de Bárbara de Alencar, assassinado em Jardim. Era a mãe de Marcos uma das irmãs de Ana Porcina de Alencar, que se casou com Tristão Gonçalves a 11 de Julho de 1810, sendo chamada, depois de viúva, D. Ana Triste.

A respeito do nascimento de Marcos de Macêdo, lê-se na revista cratense A PROVÍNCIA, número 1, 1953, á página 38:

"Forçado pelas circunstâncias da seca, teve Antônio de Macêdo Pimentel que deixar a sua fazenda Timbaúba, no Crato, e emigrar com a sua família para o Piauí. No caminho, na vila de Jaicós, comarca de Oeiras, no meio de uma tribo de índios semi-selvagens, nasceu Marcos Antônio de Macêdo, a 18 de Junho de 1808. Foi o Padre Marcos de Araújo Costa quem agasalhou toda a família em sua triste peregrinação, e criou e educou o futuro bacharel pela Faculdade de Direito de Olinda".

Marcos e seu irmão Joaquim, ainda muito crianças, serviram nas tropas de Filgueiras e Padre Alencar, que bateram os "corcundas", em Missão Velha, em 1824, no mês de Outubro, e marcharam para libertar o Crato desses assaltantes políticos.

No caminho, os dois irmãos cometeram excessos de bravura, matando vários dos cangaceiros e "cabras" dispersos, que Alencar, ao chegar no Crato, comentando suas façanhas, disse:

- Nunca pensei que os meninos do compadre Macêdo fossem tão ferozes...

Os estudos de Marcos foram feitos, inicialmente, no Colégio Boa Esperança, em Jaicós, dirigido por seu padrinho, o filantrópico Padre Marcos de Araújo Costa. Concluiu o curso jurídico em Olinda.

Quando Martiniano de Alencar governou o Ceará pela primeira vez, Marcos era bacharel e foi incumbido de ir à Europa engajar artistas e colonos para o Ceará.

A sua missão foi coroada de pleno êxito, e como já demonstrava extraordinária vocação científica, aproveitou sua estrada em Paris para estudar Ciências Naturais, principalmente Química, com os professores Dummas e Paulet.

O seu regresso à Província cearense se deu em Janeiro de 1838, trazendo consigo 16 artífices e alguns colonos. Esses artistas franceses muito ajudaram a administração do Ceará, notadamente pelo impulso que deram à capital, com a construção de sólidos e belos edifícios.

Quando de sua volta foi nomeado para Juiz Municipal e de Órfãos no Inhamuns, "na quadra em que era inaudita a ferêza dos ricos da terra, e se houve ali com uma impavidez que não cedia ante os mais fortes e prepotentes".

Durante 10 anos exerceu aquele posto, e em 1847 foi nomeado Juiz de Direito do Crato. Também foi nomeado nesse ano, conjuntamente, para Presidente do Piauí, cargo que exerceu por apenas um ano (1847 - 1848). No ano de 1848 foi eleito Deputado Geral pelo Piauí. Depois voltou ao Crato, onde encontrou a Comarca transfigurada pelo banditismo, invadida pelos chamados "Serenos", que cometiam toda a sorte de perversidade.

Era Delegado do Crato o setuagenário José Vitorino Maciel, o mesmo que presidira a farsa do juri de Pinto Madeira, nomeado Delegado pelo Presidente do Ceará, Fausto Augusto

de Aguiar, "sem atenção a seus amigos políticos, que encampavam essas estrepolias".

Juiz Marcos de Macêdo, Delegado José Vitorino Maciel e promotor Antônio Ferreira Lima Sucupira, promoveram os três terrível perseguição aos bandidos, varrendo-os da Comarca.

"Encarregado depois pelo Govêrno da Província do Ceará de explorar suas florestas virgens e formar uma coleção minerológica e zoológica, adoeceu gravemente, obtendo por isso uma modesta pensão..." (A PROVÍNCIA, número citado).

Em fins de 1855, em virtude dessa doença, se transferiu para Fortaleza, de onde promoveu sua remoção para o seu novo destino, Vassouras, província do Rio de Janeiro.

Embarcou no vapor "Olinda", em 1856, e este vapor passou vários dias perdido em alto mar. Era a primeira viagem... Todos narraram depois o extraordinário sangue-frio e modo tranquilo como ele se portou, quando todos se julgavam no auge do perigo.

Passou alguns anos ali, mas sempre doente, e dominado pelo desejo de retornar á Europa, o que fêz, quando se aposentou. Foi viver na Alemanha, na cidade de Stuttgart.

Sua vocação era mais para cientista do que para literato, e embora tenha se iniciado nas letras, destacou-se mais no ramo das ciências, desde a sua primeira viagem á Europa.

Fez excursões científicas por vários países, tendo visitado o Oriente duas vezes, desceu o Rio Danúbio até o Mar Negro, na Russia, e subiu pelo Rio Nilo até a Núbia, ocupando-se com mais dedicação ás investigações etnológicas.

Foi um dos colaboradores da Grande Enciclopédia de Larousse, editada na França, a que contribuiu com grande soma de informações e conhecimentos hauridos em suas viagens.

Outro trecho do estudo sobre ele, inserido em A PROVÍNCIA:

"Filho do Piauí por força do destino, aqui viveu, entre nossos antepassados, o dr. Marcos Antônio de Macêdo, no exercício de Juiz de Direito desta Comarca.

Foi autor de um importantíssimo mapa topográfico do Crato, em que indicava a possibilidade de um canal tirado do Rio S. Francisco, no lugar Boa Vista, para comunicar-se com o Rio Jaguaribe, pelo Riacho dos Porcos e o Rio Salgado, figurando a planta de uma entrada para o Icó e a tapagem do Boqueirão do Rio Salgado.

Esse valioso e histórico trabalho foi impresso em 1843 no Rio de Janeiro e reimpresso na Alemanha em 1871, e serviu para a Carta Topográfica do Ceará, levantada em 1886.

Outra obra do dr. Marcos Antônio de Macêdo, de capital importância para nós foi a em que estudou o fenômeno das secas no Ceará e o meio de aumentar o volume das águas nas correntes do Cariri.

Nesse trabalho, disse o ilustre homem de letras:

"Auscultando-se atentamente a Chapada do Araripe, na altura da cidade do Crato, ouviu-se um surdo ruído cavernoso, produzido pela corrente das águas que formam as nascentes. Uma notável depressão se observa acima da nascente do Rio Itaytera, vulgarmente conhecido pelo nome de Batateira, não havendo, entretanto, notícias de batatas nas margens daquela corrente, que justifique o nome que lhe puseram os primeiros colonos.

É uma corrupção visível do termo - Itaytera - pelo qual os tupis designaram o maior e mais belo manancial da Araripe e que se decompõe do seguinte modo: ITA, pedra, Y ou Yg, água, e TERA, por entre, isto é, água que corre precipitando-se por entre as pedras.

Essa depressão, não muito longe da borda oriental da montanha, apresenta a forma de uma vasta bacia, e não pode ser outra coisa senão o amolecimento de paredes superiores de qualquer caverna produzida pelas águas que formam a mesma corrente, ou a do Grangeiro, ou o córrego do Cafundó, que tem as nascentes vizinhas uma das outras e talvez provenham do mesmo canal subterrâneo de que procede o Itaytera".

"O dr. Marcos Antônio de Macêdo - conclui A PROVÍNCIA - já pelos seus serviços prestados ao Cariri e ao Ceará, já pelo seu elevado conhecimento e pelas suas importantes publicações, deixou um nome inolvidável e credor da mais respeitosa homenagem da posteridade. É um grande vulto que devemos enfeixar na gloriosa história do Crato".

Entre seus trabalhos figuram: "PELIRINAGE AUX L.EUX-SAINTS SUIVE D'UNE EXCURSION DANS LA BASSE EGYPTO EN SYRIE ET CONSTANTINOPLÉ", publicado em francês, em Paris, 1867.

"NOTICE SUR LE PARME CARNAUBA", Paris, 1887.

"O ENIGMA COMERCIAL DO CAFÉ DE MOKA", completo estudo, eivado de sábias considerações sobre esse ramo da

agricultura brasileira, seguido de um estudo sobre o tabaco da Bahia e do S.Francisco, publicado no Rio.

"MAPA TOPOGRÁFICO DA COMARCA DO CRATO, PROVÍNCIA DO CEARÁ", com indicações sobre um canal do S.Francisco ao Jaguaribe. Publicado pelo Arquivo Militar, Rio, 1843, reeditado depois na Alemanha.

Escreveu ainda "DESCRIÇÃO DOS TERRENOS CARBONÍFEROS DA COMARCA DO CRATO" em 1855.

Escreveu nas revistas técnicas, no Diário de Pernambuco, na Revista Trimensal do Instituto do Ceará e em muitas outras publicações de caráter científico.

(J.LINDEMBERG DE AQUINO, no livro ROTEIRO BIOGRÁFICO DAS RUAS DO CRATO, edição do Instituto Cultural do Cariri, Tipografia do Cariri, Crato, 1969, páginas 143-147).

## **O PADRE MARCOS**

**Esmaraldo de Freitas**

O padre Marcos de Araújo Costa - a figura empolgante do Piauí antigo - era um filantropo singelo e manso, cuja grandeza d'alma se via de fora.

Firmando-se no amor de Deus pelo amor do próximo, enxergou no magistério a faceta insigne da caridade que praticou sistematicamente.

Os escassos anais piauienses devem-lhe parágrafos nobilitantes. Para ele, os contemporâneos somente bênçãos tiveram. Não teve inimigos, nem mesmo adversários.

A posteridade nada lhe tirou ou adiou ao renome, embora relegasse depressa o cidadão inimitável a relativo esquecimento. É que falece à posterioridade - nas civilizações engatinhantes - vagar para a reverência persistente aos túmulos.

No padre Marcos, o sonhador de palavra clara cede passo ao homem de ação pronta. Dinâmico, contrai-se em casca de contemplativo, resistindo numa inércia aparente e impoluta às tentações do Caipora e de outros mefistófeles pátrios ou forasteiros. Reverbera algo de pró-homem ibseniano, que um destino caprichoso arremessasse num ambiente - leito de



Procusto. Sobrepõe-se a vaidades pessoais, vence ambições, agarra-se a um programa de abnegação, evita inexoravelmente passar por santo.

É fica no meio-termo pressagioso da virtude, entre o Flos Sanctorum e o Pantheon, quase bem-aventurado e quase herói do século - um bem-aventurado a que não faltam milagres iterados às escondidas pelo propedeuta; um herói mundano, um tanto entanguido, à míngua de melodramas e dos defeitos graves que humanizam os fantasmas da história profana, dando-lhes contrastante relevo.

Nasceu o padre Marcos no arraial do Paulista, em 1780.

Provinha de gente abastada. Seu genitor - Marcos Francisco de Araújo Costa - era um lusiada honrado e instruído, que se prendera à capitania pelo casamento com uma filha de Valério Coelho Rodrigues - Maria Rodrigues de Santana. O avô, reinol também, criara na ribeira do Canindé numerosas fazendas de gado e vasta prole que dezesseis filhos - oito mulheres e oito varões - multiplicavam.

Cedo, a carência de homens esclarecidos atraiu à sede do governo o genro letrado do patriarca de Paulista. E Marcos Francisco exerceu várias funções públicas: atingiu o posto de sargento-mor e ocupou durante anos a ouvidoria geral de Oeiras, tendo participado de uma junta governativa (1784 a 1786).

Por esse tempo, Marcos Júnior era um menino dócil e vivo. O pai esmerou-se em despertar-lhe a inteligência e ensinar-lhe boas maneiras, concebendo logo o projeto de fazê-lo padre.

Não obstante o atraso e insulamento da zona em que Pombal não deixara o jesuíta enraizar-se, os íncolas daqui não eram refratários ao saber. Alguns piauienses já se haviam ordenado, e dois deles - Miguel Borges e Ovídio Saraiva - estavam em vias do bacharelado em leis de Coimbra. Serviu isso de estímulo à família Coelho. Toda ela apoiou com entusiasmo o plano do ilustre ouvidor de capa e espada, que se deu à fadiga - ele próprio - de meter a carta do ABC nas mãos do pimpolho e de propinar-lhe em seguida as primeiras noções da língua de Virgílio.

Assim iniciado, o rapaz foi despachado para a vila do Açu, onde prosseguiu sob os auspícios do dr. Manuel Antonio de Andrade, educador acobertado com a nomeada de primeiro latinista da Diocese de Olinda.

"Terminados os estudos de preparatórios no importante colégio do Açu, o jovem e talentoso piauiense partiu para o



reino de Portugal com a intenção de dedicar-se à Igreja - e aplicando-se ali aos estudos eclesiásticos, para os quais mostrara sempre a mais decidida vocação, obteve em breves tempos uma nova série de triunfos, triunfos que só se conquistam pela inteligência e aplicação aos estudos; e concluindo com a maior felicidade, dentro de poucos anos, a sua ordenação, regressou sem demora ao seu país natal, onde o distinto piauiense viu-se cercado de todas as atenções e considerações de que era merecedor, pelas suas muitas virtudes e notável ilustração".

O trecho ora aspado está nos "Apontamentos biográficos de alguns piauienses ilustres e outras pessoas notáveis que ocuparam cargos de importância na província do Piauí" - por Miguel de S.Borges L.Castelo Branco.(1)

Diverge - num certo ponto - da afirmativa solene do criterioso e modesto Plutarco indígena a voz da tradição, secundada pelos colaterais sobreviventes do educador. Sem excluir a probabilidade de uma viagem de instrução, feita à Lusitânia, antes ou logo depois de ordenado, inclinam-se estes a admitir que o parente venerado estudou no memorável seminário de dom Azeredo Coutinho. E eu tenho nítida lembrança de que Clodoaldo Freitas me disse uma vez ser incontroversa a estada a estudos do seminarista Marcos de Araújo Costa em Olinda, onde colaborara numa poliantéia, ou coisa equivalente, confeccionada em honra ao Bispo preclaro. O escritor dos Vultos Piauienses utilizava-se desse informe para explicar-me os aspectos cívicos da cultura do sacerdote conterrâneo pela permanência no ambiente em que se prefaciava o nacionalismo de 1817, e onde o filho do ouvidor de Oeiras teria possivelmente sido discípulo do padre João Ribeiro - patriota ilibado, mestre de desenho e sotomestre de botânica.

Não padece dúvida que ele se ordenou e regressou.

As nossas crônicas são omissas a respeito do mourejar da neotonsurado na terra natal. Imagina-se que tenha vivido de Boa Esperança para Oeiras, e vice-versa, interessado em negócios do seu sagrado ofício e em assuntos de ensino, rejeitando convites para ir desempenhar tarefas de futuro no Maranhão e em outros pontos do Piauí.

Foi a propósito de um desses convites que o reverendo comunicou com simplicidade, um dia, aos amigos, que ele mesmo já se colocara definitivamente em Boa Esperança, dando-se pressa em adaptar a casa grande da herdade que lhe

adviera dos pais a um internato em breves tempos inaugurados. Foi isto em 1820.

Para ajuizar-se do que era a instrução nestas paragens, basta saber que, em 1824, aqui somente funcionava uma escola de primeiras letras, e esta mesma entregue à pessoa reconhecidamente inidônea(2). As poucas outras escolas primárias, decretadas para o Piauí, ou não se instalavam ou abriam-se para se fecharem sem demora, por falta de indivíduos capazes que delas se encarregassem, "tão insignificantes eram as consignações dos seus ordenados"(3). A mesma precariedade abrangia as aulas de latim de Oeiras e Parnaíba, onde não lograram vida longa os colégios fundados pelos drs. Miguel Borges e João Cândido. E não convém falar dos alfabetizadores de índios, instituídos após a expulsão dos jesuítas, e aos quais cada aluno pagava anualmente um alqueire de farinha(4).

O doce evangelista já se achava com os seus discípulos na estância criadora, quando soube que o rei se fora do Rio de Janeiro, deixando como lugar-tenente o Príncipe dom Pedro. Percebeu logo que o Brasil caminhava a passos gigantescos para a Independência. Acreditou facilmente naquilo que desejava. Para tanto não precisou que acontecessem o Fico, a substituição do Conde dos Arcos pelo dr. José Bonifácio e o dissídio feroz entre *corcundas e marinheiros*.

O capelão de Boa Esperança aguardou confiante uma deixa mais positiva, disposto a envidar diligências no sentido de não deixar o Piauí reafundar-se no Estado do Maranhão, que os recolonizadores pretendiam exumar. E, no silêncio morno e fecundo da sua tebaida, matutou sobre o evento possibilitado, buscando assinalar no vasto céspede natal, precariamente habitado, o indivíduo providencial, capaz de tomar com êxito a frente do movimento imprescindível.

Nisto os acontecimento se precipitaram. A vila de Parnaíba estremeceu. Da Bahia, em armas, os recados veementes de Labatut incitavam o Piauí a aderir ao Império. E o Ceará fervia, derramando brasilidade na vertente parnaibana.

O padre Marcos, que já descobrira em mente o homem fatal no primo Manuel de Sousa Martins, Brigadeiro reformado dos reais exércitos e tesoureiro geral da Junta da Fazenda, disse eureka! e cavalgou para Oeiras.

O Brigadeiro, já catequizado à idéia nova, vibrava pela causa do Brasil-brasileiro. Não se dispunha contudo a encabeçar a rebeldia, hesitava em face dos riscos imanes, que se lhe

antolhavam, e apelava para uma oportunidade que na opinião do outro estava passando.

Trancaram-se os dois e conversaram demoradamente. A conferência acabou com a vitória do homem de batina.

Entendidos, cada qual tratou de operar apiariamente no setor que a conspiração lhe destinava.

E lá, um belo dia, o Brigadeiro repetiu nas margens - nada plácidas - do Mocha o grito do Ipiranga.

Durante a consolidação da Independência, o patriota desarmado esteve a postos, renunciando embora cargos importantes. Renunciaria sempre.

A Confederação do Equador prorrogou a intranqüilidade derivada da lida emancipacionista. E o patriota não se arredou da azáfama. Repugnou-lhe deixar os companheiros no meio do caminho.

Imbuíra-se de prevenções precoces contra as republicanices hispano-americanas. Acreditava piamente que era um dever sustentar o príncipe-espadachim que fizera - para nós - o 7 de setembro. E ficou com o Imperador.

Nessa atitude perseverante veio encontrá-lo o cônego Fernandes da Silveira que, nas suas homilias cívicas, jogou proveitosamente com o nome popular do modesto grande homem do Piauí, confessando depois que, "unido aos beneméritos salvadores da província" - o Brigadeiro e o padre -, conteve os pruridos de rebeldia(5). Os salvadores haviam sufocado o partido: e com isto fora dado ao cônego conduzir a opinião pública, propensa a repelir a democracia pernambucana - cognominada de péssima doutrina do sistema ideal - nos comunicados do presidente da província(6).

Premido pelas exigências do momento, o padre Marcos submeteu-se - em termos - às injunções da política patriótica, deixando-se incluir na Junta Defensiva, de 20 de setembro de 1824, e aceitando a missão de ir, acompanhado do tenente-coronel Inácio Francisco, apaziguar a vila de Valença - missão levada a bom termo, sem que a espada do companheiro saísse da bainha.

Em seguida, o educador foi correto vogal do Conselho Geral: e, chamado a assumir interinamente o governo, esquिवou-se (9 de dezembro de 1829). Anteriormente, refulgara a deputação geral (1830). A Corte ficava muito longe de Boa Esperança.

Anuiu, entretanto, em fazer parte da Assembléia Provincial, cuja sessão inaugural se efetuou em 1835. Reeleito para o

biênio consecutivo, não compareceu aos trabalhos legislativos do derradeiro ano, desculpando-se cortesmente.

Como o Império, a província era alporque arborescente, obra já realizada, posto que suscetível de aperfeiçoamento que o tempo teria de levar a efeito. Poderia prescindir dele, enquanto Boa Esperança o reclamava integralmente.

O Piauí e o Brasil teimaram e ainda impingiram ao renuente de mandatos eletivos a primeira vice-presidência da província, distintamente instituída por lei nacional que um decreto do Imperador modificaria(7). O padre Marcos aquiesceu pro forma à honrosa importunação. Aceitou a vice-presidência, como aceitaria depois as insígnias de cavaleiro e a comenda da Imperial Ordem de Cristo, ou da Rosa - postos honoríficos que não pesavam...

Ocasões não lhe faltaram para entrar em exercício: de todas declinou delicadamente. Fugia das posições de mando, como o diabo da cruz. Tinha medo - acreditava-se - de que, no poder, lhe faltasse coragem para resistir aos amigos. A poucos contemporâneos pungiu admitir o medo como mola d'uma alma de herói sem fanfarronice. Outros motivos pautavam todavia as ações ou omissões do tomista justo e avisado, que, por compreender claramente a vida, não negava a César o que era de César, e por bem se conhecer - a si mesmo - sabia que não fora feito para servir a César. O seu reino não era deste mundo.

Abstenções idênticas teve em face de convites diocesanos, inclusive a oferta da vigararia geral forânea, feita por dom Marcos Antonio de Sousa. Não podia...

Jamais se negou porém a assumir encargos altruístas *ad tempus* e a atender aos apelos do governo civil, do eclesiástico ou de quem quer que reclamasse dele belos gestos.

Destarte, construiu a Casa de Câmara de Jaicós, que transferiu ao domínio provincial por menos do custo, colaborou na restauração do Hospital de Caridade de Oeiras e coadjuvou eficazmente na edificação da matriz de Jaicós. Difícil será enumerar todas as coisas beneméritas feitas no Piauí com o apoio de Marcos de Araújo Costa.

Todos ou quase todos os presidentes de províncias tiveram para ele palavras de enternecido reconhecimento. O Visconde da Parnaíba registrou a intervenção do reverendo na ereção da predita matriz "contribuindo com seus dinheiros e incomparável zelo e influência"(8). Sousa Ramos, batendo na mesma tecla, nomeou com prazer, entre os benfeitores do

templo novo, o "muito digno primeiro vice-presidente - abastado fazendeiro e ilustrado e venerável sacerdote, que já tanto tem beneficiado esta província com a instrução que gratuitamente, até com dispêndio seu, desde muitos anos, tem dado à nossa mocidade, no ensino do latim, francês, filosofia e retórica, e a quem se deve o único templo que em toda a província possuímos em bom estado"(9). Saraiva tachou-o de virtuoso sacerdote e benemérito cidadão(10). E Zacarias, sobretudo, não poupou elogios "ao raro desinteresse com que se presta o Revm<sup>o</sup> Padre Marcos à ilustração de uma parte da mocidade de sua província, e geralmente a tudo que é de utilidade pública, desinteresse que o torna benemérito da não comum estima que lhe consagram os seus concidadãos, única recompensa que aspira e que tem recebido"(11). No ano de 1846, vinte e quatro rapazes matricularam-se no colégio sertanejo.

Boa Esperança, durante a evangelização do padre Marcos, foi ponto de atração a que acorreram visitas de toda casta e de toda parte: gente pobre e rica da redondeza, amigos de Oeiras e de outros municípios, não só do Piauí, como das províncias circunvizinhas, antigos discípulos do colégio, viandantes.

Zacarias de Góes, concluindo o tirocínio de estadista que aqui fez, não quis volver ao Rio sem aferir in loco o titã insueto, quase umbrático, com quem mantivera constante troca de missivas cordiais. Para isso, encaminhou por Boa Esperança a expurgatória cavalgata que empreendeu de Oeiras à Feira de Santana, pajeado pelo complicado e simplório Benevenuto de Araújo Bezerra(12).

"Em Boa Esperança - li algures - achava-se remédio para todos os males: ali se encontrava alimento, conforto, dinheiro e instrução"...E justiça, parafrasearia um jurista nascido em Oeiras e cuja carreira se encerrou muito posteriormente no Supremo Tribunal - Antonio de Sousa Martins. Esse antigo juiz municipal de Jaicós afirmou, num folheto publicado em 1855, e existente no Arquivo Público de Teresina, que a população daquele julgado se acostumara a dirigir-se à fazenda da Boa Esperança para solicitar a decisão de suas pequenas contendas. E explicou-se: "Enquanto viveu o padre Marcos, exerceu este um domínio quase absoluto, domínio por certo suportável, porque, varão ilustrado e naturalmente beneficente e reto, procurava conciliar os homens e decidir suas questões pela maneira que lhe parecia razoável".



A individualidade surpreendente do nosso *sui generis* não despertou somente a atenção dos compatriotas.

George Gardner também tocou em Boa Esperança (fevereiro de 1839): e ali foi "confortado pela afável acolhida do seu excelente e culto proprietário, bem como de seu filho adotivo, o dr. Marcos de Macedo, que acabara de regressar de uma visita à França e Inglaterra, aonde fora às expensas do governo para estudar a manufatura de porcelana"(13). O botânico inglês conhecera o bacharel piauiense recentemente no Crato.

Boa Esperança - pasto de mais de cinco mil vacuns e de centenas de carneiros, apesar de colocado em terras de *mimoso*, sujeitas a longas secas esporádicas - tinha água em abundância. Dava ares de pequena vila à fazenda a edificação da casa grande numa pequena elevação à frente de cerca de trinta habitações menores, destinadas aos escravos, e perto de bonita capela onde o padre celebrava todas as manhãs.

Sobre o invulgar fazendeiro assim se manifesta o sábio itinerante:

É o padre Marcos de Araújo Costa bem conhecido em todo o norte do Brasil, não só por sua inteligência e saber, como por seu excelente caráter moral e benévola disposição, qualidades que vi amplamente confirmadas durante os oito dias que em sua fazenda me hospedei. Se todos os sacerdotes do país tivessem metade de sua cultura, bem como de sua atividade e zelo pela difusão do ensino, a condição do Brasil se tornaria bem diferente do que é e do que receio continue a ser por longo tempo, dada a presente situação. É surpreendente a atividade deste ancião de mais de sessenta anos e não é o menos a sua filantropia.

Como os meios de educação só estão ao alcance de muito pouca gente neste vasto país de tão escassa população, tem este velho mantido por anos o hábito de sustentar e educar em sua casa, livre de despesa, vinte meninos, até que adquiram sofrível conhecimento de latim, filosofia e matemática. Ele próprio é um erudito possuidor de vasta biblioteca de clássicos e filósofos; de botânica e história natural possui suficiente conhecimento para que estes assuntos se lhe tornem agradável distração. Entre os seus livros encontrei quase todas as obras de Lineu, as de Brotero, e uma de Vandelli, muito rara, sobre as plantas de Portugal e do Brasil, obra que ele acabou por me oferecer de presente.



Não faz da igreja meio de vida, contentando-se com o viver no sossegado retiro de criador de gado e dedicando os seus lazeres à educação dos discípulos.

Durante a minha estada em Boa Esperança fiz, ligeiras excursões pelos arredores, acompanhado pelo velho padre e pelo dr.Marcos de Macêdo, acrescentando muitas novidades às minhas coleção(14).

Ao deixar o desgarrdo filho de Albion a casa do bondoso sacerdote, este não pode acompanhar por ter outras visitas, mas o dr.Marcos cumpriu com galhardia o protocolo sertanejo da *imposição*, cavalgando ao lado do cientista por mais de légua e meia.

Sete anos passados, outro estrangeiro ilustre apeou-se à porta da estância celebrada: Henrique Luís Kauffman; e deu ensejo à seguinte carta dirigida pelo fazendeiro prestado ao seu "prezadíssimo afilhado e amigo tenente-coronel José Rodrigues Coelho", residente na fazenda Várzea Grande, então do município de Paranaguá (2 de março de 1846):

"É portador desta o dr.Henrique Luís Kauffman, que atravessa estes sertões com o único fim de fazer observações mineralógicas.

Ele aqui se demorou alguns dias, e se fez merecedor de toda a estimação, e porque já do Crato teve informações de haverem nessa Gurguéia minas de diamantes, tencionando ir até lá, eu vo- lo recomendo, e espero que lhe presteis todos os bons ofícios.

O dito meu amigo também exercita a medicina, e me certifica o dr.Marcos que ali fez com muito proveito alguns curativos. Talvez a sua ida seja proveitosa à enfermidade de minha afilhada, vossa esposa, cuja continuação tanto nos aflige".

Menos venturoso que o autor das *Viagens no Brasil*, Kauffman não pôde publicar as suas impressões sobre o insólito pedagogo brasileiro, porque foi assassinado no sul da província, conforme se infere da "Controvérsia à defesa feita pelo Ilmo.Sr.Capitão Miguel Arcanjo Pereira de Lemos ao assassino do infeliz Doutor Henrique Luís Kauffman"(15).

Consternada e lacônica mensagem enviada por Antônio Batista Lopes Cordeiro, de Boa Esperança para Várzea Grande, e datada de 4 de novembro de 1850, comunicou(16): "Hoje, às doze horas do dia, expirou o reverendo Marcos de Araújo Costa...".

O passamento do ancião tranqüilo, alvo, robusto e baixo, cuja grandeza moral só por estalões de Broldignac se podia medir, comoveu todos os sertões nordestinos.

O presidente José Antonio Saraiva disse aos deputados provinciais(17): "A morte do reverendíssimo padre Marcos, que encheu de dor a todos os corações piauienses, fechou as portas da única casa de educação que esta província possuía".

A nossa Assembléia Legislativa autorizou, anos depois, a ereção na matriz de Jaicós do mausoléu do benemérito em remuneração aos serviços prestados à província(18). Apesar de acanhada, a remuneração importou em preto comovente, um prelúdio de consciência, no piauiense, de que "a humanidade deve mais aos mudos exemplos dos santos do que aos argumentos sutis dos sofistas".

Do Livro O VISCONDE DA PARNAÍBA, edição do Instituto Histórico de Oeiras, Piauí, Oeiras, 1982, páginas 55 a 63.

(1) Ps.134

(2) ABDIAS NEVES - "O Piauí na Confederação do Equador", p.50

(3) Idem, idem, p.46

(4) F.A.PEREIRA DA COSTA - "Cronologia", p.84

(5) ABDIAS NEVES - "O Piauí na Confederação do Equador", pág.156

(6) F.A.PEREIRA DA COSTA - "Cronologia", p.214.

(7) Lei de 4 de outubro de 1834, art.6º, Decreto nº 207, de 18 de setembro de 1841.

(8) Fala, 1838.

(9) Relatório, 1844.

(11) Idem, 1846.

(12) CLODOALDO DE FREITAS - "O Conselho Zacarias - fato histórico", reproduzido pelo Almanak da Parnaíba para 1938, p.212.

(13) MARCOS ANTONIO DE MACÊDO, bacharel da turma de 1836 da Faculdade de Olinda, deputado provincial no Ceará e presidente da província do Piauí, ainda em vida do padre Marcos, era filho de Antonio de Macêdo Pimentel e de uma índia acoroá, tendo nascido a 18 de junho de 1808 numa aldeia

de aborígenes semidomesticados, que existiu nos arredores da vila de Jaicós. Não foi sem dificuldade que Antonio Macêdo conseguiu haver o filho, cujo temperamento na primeira infância revelou inveterada rebeldia. Ao primeiro descuido, o pequeno mameluco fugia para os matos, de onde era reconduzido constantemente ao poder paterno por caboclos domesticados. Depois dos oito anos, porém, modificações sensíveis se operaram no garoto que, entregue ao padre Marcos se tornou um dos melhores educandos de Boa Esperança e um discente que se distinguiu na escola superior. Formado em direito, achou que errara a vocação e tratou de dedicar-se às matemáticas e às ciências naturais. Fez na Europa um curso de química industrial. Mas depois, voltando à pátria, entrou para a magistratura e aposentou-se como juiz de direito. Faleceu em Stuttgart, a 15 de dezembro de 1872, deixando publicadas várias obras que Sacramento Blake enumera no Dicionário Bibliográfico. Convém ler, a respeito do dr. Marcos Antonio de Macêdo, o que Abdias Neves escreveu no Dicionário histórico, geográfico e etnográfico - vol.11.p.391.

(14) Viagens no Brasil, p.200

(15) Ms. sem assinatura, coexistente com a cópia da carta supra do padre Marcos no arquivo do dr. Sebastião Martins de Araújo Costa.

(16) Ms. guardado no referido arquivo.

(17) Fala, 1851.

(18) F.A.PEREIRA DA COSTA - "Cronologia", p.137.

# DIA DA CRIANÇA

**Mariza Abath**

Vem comigo criança, hoje quero fazer um passeio contigo, pois este dia é teu. Vamos por aí, no meu passado, vou mostrar-te os caminhos que percorri quando também fui criança: Andei a cavalo por verdes campinas sem agrotóxicos, banhei-me em rios sem poluição, subi em árvores frondosas sem pensar que existiam moto-serras para destruí-las, brinquei de boneca que não era a Xuxa, brinquei de ciranda cantando nas rodas, pulei tanta corda que até me cansei, porém tive sonhos assim como os teus...Meus caminhos a poeira do tempo apagou, só restando na mente o que ele guardou, mas um dia fui criança e como era feliz!

Tu, criança hoje, dos "tempos modernos", teu caminho é bem diferente, já não conheces o que é "brinquedo simples", o que é natural, pois criança, hoje tens tudo nas mãos, desde o brinquedo mais sofisticado à televisão, teus brinquedos são tão passageiros que tu não chegas quase a sonhar, isto para a criança que pode brincar! Existem porém, outras crianças, aquelas que nem brinquedos têm, e quando os têm, já vêm estragados ou danificados, pois são sobras dos mais afortunados. Porém, quero aqui homenagear, e não comemorar esse dia, aquela criança que nem mesmo carinho de mãe que as colocou no mundo ela tem, pois, às vezes, nem a conhece. É aquela criança de rua, abandonada, maltratada que hoje tem como prêmio, por ser tão desamparada, um Estatuto com dispositivos utópicos pretendendo proteger a criança. Se parte desses dispositivos fosse verdadeiramente observado, teríamos um país de crianças mais saudáveis e privilegiadas, em todo o mundo, porém, a realidade é outra, deparamo-nos dia a dia com a violência, o abandono à própria sorte, criança sem proteção nenhuma. Estas crianças para enganar a fome procuram na cola (de sapateiro) o substituto de um prato de comida e a maconha para realizar aqueles sonhos, impossíveis, aquela fantasia criada e jamais alcançada. O que podemos comemorar neste dia? Comemorar tristeza por sermos um país tão grande, tão rico mas, simultaneamente, tão pobre para com os seus filhos, consequência da má administração, desamor e ambição dos seus governantes? Para que servem os 267 artigos inseridos no Estatuto da Criança e do Adolescente se dentre eles, o mais belo, que é o artigo 53 que dá a criança absoluta prioridade na alimentação,

educação e principalmente, direito à vida, entre outros benefícios, não é cumprido! na realidade mesmo tens é uma caminhada penosa, cheia de preconceitos a te ferir a todo momento, pois até agora as escolas que freqüentas são as calçadas e os viadutos, e o mundo a te ensinar a conviver com o vício e a violência destruindo assim a tua saúde e a tua vida. Assim vais crescendo sem saber que em um mundo oposto ao teu, existem crianças felizes amparadas, crianças que têm a felicidade de ter uma família organizada, onde se comemora o dia da criança, dignamente. Tu, criança de rua, és uma vítima criada dentro da própria sociedade, e porque não dizer, gerada por ela própria, pois esta sociedade te abandonou, não te deixou brincar com o carrinho sonhado ou a boneca dengosa, ou com o amor que alimenta a alma, e se omitiu quando começaste as tuas caminhadas pelas ruas, em vão, ela não te viu. Hoje, se a comunidade sente veemente preocupação pelo menino de rua, chegando até dele ter medo, e no amanhã como será esta criança se não tomarmos os cuidados com a sua saúde, educação e sua dignidade como cidadão, que um dia tu serás? Que pavor não iremos ter ao encontrar um ser humano assim, um homem feito, desprovido de todos sentimentos puros, inerentes à espécie, porém um ser embrutecido, desiludido com a vida e com o mundo que te desprezou, e tu te voltarás contra esta sociedade cobrando com altos juro o desprezo e a omissão que te deram quando criança, quando só pedias amor, carinho e sobretudo um lar.

Para ti o meu carinho e rogo a Deus que as autoridades competentes vejam com mais sensibilidade e seriedade o problema do menor carente. Vamos à realidade, vamos dar um basta à retórica e levar a sério esse problema que hoje muito nos preocupa.

Que os outros dias 12 de Outubro, sejam teus de fato, que as autoridades e a sociedade possam comemorar a dizer bem alto: Hoje é teu dia Criança Brasileira, pois terão escola saúde e amor.

### **Respeitem o art.227 da Constituição Federal:**

"Art.227. É dever da família, da sociedade e do Estado assegurar à criança e ao adolescente, com absoluta prioridade, o direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária, além de colocá-los a salvo de toda forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão" (Constituição Federal).

**BRASÍLIA(DF), OUTUBRO DE 1993**

## SERÁ?

Será que você tem aniversário?

Será que você tem um bolo para partir e comer?

Será que você canta "parabéns para você" apagando velinhas?

Será que você sabe quantos anos tem?

Será que você nasceu para viver, para brincar, para receber presentes, para sonhar como toda criança?

Não, você não nasceu para viver, você não completa anos porque muitos de vocês já veem envolvidos na mortalha da fome, da subnutrição, da doença e do desconforto.

O seu aniversário passou e você não viu, você estava pelas calçadas, com fome, com frio e drogado.

Você não canta; você chora, você diz palavrão, você briga por um pedaço de pão.

Você não diz: "muitos anos de vida" porque antes, você morre de uma doença qualquer, ou metralhada por esquadrões da morte.

Você não pode cantar, porque a alma é que solta as notas mais sonoras e harmoniosas de uma melodia, e você é triste, você não canta porque só viu sua alma encharcada de lágrimas, de incompreensões e desamor.

Seu coração é descompassado, não há ritmo pois não pulsa de alegria.

Você é uma criança mutilada dentro dessa sociedade preconceituosa que lhe arranca a cada olhar, a cada indiferença aquele "Ser" que você poderia ser inteiro, aquele "gênio" jogado no asfalto, nas calçadas e nos bancos de jardins.

Você está crescendo e eu estou com medo pois logo você estará saindo desse invólucro de desprezo, de desamor e de revolta, para tornar-se um gênio de fato, um gigante formado de revoltas, do ódio a dominar um coração que nasceu puro e hoje reprimido; machucado, mata, assalta e deixa de ser até humano para tornar-se uma fera. Assim a sociedade o fez pois nunca cantou "parabéns para você" e a sua velinha apagou mesmo antes de você existir, pois você é pobre, você nunca existiu.

Pobre menino de rua eu penso em você e tenho medo desse mundo tão inconsciente, tão cheio de injustiça e egoísmo, mundo cheio de competições interesses e ambições, e que não sabe entender que o bem não se resolve pelo choque de classe



e pelo egoísmo dos indivíduos, o bem estar em ver você, participar com você do seu bolo de aniversário.

Pobre menino de rua eu penso em você.

**Mariza Abath**

## **O RETIRANTE**

Ele chegou trazendo mulher e filhos. Olhou pro céu, o mesmo céu de sua terra que ficou distante...Sentiu saudades do rancho. Caminhou pela cidade grande, rostos estranhos e indiferentes ele viu! Faminto, sem dinheiro para comprar um pão, olhou os filhos que nos olhinhos marejavam gotas de lágrimas. Fome! Humildemente ele pediu ao primeiro que passou algum dinheiro conseguindo assim poucos alimentos. Porém, chegou a noite e agora onde se agasalhar com a família? Ninguém lhe ofereceu abrigo, somente a árvore amiga estava ali com a sua copa acolhedora. Acomodou-se com seus trapos que mal davam para lhe cobrir o frio que a noite trazia. E se chover? Não tinha abrigo, pois só pedaços de plásticos, colhidos em algum lugar, ele encontrou e fez assim sua tenda improvisada. Assim começa, na cidade grande, o padecer do retirante. E nós que somos cristãos, passamos indiferentes por estes que, como nós, também são filhos de um mesmo Deus. Preocupados sempre com os nossos problemas do dia-a-dia, passamos por estas criaturas, quando bem poderíamos oferecer-lhes uma palavra, um pouco de calor humano, e por que não carregar com eles um pouco de sua cruz? Porém, nossa pressa é maior, nossos problemas são mais importantes, nosso bem-estar é bem mais cômodo. Não temos tempo de ver, e assim os dias vão passando sem nunca termos condições de reparar naqueles rostos sofridos, corpos cansados e almas desiludidas. A cidade que ele pensava ser, na sua imaginação um sonho, passou a ser pesadelo! O amanhã sempre igual à realidade de hoje, sem que ele acredite nos corações humanos, nos seus semelhantes; ele também se transforma e torna-se desumano. Assim, por força do destino ou da indiferença de todos, torna-se um criminoso, para poder dar, com o roubo, a seus filhos o pão. Conseqüentemente, como serão seus filhos, vítimas desse mundo louco de egoísmo? Na contingência da vida vão para as ruas sem apoio

ou qualquer amparo, tornando-se marginais da vida. Serão sempre párias do mundo e sombras sofridas.

**Mariza Abath**

## **MENSAGEM DE NATAL**

**Mariza Abath**

Estamos chegando ao final do ano e mais um Natal se aproxima. Natal onde comemoramos o nascimento de Jesus.

Que este Natal seja para agradecer a Deus por mais um ano de existência em nossas vidas, pela saúde e pelos familiares, pelo amor e união que existe em nossos corações. Agradecer, também, por todas as pessoas que a nós se uniram para trabalhar em favor dos outros. Que possamos agradecer a Deus pela chuva, que umedecendo o chão, que trabalhado nos dá o pão de cada dia; o vento que nos refresca em dias quentes e faz as folhas dançarem o seu bailado de equilíbrio; o sol que nos aquece ilumina; o pássaro que sempre canta e nunca chora; o mar pela sua grandeza imensa mostrando todo poder de um Ser Supremo; o amor que ainda existe nas pessoas sustentando com força a nossa existência; a paz que procuramos ter para viver em equilíbrio com o mundo e a esperança de que um dia toda a calamidade que nos quer atingir, seja sustada pela mão de Deus.

Pedimos a Deus:

Que os oprimidos não sejam esmagados pela força brutal do opressor; que as crianças tenham nos seus direitos o respeito que merecem; que o ancião tenha a compreensão e o amor das pessoas e familiares; que as tempestades que se formam em nosso interior dêem lugar a calmaria e a tranqüilidade em nossos corações; que as famílias se unam mais e acabem com a violência e o desamor; que os males físicos sejam sanados dando lugar ao homem sadio de corpo e mente; que o homem plante a semente do otimismo, do amor e da caridade; que a juventude possa entender que não é no vício, na ilusão da droga, que a faz feliz, e sim, a fé neles mesmos e esperança no futuro; que os nossos governantes encontrem uma maneira de administrar com respeito e dignidade o país que assumiram com a Pátria; que o natal não seja comemorado profanamente com mesas fartas, luzes e

espocar de garrafas, seja um natal onde a nossa mesa divida com a mesa dos que nada têm, e que a nossa alegria possa contagiar aqueles que estão tristes; e que a nossa felicidade seja dividida com aqueles que sofrem, pelos que choram e pelos solitários.

Vamos lutar por um mundo melhor fazendo de todos os dias de nossas vidas um Renascimento de um Natal Cristão.

*Feliz Nata!*  
*Próspero Ano Novo!*  
*Dezembro/1994*

## **PRECISEI FALAR COM DEUS**

**(Letra e música - Mariza Abath)**

Eu precisei falar com Deus  
E não sei onde encontrar  
Corri aqui e ali  
E não pude encontrar,  
Então o vento passando  
No meu ouvido falando  
Ele me disse baixinho  
O que estás procurando  
Eu te direi devagarinho

Ele está

Na sombra em teu rosto  
Na folha que cai  
No verde das matas  
No pingo d'água  
Na torrente dos rios  
Nas ondas bravias do mar

Ele está

Naquele que te procura  
Pedindo numa humilde ternura  
Um pedaço de pão  
Ele e aquele teu irmão

Ele está

Na flor que desponta  
No pássaro que canta  
Na manhã quando o sol raiar  
Na chuva que molha  
Na estrela que brilha  
No céu em noites de luar

Ele está

No raio que corta  
No sereno que molha  
A relva a brilhar  
Ele é o trovão,  
É sabedoria  
É paz e alegria  
Ele é poesia  
Que tu sentes agora  
Em teu coração!

## **DOCUMENTANDO**

Assembléia de S.Paulo Aprova Voto de Congratulações aos 150 Anos do Pe.Cícero.

O deputado Afanásio Jazadji, da Assembléia de S.Paulo, requereu, naquela Casa, voto de louvor aos 150 anos do Pe.Cícero. O requerimento foi aprovado. O importante requerimento, que aqui transcrevemos, por ser peça histórica, está com a seguinte redação:

### **REQUERIMENTO Nº 756, DE 1994**

Requeiro, nos termos regimentais, seja inscrito na ata dos trabalhos desta Casa de Leis, um voto de congratulações com todos os nordestinos que vivem em São Paulo, por ocasião do Sesquicentenário de nascimento do Padre Cícero Romão Batista, o Padim Ciço dos devotos, no próximo dia 24 de março.

## JUSTIFICATIVA

Em São Paulo concentra-se a maior população nordestina do País. E nós, paulistas, temos uma grande dívida de gratidão para com esses nossos irmãos que, buscando oportunidades de sobrevivência, para si e suas famílias, para cá trouxeram a força de seu trabalho e sua fé simples e pura.

Eles estão presentes em todas as atividades: no comércio, na indústria, nos transportes, na Saúde, na Educação, na Política e, principalmente, na construção civil. A face de concreto de São Paulo guarda o suor e as lágrimas de milhões de nordestinos que há muitas décadas, constroem a imagem, em pedra e cal, de sua grandeza. Suor que eles procuram reviver conservando seus costumes e tradições.

E uma dessas tradições mais fortes é, sem dúvida, a devoção ao Padim Ciço, o Padre Cícero Romão Batista, o grande santo que já foi entronizado no coração de todos os brasileiros.

Agora no dia 24 de março vai-se comemorar o Sesquicentenário de nascimento do Padre Cícero, nascido em 1844 na cidade do Crato-Ceará. Desde criança era forte a sua vocação sacerdotal. Ordenado padre, fixou-se na pequenina vila de Juazeiro do Norte que, ao influxo de sua fé, marcada por milagres, o maior dos quais foi, sem dúvida, a união do seu povo, tornou-se uma cidade de grande porte, conhecida no Brasil e no mundo e procurada, todos os anos, por milhões de devotos.

Padre Cícero, "cuja vida terrena e espiritual será sempre narrada e venerada enquanto houver um nordestino, um cristão de verdade", como afirma o radialista e escritor, professor Geraldo Menezes Barbosa, autor do Livro "História do Padre Cícero ao alcance de todos", centraliza toda a vida espiritual, toda a devoção sincera e pura dos nordestinos. Mas simboliza, também, a força da fé e pelo sentimento fraterno, pelo exemplo maior de solidariedade do Padre Cícero, podemos e devemos construir um Brasil de maior justiça social.

São Paulo tem para com seus irmãos nordestinos, repito, uma dívida de gratidão eterna. Nada mais justo que, homenageando Padre Cícero, reconhecendo-lhe as excelsas virtudes de Santo e as altas qualidades de líder de sua gente, estendamos essa homenagem a todos aqueles seus devotos que, em São Paulo, trazem, entronizada em seu coração, a imagem do santo.

O Sesquicentenário de nascimento do Padre Cícero é um evento que transcende as fronteiras do Nordeste, porque



comove e encanta a milhões de irmãos nordestinos que vivem e trabalham em São Paulo. Por respeitar os seus sentimentos e a sua fé é que considero justa esta homenagem que fazemos ao Padim Ciço, como é carinhosamente chamado por seus devotos, ele é o elo espiritual dessa corrente de amor que nos une, paulistas e nordestinos.

Justifica-se, pois, por todo o exposto, o nosso pedido de um Voto de Congratulações de todos os paulistas, que esta Casa representa, os que aqui nasceram e os que para cá vieram, na comunhão do trabalho e da fé, que nos une, para com todos os nossos irmãos nordestinos, pelos 150 anos de nascimento do Padre Cícero Romão Batista, e que deste se dê ciência a:

1) Centro de Tradições Nordestinas

Presidente Sr. José Masci de Abreu

R. Jacofer, 615 - Limão - CEP 02712-070 - Capital - SP.

2) Assembléia Legislativa do Estado do Ceará

Presidente Deputado Francisco de Paula Rocha Aguiar

Av. Des. Moreira, 2.807 - CEP 60.179-900 - Fortaleza - CE

3) Prefeitura Municipal de Juazeiro do Norte

Prefeito Manoel Salviano Sobrinho

Praça Dirceu de Figueiredo, s/n - Centro - CEP 63.010-10 - Juazeiro do Norte - CE

4) Câmara Municipal de Juazeiro do Norte - Presidente

Vereador Francisco Vieira da Silva - R. do Cruzeiro, 217, CEP 63010-070 - Juazeiro do Norte - CE.

5) Prefeitura Municipal do Crato - Prefeito Dr. Antônio Primo de Brito - Largo Júlio Saraiva, s/n - CEP 63100-000 - Crato - CE.

6) Câmara Municipal do Crato - Presidente Vereador Francisco Tavares de Oliveira - R. Sen. Pompeu, 468 - CEP 63100-000 - Crato - CE.

7) Escritor Geraldo Menezes Barbosa - R. São Roque, 2115 - CEP 63180-000 - Juazeiro do Norte - CE.

8) Radialista Ronaldo Costa de Andrade - R. da Glória, 223 - CEP 63010-460 - Juazeiro do Norte - CE.

pelo que peço e espero o apoio de meus nobres Pares.

Sala das Sessões, em 16.3.94.

a) Afanasio Jazadji

# POEMAS

## CONGRESSO EM APUROS

Cândida L.Carneiro

O Congresso brasileiro  
encontra-se em polvorosa,  
tentando todo recurso  
para apagar a imagem  
do acidente de percurso  
que deixou a descoberto  
sua trama mais ardilosa.

O povo veio a saber  
que os que detêm o poder,  
os chamados de excelência,  
homens fortes da Nação,  
ficam cada vez mais ricos  
porque vivem da indecência  
de roubarem a cada ano  
o orçamento da União.

Agora, os que se dizem inocentes,  
estão com uma necessidade premente  
de mostrarem ao eleitorado,  
esse enganado,  
vasta folha de serviços,  
com vistas nas eleições...  
Por isso, nem prenderam Alibabá,  
e já estão perseguindo  
os seus quarenta ladrões.

Mas, quem vai julgar quem,  
se cada um, conhecendo  
as falcatruas do outro,  
julgá-lo não lhe convém?  
Quanto a impunidade parlamentar,  
enquanto ela existir,  
a escassez de moral existirá.

A CPI do Congresso aí está,  
não por um desejo de moralização,  
mas por falta de opção.  
Afinal, quase todo congressista  
defende, qual anarquista,  
o poder do poder  
que vem da corrupção!

**Maranguape, novembro de 1993**

**OBS: PC ainda não tinha sido preso.**

## **PÁTRIA AMADA**

**Cândida L. Carneiro**

Alerta, Brasil!  
Não demora na espera vã  
de que te surja  
um salvador da Pátria!  
Vai à luta!  
Não dá para viver sonhando!  
Quando a classe trabalhadora  
sofre tanta humilhação,  
para sobreviver,  
enquanto a elite  
rende-se aos esquemas PC,  
o CAOS pode estar chegando!

Depressa! Sai desse marasmo!  
Resgata os teus valores,  
expurgando, já,  
os vendilhões de tua dignidade,  
se queres merecer  
o respeito da posteridade!

Confia em ti mesmo!  
Na força criativa  
dos caras pintadas,  
que usam como arma,  
sem deixar seqüela,

a cor verde-amarela...  
E verás nascer,  
da noite tenebrosa  
em que te encontras,  
um belo amanhecer.

**Maranguape, agosto de 1993.**

## **BRASIL ILHADO**

**Cândida L.Carneiro**

Pátria amada,  
por que andas, assim,  
à passos largos,  
rumo à derrocada?  
Estás sendo irreverente  
ao te envolveres vergonhosamente  
com os rombos da Previdência  
que estão levando os aposentados  
à indigência...

Com o tráfico de entorpecente  
que torna mais rico o traficante  
e vicia e mata o adolescente...

Com os desvios da merenda escolar  
que fazem milhares de crianças carentes  
desistirem de estudar...

Com a Justiça e a Polícia Federal  
que, numa inversão de valores,  
se rendem ao suborno,  
em detrimento da moral.

Enfim, entre tantos outros erros,  
estás sendo indiferente  
aos destinos das nações indígenas  
que perdem um pedaço de chão a cada dia  
e servem de massa de manobra  
aos usuários da demagogia.

Aonde vais parar, Brasil?  
Se continuas premiando os maus,  
com certeza chegarás ao caos.  
De tantos crimes, de tanta impunidade,  
somos hoje uma minoria de honestos,  
cercados de uma maioria de corruptos  
por todos os lados...Estamos ilhados!

**Maranguape, agosto de 1993**

## **DESORDEM NACIONAL**

**Cândida L.Carneiro**

Brasil,  
levante-se de seu "berço esplêndido"  
e mostre-se valente!  
Resgate os seus valores!  
Salve o seu presente,  
se espera no futuro  
alguns louvores!  
Nação livre e soberana,  
você se escravizou aos vícios  
que estão gerando  
uma desordem insana!

Ficando "ao som do mar"  
e "à luz do sol profundo",  
esperando que um milagre  
lhe aconteça,  
você vem deixando  
que a falta de vergonha,  
a cada dia mais se fortaleça.

Brasil de "um povo heróico"  
que, com um "brado retumbante",  
desafiou no passado,  
"a própria morte",  
reconquiste a dignidade. Seja forte!  
"Um filho seu não foge à luta",  
diz a tradição...

Portanto, a hora que você quiser,  
pode acabar com a corrupção.

Erga "da justiça a clava forte!"  
Seja radical! Confisque os bens  
dos saqueadores de seu povo,  
os ANÕES do Congresso Nacional!  
Eles permanecem impunes  
e comprometidos apenas  
com os pregões da Bolsa,  
porque você ficou covarde,  
já não usa a força!

"Terra adorada entre outras mil",  
a classe trabalhadora  
que lhe garante a grandeza,  
traída nos seus anseios,  
sem esperança e sem meios  
para enfrentar a incerteza,  
está chegando ao seu limite...  
Atente, Brasil, para o que vamos dizer:  
Nós ainda o amamos...  
porém, não mais pelo que você tem sido,  
mas pelo que somos quando amamos você!  
Maranguape, março de 1994.



# O CRATO QUE EU VISITEI

Cândida L.Carneiro

Deixei o Crato quando eu era adolescente  
e só recentemente ali eu retornei,  
depois que os anos me deixaram marcas  
que eu jamais gostei.

Essa visita feita tardiamente,  
transformou-me numa retardatária  
um tanto hilária,  
a andar por ali, impaciente,  
procurando o passado no presente.

Foi assim que encontrei  
naquela cidade pacata,  
com ares de aristocrata,  
uma paisagem cheia de harmonia.  
É que o Crato preserva o verde;  
defende a ecologia.

Vi jardins em residências,  
para tudo quanto é lado,  
cada um mais bem cuidado.  
Vi mangueiras e jambeiros  
arborizando ruas,  
lhes dando uma graça.  
Vi pombos folgosos,  
morando na praça.

E...uma coisa que eu amei:  
encontrar os ficus-benjamins  
dos meus tempos de menina,  
na Praça Cristo Rei!  
Pois ali ainda estão,  
desafiando o tempo, os predadores  
e, que exemplo para a posteridade!  
Eles têm nos taxistas da cidade,  
seus defensores.

Só uma coisa em Crato eu não gostei  
e, por ironia,

com ela eu me identifiquei.  
Saudades do passado...  
Foi ver a Siqueira Campos  
sem a beleza dos anos dourados.

No entanto, para compensar,  
outros logradouros existem  
para o visitante admirar.  
Dentre eles, no centro da cidade,  
a Praça da Sé  
com suas árvores elegantes  
e, no sopé da serra,  
uma floresta exuberante,  
fontes e cascata, além de balneários  
dignos de se ver.  
Ah, Cratinho,  
como foi gostoso eu te rever!

**Maranguape, fevereiro de 1994.**

## **AO SÍTIO ONDE NASCI**

**Cândida L. Carneiro**

Buriti dos meus tempos de menina,  
o que foi feito de ti?  
Eu estive no Crato  
e garanto que te procurei  
com a mesma ânsia  
com que se procura  
um brinquedo na infância,  
porém não te encontrei.  
O único referencial  
para quem te busca  
com vistas no passado,  
é o que soubeste preservar  
com tanto empenho:  
os teus engenhos!

Mas...  
E a casa do velho Cícero Lobo  
- o meu mundo infantil,

mundo encantado -  
o que foi feito dela?  
Da euforia de tantos netos  
ali reunidos...  
Das brincadeiras de todo dia...  
Das visitas importantes,  
quando a criançada  
proibida de ficar por perto  
xeretando,  
era encaminhada à casa de uma tia,  
onde ficava brincando  
cheia de alegria?

Foi por lembrar tudo isso, Buriti,  
que ao te pisar o chão,  
meus olhos marejaram de emoção.  
Foi saudade. Saudade de ti  
ou de mim mesma.  
Saudade do tempo que passou.  
Saudade de minha juventude,  
que bem poderia ser eterna,  
mas logo se acabou.

Não foi fácil constatar,  
depois de eras de ausência  
da terra onde nasci,  
que só me restam quimeras  
da infância e da adolescência  
que ali tão bem vivi.  
Ah, Buriti, foi uma pena,  
pois eu queria te rever agora,  
do jeito que te vi quando pequena!

**Maranguape, outubro de 1993.**

# CAMPO DA JURIDICIDADE

Manoel Soares Martins

O mundo jurígeno está composto pela legitimidade, pela legalidade e pela ilicitude que traduzem uma representação eclética das teorias Normativa ou do Juízo Hipotético e Ecológica ou do Juízo Disjuntivo de KELSEN e de CARLOS COSSIO, respectivamente. Essa compreensão, indubitavelmente, representa o que há de melhor na doutrina filosófica do direito.

O mundo da juridicidade, portanto, se compõe de tudo aquilo que é legítimo, que é legal e que é ilegal; mas que o tema é polêmico e controvertido entre os filósofos do direito, sobretudo entre KELSEN e COSSIO e como aqui será visto.

Esclarecimento preliminar: o território da legalidade tem muito a ver com o espaço reservado à legitimidade; mas que se diferenciam, nitidamente. Um fato histórico é capaz de diferenciá-los, perfeitamente. Ei-lo: CALÍGULA, impenitente Imperador Romano que foi, baixou um decreto, por exemplo, nomenado cônsul seu cavalo "Incitatus". Certamente, esse ato foi legal porque, afinal de contas, partiu de um imperador (portanto, autoridade competente); mas, inquestionavelmente, não foi ele legítimo exatamente porque o seu beneficiário não é sujeito de direito. Daí proclamo, à cidade e ao mundo, tudo aquilo que é legítimo é legal; mas a recíproca não é verdadeira, ou seja, nem tudo que é legal é legítimo.

Pois bem, HANS KELSEN, em sua **Teoria Pura do Direito**, vislumbrou, na norma jurídica, a expressão real do direito ao pontificar, **in verbis**: "...Na verdade, o direito, que constitui o objeto deste conhecimento, é uma ordem normativa da conduta humana, ou seja, um sistema de normas que regulam o comportamento humano. Com o termo **norma** quer-se significar que algo deve ser ou acontecer, especialmente que um homem se deve conduzir de determinada maneira..." (4ª ed., tradução de João Batista Machado, Editor Armênio Amado, Coimbra, 1979, p.21).

Por isso, concluiu KELSEN que somente o ilícito é capaz de gerar o que é jurígeno porque a conduta humana só deve sofrer uma reprimenda (sanção) do direito a partir do momento que não agir dentro da fórmula (maneira de agir) previamente

determinada pela lei, a fim de que se possa restabelecer essa ordem afrontada pelo ilícito cometido.

Assim, para KELSEN, o comportamento do homem está expresso, somente, na norma coercitiva e, por isso, o mundo jurígeno é composto, apenas, pelo ilícito porque conduz este uma sanção reguladora e disciplinadora da conduta humana. Realmente, o bem que não é violado não deve ser ele reparado de lesão nenhuma.

Justifica KELSEN: a conduta humana que se expressa na norma jurídica tem valor positivo (lícito e legítimo) e quem a contraria pinta seu valor negativo (ilícito). Assim, conclui ele, apenas interessa para o direito subjetivo a conduta negativa porque a positiva, enquanto não violada, não precisa de proteção legal. Logo, a conduta ilícita, somente ela, representa fato gerador do planeta jurígeno porque só sua sanção é capaz de restaurar e recuperar o bem jurídico lesado.

Por tudo isso, vem a luminar lição de RUDOLF VON IHERING, ensinando como usar o direito subjetivo para recuperar um direito material lesado, dizendo: "Até aqui procurei desenvolver a primeira das duas proposições por mim formuladas: a luta pelo direito é um dever do indivíduo para consigo mesmo. Passo a ocupar-me da segunda: a defesa do direito constitui um dever para com a comunidade". **(A Luta pelo Direito, 2ª ed., Editora Rio, 1980, p.64).**

O valor positivo da conduta humana a que se refere KELSEN, afinal de contas, demonstra normalidade da interação social e, conseqüentemente, não existe direito violado e, portanto, não há como se lutar por ele e nem como se defendê-lo.

A teoria Ecológica ou do Juízo Disjuntivo de CARLOS COSSIO, ao contrário da teoria Normativa ou do Juízo Hipotético de KELSEN, diz que o universo da juridicidade tanto é formado pelo lícito ou legítimo, quanto pelo ilícito e é neste ponto, exatamente, que se vê a diferença entre essas imortais teorias que revolucionaram, inquestionavelmente, o conhecimento filosófico do direito porque aquele (COSSIO) viu, no comportamento humano, não apenas a expressão ideal do direito, mas também o fato social em si e acrescentou, luminariamente: antes mesmo do ato ser jurídico, **já o era social e humano e, conseqüentemente, merecedor este também do amparo legal.**

De um lado, as regras jurídicas estão contidas num tipo legal e que são expressões máximas do direito. Logo, a sanção igualmente contida na regra só deve ser acionada quando a

vontade nelas contida é aviltada ou vilipendiada através da prática do ilícito. Aqui, a razão de KELSEN é inquestionável.

Do outro lado, existem regras, eminentemente sociais, que estão desnudadas de coercibilidade jurídica (o castigo usado pelo pai para punir o filho travesso, serve de exemplo) e nem por isso esse comportamento do pai, desde que constatado o excesso, deve ficar impune. Assim, a meu ver, não é correto, **data máxima venia**, este axioma: "tudo aquilo que o direito não proíbe é permitido". Igualmente, tem razão COSSIO porque incluiu tais normas (sem coercibilidade e representadas pelo legítimo e pela liceidade) como também integrantes do território jurígeno porque, acrescentou ele, são ações que somente o homem pode produzi-las.

Vê-se, portanto, que as teorias de KELSEN e de COSSIO, aquele restrito e este amplo, inquestionavelmente, concluíram que o mundo jurídico é composto pela legitimidade, pela legalidade e pela ilicitude. A propósito, ponderou, com razão, ARNALDO VASCONCELOS, lecionando: "Em verdade, o território jurídico comporta três qualificações distintas, constituindo os campos específicos da legalidade, da ilicitude e da licitude..." (Teoria da Norma Jurídica, Forense, Rio, 1978, p.29).

MIGUEL REALE, com projeto semelhante, procurou definir o ser do direito ponderando que ele é formado pelo **fato, valor** e **norma** e que a partir daí nasceu a teoria Tridimensional do Direito, sobretudo anunciando o Plano Transcendental ou Filosófico. Conclui ele: este plano estuda o direito levando-se em consideração o seu aspecto filosófico, onde ele se apresenta como uma realidade jurídica universal, revelando sua experiência histórica e social. Esse plano, pelo que se vê é muito profundo porque seu autor tomou por base o racionalismo de DESCARTES e o empirismo de BACON (doutrinas que afirmam que todo conhecimento tem origem na razão e na experiência, respectivamente), quando abordaram o estudo da gnoseologia filosófica, despiciendo é estudá-lo com profundidade aqui, face as limitações deste trabalho.

Voltando a KELSEN e a COSSIO: toda regra jurídica se compõe de uma indicação e de um imperativo. Exemplo: devo pagar a dívida ao meu credor (eis, o caminho indicado pela lei); se não a liquido, serei compelido a solvê-la (imperativo). Afinal, existe a obrigação natural, a qual é desnudada de coercibilidade jurídica por lhe faltar uma sanção, mas posso (logo, não devo) pagá-la. Aqui, vem à tona as teorias daquele



e deste, respectivamente. A propósito delas (teorias), doutrinou, impecavelmente, REALE, ponderando: "...A regra jurídica não se limita a indicar um caminho, pois, se deixa a faculdade de opção por outras vias, já consagra também a escolha feita pelo legislador, tanto assim que este a mune adequadamente de sanção para garantir seu adimplemento". (**Filosofia do Direito**, 9ª ed., Saraiva, SP, 1982, P.323).

O **ser** e o **dever ser** do direito (o dispositivo legal, em si) representam sua materialização, contendo nele uma definição e uma sanção que correspondem, respectivamente, uma regra de conduta e uma coercibilidade ou imperatividade.

Já a função do Plano Empírico ou Científico-Positivo de REALE vem adotar critérios para a elaboração da disposição legal, na qual se possa sentir, ostensivamente, uma precisa indicação e uma visível imperatividade ou coercibilidade (**ser e dever ser**), sem os quais não existiria direito material. No entanto, existe a obrigação natural e aqui COSSIO, salvo melhor juízo, superou KELSEN.

Interessante: DUGUIT, representante soberano do empirismo jurídico, nega, por incrível que pareça, que a norma seja regra de **dever ser** (imperativa ou coercitiva), dizendo, simplesmente, que o direito é um conjunto de regras técnicas de caráter meramente hipotético e indicativo. Explica REALE, doutrinando: "...O Direito não obriga a isto ou aquilo, mas se limita a indicar certas conseqüências, toda vez que se verificarem determinadas hipóteses. O Direito é indicativo..." (Ob.cit.,ibidem).

Hoje, inquestionavelmente, LÉON DUGUIT, **data maxima venia**, está superado porque direito sem imperatividade ou coercibilidade é regra material que não tem eficácia por não impor nada a ninguém.

REALE, indubitavelmente, advogou a tese de CARLOS COSSIO, ao ponderar, **in verbis**: "Kelsen, como já dissemos, só considera jurídica a norma que prevê a sanção penal, enquanto que, no nosso entender, a concreta juridicidade só se realiza através da conjugação ou complementaridade das duas normas que, a bem ver, se integram numa só, de natureza ao mesmo tempo lógica e axiológica". (Ob.cit., p.102).

Uma outra questão, a propósito, merece destaque: o direito implícito existe e que sua paternidade resultou da polêmica que existiu entre os defensores do Jusnaturalismo e os admiradores do Juspositivismo.

A tese levantada, outrossim, pelos tratadistas da Teoria Histórica do Direito, quando fundamentaram a norma jurídica, eclodiu uma vibrante e interessante discussão: de um pólo estava THIBAUT, afirmando que a expressão real do direito é a própria lei (isso lembra a teoria de KELSEN); no outro pólo, atuava SAVIGNY, contestando-o e pregando que o reduto final do direito está no costume (tem algo a ver tanto com a teoria de KELSEN, quando com a teoria de COSSIO porque, afinal de contas, o direito consuetudinário é direito positivo espelhado nos costumes e na conduta de um povo).

Acontece, porém, que a França, nessa recuada época, era tipicamente subdesenvolvida com atividade agrária sobretudo e, por isso, o Código Napoleônico apresentava-se convincentemente com a realidade dos fatos.

Depois, a França começa a se desenvolver e, como é lógico, sua meta prioritária, a nível de atividade, já não era mais o meio rural e partia, aceleradamente, para as chamadas descobertas científicas.

A partir daí, surgiu um grave problema: o Código de Napoleão tornou-se, ostensivamente, lacônico e omissivo e com isso começa a surgir a importância do direito implícito exatamente porque ele está no verso do direito explícito, cuja aplicação é de fundamental importância nos dias atuais.

A expressão supra que diz o direito implícito está no verso do direito explícito lembra também as teorias de COSSIO e KELSEN, respectivamente, simbolizando uma moeda que tem um **verso** e um **anverso** e, portanto, representando ela, em resumo, o território do jurígeno.

O direito implícito, pois, é importantíssimo. A propósito, ponderou, racionalmente, ARNALDO VASCONCELOS, **in verbis**: "O papel que aí desempenha, como não merecer maior destaque, não pode, contudo, ser desprezado. A reciprocidade de expectativas chega a preponderar, muitas vezes mesmo, sobre a vontade que as partes expressaram no contrato escrito. Do ponto de vista doutrinário, referido conceito presta-se a estender ao costume a concepção contratualista ou, se quiserem, neocontratualista do direito. Retira-se-lhe o caráter de ordem verticalmente imposta pelo soberano ao súdito, o que, sob o aspecto político, coloca a doutrina do direito implícito em harmonia com o melhor pensamento contemporâneo sobre o direito". (Ob.cit., pp.237 e 238).

Hoje, infelizmente, pelo excesso de leis que vem caracterizar o Brasil, sobretudo pelo desrespeito ou pela inaplicabilidade delas, o direito implícito passa por sérias dificuldades. Isso, indubitavelmente, não é bom para um país do terceiro mundo, principalmente por possuir ele um território de ponta e privilegiadíssimo.

Conclui-se, por fim, que o direito implícito está contido no verso do direito positivo ou posto, desempenhando aquelas funções idênticas quando este for lacônico ou omissivo. Tanto um, quanto ao outro representam, como quis CLÓVIS, uma regra social obrigatória.

**Manoel Soares Martins,  
Juiz de Direito**

## **VAMOS PAGAR PARA VER**

**Ariovaldo Carvalho**

Está programado para o próximo dia 1º de março, em Crato, um encontro de entidades e instituições, no qual deverão ser proferidas palestras por autoridades técnicas, sobre a secular idéia de transposição de água do Rio São Francisco em Pernambuco para o Rio Jaguaribe no Ceará.

Como todo o mundo sabe a idéia não é nova, data do século passado, acreditando-se não ter sido ela levada a cabo, por tratar-se de obra de elevado custo financeiro e ter o infortúnio de ser pleiteada por uma região pobre, esquecida e até discriminada pelo resto do País.

Em termos cronológicos, poderíamos dizer que tal reivindicação antecede a todos os grandes projetos já executados em outras regiões, tais como: metrô, várias hidrelétricas de grande porte, ponte Rio-Niterói, usinas atômicas de Angra dos Reis, Rodovia Transamazônica, cidade de Brasília, para citar apenas algumas. Acreditamos que até mesmo a própria hidrelétrica de Paulo Afonso - o benefício maior já recebido pelo Nordeste - foi mais recente do que o nosso sonho de transposição d'aquelas águas para cá.

O Rio São Francisco é na concepção geral, o "Rio da Unidade Nacional" de quem o nordestino, direta ou indiretamente muito depende, para o seu progresso e até mesmo para sua sobrevivência.

Foi utilizando suas águas, que surgiu um dos primeiros investimentos industriais do Nordeste, quando o cearense Delmiro Gouveia, neste século, domando um pouco de sua energia hidráulica, fez florescer a fábrica de "Linhas da Pedra", demonstrando a vocação pioneira do sertanejo para a promoção do desenvolvimento econômico do País.

Somente depois de meio século da aventura de Delmiro, é que tivemos a construção pela Companhia Hidrelétrica do São Francisco, da Usina de Paulo Afonso, que hoje, fornece a energia redentora a quase todo o Nordeste, iluminando cidades e movendo turbinas de empreendimentos fabris.

Todos sabemos que o Rio São Francisco sofreu e sofre periódicas vazantes, fato que não é novo, pois, no meado do século passado - contam os historiadores - época houve, em que se ia a pé de Petrolina a Juazeiro, e, no início deste século, mais precisamente na terrível seca de 1915, suas águas ficaram rentes ao leito pedregoso, sendo que logo abaixo da Ilha do Pontal, o velho rio poderia ser atravessado, saltando-se de pedra em pedra.

Porém, a partir da conclusão da barragem de Sobradinho, houve a necessária regularização do nível das águas e o problema praticamente desapareceu.

Com a programada interligação Tocantins - São Francisco, acreditamos que o problema fique completamente solucionado.

Seria incorreto e até impatriótico a defesa de projetos que prejudicasse outros já executados ou em execução.

O progresso, o desenvolvimento do País como um todo deve ser do interesse de toda a nação brasileira.

Sabemos da importância dos projetos já implantados no Vale do São Francisco, no campo da energia elétrica, da irrigação, da agroindústria e navegação, cuja expansão não será comprometida com o projeto São Francisco-Jaguaribe, já que este seria a partir do vertedouro ou sangradouro da barragem do Sobradinho a 410 metros de altitude, captando apenas a sangria da imensa barragem.

É muito importante salientar, que a altitude de Sobradinho é maior do que a do início do Rio Brígida em Exu-Pernambuco, trajeto provável de um dos projetos, cujos primeiros passos foram dados no passado, pelo saudoso Deputado Wilson Roriz, entusiasta do empreendimento, na época denominado de "Canal Presidente Médici".

Será maravilhoso ver o "Velho Chico" estender o seu braço amigo em nossa direção, com a inversão do curso do Brígida e de lá para o Ceará, passando por baixo ou por cima da Chapada do Araripe, aumentando a gama de benefícios que nos presta, trazendo consigo não apenas a esperança, mas, a certeza de profundas mudanças na calcinada fisionomia desta tão sofrida região do País.

Todos nós estamos cheios de esperanças e não devemos perdê-las porque esperar com paciência já se tornou característica de nossa gente, tão duramente ameaçada na sua economia e na própria sobrevivência.

Somos parte do povo brasileiro e o povo brasileiro por condições étnicas, é ordeiro, pacífico e extremamente paciente.

Finalmente, o problema não é apenas nosso, mas de todo o Cariri, do Ceará, do Nordeste e do País como um todo.

Projeto técnico entretanto, a decisão é eminentemente política.

Vamos pagar para ver.

## UNIFOR, 21 ANOS

**Herbert Aragão**

Assegurar o acesso de todos à Educação é o ideal do País. A educação é o primeiro e o mais rentável dos investimentos públicos. O Brasil começa na criança, no estudante, no universitário. Seja no nível básico ou no nível secundário, é tarefa em que os Estados e Municípios têm que repartir responsabilidades. É preciso não só construir escolas, como garantir que as crianças as frequentem.

O mundo do futuro será o mundo das descobertas científicas, da pesquisa, da educação. Não podemos nos esquecer do sentimento de alma, da força do espírito humano em tudo que fizermos.

O Brasil tem de criar sua própria tecnologia, promover suas próprias descobertas, investir na pesquisa, acreditar em seus cérebros e dar-lhes condições de trabalho. É preciso apoiar a universidade, a ciência e a tecnologia. Só com o domínio do saber, seja ele universal ou brasileiro, pode-se construir o progresso.

Com toda certeza, foi com essa visão, a seu modo, que Edson Queiroz criou a Universidade de Fortaleza, há 21 anos. No seu gigantismo empresarial, onde tudo o que fez deu certo, sonhava em construir uma universidade. E para justificar o sonho, dizia: "Para o Nordeste, educação é gênero de primeira necessidade".

Desde aquele distante março de 1973, quando inaugurou a Unifor, na presença do então ministro da Educação, Jarbas Passarinho, oferecendo 17 cursos, Edson Queiroz pôde acompanhar o rápido crescimento do seu empreendimento maior. Quis o destino, porém, que nove anos depois ele partisse para o outro lado do mistério, deixando a marca de um homem de grandes feitos, de profundo amor ao Ceará e que tudo fez para valorizar o homem do Nordeste.

Mas Airton Queiroz, filho de Edson, assume o comando da casa, tornando-a um modelo de ensino universitário, um dos mais importantes do País, com admirável somatório de itens qualitativos, abrangendo pesquisa, docência, cooperação acadêmica, tecnológica, científica e cultural com a administração pública e com a sociedade, além de promoção constante de obras sociais. Um pouco de números diz tudo: a Unifor já diplomou mais de 20 mil profissionais nos seus 21



cursos de graduação nas áreas de Ciências Humanas, Administrativas, da Saúde e Tecnologia, todos reconhecidos pelo Conselho Federal de Educação. São 650 professores, 11 mil alunos, 163 salas de aula e 92 laboratórios.

E mais: totalmente informatizada e implantada numa área de 4.900 metros quadrados, a Biblioteca Central possui um acervo de 80 mil volumes e 30 mil títulos. Um aspecto relevante de sua atividade social, é a Escola de Aplicação D.Yolanda Queiroz, que atende a 600 crianças - de 4 a 10 anos - na comunidade do Dendê, onde têm Jardim I, Jardim II, Alfabetização e Primeira Série, com assistência médico-odontológica e psicológica que se estende à família.

Eu estudei na Unifor e tive, nela, o melhor convívio com educadores, criaturas iluminadas, bons companheiros e ali passei alguns anos da minha juventude, beneficiado pelo empreendimento mais apaixonante do saudoso Edson Queiroz, que costumava andar pela Unifor quase todos os dias, mangas de camisa, brincalhão, amigo, alegre como um colegial, mas rigorosamente exigente no cumprimento das metas que idealizou.

A Unifor é bem um grande exemplo de que nenhum país poderá aspirar a um desenvolvimento pleno sem fazer da Educação o investimento básico do seu futuro. Edson Queiroz nos deixou uma grande lição sobre a prioridade que deve ser conferida à questão educacional, possibilitando o atendimento das necessidades crônicas e a correção de flagrantes desequilíbrios setoriais na ação governamental, que terminam punindo a área social.

São 21 anos de trabalhos voltados para o ensino e de esforço para ampliar as oportunidades de participação na vida política do País. Vinte e um anos de amparo à obrigação inadiável, que temos todos, de prover o atendimento das carências educacionais brasileiras.

**DN - 12.3.94**

# BRUNO PEDROSA E MURY

Antonio Carlos Villaça

O jovem artista Bruno Pedrosa foi em junho do ano passado morar em Mury, na serra de Nova Friburgo. E o resultado da mudança foi uma explosão de quadros, ou seja a solidão da montanha vista e vivida pelo pintor "doublé" de historiador.

De repente Bruno sentiu a natureza. Os olhos do artista pousaram naquilo tudo, naquela amplidão, naquele silêncio envolvente, pegajoso, úmido, naquelas árvores, naqueles bichos, na paz profunda essencial de tudo que a natureza nos dá.

O contato do artista jovem com a mata, os pássaros, as montanhas infinitas, a água castíssima, provocou nele uma resposta imediata e visível. Ele transpôs logo para as telas ávidas a sua visão de Mury.

Visão, vivência, vida, esta áspera e delicada experiência de um artista que com sua família abandona um grande centro e resolve viver com a natureza, denso viver e conviver, transviver, tendo captado com a finura alada a que já nos acostumara com sua arte.

Porque resolveu Bruno mudar-se para Mury? Para dialogar consigo mesmo. Desse mergulho de Bruno em si mesmo, como apelo, como desafio, como risco, nasceu a única realidade que de fato poderia nascer, porque se trata de um pintor. Nasceram quadros. Pintou ele toda a exuberante beleza que Mury lhe ofereceu. Foi a sua resposta pessoal ao apelo que seu refúgio chamado "Santa Maria", um sítio gostoso, recoberto de ciprestes, araucárias e eliotis fez à sua alma de artista.

Viver com a natureza é um ato de amor. E viver com a natureza em Mury é boiar na límpida montanha, na leveza, como um navio ancorado no silêncio da paz absoluta.

No seu refúgio, trabalhando na sua horta e cuidando do seu pomar, Bruno dialoga com a montanha, com o silêncio, com a solidão, com o despojamento, como um menino travesso que brinca de esconder nas florestas de Mury para recriá-las nas suas cores quentes de nordestino apaixonado. Eis o que esta mudança para a natureza lhe deu - confirmou-o na sua vocação de artista, no seu destino de unir-se a Deus na criação da vida.

Hesse gostaria de ter ido com Bruno para Mury. Eu gostaria de ter ido. Porque os horizontes são limpos. E ouvimos o

silêncio. Thomas Merton, que um dia tanta influência teve na vida deste cearense, também gostaria de plantar rabanetes na horta do "Sítio Santa Maria". Todos gostaríamos de viver esta paz que o nosso artista invejavelmente desfruta com sua família e suas telas plenas de amor, luz e vida.

Tudo que está nos quadros de Bruno, a sua obra pictórica, é ele mesmo; o rapaz forte e sofrido, de jeito patriarcal de sertanejo e olhar levemente encabulado e audaz, penetrante, de nordestino. Bruno ousa ver a realidade. O seu respeito ao real me impressiona. O homem e o artista aqui se unem nesse respeito pela vida, nessa capacidade de exprimi-la, nesse dom de recriar o mundo - "vida, forma e cor", assim o disse Gilberto Freyre, escritor e pintor.

Os traços de Bruno são inaugurais. Ele de fato é um criador. Ele está unido a Deus, porque é um artista, porque renova com a sua criação a face da terra e o coração dos homens. Criação, coração. Cada vez mais, creio que criação é coração, é ir ao íntimo da vida, mergulhar na vida futura com o sopro da nossa esperança e da nossa angústia.

Em 1987 tudo começou outra vez. Um artista volta ao campo e sinceramente, e sobriamente contempla o horizonte e recria na arte a natureza, com a mesma força que seus colegas impressionistas o fizeram há mais de cem anos.

"Nova Friburgo, se enriquece ainda mais, com a qualidade dos desenhos de Bruno Pedrosa.

É verdade que o lápis de Pedrosa é suspeito porque é levado pelo encanto que o artista devota à nossa cidade.

A suspeição, no entanto, não compromete; pelo contrário, ajuda o artista a ver com mais apuro cada recanto da amada"

**Nova Friburgo, RJ, 13.8.88**  
**Heródoto Mello - Prefeito.**

# TELECARTAS

**J. Lindemberg de Aquino**

A GRATIDÃO DO CRATO - Tenho lido, vez por outra, na apreciada coluna TELE CARTAS, desse jornal, notas supostamente enviadas de Crato, assinadas por pessoas que nunca identifiquei, possivelmente usando pseudônimos, matérias a respeito das ruas do Crato.

Criticam os nomes das ruas do Crato. Dizem que faltam nelas heróis, figuras nacionais, personalidades de escol. Reclamam por exemplo, a ausência de um logradouro com o nome de Frei Carlos Maria de Ferrara, o fundador da cidade. Quanto a este, o principal jardim do Crato, na Praça da Sé, tem seu nome, como placa de bronze. Tenho o discurso do general Raimundo Teles, pronunciado na inauguração, sobre a vida e a obra do meigo capuchinho italiano. É, pois, pura mentira que o Crato o tenha esquecido.

Permita-me dar uma amostragem de nomes de algumas das 450 ruas atuais do Crato, homenageadas com placas nas artérias da Princesa do Cariri.

Figuras nacionais:

Almirante Alexandrino, Pedro I, Pedro II, Tiradentes, Duque de Caxias, senador Alencar, Tristão Gonçalves, Conselheiro Tristão, Bárbara de Alencar Leandro Bezerra, Santos Dumont, Ana Triste, Dr. Ratisbona, Rui Barbosa, Marechal Rondon Marechal Mascarenhas de Moraes, Delmiro Gouveia, Brigadeiro Leandro Monteiro, Getúlio Vargas, Machado de Assis, Castro Alves, Humberto Castelo Branco, José Américo. Uma linda amostragem, não?

Figuras internacionais:

Presidente Kennedy, Allan Kardec, Rotary Club, Arnaldo Salpeter, Padre Enrile, Pe. Artur Redondo, George Lucceti, Bento XV - o fundador da Diocese, D. Xavier!

Ex-presidentes: Presidente Juscelino, Presidente João Goulart.

Figuras da Igreja:

Monsenhor Rocha, Mons. Sother, Dom Luis Antônio dos Santos, Dom Francisco de Assis Pires, Dom Quintino Oliveira e Silva, Dom Joaquim Ferreira de Melo (o cratense que foi bispo de Pelotas), Mons. Raimundo Augusto, Pe. Antônio Gomes, Mons. Manoel Macedo, Mons. Esmeraldo,

Mons.Alboino, Pe.Arnaldo de Melo, Pe.Ibiapina, Pe.Nobre, Pe.Juvenal, Pe.David, Pe.Frederico, Monsenhor Lima, Mons.Assis, Mons.Joviniano Barreto...

Temos ainda homenagens a figuras locais e destacados filhos do Crato:

José Marrocos, Duarte Júnior, Quixadá Felício, Álvaro Bomilcar, Fenelon Bomilcar, deputado Figueiredo Correia, Pedro Felício, José Horácio, Colombo e Sousa, Derval Peixoto, eng. Francisco de Paula, Dr.Hermínio Conde, Dr.Fernandes Teles, Dr.Antônio Alencar Araripe, Ângelo Figueiredo, José Alves de Figueiredo, J.de Figueiredo Filho, Nertan Macedo, Denizard Macedo, Prof.Amorim Sobreira, General Raimundo Teles, Marcos Macedo, Ida Bilhar, Bruno de Menezes, João Brígido, Dr.Maurício Teles, Hermes Paraíba, Pedro Pinheiro de Melo, Aurino Augusto, Otacílio Macedo, Virgílio Arraes, José Arraes de Alencar, Pereira Filgueiras...

Crato também não esqueceu e colocou placas com seus nomes: Pe.Cícero, H.Firmeza, Valdemar Garcia, Siqueira Campos, Afro Tavares Campos, Paulo Elpídio, Carolino Sucupira, Vicente Leite, Antônio Pereira Bringel, Tomaz Osterne, Luis Barreto, Dr.Antônio Teles, Ernani Silva, José Carvalho, Josias Sisnando, Cel.Antônio Luis, Dr.Elísio Figueiredo, Pe.Leopoldo, Mons.Silvano de Sousa, Padre Verdeixa, Dr.Irineu Pinheiro, Álvaro Madeira, Joaquim Pinheiro Filho, Joaquim Siebra, José Esmeraldo, Antônio Esmeraldo, etc...Temos ainda Celso e Raimundo Gomes de Matos, Teófilo Siqueira Cavalcante Filho, Rua dos Cariris, Rua Araripe...

Temos 30 ruas com nomes de santos populares da Igreja, 30 ruas com os nomes dos principais Municípios do Cariri!

Dizer que o Crato é injusto com as grandes figuras, é mentira soez, grande injustiça.

Criticam nomes como Kaloré, Má fé ou ignorância. Kaloré é cidade próspera do Paraná, fundada por um cratense e tem o nome de Crato na sua Avenida principal. Criticaram também o nome de Glicério Benício.

Injustiça. Foi deficiente físico e professor, gratuitamente, por mais de 40 anos, em toda a zona rural do Crato, superando suas dificuldades. Um herói.

Por tudo isso, senhor Editor, o Crato não concorda com esses intrusos que se intrometem em sua vida interna e dão palpites fora da lógica. O nosso repúdio a esses caras.

**(T.C.- 14.1.94)**

## **D.PEDRO II VERSUS JOSÉ DE ALENCAR**

Há quem considere que persistem até hoje dúvidas sobre as verdadeiras razões de reserva que manteve D.Pedro II em relação a José de Alencar e que culminou com a recusa de seu nome para senador. Todavia, se recorrermos ao Visconde de Taunay, em suas "Memórias" (Biblioteca do Exército Editora - 1960), talvez possamos elucidar o assunto. Diz o próprio Taunay: "Com boas razões estou habilitado a dar o motivo daquela não preferência, que nada parecia desculpar e causou a maior estranheza". (pag.167).

Antes, porém, será interessante, de passagem, recordarmos algumas características do temperamento de ambos.

De José de Alencar disse o visconde de Taunay (seu contemporâneo): "Era seco de gênio e de modos altaneiros e orgulhosos". (pag.166). "Não era agradável a convivência com José de Alencar. Conversava com dificuldade, além de ter pouca amabilidade natural. Dos seus modos ressumbrava o orgulho". (pag.167). E dizia Cotegipe: "O nosso colega da Justiça, com a melhor das intenções, provoca, às vezes, desgostos que poderia evitar. Ele é sistemático, e com a pouca prática que tem dos homens, cria, às vezes, embaraços".

D.Pedro II, como é sabido, era de temperamento oposto. Brando, afável, polido, de grande simplicidade, equilíbrio e serenidade; era bem conversador; por todos se interessava e de tudo indagava.

Evidentemente, essa diferença de temperamentos só inconscientemente pode ter influído no caso que examinamos. O caráter e o temperamento de José de Alencar em nada podem ter induzido o espírito de D.Pedro II, por serem, apenas, modos de ser, que não interferiam nas qualidades morais e intelectuais do grande escritor.

Passemos os olhos, antes do episódio culminante da senatoria, por algumas ocorrências que puseram frente a frente os dois grandes brasileiros. São de somenos importância, mas cumpre trazê-las à baila, para melhor visão de conjunto sobre o suposto enigma.

Desde já, todavia, é de justiça dizer-se que a incompatibilidade que, pouco a pouco, surgiu e desaguou naquela não preferência não resultou, como pretenderam alguns, de nenhuma inveja de D.Pedro II ao gênio literário de



José de Alencar, nem, muito menos, de mágoa por ter este julgado "maus" os versos do Imperador.

Isto porque D.Pedro II, como o reconheceram os seus contemporâneos, era de coração magnânimo, totalmente incapaz de sentimentos inferiores, qual seja o da inveja, ou de praticar qualquer vingança. E é sabido que o Imperador sempre manifestou seu apreço pelo talento de Alencar.

Mas, vamos aos fatos.

Em 1856 fez José de Alencar crítica desfavorável ao poema "Confederação dos Tamoios", de Gonçalves Magalhães, protegido de D.Pedro II. Certamente a mágoa do Imperador derivou da circunstância de ser o poema patriótico e não de ser de protegido seu. Em 1857 estreou sua peça "O Demônio Familiar" o personagem título chamava-se Pedro. O povo viu nisso alusão a D.Pedro II, o que, chegando-lhe aos ouvidos, foi-lhe motivo de desgosto. Em 1856 publicara Alencar as "cartas de IG", e, mais tarde, em 1866, as "cartas de Erasmo", contendo críticas ao Imperador.

Todavia, em 1868, ocupava o cargo de ministro da Justiça, no Gabinete Itaboraí. Ouçamos Taunay: "No ministério Itaboraí, vira-se José de Alencar distinguido particularmente pelo Imperador, que o rodeava da maior consideração, espraçando-se em largas palestras, em que tudo se aventava, quer no campo literário, quer político e administrativo". (pag.167).

No entanto, o orgulho e a obstinação de José de Alencar revelaram-se no caso da demissão do Comandante da Guarda Nacional (Manuel Antonio da Fonseca Costa, futuro barão da Gávea). Redigiu Alencar (sendo ministro da Justiça) o decreto de demissão e o levou a D.Pedro II, que nada decidiu. Segunda investida do escritor e nova evasiva do Imperador. Até que, na terceira entrevista, declarou José de Alencar, agastado: "Ou V.Majestade assina o decreto de demissão do comandante ou o da demissão do ministro da Justiça". Respondeu-lhe D.Pedro II, com sua imperturbável calma: "Não é para tanto", e demitiu o comandante da Guarda. José de Alencar escreveu, anos depois: "Sou daqueles que estão no costume de dizer a verdade aos reis".

Mas, apesar das divergências, escreveu, também, nas "Novas Cartas de Erasmo": "Aproxima-se o cidadão livre e altivo do vosso Trono, porque aí nunca se sentou a tirania; sua dignidade não se acha de inclinar-se para vos beijar a destra,

que tem feito bem a tantos infelizes e assinado só perdões e indultos, porque em vós acata ele o pai da Nação".

Eram, pois, cordiais as relações entre D.Pedro II e José de Alencar, ministro da Justiça, até quando assentou este de candidatar-se a senador pelo Ceará, apesar de ter ouvido de D.Pedro II, conforme Taunay (pag.167): "Os senhores devem promover a reforma indispensável, fazer passar nas Câmaras uma lei, impedindo aos membros do ministério a candidatura à eleição senatorial. A inclusão do nome de um ministro na lista tríplice, além de constituir verdadeiro escândalo eleitoral, tira ao Poder Moderador o direito de escolha, tolhe-o e inutiliza bem sábia disposição da Constituição". E prossegue Taunay: "Concordou Alencar plenamente e aplaudiu as palavras do Soberano". E este: " - Já que o senhor está tão de acordo comigo, encarrego-o de encaminhar esta nossa idéia a bom termo". Todavia, Alencar não só não promoveu a solicitada reforma, como, depois, veio anunciar ao Imperador que ia pleitear a eleição senatorial pelo Ceará. Espantado, lembrou-lhe D.Pedro o que tinham acertado. Retrucou-lhe Alencar que não tinha esquecido, mas, ao invés da reforma, pedia-lhe a sua demissão do ministério. Segundo Taunay, respondeu-lhe o Imperador: "Mas, senhor Alencar, permita que lhe diga uma verdade: isto é capcioso. Porventura, não ficam os seus companheiros e amigos do gabinete? Na minha opinião, o senhor, depois, sobretudo, do que conversamos, está moralmente inibido de se declarar candidato. Espere outra ocasião; não faltará ensejo mais conveniente". Mas o obstinado escritor levou adiante o seu projeto. Incluído na lista tríplice, já era de se esperar a recusa de seu nome pelo Imperador. Na tentativa de consolá-lo, assim iniciou D.Pedro II o conhecido diálogo com José de Alencar:

D.P. - No seu caso, não me apresentava agora; o senhor é muito moço.

J.A. - Por esta razão V.Majestade devia ter devolvido o ato que o declarou maior antes da idade legal. E, entretanto, ninguém, até hoje, deu mais lustre ao governo.

D.P. - Bem sabe que obedeci a uma razão de Estado.

J.A. - É também uma razão de Estado para um político não desamparar o seu direito.

D.P. - Faça como entender. Minha opinião já a dei.

J.A. - Que vale uma sentença.

José de Alencar retirou-se do Ministério da Justiça, mas não por causa do ato do Imperador. Vinham de longe os atritos

entre o escritor (o que se devia ao seu temperamento) e seus colegas de ministério. Queria também Alencar deixar livre a D.Pedro II a nomeação do presidente da província do Ceará (tal a sensibilidade dos homens do Império).

José de Alencar jamais perdoou D.Pedro II. Pintou-o como o régulo Sebastião de Caldas, de "A Guerra dos Mascates". Atacou-o da tribuna (foi deputado) em 1871, e pelo panfleto "O Protesto", de 1876, onde se lê: "Senadores não se fazem nas urnas, mas na copa do chapéu imperial". O que só em parte era verdade, porque não podia o Imperador se afastar da lista dos eleitos. Faleceu José de Alencar no ano seguinte.

Convém frisar que, se atacou o grande escritor a D.Pedro II, jamais se voltou contra a Monarquia, cuja grandeza reconhecia, apesar de ter se sentido prejudicado por uma de suas normas.

**Alfredo Arraes Alencar  
1992.**

## **PROF.FILGUEIRA**

**Francisco Aderson Vieira**

Sr.Editor,

Tive a ventura de conhecer o Prof.Romão Filgueira Sampaio, ou simplesmente Prof.Filgueira, como era conhecido, na década de 1950, à frente do Instituto Valdemar Falcão, modelar estabelecimento de ensino primário, por ele fundado e dirigido durante vários anos, situado na Rua Floriano Peixoto, nesta Capital.

Ali, despreocupado e feliz, vivia ele distribuindo por centenas de jovens o pão do saber, juntamente com D.Hilda Leite Sampaio, sua amável, risonha e delicada consorte, como ele próprio sintetizou nos seus versos, e o escrevinhador destas linhas, seu colaborador dedicado, incumbido da honrosa tarefa de ministrar aos seus alunos noções do formoso idioma que falamos.

Com o encerramento das atividades do Instituto supracitado, ele continuou a ensinar, dando aulas, escrevendo artigos em revistas e jornais e, sobretudo, publicando livros didáticos, entre os quais História do Ceará, Lições de Português, Minhas Lições, Nova Seleta e outros reeditados

mais recentemente, todos de sua profícua lavra. São trabalhos elaborados por um especialista, sabedor do nosso idioma, redigidos com clareza, simplicidade e correção, e que, por isso mesmo, têm merecido da crítica os melhores encômios. Se é certo que ele foi grande polígrafo, educador e gramaticista, não é menos verdadeiro que ele soube ser, na feliz expressão de notável escritor, cidadão, esposo, pai, sogro, avô, irmão e amigo sincero e leal. Por isso, todos lhe queriam muito.

Nascido no Crato, na zona Sul do Estado, ainda criança se transferiu para Recife e, posteriormente, para João Pessoa, no Estado da Paraíba, onde realizou seus primeiros estudos, continuados no Colégio de São Francisco, em Canindé. Vindo para Fortaleza, nos idos de 1937, aqui permaneceu até janeiro deste ano, quando sua alma compareceu diante do seu Criador.

Não foi o Prof. Filgueira Sampaio somente um autor de obras de linguagem. Colaborou em jornais e publicações especializadas, entre os quais o diário católico "O Nordeste", no qual exerceram suas atividades o Dr. Manuel Antônio de Andrade Furtado e o Prof. Luís Cavalcante Sucupira, cujo devotado amor ao Ceará é de todos os seus conterrâneos conhecido e apreciado. Vida útil, a desse ilustrado jornalista de orientação católica, membro efetivo do Instituto do Ceará, autor desta frase belíssima: "Rezemos diante do mundo que não reza".

Grande conhecedor do folclore, foi o Prof. Filgueira fundador da Associação Cearense de Folclore, que teve como primeiro sócio honorário o ilustre folclorista Luís da Câmara Cascudo, autor de Alma Patrícia, Dicionário do Folclore Brasileiro, Vaqueiros e Cantadores, História da Cidade do Natal, onde viu a luz em dezembro de 1898.

Ao registrar o falecimento do Prof. Filgueira Sampaio, a quem muito admirei pela inteligência, simplicidade, probidade e bondade, associo-me ao pesar que enlutou, não só sua digna família, senão também seus amigos verdadeiros, entre os quais me incluo.

Deus o tenha na Mansão dos Justos!

**(D.N).**

# POEMAS

## DESPEDIDA

**Dandinha Vilar**

Era uma tarde linda de verão...  
Você chegou-me inesperadamente  
Pra me fazer a comunicação  
De que iria partir incontinenti.

Não lhe modificou minha emoção!  
Pois você se manteve friamente.  
Contra os apelos do meu coração  
Despediu-se insensível, simplesmente.

No fim de um tempo desta despedida,  
Triste, você voltou me procurando  
Arrependido de ter ido embora.

Mas...Passou tudo. Decorreu a vida...  
E quem lhe disse adeus quase chorando  
Hoje bendiz aquele adeus de outrora.

## INOCÊNCIA

**Dandinha Vilar**

O templo estava lindo, todo ornado  
Com as mais pujantes e mais belas flores,  
Deixando o ambiente impregnado  
Dos mais suaves e sutis odores.

Todo o recanto estava iluminado  
Por muitas luzes de diversas cores;  
E um menino pobre extasiado  
Perante o altar da Virgem Mãe das Dores.

De olhos fitos na imagem, aturdido,  
no silêncio absorto, embevecido,  
Com esta pureza que a inocência encanta,

Juntou as mãos num gesto comovente,  
Ajoelhou-se respeitosamente  
E pediu um bom-bom à Virgem Santa.

## **.O JARDIM DO MEU SONHO**

**Dandinha Vilar**

Que num jardim me achava eu sonhei,  
Por entre as alamedas passeando,  
Rosas de muitas cores contemplei  
no auge do esplendor, desabrochando.

Angélicas, bugaris também achei;  
Cravos, jasmims, os ares perfumando;  
Mal-me-queres, anturios encontrei  
E papoulas, o espaço matizando.

Verbenas e hortências enfeitavam,  
E onde as simpatias enramavam  
Humildes violetas se escondiam.

Ao ver os crisantemos acordei!  
Nenhuma flor restava. Então notei:  
- Só as saudades para mim se abriam!



## **DISFARCE**

**Dandinha Vilar**

O sorriso e a lágrima nunca dizem  
O que em si traduzem realmente.  
Muitas vezes nos vêm sem que precisem  
Manifestar o que o coração sente.

Nem sempre os seus aspectos condizem  
Com o que temos no íntimo da gente;  
E as aparências num disfarce dizem  
Doloroso enganos, simplesmente.

Quantas vezes choramos de alegria!  
O coração vibrante de ufania  
Batendo em nós, e as lágrimas rolando!

Quantas vezes sorrimos tristemente  
Com a alma em pranto e os lábios duramente  
Tentando disfarçar estar chorando!

## **NUNCA**

**Dandinha Vilar**

Nunca disse a ninguém o que eu sentia  
Todas as vezes que por ti passava;  
E nunca demonstrei, quando te via,  
Tudo quanto em meu peito palpitava.

Jamais pude pensar que algum dia  
Soubesses por alguém quanto eu te amava  
Porque este amor de que ninguém sabia  
Só dentro do meu peito se ocultava.

Nunca traí meus próprios sentimentos  
E jamais externei os meus lamentos.  
Jamais disse a ninguém quanto eu sofria.

E assim passaram dias, meses, anos...  
Tanto fiz pra ocultar meus desenganos  
Que, do quanto me amavas, não sabia.

## **SAUDADE.**

**Dandinha Vilar.**

Saudade é um sino triste bimbando  
na igrejinha branca de uma aldeia;  
É um violão sonoro dedilhando  
De uma noite, ao clarão da lua cheia.

Saudade é um rio cheio transbordando  
Lançando ao longe turbilhões de areia;  
É a cachoeira se precipitando  
Jogando as águas no furor que ateia

Saudade é uma manhã de sol nascente  
Com gotinhas de orvalho ornamentando  
As flores de um jardim, desabrochadas.

E a gente a contemplá-las docemente  
Percebendo que em nós estão faltando  
Todas as alegrias desejadas.

# NA REABERTURA DO SEMINÁRIO DO CRATO

**Raimundo de Oliveira Borges**

Há 72 anos, ou, mais precisamente, em Março de 1923, transpunha eu, jubiloso, os umbrais desta veneranda Casa de Educação e de Cultura.

Vinha, rapazinho de 16 anos, da minha cidade natal de São Pedro do Cariri, matricular-me no Colégio São José, já então com o nome mudado para Colégio Diocesano do Crato, anexo ao Seminário, e funcionando na ala direita de quem penetra no amplo parlatório, na entrada da capelinha do seu glorioso Patrono.

Setenta e dois anos!

Percorro com a imaginação e a vista o Crato dos nossos dias e não vejo dos velhos companheiros de classe senão dois: Monsenhor Francisco de Holanda Montenegro e Monsenhor Antônio Feitosa.

Havia, naturalmente, ou por força de orientação pedagógica, a separação entre seminaristas e colegiais, mas dava-se, nas aulas, a fusão, como se dizia, porque os professores eram os mesmos para ambas as categorias de discípulos.

Recordo os professores da nossa 3ª classe: os Cursistas Emídio Lemos, de português e francês; Januário Campos de latim; Cícero Coutinho de música; Lauro Pita, se não me falha a memória, geografia e matemática, e o Padre Azarias Sobreira de Civildade e História Sagrada.

Mons.Raimundo Augusto de Araújo Lima, então garoto de 14 anos, e eu, nos batíamos, rivais em notas de português e francês. Por sinal, na sua prestimosa atuação aqui em Crato, foi ele um grande professor destas duas línguas nos colégios e na Faculdade de Filosofia desta cidade.

Era Reitor o preclaro, austero e, ao mesmo tempo, grande educador Padre Joviniano Barreto.

Foi ele quem assinou o recibo da minha matrícula \$ 150.000 (cento e cinqüenta mil reis) por um trimestre, recibo que conservei por muito tempo, mas que, lamentavelmente, perdi, nas minhas andanças no início da carreira de promotor de justiça em diversas comarcas do nosso Estado.

Tinha o Padre Joviniano Barreto por hábito, quando algum aluno precisava descer à cidade (descida pela velha ladeira), e

lhe pedia permissão, puxar o relógio da algibeira e marcar a hora certa do regresso. Ai daquele que faltasse! Não aplicava nenhuma pena, porém; ameaçava apenas com a recusa a outras descidas, mas bastava o seu olhar sisudo, bem como a admoestação que fazia, para que o retardatário baixasse a cabeça. Em seguida, punha-lhe a mão no ombro, carinhosamente, e dizia: "Vá estudar".

Grande homem, grande sacerdote, que teve um fim, infelizmente, lamentavelmente tão trágico.

Era Prefeito de Disciplina do Seminário e do Colégio o Padre Azarias Sobreira. Também enérgico, como exigia a sua espinhosa missão, mas, ao mesmo tempo, fidalgo por natureza e formação. Durante as refeições, no vasto salão que abrigava padres, cursistas, seminaristas e colegiais, percorria ele todas as mesas do alunado, examinando, numa espécie de aula prática, como eles se comportavam durante o ágape comunitário.

Distanciamo-nos, naturalmente, pelos caminhos diversos e diferentes da vida.

Muitos anos depois, estando eu em Fortaleza, seja em 1969, logo que soube do lançamento do seu livro - O PATRIARCA DE JUAZEIRO - corri, pressuroso ao Seminário da Prainha, onde dar-se-ia a solenidade, e recebi dele, com a autenticidade do seu autógrafo, um exemplar do apreciado, posto que polêmico trabalho, como polêmico tem sido até hoje, a vida do Padre Cícero Romão Batista. O apresentador do livro foi o culto escritor católico Luiz Sucupira.

Guardo do Padre Azarias uma grata memória. Exerci no Colégio, por determinação sua, as funções de 2º Regente. O 1º Regente era, para Seminário e Colégio, o cursista Antônio Gomes de Araújo. Muitos anos depois fui, novamente, encontrar-me com o então Padre Gomes, ele já famoso como homem de letras e luminar da história regional, eu, como Diretor da Faculdade de Filosofia, nomeado pelo benemérito 3º Bispo do Crato, Dom Vicente de Paula Araújo Matos; ele, vice Diretor e mestre da Escola pioneira do ensino superior na hinterlândia cearense. Mantivemos durante toda a vida recíproca simpatia e compreensão perfeita na direção da dita Escola. Guardo comigo todas as suas obras com gratificantes dedicatórias. Grande amigo, glória da intelectualidade caririense.

Inclui, com breve histórico, o frondoso Pau d'Arco do Seminário, que foi estampado em destaque numa das páginas do Álbum publicado por ocasião das comemorações de

cinquentenário de fundação do glorioso educandário, no meu trabalho que está sendo impresso na Gráfica do Ibama, em Brasília. Focalizo ali o perfil das árvores que entraram nos acontecimentos marcantes da história da humanidade, inclusive as oliveiras do Horto da Agonia, os Cedros do Líbano e as que nos dizem respeito mais de perto, com a sua influência benfazeja nas regiões semi-áridas do Nordeste. Não as enumerarei aqui, seria demasiado longo para o momento.

O Pau d'Arco, por exemplo, foi o suporte, a base, o marco luminoso que assinalou o início da grande cruzada educacional nestes rincões e imortalizou a figura excelsa do grande 1º Bispo do Ceará, Dom Luiz Antônio dos Santos, cuja memória o Crato não deverá esquecer nunca.

Vultos eminentes passaram por estes salões e por estes alpendres, como passaram pelas arcadas da Faculdade de Direito de São Paulo, do Largo São Francisco, as figuras exponenciais de Rui Barbosa, Castro Alves, Joaquim Nabuco, Epitácio Pessoa, Rodrigues Alves e outros de igual tamanho. Não é preciso citar mais dos de lá. De cá, não resisto ao desejo e ao dever de numerar, omitindo involuntariamente alguns, Dom Joaquim Ferreira de Melo, Padre Emílio Cabral, Monsenhor Pedro Esmeraldo, Padre Antônio Gomes, Monsenhor Antônio Feitosa, Monsenhor Francisco Montenegro, Padre Francisco Pita; e, fora do sacerdócio, Manoel Monteiro, Irineu Pinheiro, Elísio Figueiredo, José Bezerra de Brito, José de Figueiredo Filho e outros. Cumpre-me ressaltar, inclusive, o Dr. Antônio Xavier de Oliveira, filho de Juazeiro, médico psiquiatra, professor de Psiquiatria da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, autor de trabalhos de fôlego literários e científicos, e, por fim, Manuel de Oliveira Paiva, o célebre autor de "DONA GUIDINHA DO POÇO", obra monumental da literatura cearense, e Benedito Augusto dos Santos (Beni Carvalho), poeta, jurista, professor de Direito Penal da Faculdade de Direito do Ceará, governador do Estado na gestão do Ministro José Linhares na presidência da República e, afinal, Senador da República.

O ÁLBUM DO SEMINÁRIO reconheceu o valor de Xavier de Oliveira, estampando na página 143 o seu retrato de formatura.

MIGUEL REALE, o grande filósofo, escritor e consumado jurista de São Paulo, escreveu no seu substancioso livro de MEMÓRIAS:

"...quando Deus nos concede uma longa vida, entremeadada de acontecimentos vários e ainda ignorados, nasce como que

o dever de torná-los públicos, ainda que com a simplicidade de um avô desfiando lembranças enquanto acaricia a cabeça do neto. Quando o tempo nos torna o último partícipe de certos eventos, surge o dever indeclinável da revelação, a força imperiosa do testemunho".

Penso, assim, seguindo o pensamento do Mestre, que trago aqui à baila, algumas passagens da vida mental do Crato, que se ainda não estavam totalmente esquecidas, deviam estar pelo menos em parte deslembadas pelas novas gerações, ou pelos que me ouvem neste momento histórico. E é bom repetir o que aconteceu para que a cadeia dos fatos sociais não se quebre, caindo no esquecimento total.

A Igreja está presente em todos os movimentos que visam o desenvolvimento cultural do Crato.

Foi ela, através de um dos seus catequistas, Frei Carlos Maria de Ferrara que fundou a cidade com a tapera inicial da Missão do Miranda. Foi ela que se desdobrou com o Seminário no Colégio São José, Colégio Diocesano, Ginásio do Crato, Colégio Santa Teresa de Jesus, Colégio Madre Ana Couto, Escolinha do Pequeno Príncipe, Fundação Padre Ibiapina, Rádio Educadora do Cariri, Faculdade de Filosofia do Crato, e, agora, sob a clara visão do nosso 4º zeloso Bispo, Dom Newton de Holanda Gurgel, reabre o Seminário, com o funcionamento do Curso de Filosofia, ou Seminário Maior.

É o tronco seivoso, fértil das árvores cujos frutos tanto têm fortalecido a nossa fé, a nossa inteligência e a nossa cultura.

Glória à Igreja, glória ao Seminário, cujos benefícios recebemos e agradecemos, comovidamente, no transcurso dos seus 120 anos de proveitosa e benemérita existência.

E finalizando, sobre o que me diz propriamente respeito, quero agradecer, genuflexo, ao ALTÍSSIMO, a graça que, decorridos mais de oito décadas, ainda me conserva vivo, para manifestar, enternecido, a gratidão pelos passos acertados que dei, apoiado pelo meu saudoso e querido pai da terra, e aqui penetrei, naquela longínqua data que inicialmente invoquei, para iniciar-me no estudo e aperfeiçoar as luzes ainda apenas bruxuleantes do meu entendimento espiritual.

**Raimundo de Oliveira Borges**  
**(Discurso proferido no Seminário São José da Diocese do Crato, em 07 de Março de 1995 - transcurso dos 120 anos de sua fundação).**



# MENSAGEM A MEU PAI

Mirna Macêdo

Meu Pai:

Como você pode ver, nós estamos aqui reunidos para promover a materialização do seu antigo e grande desejo. Você é um homem cuja vida foi marcada pelo talento, o sucesso e a vitória, para com todos os objetivos e metas que Você se dispôs a cumprir.

Você sempre foi um vencedor, obtendo em todas as tarefas e desafios o resultado na exata dimensão que V.pretendeu e se determinou.

Desta vez, e mais uma vez, Você atinge o resultado esperado, daquilo que Você almejou:"Morar onde Você sempre quis, com o seu lugar e o abrigo que você escolheu".

Nada muda em relação ao que acabo de dizer, pelo fato meramente circunstancial de termos nós realizado materialmente os necessários complementos na consecução desse sonho tão ardente, desse tão sonhado desejo de fazê-lo você mesmo.

Nós apenas colaboramos, seguindo a sua orientação, fazendo-o para e por você, **e graças a você.**

O mérito também aqui é todo seu e somente seu.

Nós ficamos aqui triplamente satisfeitos por vê-lo concretizar mais um seu desejo e passamos a tê-lo em corpo e alma bem perto de nós, já que em espírito e amor você sempre o esteve, nunca se afastou, sempre presente durante todo o tempo.

A luminosidade, a força e a energia que emanam de sua alma, agora e para sempre, estarão dando um lindo colorido á nossa saudade, essa que é, sem dúvida o **dom maior do amor.**

Esperamos e ardentemente desejamos que você, a partir de agora, e para sempre, volte a usufruir a totalidade e a plenitude do conforto e da paz: "De estar em sua casa".

Até breve!

*Beijos, todo o meu amor e a saudade de sua filha, mirna.*

**(Palavras pronunciadas na inauguração da capela de S.Francisco, no Engenho Fernando, em Crato, em 15 de Fevereiro de 1995, com missa e bênçãos celebradas pelo Pe.José Honor de Brito e onde repousam os restos mortais do Brigadeiro José Sampaio Macedo).**

## **OS 90 ANOS DO ROTARY**

**José Humberto de Mendonça**  
**Vice Prefeito do Crato**  
**Sócio do Rotary Clube do Crato.**

No dia 23 de Fevereiro de 1905 foi fundado, em Chicago, Estados Unidos, para o mundo, o Rotary Club, hoje Rotary Internacional, por inspiração de Paul Hárris. Por conseguinte, no último dia 23 de Fevereiro de 1995 estivemos completando 90 anos de existência.

Vejamos dados de 30 de Outubro de 1993 a 31 de Março de 1994: somos 26.852 clubes, espalhados em mais de 160 países e regiões geográficas, com 1.180.810 rotarianos. Estes dados, evidentemente, já foram ultrapassados.

Vale acrescentar que existem mais países fazendo parte da organização rotária mundial do que na própria ONU.

Sem fins lucrativos, a instituição tem um grande capital - o companheirismo, que representa a síntese da fraternidade e da amizade. Esses sentimentos rotários não teem Pátria, são um idioma só, onde estivermos presentes, em todos os continentes. Rotary funciona sem discriminação de cor, de política ou religião. Rotary representa a esperança de um grande elo universal de amizade.

Nesses 90 anos de existência do Rotary, tenho a felicidade de dizer que há 30 anos estou integrado. Fui fundador do Rotary Club de Juazeiro do Norte, em 62 e vindo residir em Crato, em 1965, nele permaneci, na célula do Crato, onde permaneço até hoje, com o mesmo entusiasmo dos dias iniciais.

Vale salientar que o Rotary Club do Crato foi o segundo fundado no Ceará.

Seu aparecimento se deu no ano de 1937, logo após o de Fortaleza.

Sua criação, em Crato deve-se á visão de homens como Irineu Pinheiro, Miguel Lima Verde, Antônio de Alencar Araripe, Antonio Macário de Brito, Jéfferson de Albuquerque e Sousa, José Eurico Ribeiro da Silva, Plínio Cavalcante, Barbosa da Costa Filho e muitos outros.

Vale, também salientar o quanto tem sido importante, para o Cariri, e para o Crato, em particular a atuação da célula rotária da Princesa do Cariri. Praticamente todos os benefícios e conquistas hoje existentes em nosso meio devem-se á atuação desassombrada e firme do Rotary - direta ou indiretamente.

A eletrificação do Cariri e, depois, do Ceará, por Paulo Afonso, nasceu do Rotary. O Instituto Cultural do Cariri foi criado em reunião rotária. A vinda da Rádio Araripe, a rodovia Crato- Juazeiro, a conquista da LBA e do Hospital Infantil, as rodovias para Várzea Alegre, para Santana do Cariri, para Campos Sales, para Araripina, também foram conquistas do Rotary. A criação da Floresta Nacional do Araripe, agências de Correios e do Banco do Brasil prédio novo, quase tudo se deve á marcante atuação do Rotary, sem esquecer o incentivo á agricultura, a defesa da criança, ações de saúde pública, açudagem, linhas telegráficas...

Grandes rotarianos do Crato se projetaram, como Antonio de Alencar Araripe, que foi deputado federal por 12 anos e Presidente do Banco do Nordeste: Décio Teles Cartaxo, que foi deputado estadual, Presidente da Assembléia e Governador em exercício; Jéfferson de Albuquerque, que foi Governador do Distrito rotário 26 - àquela época o maior do mundo, que ia do Acre á Bahia!

No período 79/80, quando tive a honra de presidir o meu clube rotário criei o meu lema anual que foi destaque nacional: "Em Rotary você não envelhece". Deixei uma publicação histórica com todas as atividades desenvolvidas na minha Presidência.

O lema de R.I. Dar de Si antes de pensar em Si - dá o retrato da dimensão e dos objetivos do movimento, ainda engrandecido com a Prova Quádrupla que nos orienta na sua filosofia:

Do que pensamos, dizemos ou fazemos - É verdade? É justo para os interessados? Criará boa vontade e melhores amizades? Será benéfico para todos?

A Prova Quádrupla é, com certeza, de muita sapiência. Ela faz do Rotary uma instituição filosoficamente bem estruturada.

Passam gerações e gerações. E as verdades rotárias, eternas, são como chamas a iluminar os caminhos da humanidade. São bússolas a guiar as Nações.

São, sobretudo, a certeza e a fé de dias melhores, com a prática dessa doutrina imorredoura, que todos os integrantes do clube, no mundo inteiro teem como norte e objetivo, pensando nos seus irmãos de todos os continentes.

Os 90 anos do Rotary são, portanto, motivo para uma alegria espiritual e doces celebrações, pela certeza de estarmos reunidos num grande e belo objetivo comum.

## FADA ENCANTADA

Correia Coelho

A casinha branca ao pé da serra,  
Tristonha, solitária e abandonada,  
Algo divinal nela se encerra,  
No contexto de uma lenda inacabada.

Dizem que lá vivera uma donzela,  
Olhos negros, cabelos longos, pele morena,  
Extremamente linda, extremamente bela,  
Enclausurada naquela casa pequena.

Perdera, ainda cedo, seu bem amado  
E o sentimento transformou a sua vida,  
Num holocausto a um tempo passado  
Da história de um grande amor, nunca esquecida.

E a casinha branca bem marcada,  
Naquele recanto de belezas mil,  
Com o fidalgo porte da fada encantada  
Que envolta na lenda, ninguém sabe, ninguém viu!..

# CONTO DE NATAL

Emídio Macedo Lemos

Naquele ano, o inverno começara mais cedo. Estávamos na metade do mês de dezembro e o rio já nos deliciara com três grandes enchentes. A água já não era nova e nossa mãe já nos deixara tomar banho no poço da barreira. Na primeira e segunda enchentes, segundo ela, a água era nova e ainda não carregara as sujeiras que vinham dos esgotos, principalmente do hospital.

Pela manhã daquele dia, a rua da Pedra Lavrada estava calma. Um sol discreto aparecera, espantando as nuvens que encobriam a maravilhosa visão da Serra do Araripe. A cidade, muito pequena àquela época, já ganhara um clima natalino. Numa casa ou noutra da Praça da Sé, onde residia a elite do Crato, já avistávamos as luzinhas coloridas das árvores de Natal. Lá pelo Pimenta, a "lapinha" de dona Enoi atraía a admiração de todos, inclusive de pessoas da zona rural que vinham apreciar o Menino Deus, com seu manto azul celeste, ladeado por pastores, ovelhas, jumento, além de três reis magos, que lhe traziam mirra, incenso e ouro.

Outra atração natalina, era a lapinha de seu Pedro Teles na Praça da Sé. Por cima de um encerado magicamente pintado, um rio, um riozinho de verdade, corria descendo uma serra. Um pequeno catavento, bem no centro, rodava sob o impulso da água, ao invés do vento.

Na nossa casa, em menor proporção, também havia uma lapinha com reis magos, patinhos, carneiros, com um rio pintado e ladeado de pedrinhas coloridas do Rio Grangeiro, que corria bem atrás do nosso quintal.

Todavia, eu e meu irmão Anchieta, somente pensávamos no presente que Papai Noel, certamente, nos traria na Noite de Natal. O que seria? Um carro, uma bola ou um cavalo de pau, daqueles que Papai fazia e nós corríamos montados, peito aberto, um vento gostoso a nos soprar as faces, desde a casa de Tio Chiquinho, no Lameiro, até a cabeça da Ladeira do Matadouro, fazendo o percurso de volta em tempo récorde?

Qualquer desses presentes nos agradaria. Não custava, porém, fazer um pedido oculto a Papai Noel.

Eram 7:30 da manhã quando saímos de casa, Anchieta e eu. Subimos a rua das Laranjeiras e fomos ao Bosque, onde hoje

se localiza a Quadra Bi-Centenário. Já nos fundos do Palácio do Bispo, sentíamos o cheiro gostoso dos eucaliptos trazido pelo vento, misturado à poeira da "pelada" que ali era jogada pelos garotos das redondezas.

Foi ali que tivemos o primeiro encontro: nós e a bola. Talvez prevendo a brilhante carreira que teria no futuro, como oficial do Exército, Nogueira segurava, de maneira garbosa, aquela bola mágica que nos enfeitiçou. Muito grande, quase do tamanho de uma nº 5. Nada de couro; era toda feita de uma borracha, conhecida, naquela época, como "seringa". Segundo seu dono, tinha sete capas superpostas, o que me fez lembrar dos "sete couros", criados nos pés, quando se pisava em mijo de jumento. Dizia-se até que ninguém a conseguia furar, pois se furasse uma capa, a outra vedaria o furo e quando se furasse a segunda, a primeira já estaria recomposta. Maravilhosa! Sua cor era muito parecida com a dos caramelos que os meninos vendiam na porta do Cassino. Não possuía aquelas cores afrescadas das outras bolas. Nós tínhamos que possuir uma daquelas.

Dormimos, no final daquele dia, pensando na "bola de seringa". Haveria alguma forma de dizermos a Papai Noel que aquele era o nosso desejo? Prometi, em minhas preces, que se ganhasse aquele presente, deixaria todos os meninos jogarem com ela, inclusive os das ruas da Palha, da Vala e das Laranjeiras, nossos maiores inimigos nas guerras de ruas.

Os dias voaram, e o Natal chegou. Era o dia 24 de dezembro. Logo pela manhã Anchieta e eu voltamos ao Bosque. Ao chegarmos, a pelada já estava adiantada. Uma bola sobrou e veio rolando, bem no jeito, para os meus pés. Um tremor percorreu meu corpo, tamanha era a emoção, mas controlei-me. Pé esquerdo atrás, desfechei a bomba com o direito. Pum, a maravilhosa bola subiu, mais alta que o mais alto eucalipto do Bosque. Aquilo sim é que era bola.

Após o almoço, começamos a confabular:

- Chieta, como é que vamos conseguir dinheiro para uma voltinha à noite, na Praça da Sé?

- Tia Raimunda, respondeu. Vamos até a casa dela, pois sempre no Natal e na festa da Padroeira ela nos dá dinheiro. E fomos.

A casa de Tia Raimundinha se constituía de um quarto, com banheiro e pequena cozinha, anexo do Abrigo das Velhas do Crato, na rua das Laranjeiras, esquina do Bosque, que ela alugara à Diocese.



- A bênção, Tia Raimunda.

- Deus os abençoe, meus filhos. Já os estava esperando. Entrem.

De uma gaveta, retirou dois mil réis para cada um. A farra estava garantida. Naquela noite, teríamos tapioca com fígado em Canena, aluá, bolo de milho e de puba, além de outras guloseimas. Voltamos pela rua das Laranjeiras.

Aquela altura, meu coração estava premido de ansiedade, de angústia e de expectativa. Saímos andando, descalços, calças curtas com suspensório de pano, um no ombro e outro tradicionalmente caído, deixando a metade da bunda de fora.

Uma lembrança me veio à mente. Um sonho. Sonhei, certo dia, que estava numa Noite de Natal.

Saía de casa, pelos fundos, em direção à beira do rio. Era quase meia noite e eu queria verificar de perto se era verdade a existência do "Jardim de Natal", que nossa querida velhinha, com mais de cem anos de idade, Sinhá Pequena, que morava na casa de minha avó Materna, nos falava em suas incontáveis histórias de Trancoso. Dizia ela que, à meia noite do Natal, toda floresta se renovava e apareciam os anjos do Céu, em companhia de pássaros, animais silvestres, plantas e flores, a saudar a vinda do Menino Salvador.

Em meu sonho, saí para a beira do rio, sentindo já o cheiro das amoras do terreno de João Bacurau e o gosto acre e adocicado das mutambas. Interessante, não tinha medo. O velho relógio da Sé começou a bater doze horas.

Mal começaram os sinos a tanger, uma luz atravessou subitamente o rio e as matas. E, depois, veio novamente a escuridão. Tão profunda como antes. De novo reapareceu a luz, que lutava com um nevoeiro transmutando e a noite em aurora nascente.

Vi, então, todos os gravetos secos se reverdecerem. As salsas erguiam brotos, enroscados como báculos de bispos. Bem depressa, olhei na direção do alto do Seminário. Flores da primavera cobriam toda a encosta do morro, nas mais lindas cores que a natureza produz. Novamente, vinha a escuridão, vencida, logo em seguida, por nova onda de claridade. Aí, eu ouvi o murmúrio doce do rio e o barulho dos meninos da Pedra Lavrada tomando, alegremente, banho no poço da barreira. Novamente a escuridão. Agora, uma nova onda de claridade mostrava um bando buliçoso de borboletas coloridas, bailando sobre as salsas da beira do rio. Canários, craúnas, bigodes e sofreus, cantavam alegremente, como se ninguém na natureza

os perseguisse. As penas de um campina, de um vermelho brilhante, cintilavam a cada movimento, como pedras preciosas.

- Ei, Mida, você parece que está sonhando acordado. Olha ali a casa da mulher de bigode. Disse Anchieta.

- Vamos gritar?

- Vamos.

E chegando à janela, gritamos para o interior da casa:

- Mulher de bigode, nem o diabo pode.

E corremos até a outra esquina, para não escutarmos as pragas que a mulher nos "jogava".

Novamente, os pensamentos me levaram ao sonho da Noite de Natal.

Agora, vinha um clarão maior, que me deixou com as pernas bambas. As matas pareciam ter adquirido vida, às palmeiras atiravam seu leques para o céu, como que bailando sob a orquestração da brisa.

Acordei. Meu sonho estava desfeito. Mas eu vira o jardim de Natal que Sinhá Pequena me havia descrito.

Agora, já eram 5,00 horas da tarde.

- Emídio e Anchieta, venham tomar banho para o jantar.

Era um refrão diário, partido de nossas irmãs Lily, Tudinha, Sila e Lourdinha, esta quase de nossa idade, além de Senhorinha, já casada...

Geraldo, nosso irmão mais novo, apenas dava seus primeiros passos. Ah! Como tínhamos vontade de jogá-lo no poço da Barreira para ver se ele sabia nadar...Se era como os cachorrinhos novos que já nasciam nadando...

Ana Lúcia e Fátima, ainda não haviam nascido.

No banheiro, enquanto a água tirava a poeira dos campos de peladas, eu sonhava com a bola de seringa, relembrando, tal qual um Jair Rosa Pinto, o potente chute que dera à tarde.

- Ah, meu Deus, será que Papai Noel não vai nos presentear? Basta uma para mim e Anchieta. Bote no meio da rede dos dois.

Às seis horas, vestimos nossas roupas novas, inauguradas na festa da Padroeira Nossa Senhora da Penha, no dia 1 de setembro, há 3 meses e pouco, portanto. Também nossos sapatos eram da festa. E lá fomos nós, com dois mil réis no bolso, cada um.

A praça da Sé estava animada. Toda população aguardava a missa do galo, celebrada pelo senhor Bispo Dom Francisco, à meia noite.

Dom Francisco...Que homem bom. Parece um Santo. Sempre que precisávamos comprar uma bola prá nosso time, juntávamos os jogadores e íamos ao Palácio. Ele nunca nos negou a metade do dinheiro da bola.

- A bola? E nossa bola de seringa, Chieta? Vamos dar uma volta na rua, lá onde ficam os jogos e as bancas de presentes?

E fomos em direção à rua dr.João Pessoa. Tudo era festa. Desde a Praça Siqueira Campos até a então Praça 3 de Maio, pessoas se atropelavam, bonitas moças desfilavam, meninos corriam de uma para outra banca, olhando os presentes, tal qual um gato faminto contempla o peixinho no aquário. E, de repente, ela surgiu. Olhando à esquerda, já na esquina da Bárbara de Alencar, ali a vimos, bem por cima da porta da Casa Abidoral. Em cima de umas caixas, a bola mágica de cristal, por onde filtram todos os sonhos e desilusões.

- Oba, vamos saber o preço; se for até quatro mil réis, nós a compraremos.

Decepção. Quase choramos.

- A bola custa quinze mil réis, falou Abidoral.

Desiludidos, resolvemos tentar ganhar os onze mil réis que faltavam, numa banca de roleta.

- Vocês são bestas, meninos. Menor aqui não joga. E vão embora, senão eu vou dizer ao sr.Vicente.

Deus nos livre de papai saber disso. Saímos correndo. Comemos alguma coisa na Praça da Sé e fomos dormir, pois nosso grande sonho estava perto de se realizar. Jamais deixamos de receber um presente no Natal. Lembro do ano passado, pela manhã do dia 25, quando a nossa rua da Pedra Lavrada se transformava, como todos os outros anos, na passarela onde desfilavam os presentes de Papai Noel. Ganhamos uns lindos cavalos de pau, com cabeça feita de massa, com lindos arreios e uma pequena sela, um pouco acima da metade do corpo. Corremos a valer, fazendo inveja aos pobres meninos da rua da Palha, sempre esquecidos de Papai Noel.

Já em casa, nos apressamos em ir prá nossas redes. Previamente, havíamos, eu e Anchieta, furado pequenos buracos na rede para não perdermos a vinda de Papai Noel. Assim, olhando pelo buraco, conseguiríamos vê-lo.

Cinco horas da manhã do dia de Natal, e Anchieta me chamou:

- Mida, Mida, embaixo de nossas redes não tem nada. Será que Papai Noel nos esqueceu?

A partir deste instante, ninguém mais dormiu em casa, em virtude do nosso choro. Interessante, nossas irmãs também choravam. Somente Papai não apareceu.

Às sete horas, saímos à rua e vimos, com grande prazer, que a passarela já estava repleta de orgulhosos meninos, exibindo presentes. Afonso Pinto exibia um carro grande, com pequenas molas arqueadas, capaz de transportar mais de 500 palitos de fósforo usados, Valquires Milfont e seu irmão Valmair, nos apontavam com seus revólveres de matéria plástica, produto esse surgido no mesmo ano, primeiro do após guerra. Téo, Didi Bezerra, Jurandir Temóteo (Miudinho), Maurício Bezerra e o restante de nossa turma, nos miravam com ar superior.

- Ei, cadê os presentes de vocês?

Aí, mesmo em nossa pequena idade, relembramos a bravura de nosso Pai, do jeito que ele vencida todas as fases difíceis de sua vida e do amor sempre demonstrado aos filhos.

- Papai Noel não trouxe, mas nosso Pai vai trazer.

De repente, olhei para a porta de nossa casa e lá estava o nosso eterno herói. Papai nos olhou e disse, saindo em direção à rua: - Meus filhos, não se preocupem. Daqui a pouco, um chapeado vem trazer os presentes de vocês. Houve um problema com Papai Noel e ele não veio até aqui.

E partiu. Seu chapéu de massa na cabeça, como que a esconder a angústia que lhe ia na mente e que hoje reconheço, era enorme.

Quando passou por nós, notei que por baixo das grossas lentes de seus óculos, algumas lágrimas caíam; não sei bem, mas acho que de revolta por não poder nos dar um presente, como todos os outros pais daquela nossa querida rua da Pedra Lavrada.

Esperamos. Expectativa geral. Todos os nossos companheiros de rua também esperavam, como que solidários à nossa tristeza.

- Ei, Chieta, já são 10 horas e o chapeado, nada...Vamos dar uma volta no quarteirão, talvez ele não saiba onde é nossa casa e esteja procurando.

E fomos. Eu saí pela rua da Penha e ele pela rua Araripe. Nos encontramos bem à porta do sr. André Abagaro. Nada. Não havia chapeado algum. Tudo estava perdido.

Não, turma, nosso pai não mente. Se ele disse que o chapeado viria, ele virá.

- Atenção, gritou Téo. Ali vem um chapeado com embrulhos de presentes na mão.

Não conseguimos nos mover do lugar para irmos ao seu encontro. Seu Francisco, com dois embrulhos na mão, generosamente nos disse:

- olhem, meus filhos. Papai Noel não conseguiu chegar até aqui, mas me enviou com seus presentes.

Recebemos. Por minha cabeça, vários natais se passaram. Jamais havíamos recebido presente tão grande. E se fosse...comecei a imaginar. Rasgamos os papéis, e era. Ali estavam duas lindas bolas de seringa, tão lindas, que deixaram todos os meninos em invejoso silêncio.

Foi o melhor presente de Natal de nossas vidas.

**Crato/novembro/1994**

## **CRATO VAI CELEBRAR CENTENÁRIO DE JOSÉ HORÁCIO PEQUENO**

Vai decorrer, em Julho próximo, o centenário de nascimento de José Horácio Pequeno. Foi grande comerciante em nosso meio, criador e político. Prefeito Municipal do Crato de 1959 a 1962. Depois foi Vereador à Câmara Municipal local.

José Horácio Pequeno era filho de Horácio Jacome Pequeno e Maria Alencar Pequeno (esta, irmã do cel. Nelson Alencar, do Lameiro). Nasceu em Crato em 29 de Julho de 1895 e faleceu em Brasília em 25 de abril de 1967, tendo sido trazido para sepultamento em Crato.

De sua união com Maria Francisca de Jesus nasceram os filhos: Elizabeth e Ivone Pequeno, José Carlos e Francisco Eugênio. Uma grande e admirável figura humana, que mereceu todo o respeito da comunidade. A avenida de acesso ao Lameiro tem o seu nome. Merecidamente.

## **SEPULTADO EM RECIFE EX-VIGÁRIO DO CRATO: MONS. RUBENS LÓSSIO**

### **ICC declara vaga a Cadeira 9, da Secção de Letras**

Faleceu na capital pernambucana, em 04-04-95, vítima de enfarte, o Monsenhor Rubens Gondim Lóssio (assim era conhecido) figura extraordinária da intelectualidade caririense. Por duas vezes foi Reitor da Universidade Católica de Pernambuco. Seu corpo foi velado ali, perante a comunidade universitária o sepultado no Recife na tarde do dia 5.

Rubens Gondim Lóssio havia tido 3 enfartes anteriores e sua vida era fragilima. Havia deixado o Hábito religioso, se casado e deixou uma filha.

Nascera em Jardim, a 27 de Maio de 1924, filho de Julio Lóssio e Eleonor Gondim Lóssio. Estudou no Seminário do Crato e no Seminário da Prainha, em Fortaleza. Ordenou-se sacerdote em 20 de Dezembro de 1947.

Foi Cura da Catedral do Crato logo depois da morte de Mons. Assis Feitosa, seu antecessor. Ficou no cargo mais de 20 anos. Ensinou na Faculdade de filosofia e nos colegios locais.

Membro do Instituto Cultural do Cariri, aqui ocupou a Cadeira nº 9, da Secção de Letras, cujo Patrono foi dom Francisco de Assis Pires. Orador sacro renomado, deixou vários livros publicados - 5 ao todo e era reconhecido como uma das mais robustas inteligencias da região do Cariri.

O Instituto Cultural do Cariri declarou vaga a Cadeira nº 9, que ele ocupou com tanto brilhantismo. Seu falecimento ocorreu na noite de 4 de Abril de 1995.

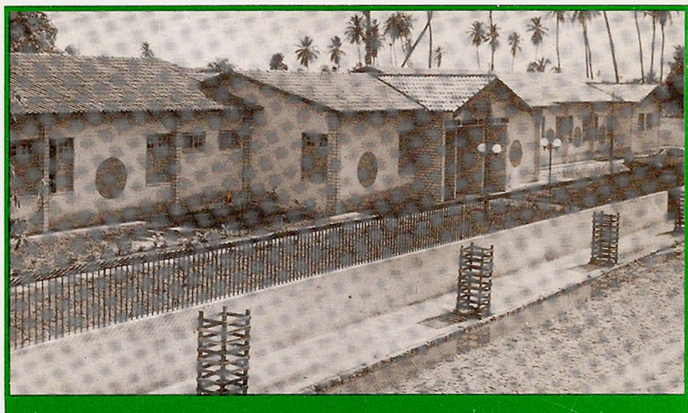


# ÍNDICE

Editorial . . . . .	05
Alexandre Arraes, Cidadão Exemplar . . . . .	07
José Bezerra de Menezes . . . . .	11
Alexandre Arraes . . . . .	13
José Bezerra de Menezes, no centenário de sua existência . . . . .	14
Durma em paz, meu Pai . . . . .	18
Honrando o Legislativo . . . . .	21
Temos Saudade . . . . .	25
José Bezerra de Menezes . . . . .	29
Centenário do Dr. Otacilio Macedo . . . . .	31
Recebendo Emerson Monteiro no ICC . . . . .	35
O Pe. Antonio Gomes . . . . .	41
José do Vale Arraes Feitosa, Cidadão Cratense . . . . .	65
A Honra ao Mérito . . . . .	68
1911 - o Pe. Cícero e Antônio Luis . . . . .	70
Sobrevivente da Insurreição Acreana em Crato . . . . .	73
A Flora e a Fauna à Sombra da Baraúna . . . . .	76
Memória: Xavier de Oliveira . . . . .	78
200 anos do Senador Alencar . . . . .	80
Estudos regionais . . . . .	82
A Chapada do Araripe e o Cariri . . . . .	85
Era Jardinense a Viscondessa do Jaguaribe . . . . .	89
Setecentos Anos! . . . . .	91
Origem da Linguagem . . . . .	95
Gritos Históricos e Gritos Históricos . . . . .	97
Exaltação a Milagres . . . . .	100
Assembleia Legislativa de Pernambuco: *Pesar . . . . .	108
Prefaciando novo Livro de Dandinha Vilar . . . . .	111
A Sinfonia de 1994 . . . . .	113
Encontro com Xidich: . . . . .	
Narrativas Populares e Religiosidade . . . . .	114
Leis Históricas do Crato . . . . .	118
ICC faz convênio para desenvolver Artes Culturais . . . . .	123
Separatismo . . . . .	124
Realce de um Renascer . . . . .	125
Dr. Antônio Lyrio Callou, legenda médica do Cariri . . . . .	127
Assim começa uma guerra(Pesquisa) . . . . .	129
Notas cronológicas . . . . .	131
Eminentes filhos de Juazeiro do Norte . . . . .	138

O Armando Falcão que eu conheci . . . . .	140
Comunicado . . . . .	142
Visconde de Saboya . . . . .	143
Poesias - Zenith Feitosa . . . . .	146
Lembrando o Tetra . . . . .	154
A Chuva no Ceará . . . . .	155
Os Açudes . . . . .	156
Marcos de Macêdo . . . . .	157
O Pe. Marcos . . . . .	161
Dia da Criança . . . . .	172
Será ? . . . . .	174
O retirante . . . . .	175
Mensagem de Natal . . . . .	176
Precisei falar com Deus . . . . .	177
Documentando . . . . .	179
Poemas-Cândida L. Carneiro . . . . .	182
Campo da Juridicidade . . . . .	190
Vamos pagar para ver . . . . .	195
Unifor, 21 anos . . . . .	198
Bruno Pedrosa e Mury . . . . .	200
Telecartas . . . . .	202
Dom Pedro II Versus José de Alencar . . . . .	204
Prof. Filgueira . . . . .	207
Poemas - Dandinha Vilar . . . . .	209
Na reabertura do Seminário do Crato . . . . .	213
Mensagem a Meu Pai . . . . .	217
Os 90 anos do Rotary . . . . .	218
Fada encantada . . . . .	220
Conto de Natal . . . . .	221
Crato vai celebrar centenário de José Horácio Pequeno . . . . .	227
Sepultado em Recife ex-vigário do Crato . . . . .	228





*Fachada do Abrigo da Velhice, da Fundação José Bezerra de Menezes, bairro Juvêncio Santana, em Juazeiro do Norte - CE, inaugurada em 12-03-95. A maior obra social da cidade.*